

"Spencer é minha nova compra automática."
— Autora bestselling do New York Times:
Elizabeth Hoyt



Um Retrato do Amor

Academia do Amor

Minerva Spencer

Escrevendo como S.M. LAVIOLETTE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Um Retrato do Amor

Academia do Amor 3

Minerva Spencer

Escrevendo como S.M. LAVIOLETTE

1ª Edição



Ribeirão Preto/SP



Título Original A Portrait of Love
Copyright © 2021 Shantal M. LaViolette
Copyright da tradução©2022 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Hamireths Costa
Revisão: D. Marquezi
Revisão Emanuelle Rodrigues
Diagramação: Jaime Silveira
Capa: Biserka Design

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

FICHA CATALOGRÁFICA

S745lbe

Spencer, Minerva- S. M. LaViollette
Título: Um Retrato do Amor (recurso eletrônico) © 2022 -
Leabhar Books Editora Ltda. - Ribeirão Preto - SP
Tradução de: A Portrait of Love © 2021 Minerva Spencer
Formato: ePub
Veiculação: Digital
ISBN 978-65-80754-43-4

1. Romance histórico. 2.Série. I. Costa, Hamireths. II. Título

80754

CDD 82-32
CDU 134-3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books Editora Ltda. Rua Sete de Setembro, 1851 conj.1 CEP: 14025-200 - RP/SP – Brasil.
E-mail: leabharbooksbr@gmail.com
www.leabharbooks.com



Capítulo Um

Londres, 1803

HONORIA DESCEU as escadas correndo como se sua vida estivesse em perigo.

Passava do meio-dia; ele já deve ter chegado. Estaria perdendo *dez minutos* da sua companhia. De poder observa-lo. De adorá-lo

Derrapou até parar do lado de fora do estúdio de seu pai, verificando seu reflexo na reluzente urna de latão que estava em um pedestal, na frente da porta. Uma imagem distorcida e amarelada de seu rosto a olhava de volta. A barriga do vaso esticou seus olhos e os fez parecer longos e exóticos enquanto reduziu sua boca grande numa careta em forma de arco. Honey desejou que se parecesse com essa garota imaginária, em vez daquela realidade pálida, desengonçada e bocuda que a encarava de volta.

Torceu o nariz atarracado para aquele reflexo no latão e sibilou, estreitando os olhos e rindo da imagem maligna que acabara de criar. Tudo o que precisava para ser verdadeiramente horrível eram as presas.

Ele está lá, uma parte não divertida de sua mente apontou.

Honey beliscou suas bochechas para dar-lhes um pouco de cor e empurrou seus cabelos cacheados, que davam na cintura, para trás sobre os ombros. Seu pai não a deixaria usá-lo para cima até seu próximo

aniversário, quando fizesse dezesseis anos. Para um artista, Daniel Keyes, às vezes, poderia ser um defensor do decoro e...

— Olá.

Honey saltou e deu um grito, sem dúvida parecendo um rato assustado em sua bata marrom horrível.

Correção, um rato enorme com o rosto vermelho.

Não queria se virar, tampouco poderia ficar ali o dia todo. Engoliu em seco ruidosamente, como se sua garganta tivesse enferrujada e lentamente, muito lentamente, se virou.

Olhos da cor de hortênsias a observava, com os cantos enrugados.

Lorde Simon Fairchild.

Até seu nome era lindo.

Mas nada comparado com seu rosto e sua pessoa. Não só era bonito, era mais alto do que Honey. Com mais de um metro e oitenta, Simon Fairchild não era muito maior que seus quase um metro e setenta e sete, mas estava quase perto. E isso fez Honey se sentir – pela primeira vez em seus quinze anos e nove meses – pequena.

Fairchild tinha a pele dourada, os ombros largos, era gracioso e parecia um herói saído de um épico nórdico, todos os ângulos esculpidos em perfeita harmonia. Seus lábios se curvaram em um sorriso que lançou borboletas por todo o seu corpo.

— Milorde — Honey falou, fazendo a cortesia mais desajeitada do mundo.

Simon sorriu e pegou a mão dela, curvando-se antes de soltá-la.

— Boa tarde, Srta. Honoria — sua voz era como mel quente e acumulou na sua barriga, a sensação era perturbadora.

Honey deixou escapar as primeiras palavras que saltaram à mente.

— Lembrou-se do meu nome — e depois quis se esconder.

Seus lábios se contraíram e Honey se conteve para não bater a palma da mão na testa ou rastejar atrás da grande tapeçaria, comida por traças, que cobria grande parte da parede oposta. Claro que se lembraria do nome dela, se conheceram no dia anterior.

Simon cruzou as mãos atrás das costas, seus belos ombros quase bloqueando a luz da janela catedral no final do corredor. Estava vestido para cavalgar, o que significava que trocaria de roupa assim que entrasse no estúdio de seu pai.

Pensar em Simon Fairchild trocando de roupa deu-lhe uma sensação estranha, turbulenta e quente, e fez suas mãos suarem. Parecia estar salivando mais do que o necessário, como se sua boca estivesse antecipando uma iguaria.

Diga alguma coisa, sua menina boba! Pergunte algo. Mantenha-o aqui. Não o deixe...

— As minhas sessões estão mantendo a senhorita e seu pai na cidade, neste verão, Srta. Honoria?

— Oh, Não? Vamos ficar aqui. Ficamos aqui a maior parte do tempo.

Simon ergueu as sobrancelhas e acenou, encorajadoramente.

— Raramente vamos para o campo — acrescentou, sem jeito, incapaz de pensar em algo melhor. E então uma inspiração a atingiu. — *Irá* para o campo, Lorde Saybrook?

— Não uso mais esse título, Srta. Keyes — lembrou-a suavemente.

Seu rosto ficou quente novamente.

— Ah sim, claro — o duque agora tem um filho — O senhor deve estar muito — Honey se interrompeu, deve estar muito o que? Algum homem ficaria feliz por não ser mais herdeiro de um duque? Mordeu o lábio inferior.

Lorde Simon sorriu.

— Estou muito feliz *e* aliviado.

— O senhor não deseja ser um duque?

— Não, não desejo. Isso não significa apenas a morte do meu irmão, mas a posição envolve muita responsabilidade na minha opinião. Além do mais, tenho outros planos.

— Outros planos?

— Sim, desejo viver na minha propriedade rural e criar cavalos.

Honey não conseguia imaginar o elegante homem-deus diante dela ‘*rusticando*’ e vivendo a vida de um mero escudeiro no campo. Encostou-se no batente da porta do estúdio de seu pai, ciente de que era rude manter um convidado no corredor, entretanto, não desejava dividir a atenção do Lorde com seu pai ainda.

— E não pode fazer isso *e* ser um duque?

— Oh, suponho que o tipo certo de homem poderia, todavia, desejo uma vida tranquila, sem responsabilidades no Parlamento e a gestão de centenas de vidas. Não, a vida no campo é a vida certa para mim. Ficarei feliz em minha propriedade muito menor — fez uma pausa, seu olhar especulativo como se, de repente, percebesse que, um homem de vinte anos,

estava confidenciando suas aspirações a uma mera garota de quinze anos. Honey já tinha visto esse olhar antes, todas as pessoas com quem se associava eram mais velhas. Nunca frequentara a escola, não tinha parentes próximos da mesma idade e apenas se socializava com sua governanta ou com os amigos de seu pai. Ser jovem nunca a incomodou antes, mas, de repente, parecia limitante.

Simon se abaixou e olhou-a nos olhos, que haviam caído miseravelmente para os seus pés.

— Mas a senhorita pode achar meus planos, enfadonhos e desinteressantes. Enquanto eu estiver remexendo nos meus estábulos, a senhorita sem dúvida estará frequentando salão a salão e partindo o coração dos jovens.

Honorina não conseguia pensar em nada para dizer que não fosse humilhante.

— Então — Simon disse quando Honey permaneceu estupidamente muda, sua boca bem torneada tremendo de um lado, seus olhos quentes, mas gentis.

Era impossível não sorrir quando Fairchild sorria.

— Então? — Honey ecoou enquanto os dois permaneceram olhando um para o outro.

Simon riu e balançou a cabeça, como se Honey tivesse dito algo engraçado. Gesticulou para a porta do estúdio, atrás dela, que estava bloqueando com seu corpo.

— É melhor eu entrar. Acredito estar atrasado e seu pai provavelmente vai ralhar comigo.

Honey deu um passo para o lado, boquiaberta, como a boba apaixonada que era. Simon abriu a porta e gesticulou novamente.

— Depois da senhorita. Isso se a senhorita for se juntar a nós novamente hoje.

— É claro que irá — o pai de Honey gritou de dentro da sala bem iluminada, onde estava preparando sua área de trabalho. Sua voz agiu como um catalisador e Honey desviou os olhos dos traços perfeitos de Simon e disparou para dentro da sala.

— Boa tarde, papai.

Daniel Keyes deu-lhe um sorriso de aprovação, enquanto se dirigia ao cavalete e se voltava para Simon Fairchild.

— Minha filha, um dia, será a principal pintora de retratos da Inglaterra — disse, falando com tanta certeza, orgulho e amor que o coração de Honey ameaçou crescer para fora do peito.

Lorde Simon deu-lhe um de seus sorrisos devastadores.

— Então, a senhorita vai pintar um retrato meu, enquanto seu pai pinta o dele?

— Sim — disse Honey, puxando a capa de sua tela muito menor. Estava feliz por desviar o olhar da pessoa perturbadora que era Lorde Simon; sua cabeça ainda estava confusa, devido a breve conversa no corredor.

Sua pintura estava indo muito bem, não que fosse mostrá-la a alguém, até que estivesse concluída. E mesmo depois...

— No momento, minha filha passa metade do dia estudando para ser uma jovem respeitável e a outra aprimorando sua arte. Quando tiver dezoito

anos, estará livre para pintar à vontade — disse Daniel Keyes enquanto Simon entrava atrás da tela no canto da sala para trocar de roupa.

Honey se lembrou de respirar fundo e forçou os olhos para longe da cabeça dele, que era visível acima da tela. Seu próprio rosto esquentou e tentou controlar a respiração, que estava rapidamente crescente, assim como seu antigo mordomo Dowdle, depois de subir dois lances de escada.

— E poderei ver o retrato que a senhorita está pintando, Srta. Keyes?

A cabeça dela se ergueu, a tempo de vê-lo jogar o colete por cima da tela. O que significava que estava vestindo apenas uma camisa. Sua camisa macia de musselina fina e refinada. Seus olhos encontraram os dela enquanto fazia algo atrás da tela. Estava colocando um casaco? Outro colete?

Honey engoliu em seco, mas seu pai e Lorde Simon estavam esperando com as sobancelhas levantadas.

— Ainda não sei. — ela murmurou.

— A prerrogativa de um artista — disse Daniel Keyes com uma risada. — Talvez minha filha não deixe nem mesmo *eu* ver, milorde.

Seu pai estava certo. Havia muitos esboços e pinturas que eram apenas para seus olhos e desconfiava que essa pintura poderia ser uma delas.



Na quinta visita de Lorde Simon, perguntou ao pai dela se poderia levá-la para um passeio em sua carruagem alta. O Hyde Park estava cheio de gente,

mas Honey ainda se sentia como se estivesse no topo do mundo em sua carruagem com *ele* ao lado. Foi a tarde mais mágica de sua vida.

Até sua próxima visita, quando a levou para Gunther.

Srta. Keebler, sua governanta, veio como acompanhante, e mesmo a presença de sua severa acompanhante não poderia amortecer o dia.

Durante todo aquele mês, Lorde Simon a levou a lugares ou jantou na casa de seu pai e passou as noites se misturando com os muitos artistas e atores que faziam parte do círculo social de Daniel Keyes, incluindo Honoria, que tinha permissão de jantar com os convidados de seu pai desde os quinze anos.

Parte dela sabia que Simon estava passando muito tempo com ela porque Londres, no verão, estava desprovida da maioria de seus amigos e entretenimentos habituais. Contudo, não se importava.

Simon a levou para passear depois de suas sessões e se sentaram, juntos, no parque. Sempre com a Srta. Keebler por perto, é claro. Contou a Honey sobre Everley, sua casa no campo, e quais eram seus planos para novos estábulos, melhorias para a casa, que tinha estilo Tudor, e estava sempre precisando de reparos. Falou sobre crescer com seu irmão na grande propriedade de Whitcomb e contou histórias de fantasmas no castelo e como, uma vez, se cobriu com um lençol e aterrorizou sua babá, ganhando a maior surra de sua vida.

Honoria contou sobre ter crescido cercada de artistas e como implorou ao pai para não a mandar para escola, pois planejava assumir a administração da casa, no próximo ano, quando tivesse dezesseis anos, e cuidar dele. Compartilhou seus sonhos de que poderia ir para o continente algum dia, quando fosse mais uma vez seguro viajar, e ver toda a grande arte sobre a qual só conseguiu ler.

Honey sabia que era inédito o pai exigir tantas sessões, na verdade, geralmente terminava seus retratos depois de, no máximo, dez ou doze encontros. Por alguma razão, talvez porque o pai soubesse o quanto Honey gostava, fez o jovem nobre visitar a casa por um período de trinta e dois dias felizes e *dezesseis* sessões.

Honey desejou que isso nunca acabasse.



— A senhorita irá me acompanhar para tomar um último sorvete, Srta. Honoria?

Honey olhou para o pai, enquanto colocava a escova de lado e o viu acenar com a cabeça, o olhar um tanto distraído em seus olhos lhe disse que ainda estava profundamente envolvido em seu trabalho.

O sr. Keyes se virou para Lorde Simon, que emergiu de trás da tela, mais uma vez vestido com suas roupas.

— Trouxe aquela charrete amarela hoje?

Simon – Honoria pensava nele pelo nome de batismo, embora apenas na privacidade de sua própria mente, é claro – sorriu e balançou a cabeça.

— Não, senhor, temo que terá que ser a velha e desairosa carruagem do meu irmão.

Daniel Keyes riu daquela caracterização da carruagem ducal, na qual Honey havia andado antes.

— Por que não tomamos uma bebida revigorante, enquanto minha filha faz seja lá o que for que as mulheres fazem antes de sair para tomar

sorvete?

Honorina amava seu pai por muitos motivos, mas principalmente por dar-lhe a chance de colocar o vestido novo que acabara de fazer, esperando um dia como hoje para usá-lo.

Chamou por sua camareira para ajudá-la a se trocar. Honey ainda não tinha uma criada particular, e desceu para o escritório do pai, quando os homens terminaram suas bebidas.

Os dois se levantaram quando Honey entrou; ela quis chorar de alegria quando os olhos de Simon se arregalaram, apreciando seu novo vestido.

Era um vestido de seda creme com uma dúzia de fileiras de pequenos babados de prímula na parte inferior e um Spencer do mesmo amarelo pálido. A seda combinava com seu chapéu forrado, que tinha uma fita larga, amarrada em um laço debaixo da orelha.

— Está linda, Honorina — disse o pai dela, os olhos estranhamente sérios, como se soubesse o quanto esse passeio era importante para a filha.

Simon só falou quando se sentaram na carruagem grande, com a Srta. Keeble ao lado dele.

— Esse é um vestido muito bonito, Srta. Keyes. Fico feliz que seja um dia claro e ensolarado, para que possamos exibi-la com seu lindo chapéu.

Honorina tentou não se gabar de suas palavras, no entanto, era difícil impedir que seu riso se transformasse em um grande sorriso.

Falaram sobre o retrato de seu pai, que seria entregue no próximo mês.

— Ouso dizer que meu irmão planejará alguma festa para a inauguração. A senhorita virá com seu pai para Whitcomb, certamente?

Será que ouviu corretamente? Simon a estava convidando para a casa de sua família?

— Eu... eu terei que perguntar ao meu pai — respondeu com uma voz ofegante, provavelmente inaudível acima dos sons da rua.

— Quando nos visitar, podemos cavalgar até Everley, não fica longe da casa do duque.

— Sim, seria adorável! — Foi tudo o que conseguiu dizer, sua mente estava muito ocupada, imaginando-se montada em um cavalo magnífico ao lado dele, galopando através de uma charneca dramática, que sabia muito bem que não existia em East Shropshire.

Fairchild falou de sua casa e da família na breve viagem e suas palavras foram como o canto de uma sereia que a manteve em transe.

Quando chegaram, carruagens se alinhavam nos dois lados da rua. Obviamente, não foram os únicos a ter essa ideia em um belo dia quente.

— Vai estar lotado lá dentro e as mesas do lado de fora estão todas ocupadas — disse Simon. — Podemos desfrutar do nosso gelado no conforto da carruagem?

Honey e a Srta. Keeble concordaram e Simon chamou os garçons. Depois de fazerem os pedidos, recostaram-se e observaram a multidão flutuante, muitos pareciam conhecer Simon. Honoria estava mergulhada em uma fantasia onde ela e Simon se casariam e partiriam para sua casa de campo no dia seguinte, parava apenas para se despedir de seus muitos, muitos amigos quando Simon proferiu uma palavra, apenas uma palavra, a única que pulsava com mais emoção do que já o ouvira falar em um mês inteiro.

— Bella!

A expressão extasiada de Simon a fez despencar de volta à terra. Simon estava olhando para três mulheres, que pararam ao lado da carruagem. Para ser preciso, estava olhando apenas para *uma* das mulheres, e com o coração nos olhos. Ela – Bella – era a mulher mais bonita que Honoria já tinha visto.

— Olá, Simon — Bella sorriu, enquanto Simon descia da carruagem. Seus lábios vermelho-cereja se separaram ligeiramente, para revelar dentes brancos e deslumbrantes. Sua pele era como porcelana proverbial e seus olhos azuis marinho. Seu cabelo era castanho, escuro o suficiente para parecer preto, os cachos brilhantes e luxuosos, debaixo de seu minúsculo chapéu de palha.

O rosto de Simon estava vermelho e ansioso, estava usando uma expressão que Honoria nunca tinha visto antes, uma expressão que nunca tinha usado com ela.

Honey sentiu algo estalar em seu peito: Simon amava aquela linda criatura.

— Bella, Agnes, Sra. Frampton, o que estão fazendo na cidade nesta época do ano?

Suas palavras pareciam vir do fundo de um poço muito profundo, e Honey fez de tudo para permanecer aprumada em seu assento.

A mulher mais velha – Sra. Frampton – Honey supôs, respondeu-lhe:

— Agnes se casará no mês que vem e precisávamos de algumas peças de última hora disso e daquilo. - Estava falando de uma filha, porém seus olhos estavam na outra – aquela que parecia um anjo que ganhara vida – logo antes de seus desbotados olhos azuis se voltarem para Honoria. O gesto foi minucioso, entretanto, Lorde Simon tinha modos impecáveis.

Normalmente. Um rubor cobriu suas belas maçãs do rosto salientes, quando percebeu que havia negligenciado seus deveres de anfitrião.

— Sra. Frampton, Srta. Arabella Frampton e Srta. Agnes Frampton, tenho a honra de apresentá-las a Srta. Honoria Keyes e sua acompanhante, Srta. Keeble. A Srta. Keyes é filha de Daniel Keyes.

Acenos e sorrisos por todos os lados, mas Honoria mal conseguia tirar os olhos de Bella Frampton por tempo suficiente para se lembrar como as outras duas mulheres eram. Nem Simon.

Um garçom apareceu com seus sorvetes.

— Gostaria de se juntar a nós? — Simon ofereceu, felizmente inconsciente de que suas seis palavras eram como um machado em seu coração.

— Sim, por favor — respondeu mecanicamente, quando quatro pares de olhos azuis se viraram em sua direção.

As mulheres fizeram um trabalho nada convincente de contestação, quando Simon abriu a porta da carruagem e as ajudou a entrar.

— Por favor, as senhoritas ficarão um pouco apertadas, porém tenho certeza de que a Srta. Keyes não se importará.

Ninguém percebeu que seu sorriso era mais adequado a uma máscara mortuária e Honoria logo se viu olhando para as duas das recém-chegadas, a Sra. Frampton sentou-se ao lado dela.

O sorvete de morango que pediu tinha gosto de pó e tudo que Honoria queria era voltar para casa, para o seu quarto, para a sua cama e cobrir sua cabeça com os cobertores. E nunca mais sair de lá.

Mais tarde, não conseguiu se lembrar de uma única palavra que foi dita, sua única memória era a expressão de Simon e a maneira como seus

olhos se demoraram na beldade de cabelos escuros a cada chance que tinha.

Dormiu muito pouco naquela noite, seu mundo, uma vez, vibrante, de repente, estava cinza e sem cor.

No dia seguinte seria sua última sessão e Honey planejava permanecer em seu quarto e evitar vê-lo, para sempre. Mas seu pai pôs fim a essa esperança no café da manhã.

— Parece não ter dormido bem, querida. Qual é o problema? — perguntou quando Honoria se juntou ao pai, na ensolarada sala de café da manhã, com vista para o jardim dos fundos.

Honey geralmente tinha um apetite muito saudável e seu pai teria desconfiado caso se contivesse completamente, servindo-se da menor porção possível de tudo que estava no aparador.

— Só um pouco de dor de cabeça, papai.

— Hum — colocou o jornal que estava lendo de lado e lançou um olhar penetrante, seus olhos tão parecidos com os dela, que era como se olhasse no espelho. — Eu sei que passou a gostar do jovem Fairchild, minha querida, embora não esteja de acordo. É uma garota de quinze anos e Fairchild, um homem de quase vinte e um. É um jovem bom e gentil, então lhe dei mais liberdade do que um pai sábio provavelmente deveria — franziu a testa. — Diversas vezes já me arrependi de não a ter mandado para a escola e de ter-lhe dado a oportunidade de se misturar com garotas da sua idade. Talvez...

— Por favor, papai não — Honey largou o garfo e a faca e encontrou seu olhar preocupado. — Não faça isso. Teria ficado muito triste se o senhor tivesse me mandado. Teria sentido sua falta e o senhor sabe que a pintura é tudo...

— Não, minha querida, não é tudo. Não se esqueça da vida. Do amor. Do sentimento de alegria, o que tem feito recentemente. Sem experiência no amor, perda, dor, alegria e *vida*, não se pode ser um grande artista e nem criar artes gloriosas.

Honey não disse ao pai que, depois do dia anterior, tinha muito mais familiaridade com a dor do que teria desejado.



Honoria desviou o olhar do homem mais perfeito da Grã-Bretanha e olhou o relógio: eram quase duas e meia. Logo tudo estaria acabado. Seu pai guardaria o pincel e diria...

— Bem, milorde, parece que o capturei o suficiente para satisfazer até mesmo a minha exigente senhora — Daniel Keyes colocou o pincel sobre a mesa.

Simon, que havia contado aos dois sobre seus planos para o resto do verão, sorriu para Honoria.

— Quer dizer sua filha, senhor?

Daniel riu.

— Eu quis dizer minha inspiração, Lorde Simon, no entanto o senhor pode conseguir algo com ela — olhou para Honey e levantou as sobrancelhas. — Bem, pretende acabar com o sofrimento do pobre Lorde Simon e mostrar-lhe seu retrato?

Antes que Honey pudesse responder, houve uma batida forte e a porta se abriu, revelando seu idoso mordomo, seu rosto estava vermelho por ter

corrido.

— Bom Deus — seu pai fez uma pausa no ato de limpar as mãos e franziu a testa para seu empregado. — Esteve *correndo*, Dowdle?

Dowdle estava muito ocupado, tentando respirar, para responder. Em vez disso, ergueu um papel retângulo cor de creme.

— Para mim? — Daniel Keyes deu um passo em sua direção.

— Uma carruagem está esperando lá fora. — Dowdle disse antes de cambalear até Simon e lhe entregar a carta. — Para o senhor, Lorde Saybrook.

Honey ficou surpresa com o lapso do seu mordomo com o título de Simon; Dowdle costumava ser um defensor do decoro.

Simon rasgou a carta e Honey observou enquanto cada pedacinho de cor sumia de seu rosto. Engoliu em seco o suficiente para ser ouvido por todo o ambiente e depois olhou para cima.

— O senhor terá que me desculpar. Parece que... bem... parece que meu... sobrinho desenvolveu uma tosse e um resfriado e — acenou com a mão em um movimento rápido, como se estivesse agitando o próprio ar ao seu redor, na esperança de estimular as palavras corretas. Seu rosto estava rígido e seus olhos arregalados de horror. — Meu sobrinho, o jovem marquês de Saybrook, faleceu. Devo partir imediatamente para Whitcomb.



Capítulo Dois

Treze anos depois

Londres

— OLÁ? ESTÁ aí, Honey?

Honorã se assustou ao som de seu nome e se virou.

Sua amiga e colega de casa, Serena Lombard, estava parada na porta, sua expressão perplexa.

— Está tudo bem, minha querida?

Honey percebeu que estava parada no meio da sala, olhando para uma carta. Levantou o papel marfim com o selo preto.

— O que aconteceu?

— Recebi uma carta do Duque de Plimpton.

As sobrancelhas de Serena se levantaram.

— Hmm... Plimpton, seu pai não o pintou uma vez? Ou era seu irmão, o marquês Saybrook?

Um som estrondoso bateu nos ouvidos de Honey ao som de seu nome: a primeira vez que o ouviu em voz alta desde aquele dia.

A testa de Serena se enrugou de preocupação.

— Não *está* se sentindo bem, *está*? Está pálida como um fantasma, o que aconteceu?

Honey se virou e dobrou a carta com mãos trêmulas e desajeitadas.

— Honey? — os dedos de Serena pousaram em seu ombro.

— Estou bem. — Conseguiu dizer entre dentes cerrados. — Só estou um pouco tonta. Receio ter perdido o café da manhã hoje — mentiu. Foi preciso engolir em seco três vezes para se livrar do nó em sua garganta, tentou controlar as emoções do seu rosto, antes de se virar para sua amiga.

— Devo pedir chá? — Serena perguntou, com sua voz levemente acentuada.

— Chá parece perfeito. E talvez alguns biscoitos amanteigados de Mamie. Afinal, não se recebe correspondência de um duque todos os dias. Te encontro na sala de visita em dez minutos e lhe contarei tudo — prometeu Honoria, dando à amiga o que esperava ser um sorriso calmo e encorajador.

— Chamarei todas e pedirei por um chá.

A porta se fechou atrás dela e o cérebro de Honoria girou como o pequeno redemoinho de madeira colorido que o filho de Serena fizera para o quintal. O duque de Plimpton, depois de todos esses anos? Há muito não pensava no duque. Já em seu irmão Simon, era um assunto diferente. Conseguiu escapar da prisão que Honey construiu em sua mente apenas para ele. Não importava o quão grossas as paredes eram ou quão pequeno era o espaço entre as barras, Simon sempre encontrava uma forma de escapar e encontrá-la.

Os pés de Honey a levaram na direção de seu armário, que mantinha trancado o tempo todo. Ficou na ponta dos pés e tateou em busca da chave,

em cima do pequeno móvel. Já fazia algum tempo desde que abrisse aquela porta.

Não havia muita coisa lá dentro, na verdade o armário não estava nem perto de estar cheio. Havia quatro telas encostadas umas nas outras, protegidas por lençóis velhos.

A primeira era uma pintura de sua mãe. Embora Honey não tivesse nenhuma lembrança dela, era uma obra de seu pai e seu amor pela modelo era evidente em cada pincelada. Era o seu melhor trabalho, na sua opinião. Sabia que era errado mantê-lo escondido no escuro, porém era sua *única* lembrança de seus pais e, de alguma forma, o tornava intensamente privado.

O segundo retrato a fez sorrir. Sua primeira pintura. Não devia ter mais que cinco anos quando a pintou. Era, claro, um retrato da pessoa que mais amava no mundo: seu pai. Tinha uma semelhança impressionante com Daniel Keyes e trouxe à mente sua reação, no dia em que o pintou. Alegria, amor e orgulho brilhavam intensamente em seu belo rosto, tão forte que, mesmo agora, a memória a aquecia como um cobertor reconfortante.

O terceiro era um retrato dela. Seu pai tinha feito muitas pinturas dela ao longo dos anos, mais de uma dúzia, várias das quais ainda estavam penduradas nas paredes de sua casa. Porém, esse? Bem, esse era especial. Seu pai o pintou não muito depois de terminar o retrato de Lorde Simon naquele verão.

Daniel Keyes era um homem egocêntrico, em muitos aspectos, mas não quando se tratava de Honoria. Sabia que teria sido insuportável expor seu amor não correspondido a perguntas, entretanto, esta pintura era a prova de que seu pai sentiu cada pinga do sofrimento dela em seu coração. Apenas olhar para a dor em seus olhos foi o suficiente para fazer sua garganta ficar apertada.

Estava linda no retrato, muito mais bonita do que era de verdade, seus olhos pareciam cacos de gelo quebrado, assombrados, voltados para uma paisagem interna que era pura dor.

O retrato a lembrou de como ela mesma, aos quinze anos, não acreditava que seu coração sangrando continuaria batendo. No entanto, aqui estava: vigorosa e sadia após todos esses anos.

Sua mão tremia quando puxou o lençol da quarta pintura e olhou para os sorridentes olhos azul-jacinto de Simon Fairchild, agora marquês de Saybrook.

Como sempre acontecia, o retrato congelou a respiração em seus pulmões. Honoria pintou muitos retratos nos últimos treze anos, mas em nenhum deles conseguiu capturar a luz pura e a essência humana de um de seus modelos como fizera neste.

Sua técnica era muito superior agora ao que era há mais de uma década, porém nunca pintou nada melhor. A risada em seus olhos era tão vívida, que podia ouvir seu eco.

Honey balançou a cabeça e colocou a capa de volta sobre a imagem que a tinha assombrado, com demasiada frequência, ao longo dos anos. Não era o único homem de quem gostou, é claro, no entanto, nenhum outro homem inspirou tal profundidade de sentimento em seu coração.

Sabia que Fairchild tinha ido para a guerra porque leu seu nome no jornal quando retornou. Mas o que aconteceu com a jovem – Bella – e seus planos de uma vida no campo?

Honoria ignorou essa pergunta e a dezenas de outras. Foi até o pequeno espelho, ao lado da porta, e inspecionou seu reflexo, nada inspirador. Seu

cabelo pesado havia se soltado de suas amarras e longos cachos flutuavam ao redor de seu rosto estreito, como uma auréola parda.

Para ser honesta, seu rosto estreito e sardento, com olhos cinza-claros ficava significativamente mais atraente com as mechas desgrenhadas como uma moldura, porém não combinava com uma mulher de sua idade e posição, então fez o possível para arrumar os fios soltos, sem ter que desfazer o cabelo inteiro e trançar. O resultado ficou bom o suficiente para um chá da tarde com suas amigas, que eram solteironas como Honoria.

Um pequeno jardim, repleto de flores, separava seu estúdio da pequena casa onde havia passado sua vida inteira. Depois que seu pai morreu, escolheu montar seu estúdio na cocheira, ao invés de usar o estúdio dele. Foi uma tolice, no entanto, deixou o estúdio intocado, não era um santuário para o pai, mas um lugar tão cheio de sua essência que não suportava a ideia de desmontá-lo.

Enquanto Honoria atravessava o caminho estreito que levava à porta dos fundos da casa, notou que as peônias de Freddie – do tamanho de repolhos – haviam florescido e morrido. Seria mais um verão de sua existência, seu vigésimo oitavo verão.

Essa ideia era vagamente deprimente, e seu humor não estava para perguntas, não hoje.

– Lady Winifred Sedgwick – ergueu os olhos da pequena escrivaninha no canto quando Honoria entrou.

— Serena estará aqui em um momento. Acabou se envolvendo em uma batalha de vontades.

— Ah, um conflito entre Mamie e Una?

— Quem mais? — não era uma pergunta. A cozinheira e a governanta eram as melhores amigas e as piores inimigas, dependendo do dia.

Honey sentou-se em seu assento favorito, uma poltrona de couro verde surrada, que era a favorita de seu pai. Jurou que ainda podia sentir o cheiro da combinação inconfundível de terebintina e rum que associava a ele, embora tivesse morrido há seis anos. Morreu não muito depois de seu vigésimo primeiro aniversário, falecendo durante o sono, uma morte tranquila, totalmente diferente de sua vida apaixonada e extravagante.

A porta da sala se abriu e a boca de Honoria se curvou em um sorriso genuíno.

— Olá, Oliver. Conseguiu escapar das suas aulas?

O filho de dez anos de Serena fez uma reverência digna de crédito.

— Mamãe disse que eu poderia descer para tomar chá.

— E os biscoitos da Mamie? — provocou. Oliver sorriu e veio se sentar ao lado dela. Honoria bagunçou seus cachos castanhos. — No que tem trabalhado? Não ouvi nenhuma explosão ultimamente.

— Mamãe disse para não fazer mais experimentos com eletricidade — parecia bastante triste com isso.

— Como se diverte, em face de tal privação?

— Mamãe me deu um autômato — seu sorriso era cegante.

— Ah. E já o desmontou?

Deu-lhe um olhar que dizia o que pensava de uma pergunta tão tola.

Freddie veio se juntar aos dois depois de depositar uma pequena pilha de correspondência na bandeja ao lado da porta.

— Está fazendo seus próprios autômatos, não é, Oliver?

— Oui, Tante.

Oliver chamava todas de “tia” e falava uma mistura fluente de francês e inglês que era muito encantador.

A porta se abriu e sua mãe, acompanhada por Una, com a bandeja de chá, entrou.

— Obrigada, Una — Honey disse à minúscula governanta.

Sua criada séria apenas grunhiu e saiu apressada da sala, sem dúvida, voltando para a cozinha e reiniciar suas hostilidades.

Ao lado dela, o estômago de Oliver roncou e Honey deu-lhe um olhar zombeteiro.

O menino corou.

— J'ai faim.

— Inglês hoje, Oliver — Serena lembrou ao filho. — Gostaria que Miles estivesse aqui — disse para Honoria. — Não voltará do interior por, pelo menos, mais uma semana.

Miles Ingram era amigo delas, mestre de dança na Academia Stefani Para Jovens Moças, onde todas ensinaram, antes da escola fechar no ano passado. Tinha sete professores que se tornaram tão próximos quanto irmãos ao longo dos anos que trabalharam juntos. E agora estavam espalhados aos quatro ventos: Portia foi ensinar música nas selvas da Cornualha; Annis foi morar com sua avó na pequena cidade de Cockleshams; e Lorelei morava com seu irmão e sua família em um vicariato. Apenas Honoria, Serena, Freddie e Miles permaneceram em Londres.

Freddie se ocupou em distribuir o chá, pequenos sanduíches e biscoitos.

— E então? — Serena exigiu. — Vai nos tirar de nossa miséria, Honey?

— Talvez queira esperar até terminarmos de comer — Freddie murmurou.

— Ora, dane-se a espera. — disse Serena.

Honey riu da impaciência da amiga.

— Muito bem, vou ler para saciar essa curiosidade, — abriu a carta de uma página e leu em voz alta:

“Senhorita Keyes,

Estou lhe escrevendo, por recomendação do Visconde Heath, cujo retrato da esposa a senhorita pintou nesta primavera. Vi a pintura e descobri que sua representação da viscondessa é precisa, sem qualquer evidência de lisonja ou excesso de indulgência.

Honey não pôde deixar de rir daquilo.

— Talvez eu deva escrever isso no meu cartão de visita, *retratista precisa não dada a lisonjas ou excessos*.

— Continue lendo, minha querida. — pediu Serena.

“Gostaria de contratá-la para pintar Sua Graça e minha filha, que tem dezesseis anos e...”

Serena bateu palmas e saltou para cima e para baixo no sofá, empurrando Freddie que estava do lado dela.

— Oh, querida, isso é maravilhoso!

— Menciona seus termos? — Freddie perguntou, sempre a mais prática.

— Pede que eu responda com os *meus* termos e a data mais próxima em que estarei disponível. — colocou a carta na mão estendida de Serena.

— Quando parte? — Serena perguntou, levantando os olhos da carta, que estava segurando, como se fosse vidro afiado.

— Por Deus, acabei de receber a carta. Ainda não me decidi...

— *Oras!* Não seja modesta. Sabe que vai fazer isso. Como não poderia? Uma duquesa e sua filha. Sua Graça é bem de vida, não é?

As amigas de Honey não sabiam de sua paixão de infância pelo irmão mais novo do duque. E por que razão deveriam? Quem contava coisas tão embaraçosas para suas amigas? Estremeceu ao pensar numa confissão tão lamentável.

— Honey?

Serena e Freddie estavam olhando para a amiga com expectativa.

Uma leve batida na porta a fez pular.

Era Madame, a enfermeira e preceptora de Oliver.

Serena sorriu para o filho.

— Pode levar alguns biscoitos da Mamie para a sala de estudo.

Oliver, que vinha se comportando com notável compostura para um garotinho, no meio de uma tediosa conversa de adultos, levantou-se do sofá com entusiasmo, fez uma reverência cavalheiresca antes de seguir a francesa para fora da sala.

Honorina esperou até que a porta se fechasse, antes de limpar a garganta e fazer a Freddie a temida pergunta.

— O que sabe sobre o duque de Plimpton e sua família atual? — Winifred Sedgewick ganhava a vida como casamenteira, embora

desprezasse o termo, e havia muito pouco sobre a sociedade que não soubesse.

— Sei que Sua Graça está casado há quase vinte anos e que sua esposa era a filha mais nova de Devonshire. É delicada e não pode mais ter filhos. Acredito que a filha é a única criança que vingou.

Portanto, a duquesa nunca mais teve filhos.

— O irmão mais novo do duque, Marquês de Saybrook, é seu herdeiro presuntivo — Freddie continuou, sem saber do caos que o nome causou no peito de Honoria.

— Ah, sim — disse Serena entre mordidas no biscoito. — Estava em Waterloo — fez uma pausa e franziu a testa. — Não aconteceu alguma coisa estranha com seu retorno?

— Sim — Freddie disse — só foi encontrado depois de três dias no campo de batalha. Não vi seu nome na temporada passada, então ousei dizer que ainda está se recuperando.

Honoria sabia de tudo isso, é claro. Acompanhou a história do seu retorno, como uma mulher obcecada. Tomou um gole de chá e viu que sua mão estava branca de tanto apertar a alça da xícara.

— Não consigo imaginar o que deve ter sofrido. — disse Freddie, balançando a cabeça.

— Acha que o Marquês mora com o irmão? — Honey forçou as palavras por lábios entorpecidos.

— Isso não sei, por que a pergunta?...Oh — os olhos de Freddy arregalaram ligeiramente. — Eu me lembro, agora. O conheceu não é, Honey? O Marquês de Saybrook?

— O pai dela pintou o retrato dele. — Serena completou antes que Honoria pudesse responder.

Freddie era a pessoa mais perspicaz que Honey já conhecera. Felizmente, também era a mais reservada e sempre se mantinha bem longe de investigar a vida das outras pessoas.

Serena, por outro lado, não.

— Como o Marquês era? — perguntou, mergulhando um biscoito em seu chá e depois colocando aquela meleca encharcada na sua boca, lambendo os dedos.

Honey reprimiu um sorriso ao ver os modos descontraídos das suas amigas. Não conseguia imaginar o escândalo que a voluptuosa francesa deve ter causado durante sua breve estada entre a *alta sociedade*.

— Já faz muito tempo desde a última vez que o vi, Serena. — Treze anos, um mês, uma semana e três dias, não que estivesse contando.

Serena deu um encolher de ombros bem à francesa.

— Deve se lembrar de algo, não?

Honey respirou fundo, por que se preocupar em mentir?

— Era o homem mais bonito que já tinha visto.

O biscoito de Serena congelou a alguns centímetros de sua boca aberta.

Freddie olhou para suas mãos postas.

— Certamente não é mais bonito do que Miles? — Serena perguntou.

O rosto de Honey esquentou.

Serena deu uma risadinha.

— Ah, deve ser algo raro de se ver.

Honey afastou-se de seu olhar astuto e mexeu na alça de sua xícara de chá.

— Acredito que morou com seu irmão, quando retornou à primeira vez — Freddy disse, misericordiosamente mudando o assunto. — Parece que tem uma propriedade própria.

— Sim, Everley. — A voz de Honoria era apenas um sussurro. Pousou a xícara e o pires com as mãos firmes e olhou para as amigas. O rosto lindo e inescrutável de Freddie permaneceu sem expressão, porém Serena encontrou seu olhar com um olhar ousado e desafiador.

— E então? — A irreprimível francesa quebrou o incômodo silêncio, seus olhos castanhos brilhando. — Quando pretende partir?



Capítulo Três

SIMON ESTAVA voando.

Ou algo próximo de voar.

O cavalo alazão, com sua crina e rabo lustrosos, não era apenas bonito, também era tão apaixonado pela velocidade quanto seu mestre. Baco era seu nome, embora tivesse sido melhor chama-lo de Mercúrio, era tão rápido.

Quando se aproximaram do fim da estrada, que dava para a longa entrada, um tanto íngreme, que descia até Whitcomb, Simon apressou o cavalo. Baco conhecia bem a estrada e seus músculos poderosos explodiram. O vento estava tão forte, que Simon jurou que podia ouvi-lo assobiar, quando passava pelas marcas de seu ouvido surdo.

Seus músculos se contraíram e se esticaram, como os de sua montaria, a pele danificada de seu rosto, garganta e torso queimavam. A dor era quase catártica e o lembrava de que estava vivo, algo que precisava dizer a si mesmo, pelo menos umas doze vezes por dia.

— Estou vivo — sussurrou.

O vento arrancou suas palavras, mas ainda vibravam dentro de sua mente e do seu corpo. *Estava vivo.*

Cascos trovejantes e árvores borradas o envolviam. *Vivo.*

Alcançou o topo do cume e quase colidiu com uma carruagem, que avançava vagarosamente no centro da estrada.

— Inferno! — sua voz estava tão alta, que assustou o cavalo que montava.

A vida encolheu uma fração de segundo, quando mudou de posição e apertou as coxas, fazendo com que Baco avançasse em direção ao pequeno vão, à direita da carruagem.

Estava vagamente ciente do postilhão usando seu corpo inteiro, para puxar a carruagem para a esquerda. A carruagem derrapou para o lado e as rodas rolaram no solo macio e úmido ao lado da estrada.

Simon passou trovejando, sem diminuir a velocidade, seu coração batendo mais forte que o vento. Riu, o som era lunático nos seus próprios ouvidos.

Estava vivo.



Honey olhou pela janela, a tempo de vislumbrar o homem mais bonito que já vira. E então a carruagem balançou para o lado, jogando-a, a seu livro e sua capa no chão.

Felizmente, a capa caiu antes dela e suavizou sua queda, de forma que ficou mais assustada do que machucada, quando caiu de joelhos. Honey se segurou no assento, enquanto a carruagem saltava sobre um terreno áspero, esperando até que o veículo começasse a desacelerar, antes de se levantar para agarrar a correia de couro ao lado da porta.

Seu coração batia forte, como um tambor em seus ouvidos, e não apenas por causa do susto.

Simon estava aqui. Fechou os olhos e reviveu a imagem veloz de um deus nórdico em uma montagem magnífica. A imagem, não importa o quão fugaz, mostrou que estava tão bonito quanto antes.

Simon estava aqui.

A carruagem estremeceu e a sacudiu de seu devaneio atordoados. Então estava aqui? Que diferença isso faria? Sabia que poderia ser o caso. Preparou para vê-lo novamente. Ou pelo menos pensou que tinha se preparado.

Honey fez uma careta por sua lamentável hesitação e soltou a alça, desabando contra as almofadas, enquanto a carruagem parava.

A porta se abriu e o cavalição corpulento apareceu na abertura.

— A senhorita está bem, madame? — seu rosto rústico estava enrugado de preocupação.

— Só um pouco abalada, o que aconteceu?

Sua expressão mudou, de preocupação para nojo.

— Nada, apenas um lunático cavalgando como um demônio. Peço perdão, senhorita — tirou o chapéu e coçou a cabeça. — Veio do nada e passou como um borrão, estava montado no melhor cavalo que já vi — disse, com uma admiração relutante, e depois fez uma careta — Desculpa, senhorita.

Honey queria revirar os olhos; homens e seus cavalos.

— Estamos perto de Whitcomb House?

— Sim, mais dez minutos.

Alisou o vestido de viagem azul marinho, com as mãos trêmulas. *Por Deus. Iria vê-lo novamente.*

— Então está tudo bem. — disse o cavaleiro.

Sorriu e acenou com a cabeça.

— Sim, é claro. Estou bem e pronta para retomar a jornada.

O cavaleiro fechou a porta e, em instantes, estavam em movimento.

Olhou pela janela e tentou acalmar seus nervos em frangalhos, mas o belo perfil e o brilho do cabelo dourado ficaram presos em sua mente, um problema para os artistas. Teria reconhecido aquele perfil clássico, distinto o suficiente para ser impresso numa moeda, em qualquer lugar. Estava com chapéu e usava calças de pele de gamo, casaco preto e botas altas de couro, completando o breve quadro. Parecia vital, de forma alguma danificado. Parecia um coríntio, ao menos era assim que imaginava que fossem, aqueles homens que apreciavam sua própria fisicalidade: cavaleiros ferozes, atiradores de elite, pugilistas determinados e outras tolices abertamente masculinas.

Seu estômago estremeceu com a imagem que sua mente não abandonaria. Como poderia suportar a proximidade de um homem tão bonito, cheio de vitalidade e distração. Era simplesmente muito...

Honey estremeceu, sua ansiedade, de repente, mais irritante do que paralisante: tinha vinte e oito anos, não quinze! E daí que o homem estava lá? Não *o estava* pintando, estaria pintando a esposa e a filha do duque. Estava ali para trabalhar, para construir sua reputação como retratista e uma comissão para um duque era uma coisa poderosa – poderia ser uma coisa poderosa – caso se concentrasse e fizesse o melhor.

É uma mulher adulta, não é mais uma garota alta, magra e desengonçada de quinze anos, a voz lógica e calmante em sua cabeça a lembrou.

Honoraria bufou com o pensamento. Não, agora era uma garota alta, magra e desengonçada de vinte e oito anos. Bom Deus! Não tinha aprendido nada em treze anos?

A aceleração de seu coração dizia que não, pelo menos não quando se tratava de Simon Fairchild. Assumiu o controle de seus pensamentos e os moldou à sua vontade, esmagando as esperanças, sonhos, medos e anseios do seu eu mais jovem e apaixonado em um pequeno cubo inofensivo e, em seguida, colocou-o em uma prisão em sua mente com todos os outros pensamentos perigosos e trancou a porta.

A carruagem atingiu o topo do cume e Honey se engasgou.

— Oh minha nossa! — Seus olhos dispararam descontroladamente, enquanto tentava absorver tudo. Carvalhos enormes flanqueavam os dois lados da estrada em intervalos regulares, permitindo vislumbres de um parque ondulante, mais além. Esta não era uma casa, nem mesmo uma mansão, parecia se estender por quilômetros e se assemelhar a um município medieval, porém com uma arquitetura diferente. O caminho levou a uma enorme portaria que deve ter sido parte da construção original, suas linhas altas e imponentes.

Honoraria tinha ouvido falar que Whitcomb se comparava, em tamanho e caráter, a Knole House e agora entendia por que era considerada um tesouro nacional. Seus dedos coçaram para esboçá-lo e sabia que precisaria voltar a este ponto de visão e saciar sua curiosidade artística mais cedo ou mais tarde.

O sol já estava baixo no céu, quando a carruagem entrou no caminho de pedras, que fazia uma curva, em frente à enorme entrada. Uma mulher vestida de preto, acompanhada por dois lacaios uniformizados, esperava ao pé dos degraus rasos de pedra, que levavam a portas em arco de, pelo menos, cinco metros de altura, a madeira pesada e envelhecida presa com intrincadas cintas de ferro. Sobre a entrada, o dragão e o galgo de Henrique VIII seguravam as armas reais da Inglaterra.

Um dos lacaios adiantou-se para oferecer sua ajuda, enquanto Honey descia da carruagem, com o corpo inchado e dolorido das últimas onze horas.

— Bem-vinda a Whitcomb House, Srta. Keyes. Eu sou a Sra. Constable — a mulher lhe deu um sorriso superficial, mas não hostil, enquanto fazia uma leve reverência. — Acredito que a senhorita gostaria de uma xícara de chá quente e uma hora para descansar — gesticulou em direção à casa, sem esperar por uma resposta. — Sua Graça a verá na biblioteca, antes do jantar. Venha, vou mostrar seus aposentos.

Honorina seguiu a mulher, baixa e agitada, até um salão, que parecia saído de uma peça de Shakespeare. Sua mandíbula cedeu quando inclinou a cabeça para trás e olhou para o teto de quatro arcos centrais.

— Este é o Grande Salão e foi construído na década de 1490 — disse a Sra. Constable, sem desacelerar. — As partes mais antigas da casa não são tão utilizadas como a Asa Sul, que foi acrescentada na década de 1740 e oferece muito mais conveniência e conforto. A família janta na sala de jantar menor, quando não está entretendo. Sua Graça solicitou que a senhorita jantasse com a família — seu tom queria dizer que o pedido não era realmente um pedido.

Subiram os degraus quadriculados antigos que viravam em dois ângulos de noventa graus e se abriam para outro longo corredor, este voltando na direção em que acabaram de chegar.

— Esta pode parecer uma maneira um tanto estranha de chegar à Ala Sul — disse a governanta, como se lesse seus pensamentos, — garanto que fará mais sentido em breve.

Passaram por um longo corredor com painéis de madeira, o piso de madeira escura coberto com um tapete antigo que abafava seus passos. Pesados castiçais de ferro iluminavam seu caminho em intervalos e uma enorme rosácea, na outra extremidade, adicionava um ar quase religioso. A governanta virou por um corredor à direita, antes de chegarem à uma janela espetacular, que as conduziu por um corredor quase idêntico.

— São apenas o duque, a duquesa e sua filha que vivem aqui? — Honey perguntou enquanto subiam o que parecia ser meio andar, entrando em um corredor muito mais amplo e arejado, iluminado por janelas de catedral com rendilhados intrincados.

— A mãe de Sua Graça, a duquesa viúva de Plimpton e seu irmão, o marquês de Saybrook, também moram em Whitcomb. — A governanta pegou mais uma saída à direita, este corredor estreito e sem janelas.

Senhor, estava tão perdida, que poderia vagar por semanas.

— O único da família a manter aposentos na Ala Leste é a sua senhoria.

Honey piscou com a desaprovação que ouviu na voz da mulher. Então, o marquês era uma pessoa...difícil? Ou essa era apenas a opinião de uma criada, que não apreciava o trabalho extra, que deveria resultar em servir a duas alas amplas da casa, quando uma teria sido mais conveniente.

Dobraram outra esquina, desta vez Honey cambaleou e parou.

— Meu Deus — murmurou, percebendo vagamente que a mulher que estava seguindo não havia parado de andar.

— Esta é a mais velha das duas galerias de retratos — disse a Sra. Constable, sua voz cada vez mais distante, fazendo Honey retomar a caminhada, sua cabeça girando descontroladamente para ver o número quase sufocante de retratos que cobriam as paredes altas e apaineladas, amontoadas tão firmemente, que alguns quadros tocavam os outros.

Meu Deus, reconheceu o estilo inconfundível de Holbein. *Holbein!* Fez um som agudo, nada digno. Seu retrato ficaria junto com a coleção que contava com um de Hans Holbein?

— Srta. Keyes?

Desviando os olhos do retrato, o modelo era um homem de meia-idade, sem grande beleza física, com uma fisionomia tão... esperta, *que* Honey sentia como se o retrato a estivesse olhando, era como puxar uma carroça pesada de *dentro* da lama.

— Sim? — disse atordoada, virando a cabeça e piscando, como se tivesse sido cegada por uma lanterna de farol.

— Só mais um pouco, senhorita. — o tom da mulher dizia que era uma mulher ocupada, sem tempo de sobra para ficar bajulando retratos na parede.

Honey correu atrás dela, intencionalmente mantendo os olhos longe do fluxo de retratos, que assaltavam sua visão periférica. Mais tarde, voltaria mais tarde. Esta galeria seria motivo suficiente para aprender o layout da casa labiríntica.

Algo que a governanta disse cavou na superfície de sua mente como uma toupeira.

— A senhora disse que esta era a galeria antiga?

— Sim, a nova galeria fica no primeiro andar. É lá que estão os retratos mais recentes.

Como o retrato de Simon Fairchild por seu pai.

O coração de Honey bateu como o de uma jovem, diante de sua primeira plateia: Simon e mais pinturas.

Subiram mais um lance de escadas, estas de madeira e acarpetadas com um rico padrão marrom e dourado, que parecia levitar acima do chão. Honey se sentiu quase culpada por pisar em um trabalho tão adorável e intrincado. Nunca tinha visto algo assim.

— E aqui estamos nós. — disse a Sra. Constable, abrindo a primeira porta à direita.

Honey ficou boquiaberta. Estava vagamente ciente de que manteve por muito tempo sua boca aberta, então a fechou.

A sala de estar era de um tom creme e amarelo-limão, que parecia fresco e confortável. Cadeiras delicadas com pernas finas e um sofá baixo foram dispostos em frente a uma enorme lareira com manto de mármore creme.

— Essa porta — a governanta abriu uma porta à direita — é o seu vestiário — a sala era monstruosa e a mesquinha coleção de vestidos que trouxera mal ocuparia um canto de um dos enormes armários. Um lavatório, penteadeira, baú de roupas, várias cadeiras e uma *chaise longue*, forrada de damasco e uma grande banheira perto da lareira não eram suficientes para tornar o ambiente lotado.

— E aqui está o seu quarto. — Esta última porta se abriu para o ambiente mais opulento dos três. Uma enorme cama de dossel ocupava o lugar de honra, com cortinas e dossel, no mesmo amarelo-limão e creme, mas com toques de ouro nos revestimentos do piso e ricas cortinas de veludo, que cobriam as janelas, do chão ao teto, que formavam parte de uma parede.

Honey viu que a Sra. Constable esperava alguma reação.

— Estes quartos são adoráveis e bem... espaçosos.

— Esta é a seção da família da casa. Este quarto pertenceu à avó de Sua Graça.

— Ora, que gentileza do duque, em me tratar com tanta generosidade e condescendência.

A mulher fez um som de fungada, que levou Honey a pensar que concordava de coração com essa avaliação. A porta se abriu e um laçao entrou com sua valise.

— Ah, aqui está a sua bagagem. Tomei a liberdade de pedir um chá e enviarei uma criada para ajudá-la.

— A senhora é muito gentil — Honey murmurou.

— O escritório do duque fica na outra extremidade da Antiga Galeria. Toque a campainha e um criado irá acompanhá-la. Sua Graça a espera às sete.

— Obrigada — Honey não se incomodou em dizer à outra mulher que seria capaz de encontrar o caminho de volta para aqueles retratos no escuro e de olhos fechados.



Capítulo Quatro

HONEY ESTAVA pronta, quinze minutos antes da reunião. Em vez de ficar sentada em seu quarto, apreciando a vista, reconhecidamente notável, que fornecia um panorama abrangente da topiaria e, além dela, o parque de veados, foi até a antiga galeria.

O amplo corredor, de ladrilhos pretos e brancos, estava parcialmente iluminado com janelas bem acima, talvez uns dez metros. O ângulo da luz estava de uma forma que nunca tocaria diretamente as pinturas.

Percebeu que estava, na verdade, andando na ponta dos pés, enquanto caminhava pelo corredor, como se estivesse se aproximando de uma relíquia sagrada. Bem, para Honey aquilo *era* o equivalente a uma relíquia sagrada.

Seu olhar cintilou avidamente através do espólio coletado dos séculos. Registrou, estupidamente, estilos, nomes, heróis: um Van Dyke, um Devit, um Seymore – completo com um corcel confiável, um Dance-Holland, um – engasgou-se e cambaleou em direção a um retrato, ligeiramente menor do que aqueles ao lado – um *Hogarth*! A modelo, uma bela mulher, cujos olhos e expressão convidavam o espectador para seu *boudoir*, de fato, que prometia e *seduzia*...

Uma porta no final do corredor se abriu com tanta força, que bateu contra a parede, fazendo-a sentir a vibração em seus pés.

— Vá para o inferno, Wyndham! — o rugido encheu o corredor, embora o dono dela ainda estivesse dentro do quarto.

Honey nunca tinha ouvido aquela voz pulsar com tanta raiva quando o conheceu, mas a reconheceu do mesmo jeito.

Em vez de simplesmente fugir, como deveria ter feito, ficou imóvel, os olhos fixos na porta aberta. Um leve murmúrio quebrou o silêncio, a pessoa com quem estava gritando no momento, supôs.

— Ha! — A palavra gotejava com ódio e fúria. — Não me *importo*, não está me ouvindo? Todo o lugar pode ir para o inferno e você junto com ele. Estou lhe dizendo pela última vez, Wyndham, *não* se meta em meus assuntos nunca mais, ou juro que irá se arrepender. — O orador enfurecido foi catapultado para fora da porta aberta.

Embora Honey estivesse imóvel, ele deve ter notado algo no canto do olho, porque parou e se virou em sua direção.

Honoraria deu um pequeno, quase inaudível, suspiro de surpresa. Bom Deus! O que aconteceu com ele?

Honey o viu avançar em sua direção com um passo estranho e cambaleante, que a fez recuar um passo, raiva crua emanava dele como ondas de calor.

— Quem, *diabos*, é? E o que está fazendo, espreitando e ouvindo atrás das portas? — Continuou andando, fazendo-a recuar mais ainda, até que se chocou contra a parede e sentiu algo pontiagudo em seu quadril. A ideia de que poderia ter danificado uma pintura, de valor inestimável, era ainda mais horrível do que o homem furioso que a perseguia. Virou-se para olhar por cima do ombro e quase desmaiou de alívio, quando viu que era apenas o canto de um pedestal, com um busto de mármore.

Uma mão agarrou seu braço com indiferença e a girou. O rosto que a encarava não era muito diferente do belo retrato que pintara anos atrás, do lado direito. Todavia, o lado esquerdo tinha sido vandalizado, com feridas e cicatrizes vermelhas – cortes e manchas que exibiam o brilho de feridas recentemente curadas – que destruíram a beleza de uma metade de seu rosto. Seu magnífico cabelo loiro dourado tinha sido cortado brutalmente, e não fazia muito para esconder o que restava de sua orelha esquerda ou as profundas cicatrizes horizontais, que começavam em sua mandíbula e marcavam profundamente sua bochecha. Olhava para ela com os mesmos lindos olhos azuis, porém a pálpebra esquerda estava puxada para baixo no canto externo, a pele esticada, dando ao olho um tom perpetuamente sinistro. Era alto e ágil quando o conheceu, agora seus ombros eram largos, poderosos e substanciais, em vez de graciosos.

Aquele era Simon, ao mesmo tempo não era Simon.

O homem à sua frente era um subproduto da guerra: uma versão mais intensa e destilada de seu eu anterior. Era tendão, músculos e ossos, toda a suavidade e o excesso de carne haviam sido queimados. O que restou era puramente guerreiro, um homem marcado, curvado e distorcido pela violência.

Este não era o Simon que conhecia, tampouco pareceu reconhecê-la.

A compreensão esmagadora a deixou doente por dentro; Simon olhou para Honey, sem nenhum reconhecimento em seus olhos gloriosos. Não sabia quem era.

Honey queria chorar.

— *Simon* — o nome foi chamado baixinho, porém estalou como um chicote no corredor cavernoso.

Honey e Simon Fairchild se assustaram, como se tivessem sido pegos no ato de algo indecente, e ainda assim, não conseguiam desviar o olhar um do outro.

Em vez de soltá-la, sua mão apertou com mais força, enquanto sua mandíbula flexionava, como se Simon estivesse mastigando suas opções e as achasse indigestas. Seus olhos se estreitaram e as narinas de seu nariz aquilino dilataram-se, enquanto lutava para impor um mínimo de controle, pois pareceu lembrar que não era *dela* que estava com raiva.

Largou seu braço, como se o tivesse escaldado e se virou, sua expressão - tanto do lado do anjo quanto do monstro - desdenhosa. Passou pelo outro homem sem falar e cambaleou pelo corredor, seus passos desajeitados, porém rápidos.

O ar em seu rastro estalou e Honey se sentiu como se tivesse sido pega por um poderoso ciclone e jogada de lado, com os ouvidos zumbindo, sua alma golpeada.

— Senhorita Keyes?

Honey nunca tinha conhecido o duque de Plimpton pessoalmente. Quando seu pai terminou o retrato de Simon, o duque simplesmente enviou um laçao para recolhê-lo, a grande cerimônia planejada para sua inauguração nunca mais foi mencionada.

Sua Graça, o Duque de Plimpton, não se parecia em nada com Simon. Era um homem mais pálido, mais magro e muito menos perceptível do que seu irmão mais novo em quase todos os aspectos, exceto por sua dignidade fria e poder silencioso.

Ao contrário de Simon, o cabelo do duque era de um marrom indefinível. Suas feições eram regulares e atraentes, mas, no geral, nada

excepcional. Não tinha o tamanho de Simon e nem muito mais que altura média, era magro e compacto ao invés de largo e alto como seu irmão mais novo.

Apenas na forma de seus olhos, inclinados, viu uma pequena semelhança. Contudo, enquanto os olhos de Simon eram do azul egípcio, de uma pintura Rafaelita, as do duque eram de um cinza opaco que era tão indefinido quanto o resto dele.

Simon Fairchild era uma estrela em chamas, enquanto o duque, um distante e desconhecido lado escuro da lua.

Também parecia muito doente. Havia manchas escuras sob seus olhos e sua pele tinha um brilho doentio. Honey supôs que essa era *a* indisposição mencionada pelo Sr. Fairchild.

O duque gesticulou para a porta aberta.

— Por favor, entre no meu escritório.

As pernas de Honey tremeram um pouco, quando cruzou o corredor acarpetado entre os dois.

O duque fechou a porta e gesticulou para as duas cadeiras, dispostas diante de uma mesa. — Sente-se.

Sua mesa era uma tábua de madeira quase preta, sustentada por pernas escamosas e douradas, que pareciam ter pertencido a alguma criatura mítica monstruosa. Era a peça de mobília mais magnífica que já vira e deveria ter feito o homem que estava atrás dela se tornar insignificante. Entretanto, a autoridade discreta do duque dobrava a grandeza do escritório à sua vontade e Honey percebeu que o duque de Plimpton poderia *não parecer* tão fisicamente imponente ou bonito como Simon, mas possuía uma presença enorme.

Honey sentou-se, ainda trêmula, em uma das cadeiras de couro marrom, em frente ao seu anfitrião. Havia convivido com artistas a vida toda, então, estava acostumada a emoções fortes, mas mesmo seu pai não tinha sido tão inconstante ou violento quanto o homem no corredor.

— Bem-vinda a Whitcomb, Srta. Keyes. Espero que não esteja muito cansada de sua viagem.

Ah, então iriam fingir que o furacão humano na galeria de retratos não existiu. Tudo bem, por ela.

— Nem um pouco, sua graça. — Ficou satisfeita com seu tom frio e nivelado. Podia ver, pela ligeira diminuição da tensão no rosto do duque, que estava aliviado por Honey ter decidido jogar o jogo dele.

— Obrigada por providenciar uma carruagem deveras luxuosa. — O duque tinha, de fato, visto todas as facetas de sua jornada e não economizou.

— Estou feliz pela senhorita ter aceitado esta comissão, Srta. Keyes. O retrato que seu pai fez do meu irmão capturou seu espírito e é um dos meus favoritos — fez uma pausa e Honey sorriu com suas palavras gentis. — Seu pai era um grande artista e lamento pelo seu falecimento.

— Obrigada, sua graça.

— A senhorita gostaria de beber alguma coisa, antes do jantar? — Gesticulou para uma seleção de decantadores sob uma mesa, não muito longe de sua escrivaninha.

— Não, obrigada. Sua governanta teve a gentileza de fornecer uma xícara de chá no meu quarto.

Com as gentilezas terminadas, sua atitude tornou-se enérgica.

— Será apenas a família no jantar, esta noite. Minha esposa não janta conosco, porque não se sente bem. Seremos apenas minha filha, Lady Rebecca, mamãe, meu primo, a quem a senhorita conheceu, e meu irmão — uma pequena irritação perturbou sua fachada calma e tão logo desapareceu — na mesa do jantar. Nos entretemos de vez em quando, e a senhorita, é claro, é nossa convidada.

— Obrigada, Sua Graça. — murmurou.

— Talvez a senhorita possa explicar seu método preferido de trabalho, para que possa informar Sua Graça sobre o que é esperado?

— Vou precisar de algumas sessões para me familiarizar com Lady Rebecca e a duquesa. Durante essas sessões, farei esboços. Também examinarei os vestidos e acessórios que escolheram, bem como discutirei o cenário ou plano de fundo preferidos. Gosto que meus modelos deem a aprovação final em todos esses assuntos, mas, às vezes, minha orientação pode ser útil, por razões estéticas.

O duque apoiou os cotovelos na mesa e olhou para suas mãos entrelaçadas por um longo momento antes de erguer os olhos.

— Minha esposa não será capaz de ficar sentada por longos períodos.

Honey também não achou que o duque *pudesse* ficar sentado por longos períodos. Esperava que o que quer que o afligisse não fosse uma gripe ou algo contagioso.

— Entendo e farei o máximo de esboços que puder, durante o tempo que for concedido. Vou me esforçar para não sobrecarregar Sua Graça.

— Obrigado, Srta. Keyes, posso ver que a senhorita é atenciosa, além de prestativa, e aprecio essas duas características. — O duque se levantou,

indicando que seu breve encontro havia acabado. — Vejo a senhorita no jantar, por favor, peça para que um laçaio lhe mostre o caminho.

Honorina esperou até que a porta se fechasse atrás de si, para sorrir com o que suas palavras sugeriam: que era gentil, complacente e *branda*, para uma artista.

Os outros artistas, amigos e apreciadores, que cercavam Daniel Keyes com frequência, comentavam sobre a natureza calma e serena de Honorina. As pessoas nunca pararam de se maravilhar por não ser nada parecida com seu pai grandioso, com suas roupas nada convencionais, cabelo rebelde e personalidade extravagante.

— Como a senhorita pode pintar sem paixão? — Mais de um amigo de seu pai havia lhe perguntado.

Apenas Daniel Keyes nunca fizera Honey sentir-se deficiente em relação ao seu temperamento forte.

— Tudo isso — disse uma vez, acenando com uma mão incrustada de anéis para englobar sua pessoa vestida de forma não convencional. — É exibicionismo, querida. Uma pessoa não precisa ser ostentatória para ser um verdadeiro artista. E Honey, meu amor, não é apenas uma verdadeira artista, mas também possui uma qualidade muito rara, que é a sua companhia, calmante e rejuvenescedora.

Honey supôs que poderia ter optado por se sentir insultada por suas palavras. Afinal, era uma crença comum que uma mulher tinha que ser apaixonada, para inspirar paixão. Em vez disso, achou sua avaliação, sobre si, reconfortante.

Certa vez, uma das amantes de seu pai teve a má ideia de repreendê-la durante um jantar em sua casa.

— A senhorita é muito branda para ser uma artista de verdadeiro sucesso, minha querida. A senhorita não deve parecer tão calma. Tente cultivar um ar de mistério, mesmo que não se *sinta* misteriosa — Honey se lembrou de como os olhos frios da mulher cintilaram sobre sua pessoa, sem perceber a ira crescente de Daniel Keyes na ponta da mesa.

Os lábios carnudos da mulher se dobraram de desgosto, na conclusão de sua inspeção.

— Deus sabe que a senhorita é uma pessoa muito... *incomum* para se esconder, então, deveria fazer o melhor com o que tem e se vestir com mais elegância.

Achou os conselhos da mulher mais divertidos do que insultantes, mas seu pai respondeu, com toda a raiva e emoção que Honey poderia ter desejado em um campeão, banindo sua antiga amante de suas vidas antes mesmo do jantar ter terminado.

Honey não tinha, nem por um instante, considerado aceitar o aconselhamento ridículo da mulher. Não que não gostasse de cores mais vibrantes e estilos mais interessantes como as roupas de *vanguarda* que sua amiga Serena usava, no entanto, essas roupas nunca ficavam muito bem nela.

Havia, há muito tempo, se acomodado ao fato de que se parecia mais como uma governanta do que uma artista famosa. O mesmo acontecia com seu comportamento e postura; era calma, fleumática, mas era assim que era, e nenhum tipo de emoção artificial mudaria isso.

Ao pensar em emoções, seus pensamentos se voltaram para Simon Fairchild. E pensar nele tirava tudo o que acreditava ser - fria e controlada - e a deixava em carne viva, furiosa e magoada.

Então, parece que há algo - ou alguém - que pode mudar sua postura entorpecida, Honey.

Bufou com o pensamento provocador, porém, não podia negar a verdade disso.

O que doeu ainda mais, foi haver mantido Simon Fairchild em um pedestal por quatorze anos e ele nem se quer se lembrar dela.



Simon bateu à porta de seus aposentos com força desnecessária e entrou em seu vestibulo.

Seu valete estava remexendo nas roupas, porém deixou o trabalho de lado e se virou para ajudar seu senhor, que o dispensou.

— Vou me despir sozinho, Peel — Simon arrancou sua gravata e jogou-a para o homem mais velho, que estivera ao seu lado antes de entrar na cavalaria e depois serviu como seu bagageiro, durante os anos estafantes, no continente. Peel o conhecia melhor do que qualquer outra pessoa na terra, o pobre coitado.

Para o desgosto duradouro de Peel, Simon costumava brincar que seu relacionamento era muito parecido com um casamento, mas sem a cama. Peel era um maldito puritano, quando se tratava desse tipo de humor.

— Peça um banho — ordenou.

— Imediatamente, meu senhor.

Deixou Simon sozinho, sem ninguém com quem reclamar. O que foi bom, pois Simon estava tão de mau humor, que não suportaria sua própria

companhia, se pudesse encontrar uma maneira de contornar esse fato.

Estava se comportando mal e se envergonhava disso, e mesmo assim, não conseguia parar de discutir, brigar e gritar com Wyndham, em todas as oportunidades. Precisava ir embora, porém seu irmão o mantinha em uma coleira tão apertada, que o impedia.

Pegou uma garrafa da cômoda e serviu uma dose forte de conhaque. A bebida era a única maneira que encontrou para escapar de si mesmo, embora fosse por um curto período e tivesse que pagar um preço alto pela fuga.

Mesmo assim, seu irmão estava sempre o esperando, no final das suas pequenas fugas que conseguia arranjar.

Maldito, maldito Wyndham! Por que não o deixava em paz? Por que sempre tinham que ter a mesma discussão? Por que seu irmão era tão implacável? Onde conseguia tanta força? Por que não podia, simplesmente, aceitar que Simon não era nada parecido com ele e seria um desastre como duque?

Ademais, por que Wyndham se importava com quem assumiria o título, depois que morresse? Estaria *morto*, pelo amor de Deus. Quem se importava com o que acontecia depois de morto?

Simon já tinha problema suficiente com que se preocupar, enquanto estava vivo. Na verdade, preferia *não* se preocupar com isso. Ou qualquer outra coisa, para falar a verdade.

Era uma atitude infantil e totalmente irracional, não se importava; discutir com Wyndham sempre trazia o pior dele e sempre foi assim. O homem era mais frio do que um *iceberg* em dezembro. Quanto mais irritado e irado Simon ficava, mais calmo e distante Wyndham se tornava.

Era um desafio ver se Simon conseguiria irritá-lo. Não que já tivesse conseguido tal façanha. Não, tudo o que conseguia fazer era ficar fora de si e fazer um grande papel de tolo.

A imagem de seu irmão surgiu na sua cabeça e Simon franziu a testa; Wyndham parecia bastante doente. Na verdade, Simon achava que parecia bastante desgastado já há algum tempo.

Quem poderia culpá-lo? Certamente o estava levando à uma morte prematura com sua idiotice.

Simon cerrou as mandíbulas contra o indesejável, e provavelmente verdadeiro, castigo.

— Maldição, maldito inferno! — Murmurou, tirando seu irmão de sua mente com um empurrão forte.

Tirou o casaco, fazendo uma careta com a dor que o pequeno movimento causou em seu pescoço e ombros. Seria sempre assim? Sua pele arderia e doeria pelo resto de seus dias? Outra coisa para a qual o álcool era bom: a dor. Não que não houvesse coisas melhores para apaziguá-la, coisas de que gostara muito durante a guerra.

Simon desviou seus pensamentos daquele pensamento perigoso.

Jogou o casaco sobre uma cadeira e desabotoou o colete, obrigando-se a usar a mão esquerda. Não estava tão danificada quanto o resto de seu lado esquerdo, já que sua mão estava na frente de seu corpo, quando o canhão explodiu. Ainda queimava como o diabo, sempre que a usava para tarefas complicadas, como abrir botões.

O médico o advertiu contra superproteger seu lado esquerdo, dizendo-lhe que quanto mais ativo fosse, mais rápido a dor iria embora. Não que desaparecia por completo. *Algumas atividades*, disse a Simon, *exacerbariam*

os ferimentos. Atividades como cavalgar, a única coisa que fazia a vida valer a pena.

Fez uma careta, com o pensamento de autocomiseração, e vestiu sua túnica favorita, uma velha túnica indiana, de seda verde e dourada, que estivera com ele durante a guerra e que associou a tempos melhores. Era uma vestimenta que usava depois de sobreviver a cada dia incerto; algo que só vestiu uma vez que estivesse limpo de sangue, fuligem e morte. Era um símbolo de enganar a morte mais uma vez, e uma lembrança daquelas noites em que estava quente, severo e sortudo o suficiente para encontrar uma mulher disposta e ansiosa com quem comemorar.

Simon chacoalhou a cabeça com os pensamentos tolos. Memórias de dias que foram melhores e piores; memórias tão antigas e desbotadas, que poderiam muito bem pertencer a outro homem. *Esta* era sua vida agora: uma espécie de meia-vida, que Wyndham insistia em lhe impor.

Poderia ter uma vida diferente, uma vida melhor.

Oh sim, isso poderia. Assim que fizesse o que o maldito Wyndham quisesse e se casasse com uma mulher da escolha dele, seu irmão.

Só se capitulasse às exigências de Wyndham, poderia ter a vida que sempre quis. Bem, parte dela, ao menos, a parte que não incluía Bella.

Ahhhh, Bella, sua companheira mental sarcástica provocou. Bella se foi há muito tempo. Não conseguia, nem ao menos, se lembrar do rosto dela, mas se apegava à sua memória - e à sua raiva - como uma criança.

E daí se nem sempre conseguia se lembrar do rosto de Bella? Não conseguia se lembrar de muitas coisas, porém isso não significava que não tivessem acontecido.

Sua cabeça havia sido golpeada com mais violência do que uma bola de críquete na última década e meia, entretanto, podia se lembrar de Bella - e o que seu irmão tinha feito com ela - com bastante clareza.

Nunca cederia às exigências de seu irmão e tomaria uma esposa. Na verdade, nunca se casaria.

Precisava de uma mulher, não de uma esposa.

— Cale a boca — Simon retrucou, e então percebeu que estava discutindo consigo mesmo, como se fosse algum tipo de lunático.

Jogou para dentro o que restava do seu copo, ignorando a agradável queimação e serviu-se de outra dose. Fez uma pausa, o copo a meio caminho de sua boca.

Talvez a voz irritante em sua cabeça estivesse certa: precisava de uma mulher. *Senhor*. Quando foi a última vez que fizera sexo com outra pessoa, além de sua própria mão?

Foi exatamente duas semanas atrás, a voz forneceu prestativamente.

Isso era verdade. Não desde a noite em que se deitou com Lily Bancroft, a servente de St. George.

Sua vontade de sexo, para escapar do controle de seu irmão, se dissipou no dia seguinte, quando percebeu que estaria usando uma espectadora inocente, em sua guerra contra Wyndham. Não que Lily fosse inocente ou relutante em ser usada, e essas foram suas próprias palavras.

— Quando o verei de novo, meu senhor? — perguntou, enquanto juntava suas roupas espalhadas.

A cabeça de Simon latejava, sua consciência não estava mais entorpecida pela cerveja.

— Eu não tenho certeza se é sábio.

— Por que não? O senhor teme por minha reputação? É tarde demais para isso.

Simon estremeceu com o tom de zombaria dela.

— Sou uma mulher adulta, meu senhor. — Disse de pé, nua, diante dele, para provar seu ponto. — Meu Tommy morreu na Espanha, então sou minha própria dona agora.

Simon se sentiu duplamente chocado, ao saber que acabara de se deitar com uma servente que também era viúva de guerra.

Como um covarde, Simon fugiu e não voltou desde então, embora seu primo o importunasse todas as noites, para se juntar a ele em suas farras.

Simon flexionou seu braço esquerdo; a pele esticada e cheia de cicatrizes formigou, mas não doeu. Pelo menos não muito. Estava melhor a cada dia e até mesmo o pior de seus ferimentos estavam se curando.

Peel apareceu na porta aberta.

— O senhor vai querer se barbear antes do jantar, meu senhor?

Simon ergueu os olhos de seu antebraço áspero e vermelho. Jantar?

Olhou para o líquido perfumado e dourado em sua outra mão, de repente se lembrando da moça alta e magra que encontrou, espreitando do lado de fora do escritório de Wyndham. Quem diabos era? Parecia familiar, no entanto, não conseguia se lembrar de alguma vez conhecer uma mulher tão alta. Seus grandes olhos cinza pairaram em sua mente, surpresa e indignação. Sorriu com a memória. *Bem, isso é o que ganha por ouvir atrás das portas, mocinha.*

Tomou outro gole e percebeu que Peel ainda estava esperando sua resposta.

— Jantar? — Tinha comido em seu quarto com mais frequência ultimamente, contudo, não podia deixar de admitir que estava um pouco curioso sobre a mulher que acabara de conhecer. Talvez fosse jantar com a família?

Bem, o que mais podia fazer? Bufou e então bebeu o conteúdo do copo.

— Sim, quero fazer a barba antes do jantar, Peel.



Capítulo Cinco

SIMON FAIRCHILD só apareceu para jantar no meio do segundo prato.

Estava vestido de maneira muito mais formal do que antes, mas também muito menos sóbrio. Mesmo antes dele abrir a boca, Honey sabia que havia bebido. Pode *sentir* o cheiro quando se sentou ao lado dela, seu perfil danificado voltado para ela.

— Perdoe-me o atraso. — Disse, a ninguém em particular e sem qualquer convicção. Seus olhos vidrados fulminaram sobre Honoria, o duque, seu primo e a duquesa viúva, antes de pousar em sua sobrinha. Seu sorriso sarcástico mudou para um sorriso que pareceu mais genuíno.

— Bem, olhe só, Becks, está mais bonita do que uma princesa. Qual é a ocasião?

Lady Rebecca era, sem dúvida, a filha do duque. Herdou sua cor de cabelo, um tanto indefinida, seus traços elegantes e regulares não eram, de forma alguma, extraordinários. Estava longe de ser robusta para sua idade e parecia ter menos de dezesseis anos.

— Vou a uma assembleia — Lady Rebecca sorriu e corou, em um tom rosado, que tornava seus traços normais mais bonitos; Honey soube que *essa* era a expressão que queria capturar em seu retrato.

Lorde Saybrook fez uma pausa, no ato de levantar a taça de vinho, que o lacaio acabara de encher.

— Ah, uma assembleia. Um pouco de prática, antes de enfrentar a temporada?

— Lady Partridge diz que não há mal nenhum em tal entretenimento, embora ainda não tenhamos debutado. Sarah e Lilian irão comigo.

O marquês tomou um gole de vinho, que esvaziou metade da taça.

— Bem, atrevo-me a dizer que todos os jovens farão fila para dançar com a senhorita. Suponho que deveríamos esperar juras de amor e apaixonados tocando flautas e violinos e recitando poesias ruins embaixo de sua janela de agora até quando?

Apenas seu primo Raymond riu.

— *Simon*. — A duquesa o repreendeu, sua expressão era indulgente, enquanto castigava seu filho mais novo.

Lorde Simon deu, a sua mãe, um sorriso tolerante e a tensão que o acompanhou até a sala se dissipou um pouco.

A duquesa viúva compartilhava sua cor de olhos, cinza pálido, e cabelo, castanho dourado, com seu filho mais velho e sua neta. Honey se perguntou se o pai de Simon era a fonte dos olhos incomuns de hortênsia e do cabelo dourado. Simon parecia mais com seu primo Raymond do que com o resto de sua família.

— Simon, — chamou o duque, aproveitando a pausa na conversa e fixando Honey com seu olhar frio — esta é a Srta. Honoria Keyes, veio para pintar Cecily e Rebecca. Senhorita Keyes, este é meu irmão, o Marquês de Saybrook.

Simon parou, no ato de carregar seu prato com comida, e virou seu corpo em direção a Honey, como se seu pescoço fosse incapaz de fazer o

trabalho. Sua sobrancelha dourada se arqueou, a que ficava na metade com cicatrizes de seu rosto, erguendo-se apenas pela metade.

Na sala de jantar bem iluminada, Honoria podia ver que as ranhuras e feridas já eram ruins por si mesmas, suas bordas enrugadas puxavam a pele saudável, distorcendo sua imagem, como um espelho velho e cheio de marcas. Uma longa cicatriz vermelha corria perigosamente perto dos cílios inferiores de seu olho esquerdo. Teve a sorte de seu olho ter sido poupado, embora duvidasse que Simon se sentisse assim.

Se encararam e Honey percebeu que o reconhecimento mudava gradualmente seus traços.

— Então é *essa* quem a senhorita é? — Seus dentes brancos brilharam em seu rosto bronzeado e cheio de cicatrizes. — Honey. — deu uma risada encantada.

O duque pigarreou e Simon olhou feio para a expressão de desaprovação de seu irmão, o pouco de humor que sentiu rapidamente se esvaindo de seu rosto.

— Porque, diabos, está me olhando com cara feia assim, Wyndham, esse é o nome dela.

Todos os olhos se voltaram para Honey.

Honoria podia controlar sua expressão, infelizmente, não a sua pele. Seu rosto aqueceu e o sorriso malicioso de Simon Fairchild cresceu, junto com sua cor flamejante. Deu-lhe um olhar de desdém frio, e isso só o fez sorrir mais.

— Pequena Honey Keyes, toda crescida. — disse, rindo.

— Simon — a viúva murmurou.

— Se conhecem? — Raymond perguntou, parecendo intrigado.

Simon apenas riu e bebeu o resto de seu vinho. Honoria nunca tinha visto um homem beber tanto e tão rápido. Até os amigos selvagens de seu pai se comportavam com mais decoro. Ao menos perto dela.

Quando parecia que Simon não responderia à pergunta do Sr. Fairchild, Honey disse:

— Sim, nos conhecemos quando papai pintou um retrato dele.

— Ah, interessante — disse Fairchild, embora ninguém mais parecesse particularmente interessado.

— A Srta. Keyes acabou de pintar a viscondessa Heath — o duque parecia calmo como sempre, apesar de Honoria identificar um aperto em sua boca, que não estava lá, antes da chegada de seu irmão.

— É mesmo? — Simon perguntou, parando com o garfo a meio caminho da boca. Deu uma gargalhada que soava mal. — Heath, hein? Lembro-me bastante *dela* — lançou ao duque um olhar de pura travessura. — Por que, diabos, Heath iria querer que *sua* imagem fosse eternizada? Não é ela que...

O garfo da viúva bateu em seu prato e o duque falou por sobre o barulho.

— Está pensando em sua esposa *anterior*, Simon — seu tom era tão agudo e frágil, como um pedaço de obsidiana. — Recentemente, Lorde Heath casou-se de novo.

O marquês grunhiu.

— Ah, expulsou a velha esposa e arranjou uma jovem, bonita e fértil, não foi? Dando-lhe ideias, Wyndham? — O olhar que deu a seu irmão era desagradavelmente sugestivo.

A duquesa arfou e o gelo girou ao redor do duque; o deixando ainda maior.

— Lembre-se de onde está, Simon.

Lady Rebecca parecia confusa e o olhar ávido de Raymond cintilou entre os irmãos, como se estivesse assistindo a uma partida de *badminton*.

Simon deu uma risada feia.

— Como se pudesse esquecer. Sabe como se livrar de mim, Wyndham. Posso ir embora quando quiser, irmão — enfiou a comida na boca, parecendo satisfeito com o olhar furioso do duque.

O resto da mesa estava preparado e esperando por qualquer joia que Simon pudesse entregar a seguir, mas demorou antes de apaziguar a curiosidade das pessoas, mastigando e engolindo várias garfadas antes de tomar outro gole bárbaro de vinho, e, acenando para o lacaio encher sua taça, antes de virar seu olhar azul flamejante para Honoria.

— Seu pai fez um bom trabalho no meu retrato — ergueu a mão cheia de cicatrizes em um gesto vago, que envolveu seu rosto e sua pessoa. — Mas as coisas mudaram, como a senhorita pode ver. Talvez a senhorita possa fazer algumas mudanças no trabalho de seu pai? Ou talvez a senhorita mesma gostaria de me pintar? Sim, é uma ideia melhor; poderíamos pendurar os dois quadros juntos, uma espécie de antes e depois? — Seu tom era provocador e seus olhos brilhavam de raiva ou intoxicação, ou as duas coisas. Simon se virou para que Honey pudesse ver apenas o lado esquerdo danificado. — Diria que eu seria um modelo cativante.

Antes que Honoria pudesse abrir a boca, ou mesmo pensar em algo para dizer, o duque falou.

— É uma excelente ideia, Simon. Por que não pensei nisso antes? Um presente de casamento — seu tom era benigno com uma provocação espreitando por trás dele.

Simon iria se casar?

O pensamento foi como um chute no peito. Felizmente, o momento estava muito tenso para afundar no desespero. Não, poderia fazer isso mais tarde, talvez.

Honey não foi a única a achar que as palavras do duque eram zombeteiras. A boca do marquês se contraiu em uma carranca feia e suas finas narinas dilataram-se, como um cavalo de guerra farejando batalha e sangue.

— Ouso dizer que a Srta. Keyes tem uma agenda cheia — a viúva interveio, antes que seus filhos adultos pudessem começar a brigar na mesa de jantar. A senhora de idade lançou um olhar suplicante para Honoria.

Honey queria lembrar ao homem mal-humorado, sarcástico e *odioso* que já *havia* pintado um retrato dele - não que já o tivesse visto - porém ainda estava irritada, humilhada e abalada por Simon não ter se lembrado dela.

Estava tendo dificuldade em entender isso, além da notícia de seu casamento iminente.

Todas aquelas horas que passaram juntos não significaram nada para Simon. Era uma idiota em proporções míticas; todos esses anos, venerou esse bêbado, parvo e selvagem.

Argg. Era muito humilhante para suportar.

Honey baniu sua raiva, por enquanto, voltando sua atenção para a duquesa, que parecia mais do que um pouco miserável. Como deve ser ver

seus dois filhos adultos brigando como crianças malcomportadas?

Honey sentiu pena pela viúva e forjou-a em frio desdém, antes de se virar para o homem a seu lado, com um sorriso de arrependimento insincero.

— Agradeço sua graciosa oferta, Lorde Saybrook. Atrevo-me a dizer que o senhor certamente é um cavalheiro fascinante, porém, minha agenda está cheia.

Em vez de se sentir insultado, deu uma gargalhada abrupta.

— Está é? E o que é tão importante, que a senhorita não consegue reagendar?

Honoraria, na verdade, não tinha outras encomendas, mas, certamente, não diria isso a *ele*. Pegou o primeiro nome em que conseguiu pensar.

— Estou comprometida para pintar um retrato do Spaniel favorito de Lorde Albanley.

Todos pararam de comer e a mesa ficou silenciosa como uma tumba.

E então o marquês jogou a cabeça para trás e rugiu.

— Bem, — disse assim que parou de rir — acredito que a senhorita me pôs no meu lugar. — e então voltou sua atenção para seu prato, como se tivesse terminado com o discurso educado.

— Como a senhorita decidiu se tornar uma pintora, Srta. Keyes? — A voz de Lady Rebecca era suave e hesitante, seus olhos cintilando para o pai, enquanto falava, como se procurasse aprovação. Os olhos do duque se suavizaram e Honey ficou surpresa com o lampejo de amor que viu em seu rosto. No final das contas, não era um aristocrata sem emoções, amava alguma coisa, *alguém*, e muito. Amava também a mãe da garota?

Descartou o pensamento, já que não era da sua conta, e sorriu para Lady Rebecca.

— Quando eu era pequena, papai me dava tintas para me manter ocupada enquanto trabalhava. Depois de alguns anos, percebeu que eu não só tinha aptidão, como também interesse pela pintura, então começou a me treinar de verdade.

A cabeça de Simon girou e a fixou com seu olhar ardente.

— Que sorte a sua, Srta. Keyes, que se importou com o que a interessava.

Honey ficou surpresa com a raiva que Simon não escondeu em suas palavras. Olhou para o duque, que observava seu irmão com uma quietude que lhe lembrava de um predador perseguindo sua presa. O que estava acontecendo entre os dois?

Mais uma vez, a viúva veio em seu socorro.

— Seu avô era o Barão Yancey, não era?

Não foi fácil desviar o olhar de Simon, que ainda a encarava.

— Sim — disse Honey. — Minha mãe era a filha mais nova do barão. Morreu antes de eu nascer, então nunca o conheci.

— Seu avô era um conhecido próximo do meu falecido marido.

— Agora isso é um endosso. — Murmurou o marquês, tão baixo que Honey pensou ter sido a única que ouviu.

A duquesa acenou para o seu prato quase intocado e um laçao o pegou.

— A família de Lorde Yancey era bastante numerosa, se bem me lembro.

— Eram dez crianças, senhora.

— Ah, não sabia que era tão grande assim.

— Teria sido ainda maior, porém sete não sobreviveram — Honoria nunca conheceu sua avó, e só podia imaginar que devia estar exausta de tanta dor, tanto o esforço físico do parto quanto a dor emocional de perder tantos filhos.

Os olhos da viúva cintilaram para seu filho mais velho, como se, de repente, tivesse percebido o assunto que inadvertidamente introduziu.

Entretanto, o duque não parecia ter ouvido, seu olhar ainda estava fixo em seu irmão mais novo.

Simon estava consumindo metodicamente o conteúdo de seu prato e não parecia interessado no assunto da mortalidade infantil ou em famílias numerosas.

Na verdade, não disse mais uma palavra durante a refeição.

Só quando as mulheres se levantaram para sair, o marquês voltou a abrir a boca.

Simon se levantou e foi até sua sobrinha e deu-lhe um beijo na bochecha.

— Tenha uma boa noite, Becks — passou por Raymond, ignorando totalmente seu primo, e então parou ao lado de seu irmão, o sorriso escorregando de seu rosto de gelo como um iceberg se partindo. — Vou deixá-lo para tomar seu vinho, Wyndham. Estou indo para a cidade — beijou a mão de sua mãe e fez uma reverência zombeteira para Honey, antes de sair.

A duquesa se voltou para Honey, assim que a porta se fechou atrás de seu filho.

— A senhorita deve estar cansada de sua viagem, Srta. Keyes. Gostaria de se retirar?

— Obrigada, Sua Graça. De fato, estou um pouco cansada. — Honey não disse à mulher que o tenso jantar fora muito mais cansativo do que a longa viagem.



Capítulo Seis

NA MANHÃ seguinte, uma criada entregou uma mensagem concisa a Honey, junto com sua água quente.

Era da duquesa; sua excelência veria a Srta. Keyes às três horas.

E quanto a Lady Rebecca?

Honey fez suas abluções e se vestiu; procuraria Lady Rebecca depois do café da manhã e perguntaria quando poderiam ter uma sessão.

Assim que estava pronta para enfrentar o dia, chamou um lacaio para que a levasse até a sala do café da manhã, onde encontrou o duque acabando seu desjejum.

O duque se levantou quando Honey entrou na sala arejada, que tinha portas francesas abertas, para permitir a entrada de ar fresco da manhã quente e ensolarada.

— Senhorita Keyes, como foi sua primeira noite em Whitcomb? — O duque perguntou depois que Honoria se serviu da variedade *de réchauds*.

— Adormeci antes mesmo da minha cabeça bater no travesseiro — acenou com a cabeça para o lacaio que lhe ofereceu café.

— Fico feliz em ouvir isso. — O duque pegou mais café, embora seu prato estivesse quase vazio. — A senhorita cavalga, Srta. Keyes?

— Sim, embora já faça algum tempo.

— Tenho certeza de que a senhorita encontrará algo nos estábulos que se adapte ao seu nível de conforto. Fique à vontade para usar o cabriolé, apesar de que as partes mais bonitas da área não são acessíveis de carroça ou carruagem. — fechou o jornal que estava aberto ao lado de seu prato. — Sei que a senhorita fará a pintura em Londres, mas instruí Philips, meu administrador, a lhe mostrar vários ambientes, que acredito terem exposição adequada; se quiser, pode usá-los para qualquer coisa.

— Obrigada, Sua Graça, estou ansiosa para vê-los. — Honey não pôde deixar de ficar maravilhada com o quão diferente era do irmão. Não apenas na aparência como também na atuação diferente. Supôs que sua posição tinha uma certa dose de dignidade e firmeza desnecessárias em um irmão mais novo. Na verdade, lembrava-lhe bastante de si mesma, pelo menos quando se tratava de apresentar uma aparência imperturbável para o mundo.

À luz do dia, percebeu que o duque parecia mais velho e muito mais desenhado do que na noite anterior. O que quer que o estivesse afligindo, parecia estar cobrando seu preço. Seu cabelo castanho estava generosamente salpicado de cinza nas têmporas e havia sulcos profundos em torno de sua boca. As linhas que irradiavam de seus olhos não pareciam linhas de sorriso. Na verdade, mal podia imaginar um homem tão frio e remoto sorrindo.

Então, se lembrou do olhar amoroso que deu à filha no jantar, na noite anterior, e decidiu que devia ter profundezas escondidas.

O duque olhou para cima, encontrando seu escrutínio.

— Entendo que a senhorita verá minha esposa esta tarde.

— Sim, a encontrarei às três horas. Estava me perguntando onde poderia encontrar Lady Rebecca, talvez possamos ter uma sessão esta manhã?

— Minha filha foi a uma função com a avó, hoje, mas estará pronta para a senhorita amanhã. depois do desjejum.

Então, isso significava que Honey teria a primeira parte do dia para si.

O duque ficou de pé.

— Estarei com meu oficial de justiça na maior parte do dia, entretanto, se precisar de mim, pode chamar um criado.

— Obrigada, Sua Graça.

O duque se levantou para sair, assim que a porta se abriu.

O Sr. Fairchild entrou na sala com um sorriso no rosto e o olhar em Honey. Abriu a boca, como se fosse dizer algo, porém saltou um pouco, ao notar o duque parado ao lado da porta.

— Sua Graça — parecia perplexo — como o senhor está se sentindo essa manhã?

A boca de Plimpton se comprimiu em uma linha, como se a pergunta o desagradasse.

— Estou bem, obrigado, Raymond. — fez uma pausa, dando a seu primo um olhar tão penetrante, que fez o rosto do outro homem ficar vermelho. — Ainda vai para Lindthorpe hoje?

— Er, sim, senhor. Receio que já estou atrasado.

O duque apenas ficou olhando.

— Estarei a caminho dentro de uma hora. — acrescentou Fairchild, quando ficou claro que o outro homem estava esperando.

O duque assentiu. — Muito bem.

Assim que o duque foi embora, Raymond Fairchild voltou-se para Honey, sua expressão era uma mistura de mortificação e o que mais?

Irritação? Raiva?

— A senhorita dormiu bem em sua primeira noite em Whitcomb? — perguntou, caminhando até o aparador.

— Sim, obrigada, Sr. Fairchild.

O homem riu.

— Ora, ora, nada disso. Por favor, me chame de Raymond — se virou e deu a Honey um sorriso que aprofundou sua semelhança com Simon.

Bem, o que mais Honey poderia dizer senão:

— Por favor, me chame de Honoria.

— Que nome lindo. Do que foi que Simon a chamou ontem à noite? — perguntou, sentando-se a sua frente.

— Honey era como papai me chamava. Provavelmente foi daí que Lorde Saybrook ouviu. — disse.

— Ah, então é um nome de família, para seus íntimos, — fez um som de cacarejo com a língua. — A senhorita vai ter que perdoar Simon — disse, e então começou a demolir metodicamente o conteúdo de seu prato.

— O que quer dizer com isso? — Honey perguntou.

Raymond mastigou sem pressa, antes de tomar um gole de café.

— Oh, só que Simon tende a ser um pouco, er, rude às vezes. Receio que sua animosidade em relação ao duque esteja piorando. Às vezes eu temo que Simon possa... — fez uma pausa e uma careta. — Sinto muito, não deveria estar falando tão francamente.

Honey também achava que não. Todavia, não significava que não queria saber o que Fairchild deixou de dizer. Acreditava que Simon poderia

fazer mal a seu irmão? Certamente se comportou odiosamente o suficiente com o duque no dia anterior.

Comeram em silêncio por um momento, sua consciência dizendo-lhe para deixar o assunto de lado, sua curiosidade a estimulando a falar.

A curiosidade venceu.

— Na verdade, ouvi o tom de um, er, desacordo, ontem. — disse.

As sobrancelhas de Raymond se ergueram e assentiu; suas bochechas estavam cheias, dando-lhe uma semelhança passageira com um esquilo. Engoliu a comida e limpou a boca com um guardanapo.

— Receio que seja uma ocorrência diária. — admitiu. — Como a duquesa não pode mais ter filhos, o duque está, compreensivelmente, ansioso para que Simon se case e tenha um filho. Simon, por outro lado, não tem intenção de se casar para agradar ao irmão.

Honey ficou envergonhada com a onda de alegria que sentiu com essa informação.

A porta se abriu e um laçao entrou, sua presença interrompendo quaisquer comentários mais esclarecedores. Honey não pôde deixar de pensar que Raymond parecia um pouco aliviado também, como se já tivesse falado mais do que deveria.

Terminou sua refeição rapidamente, obviamente ansioso para cumprir sua missão. — Vejo a senhorita no jantar. — disse, saindo.

Assim que ficou sozinha, Honey permitiu que seus pensamentos voltassem para Simon Fairchild, o objeto que ocupara sua mente a manhã inteira.

Seu comportamento, as duas vezes no dia anterior, tinha sido terrível. Não era nada parecido com o homem que conheceu. Era como um barril de

pólvora, rolando perto demais das chamas. Perguntou-se se o duque, um homem que parecia esculpido em gelo, entendia o quão carne viva e nervoso estava seu irmão.

Também se perguntou a que horas o marquês descera para o café da manhã.

Tire Simon Fairchild da cabeça e aproveite esta inesperada tarde de liberdade, ordenou a voz fria da razão em sua cabeça.

Suspirou e espalhou geleia em uma fatia de torrada, tomou um gole do delicioso café preto e, em seguida, mastigou, enquanto olhava para a linda paisagem, do outro lado das portas francesas, sua mente ainda no homem que ocupara muito espaço em sua cabeça nos últimos quatorze anos.

Bem, dificilmente o hábito de uma vida inteira seria mudado da noite para o dia, não é mesmo? No entanto, Simon, certamente, fez um excelente trabalho, demolindo o santuário que adorara todos aqueles anos. Caberia à própria Honey completar sua destruição.



Depois do desjejum, Honey mudou para seu traje de cavalgar marinho, pegou sua bolsa e se dirigiu até os estábulos.

Não havia ninguém à vista quando passou pela grande arcada que dava para o pátio. Ouviu vozes masculinas e o som de cascos de cavalos de uma lacuna nos três edifícios, seguiu o barulho, até uma grande arena fechada, os sons vinham do outro lado, de meia dúzia de homens que estavam encostados ou sentados na cerca que circulava a arena.

Observavam, enquanto um homem, usando botas de cano alto, camisa com as mangas enroladas e calças, guiava um magnífico cavalo.

O homem estava de costas para Honey, mas teria reconhecido os ombros largos de Simon Fairchild e o cabelo dourado - não importava que tivesse cortado baixo - em qualquer lugar.

O cavalo que estava treinando era impressionante, um garanhão, preto como a noite, cujo corpo era tão poderoso que teria se parecido com um cavalo de tração se não fosse o pescoço orgulhoso e arqueado e a cabeça de ossos refinados. Honey nunca tinha visto um animal com traseiros e dianteiros tão musculosos que se moviam com tanta fluidez. Podia ver, pelas narinas dilatadas e trêmulas do cavalo e pela tensão de ferro em sua enorme estrutura, que ainda não estava totalmente dominado.

A fina camisa de musselina de Simon grudou em seu corpo musculoso, enquanto trabalhava o animal. Honoria nunca tinha visto o treinamento de um cavalo antes e achou sua paciência com o garanhão impressionante e em desacordo com seu comportamento para com os humanos.

Relembrou o sonho de Simon de anos atrás: viver no campo e criar cavalos. O que aconteceu com aquele sonho? Por que foi para a guerra e depois permaneceu nas forças armadas por todo esse tempo? Como herdeiro de um ducado, era incomum que tivesse lutado.

Honoria sentiu um movimento ao lado dela e teve que olhar uns bons quinze centímetros para baixo, e encontrar um homem magro e grisalho tocando seu chapéu e sorrindo.

— Com o perdão, *sinhorita*. Sou Wilkins, o mestre do estábulo do duque. Acredito que *sinhorita* está *procurando* um cavalo e se *perguntando* se veio no lugar errado. - Sua voz se elevou, quando chegou ao fim de sua frase e funcionou como o estalar de um chicote sobre os homens que vadiavam.

Também chamou a atenção de Simon, que fez o cavalo espumado parar graciosamente.

— Bom menino — disse, estendendo a mão enluvada para acariciar o pescoço preto e lustroso. O cavalo enrijeceu ao seu toque, porém não se afastou. Simon coçou a crina do garanhão, até que a besta o empurrasse como um cachorro, pedindo mais. Riu e falou baixinho nas orelhas do animal.

Honey não conseguia desviar os olhos da visão dos dois grandes e magníficos animais.

— O cavalo é lindo, mas parece bastante selvagem — disse a Wilkins, que ainda estava ao seu lado.

— Sim, Mestre Simon está o treinando devagar. Os cavalos *gosta* dele. É gentil e não usa muito o chicote e consegue *os* resultado rápido.

O marquês chamou um dos rapazes do estábulo, que saltou por cima da cerca, aproximando-se cautelosamente do garanhão. Simon disse algumas palavras ao menino, que conduziu o cavalo em direção aos estábulos.

Assim que o cavalo e o menino se foram, olhou para Honey, a expressão, em seu rosto devastado, indecifrável.

— Boa tarde, Srta. Keyes, — cumprimentou-a, caminhando em sua direção, com seu andar estranho e ligeiramente irregular — a senhorita veio inspecionar os estábulos?

Honey franziu a testa com seu tom de provocação, como se tivesse ultrapassado algum limite por ir até lá.

— A inspeção não é uma das minhas funções, meu senhor. Seu irmão me deu permissão para pegar um cavalo emprestado, sempre que quisesse.

Simon sorriu com sua resposta áspera, o lado liso e intacto de seu rosto puxando para cima enquanto a outra metade apenas se contraía.

Mesmo com cicatrizes e mancando, Simon exalava uma masculinidade potente que a inquietava, e foi uma luta permanecer fria, sob seu olhar azul severo.

— É um lindo cavalo, meu senhor. Não reconheço a raça.

Simon começou a tirar as luvas pretas surradas, dedo por dedo, sem tirar os olhos dela.

— Loki é um cruzamento entre um frisão e um andaluz.

— Um trapaceiro então. — disse estupidamente, lutando para dizer algo mais, buscando alguma maneira de prender sua atenção, assim como havia feito naqueles aqueles anos atrás.

Seu sorriso cresceu, como se pudesse lê-la tão facilmente quanto um de seus cavalos.

— Sele Baco e Saturno para nós, Wilkins. — pediu, sem olhar para o mestre de estábulo.

Wilkins baixou a cabeça.

— Sim, meu senhor. — disse, e se virou, deixando-a sozinha com Simon.

Honey não ousou olhar diretamente para a gola aberta de sua camisa, embora cada partícula de seu ser a incitasse a dar outra - mais vagarosa - olhada para o V do peito musculoso e linhas brilhantes de suor de seu pescoço bronzeado e...

Controle-se! A voz foi como um chicote e a tirou de seu estado hipnotizado. Engoliu em seco, forçando-se a encontrar seus olhos, que

brilharam com emoções desconfortáveis.

— O senhor vai dar um passeio, milorde? — Odiou como sua voz tremeu, mas odiava o silêncio impregnante ainda mais.

— Eu vou — bateu na palma da mão com as luvas, flexionando os músculos viscosos e poderosos de seus antebraços expostos. — Com a senhorita.

Honey piscou e balançou a cabeça, antes que pudesse se conter.

— Por que não? — perguntou, parecendo mais divertido do que irritado com a rejeição imediata dela. Enfiou as luvas na cintura de suas calças, enrolou as mangas e, em seguida, tirou o colete de um poste próximo e o vestiu, sem se preocupar em abotoá-lo.

— Não irei cavalgar — Honey mentiu, levantando sua bolsa como prova. — Vou fazer um esboço.

Simon, habilmente, saltou por cima da cerca, aterrissando, com um baque suave, na frente dela, tão perto, que podia sentir o cheiro de cavalo, couro e sua pele suada e aquecida pelo sol. Deu um passo para trás.

Simon deu um passo em sua direção.

— Vou ajudá-la a carregar suas coisas.

Honey levantou a bolsa novamente como um talismã para afastá-lo.

— Isso é tudo que tenho, não preciso de nenhuma ajuda.

— Vou ajudá-la a encontrar o melhor lugar — disse dando outro passo.

Honey franziu a testa e deu mais um passo para trás, o *último* que daria, repreendeu-se. Ergueu o queixo e o encarou. Que novidade; não havia muitos homens maiores que os seus um metro e oitenta. Os olhos de Simon estavam uns bons nove centímetros acima dos dela.

— O melhor lugar para quê? — perguntou com a voz ofegante e irritante.

— Para o que quer que queira fazer — deu um passo e - maldição - ela também! Seu ombro bateu em algo duro e inflexível, o batente da porta, lembrando-a de como Simon a encurralou, da mesma forma, no dia anterior.

Uma raiva impotente acendeu em seu peito quando Simon diminuiu o pequeno espaço entre eles e Honey não fez nada para detê-lo.

Suas pálpebras baixaram e seu sorriso desapareceu. — Não tem como fugir, *Honey* — sua respiração era quente em sua têmpora.

Honorina balançou a cabeça e a pena azul-marinho de seu chapéu roçou na testa dele.

— Não estava fugindo — disse, com a voz embargada. Tentou não deixar seus olhos se desviarem de seu ardente olhar azul, tentou não olhar para a ruína que estava seu rosto, porém seus olhos continuavam deslizando para a esquerda.

Simon riu baixinho e virou seu rosto para o lado cicatrizado em sua direção. — É difícil não olhar, não é?

Honey olhou sem parar.

Simon se virou para mostrá-la o lado bonito do rosto.

— Tanta beleza e horror no mesmo pacote — seus dentes brancos brilharam em seu rosto e sua mão disparou. Por um momento, pensou que fosse tocá-la, porém Simon levantou a mão e pegou uma tira branca - sua gravata - do poste acima de sua cabeça. Colocou-a no pescoço e se virou, desaparecendo nos estábulos.



Simon não tinha ideia do porquê a estava provocando. *Tédio?* Talvez.

Raymond havia se juntado a ele no St. George na noite anterior, pela primeira vez, em duas semanas. Seu primo havia passado cerca de quarenta e cinco minutos repreendendo-o, em voz alta, por discutir com Wyndham; fazendo uma espécie de cena para si mesmo, na minúscula sala pública, até que Simon, finalmente, lhe disse para sumir se não tivesse mais nada para falar.

Assim que Raymond foi embora - bufando - Lily sentou seu traseiro delicioso em seu colo e lhe fez companhia durante vários copos. Lily queria que subisse para o quarto, porém Simon se desculpou e voltou para casa, um pouco pior do que antes.

A Srta. Honey Keyes estivera na sua cabeça por boa parte da noite e novamente quando acordou de madrugada, duro e excitado, não restou outra coisa a não ser se aliviar.

Depois disso, saiu com Loki. Esperava que sua cavalgada vigorosa aliviasse a inquietação de seu sistema, no entanto, aqui estava, ainda mais inquieto quanto um gato com dois rabos.

Simon olhou para os ombros da Srta. Keyes, enquanto cavalgava pela estrada estreita à sua frente. Estava rígida na sela, seu corpo lhe dizendo que não gostava de andar a cavalo, ou pelo menos, não gostava de cavalgar na frente dele. Ou talvez, simplesmente, não gostasse *dele*.

O lado direito de sua boca arqueou com esse pensamento. Bem, não precisava gostar dele; não era nada mais do que uma distração e foi apenas seu azar ter entrado nos estábulos quando ainda estava lá. Estava irritado e

com raiva. Queria fazer algo precipitado, mas estava - seriamente - entediado demais consigo mesmo e com sua situação tediosa, para se incomodar em inventar qualquer coisa, apenas para enfurecer seu irmão.

E então *ela* apareceu e o encarou com aqueles olhos cinzentos frios, que podiam ser de chumbo em um momento e gelo derretendo no outro. Eram olhos extraordinários, em um rosto normal. Bem, exceto por sua boca, gostava disso também. Era grande demais para seu pequeno rosto e colocava as ideias erradas na cabeça de um cavalheiro. Bom, na cabeça de um cavalheiro não muito bom.

O seu lábio superior era grande e fino, mas bem torneado, e o inferior era macio e carnudo além de convidativo, isso tudo o afetava.

E sua altura? Estimou que tivesse cerca de um metro e oitenta e uma ossatura improvável e delicada, como porcelana fina.

Lembrava-se dela agora. Os pedaços que faltavam voltaram lentamente ao longo da noite - não memórias inteiras, apenas pequenos pedaços - algumas grudavam e outras não conseguiam se formar completamente. Começou a dar corpo à imagem - ou melhor, retrato - até que teve uma lembrança clara o suficiente. As sessões, durante aquele estranho e quente verão em Londres, suas conversas com a jovem séria, madura e solitária, todas essas memórias empalideceram, depois que seu sobrinho morreu.

O duque, que não era frio antes da morte do filho, perdeu todos os vestígios remanescentes do irmão, que Simon conheceu e adorava quando menino. Por fora, parecia o mesmo Wyndham, calmo e inabalável, dedicado ao seu dever. Entretanto, a perda de seu filho - Edward de quatro meses - foi o golpe mortal para a humanidade de Wyndham.

Simon tinha visto isso acontecer por anos, a cada morte de seus três filhos, um pouco mais de vida vazava de seus olhos. No início, Wyndham

parecia assombrado, depois atormentado e - por fim - simplesmente sem vida. Quatro filhos e apenas Rebecca sobreviveu, e mal era robusta.

Foi insuportável testemunhar; Simon só podia imaginar como a experiência devia ser horrível.

Ficou muito feliz quando ouviu o médico aconselhar o duque e a duquesa contra outra gravidez. Mesmo que a decisão tivesse condenado Simon como único herdeiro, não suportaria ver o que outra morte poderia fazer a seu irmão.

Quanto à duquesa? Bem, era difícil dizer o que sua cunhada sentia ou quem amava, se é que amava alguém. Simon nunca tinha visto Cecily Fairchild mostrar um pinga de afeto por sua única filha ou marido.

Wyndham queria Cecily - Simon ainda conseguia se lembrar de como seu irmão, normalmente calmo, ficara furioso com a beleza gelada - e agora estava preso a ela.

Simon bufou. Cuidado com o que deseja.

Apesar de todos os ares de morte de Cecily, Simon suspeitava que sua cunhada sobreviveria a todos os outros membros da família. A mulher era completamente fria, o que Wyndham só descobriu tarde demais. Ou, talvez, seu irmão tivesse aceitado sua indiferença, mas acreditasse que seu amor a mudaria? Se essa tivesse sido sua esperança, Wyndham teria calculado mal, de maneira espetacular.

Simon sentiu pena de Rebecca por ter uma mãe assim. Seu próprio pai tinha sido um degenerado frio e desumano, mas ao menos sua mãe o amava e a Wyndham também. Ainda os amava, apesar de Simon ter se comportado como um idiota, na última década e meia.

Percebeu que estava cerrando os maxilares com tanta força, que seus dentes doíam e se forçou a relaxar. Por que estava pensando sobre o passado? Era uma história antiga, parecia algo de cinco vidas atrás. Deve ser a mulher na frente dele, que estava trazendo tudo de volta.

Simon estudou a postura rígida de Honoria Keyes e, de repente, ficou feliz por não ter que olhar em seu claro olhar cinza. Algo na maneira como o olhou, deixava-o... ansioso?

Bem, pelo menos essa era parte da razão de sua ansiedade.

A outra parte era a exigência inabalável de seu irmão, de que Simon se casasse, o que estava começando a deixá-lo ensandecido.

Simon olhou através de uma névoa vermelha de frustração e percebeu o quão longe tinham ido.

— Vire à direita na bifurcação, Srta. Keyes.

— Aonde o senhor está me levando? — perguntou sem se virar.

— É uma surpresa.

Honey endureceu ainda mais, o que não pensou ser possível, mas permaneceu quieta.

Simon sorriu; era uma coisinha controlada; sempre fora, agora que estava começando a se lembrar.

Sua memória, como o resto dele, não terminou a guerra ileso e era necessária uma grande quantidade de energia mental para desenterrar o passado. Às vezes, se sentia como se estivesse cavando em busca de um tesouro enterrado, embora isso fosse presentear o que geralmente descobria com muito valor. Na maioria das vezes, as memórias que encontrava estavam fragmentadas e pálidas e muitas vezes não valiam o esforço.

Não sabia por que suas memórias se escondiam, e, na maioria das vezes, não se importava, porém, gostaria de se lembrar daquele verão em particular, o verão de 1803, com mais detalhes.

Fora uma criança sortuda, sua vida se espalhava diante dele, como um suntuoso bufê, preparado exclusivamente para ele.

Simon fez uma careta. O que importava o que lembrava? O passado estava morto há muito tempo.

A estrada bifurcou e a trilha ficou mais íngreme.

Honoria Keyes se retorceu ligeiramente na sela e olhou para ele.

— Meu senhor, para onde estamos indo?

— Eu disse, é uma surpresa.

— É muito longe? Tenho um encontro com a duquesa às três horas e não quero me atrasar.

Isso fez Simon rir.

— O senhor pode achar que é divertido, milorde, no entanto, acontece que essa é a razão de eu estar aqui — Honey se torceu um pouco mais, quando Simon não respondeu.

— Vire-se e observe a trilha, Srta. Keyes — aconselhou.

Ela bufou, mas obedeceu.

— Não estou rindo da senhorita, estou rindo porque a senhorita não precisa se preocupar em perder uma reunião com minha cunhada. Cecily está lá, em seus aposentos, o dia inteiro, todos os dias, como uma aranha em sua teia. Duvido que se lembre do dia ou da hora dessa reunião, se a senhorita aparecer à meia-noite, não importará. É provável que não a receba se não for do seu interesse. O duque é quem deseja este retrato, não Cecily.

— Isso pode ser verdade, meu senhor, mas é importante para mim.

— Eu a trarei de volta, bem antes das três horas.

Honey não tinha nada a dizer sobre isso.

Cavalgaram, em silêncio, por mais cinco minutos, até que o caminho estreito se abriu em uma pequena clareira gramada.

— Pare aqui mesmo, Srta. Keyes.

Simon desceu de Baco e se aproximou de Saturno e sua cavaleira. A Srta. Keyes olhava boquiaberta para a paisagem à sua frente.

— É magnífico — disse, em um tom de admiração.

— Eu disse que era o melhor lugar.

Observou-o, os olhos ainda arregalados de admiração.

Simon estendeu a mão e a pegou pela cintura. Era esguia, mas podia sentir as curvas nos lugares certos. Simon a abaixou no chão, sem tocar nenhuma outra parte de seu corpo e Honey desviou o olhar, seu rosto corado e a veia em sua têmpora pulsando. Isso era de excitação ou nojo? Sabia que não era mais bonito e não podia mais assumir que as mulheres apreciariam sua atenção ou toque.

Observou-a se afastar, a brisa fazendo a pena em seu chapéu dançar. Simon se virou para desamarrar a bolsa da sela e trazê-la para Honey.

— Obrigada — disse, distraidamente, pegando a bolsa, sem o olhar, sua atenção na paisagem diante deles.

Simon sabia que deveria ter se sentido insultado com a repentina dispensa dela, no entanto estava se divertindo. Afinal, como um estranho amargo e cheio de cicatrizes poderia competir com a vista espetacular da colina conhecida como The Wrekin?

Seguiu seu olhar e olhou na planície abaixo; era como olhar do topo do mundo, embora estivessem apenas na metade do caminho até a colina.

Não era possível ver Whitcomb ou Everley dali, mas havia a propriedade de Charles Frampton. Apenas Frampton e sua esposa moravam lá, agora. Bella se casou e se foi, criou sua própria família. Bella, uma mulher que amava tanto, que quis morrer quando soube do seu casamento com outro, pelo menos era o que conseguia se lembrar daquela época, e tudo graças ao seu maldito irmão Wyndham. Recordava da interferência de seu irmão naquela parte de sua vida muito bem.

Simon deu as costas para a paisagem e suas memórias amargas.

— Vou dar uma volta — disse, jogando as palavras por cima do ombro e sem se preocupar em olhar para trás.



Capítulo Sete

HONORIA DEIXOU escapar um suspiro de alívio, ao ver as costas largas e a cabeça dourada de Simon desaparecerem entre as árvores frondosas, que cercavam a pequena clareira. A tensão foi lentamente drenada de seus ombros e costas.

Estar próxima a ele era como estar muito perto de um inferno em fúria. Pior, na verdade. Um incêndio não zombaria da sua presença, discutiria contigo e te seguiria.

Também não a hipnotizaria.

Por que estava parada ali agora? Deveria ter se imposto. Em vez disso, deixou-se levar, como uma folha flutuando ao vento forte.

Honey balançou a cabeça e abaixou-se, trêmula, sobre uma das pedras tombadas, como se uma criança gigante e furiosa tivesse espalhado um punhado de pedrinhas no chão.

Era assim que Simon Fairchild era: uma criança zangada. Mas no corpo de um homem formado.

Honey puxou seu caderno de desenho, com as mãos trêmulas. O que havia de errado consigo? Isso era tudo o que precisava para abalar a sua famosa frieza e calma? Um homem bravo com cicatrizes? Deveria estar aliviada por Simon ter se tornado uma fera tão odiosa. Pelo menos não acalentava mais aquela memória adoradora dele, que desaparecia um pouquinho mais a cada momento que passavam juntos.

Abriu o caderno, passando por desenhos de Serena, Oliver, Freddie e Miles em seu jardim. Sobre a primeira página em branco que encontrou, começou a preencher com esboços. Não esboços da paisagem magnífica, mas esboços *dele*.

Repetidamente o desenhou. Com cicatrizes em um lado, cicatrizes em ambos os lados, sem cicatrizes, Simon jovem, atrevido e ileso pela vida; Simon como uma fera escamosa com garras, uma longa cauda, um espinhoso babado de osso circundando sua cabeça como uma fera mítica. E assim por diante.

Gradualmente, suas mãos pararam de tremer.

Por mais de uma década, idolatrou e adorou um sonho. Não um homem, e sim um sonho, uma fantasia oportuna e infantil. Honey balançou a cabeça em descrença. As pessoas eram bobas assim? Ou apenas ela? Todas mulheres desenvolviam paixões duradouras, mesmo sem nenhum incentivo?

Era assim, porque fora criada por seu pai, sob nenhuma influência feminina em sua vida, além das estranhas, que apenas a toleravam, para se aproximarem de Daniel Keyes?

Honey teve um desejo repentino e ardente de falar com Freddie. Se conheciam há anos, mas jamais haviam falado sobre seu passado e suas experiências com os homens.

Só naquele momento, Honey percebeu como era estranha essa omissão. Freddie era sua amiga mais próxima, é claro que amava Serena, Miles, Portia e as outras, porém Freddie lhe era especial, embora nunca lhe tivesse contado sobre o pedaço em seu coração, onde Simon Fairchild ainda residia.

— O que a senhorita tem aí? — Uma voz profunda exigiu bem ao lado de sua orelha.

Honey soltou um grito e arremessou o caderno longe.

Uma mão disparou e agarrou-o, antes que caísse no chão.

Ela deu um pulo, levantando-se, e se virou.

— Devolva isso! — exigiu, tremendo furiosamente.

Mas ele não estava mais prestando-lhe atenção. Em vez disso, estava olhando para os desenhos, folheando as meias dúzias de páginas que preencheram com sua imagem.

— Esse caderno é minha propriedade. Devolva! Imediatamente! Agora! — Nunca em sua vida sentira tanta raiva.

Uma vozinha tentou ser ouvida em meio à fúria que a envolvia como um redemoinho: Por que está com tanta raiva? Deixe-o olhar, sempre compartilhou seus esboços com seus modelos.

Isso era verdade, Honey compartilhava. Entretanto, nada disso importava agora.

— Lorde Saybrook.

Simon olhou brevemente para cima.

— São incríveis — virou uma página, balançando a cabeça. — A senhorita é uma maldita gênio.

Honey se encolheu, com seu linguajar vulgar, e estendeu a mão, não se importando mais com o que acontecia com seus esboços, apenas não queria que tomasse mais um pedaço seu sem sua permissão. O som de papel rasgando preencheu o ar, silenciando os pássaros próximos.

— Maldição — gritou, dando-lhe, de repente, toda a atenção que Honey queria e muito mais. — O que diabos está fazendo? — Levantou as mãos, em um gesto apaziguador. — Já lhe entreguei. Pare com isso, a senhorita está destruindo tudo.

Estava furiosa demais para se importar e esfaqueou selvagememente o caderno inteiro, suas ações desajeitadas e severas fazendo com que pedaços de papel rasgado se soltassem da encadernação e espiralasse com a brisa.

Simon agarrou duas peças que tremeluziram rapidamente fora de seu alcance.

— Pare — demandou, com a voz quase angustiada. — A senhorita os *está* estragando.

Honorina marchou de volta até sua bolsa, sem se importar se Simon a seguiria. Contudo, se Simon se atrevesse a tocá-la ou a seus pertences, ela... ela iria... chutá-lo.

Abriu a bolsa e enfiou o caderno, todo amassado, as mãos tremendo tanto, que não conseguia fechar as fivelas.

Uma grande mão pousou suavemente sobre seu ombro e inexoravelmente a virou.

— Olhe para mim — ordenou. Ao virá-la, Simon segurou seu queixo entre os dedos calejados e inclinou seu rosto, até que Honey não pudesse evitar seu penetrante olhar azul.

Honorina sacudiu a cabeça de seu aperto perturbador, piscando em meio às lágrimas, o que só a deixou ainda mais enraivecida. Por que a deixava tão *emotiva*?

— Por que está tão brava? — perguntou.

— Porque o caderno é *meu* e o senhor não tinha o direito de tomar minhas posses, — forçou as palavras por entre os dentes.

— A senhoria está certa, não tinha o direito, sinto muito. Prometo que não vou tentar olhar novamente. Porém não precisava destruí-los.

— São meus para destruir.

Suas palavras surpreenderam uma risada dele.

— Sim, isso é verdade. Mas ainda assim...

Honey se desvencilhou de sua mão, que ainda estava apoiada em seu ombro, ficando ao lado da rocha que estava mais próxima da beira do penhasco, com a respiração ofegante e a visão estranhamente embaçada. O que havia de errado? Por que reagiu - exageradamente - de tal maneira? *Nunca* fora tão selvagem.

Uma mecha solta de seu cabelo enrolou-se e formou redemoinhos, com a leve brisa. Suspirou e ajeitou o chapéu, as mãos alisando e dobrando, como se tivessem olhos e mente próprios. Quando seu cabelo pareceu preso, espetou um alfinete no chapéu.

Seu manuseio áspero derrubou a pena que flutuou em direção à beira do penhasco. Lançou-se para agarrá-la, porém a pena dançou e rodopiou fora de seu alcance.

— Vou pegá-la para a senhorita — Simon saltou sobre a rocha na qual estava encostada.

— Não, não, o senhor não deve, é per...

Não deu atenção aos protestos dela, em vez disso, pisou na pequena saliência de pedra que pairava sobre nada, a não ser o ar.

A garganta de Honey se contraiu, quando Simon parou na beirada, onde a pena girava e girava, seu movimento acenando e o atraindo cada vez mais. As pontas de suas botas arranharam, enquanto deslizavam sobre a pedra. Seu corpo estava inclinado para a frente, seu braço estendido.

Honey congelou, incapaz de se mover, falar, respirar ou gritar.

Por um momento, eterno e nauseante, Simon se equilibrou na beirada, seu corpo pendurado no ar. E então lançou-se e Honey fechou os olhos com força.

— Peguei!

Seus olhos se abriram e o viu girando nos calcanhares para longe do precipício, um sorriso triunfante em seu rosto devastado, seus olhos azuis brilhando como faziam há muito tempo. Sorriu para a artista, seu sorriso lentamente se esvaindo de seu rosto.

— Qual é o problema? A senhorita parece ter visto um fantasma.

— O senhor... o senhor...

Simon assentiu encorajadoramente.

— Sim, eu. Eu o quê?

— O senhor quase *morreu*.

Suas sobrancelhas se levantaram, uma elegante e loira, a outra entrecruzada com cicatrizes vermelhas.

— Dificilmente, apenas me inclinei para pegar uma pena.

— O senhor se inclinou sobre um *penhasco* — Honey nem mesmo reconheceu sua própria voz, tão alta e estridente que soou.

Simon deu de ombros com desdém, fazendo suas mãos *doerem* para dar-lhe uns bons tabefes.

— A senhorita é um pouco dramática demais, Srta. Keyes. Suponho que tudo isso faça parte do temperamento artístico, dramaticidade e tudo mais.

— Não! — retrucou, a nitidez destacada, fazendo-o estremecer. — Não sou *nada* dramática. O senhor pode perguntar a qualquer pessoa que me conhece. Sou a pessoa mais calma que conheço. Sou séria, controlada, alguns até me chamaram de *fleumática*.

— A senhorita? — Seu olhar incrédulo voltou para onde tinha levado seu caderno de desenho e Honey se comportou como uma lunática.

As bochechas dela queimaram com a memória e Honey arrancou a pena de sua mão estendida e girou.

— Estou indo embora — agarrou sua bolsa, sem parar e marchou na direção dos cavalos, que estavam pastando.

Estava mexendo nas correias que prendiam sua bolsa à sela quando Simon parou ao lado dela e a tirou de suas mãos.

— Aqui, deixa que eu faço isso. A senhorita não está fazendo corretamente. Ademais, está esmagando sua bela pena. Gostaria que eu...

— Não — Honey se encolheu e enfiou a pena dentro da bolsa, antes de empurrá-la em suas mãos, batendo seu pé enquanto Simon a segurava.

Quando terminou, virou-se para Honey, seu rosto tão inexpressivo que era como a de um homem forçado a lidar com uma mulher irracional. Sentiu um grunhido crescendo profundamente em seu peito.

— Pronta?

Honey levantou um pé, preparando-se para colocá-lo nas mãos dele em concha. Em vez disso, as mãos dele deslizaram ao redor de sua cintura e a carregou. Sim, ergueu sessenta e nove quilos como se não fossem nada.

Não a jogou ou a deixou cair, como um saco de batata, depositou-a suavemente na sela, como alguém que coloca um objeto delicado em uma prateleira alta; foi sua demonstração de força física que a deixou sem fôlego.

Simon também segurou sua cintura por tempo demais, antes de soltá-la, o calor e a força de seus dedos queimando através das camadas de tecido e enviando mensagens mais perturbadoras para seu cérebro já dilacerado.

O Simon de quatorze anos atrás nunca a teria tocado tão casualmente ou intimamente. Este Simon não era o gentil e doce cavalheiro de seu passado. Honey questionou se seria mesmo um cavalheiro.

Em vez de conduzir o cavalo em direção a uma das rochas, para que pudesse subir nele, segurou as rédeas levemente, com uma das mãos junto com o pomo e, em seguida, atirou-se na sela, em um movimento gracioso.

Honey ainda estava olhando fixamente quando Simon a encarou, com as sobrancelhas arqueadas.

— O que foi?

— Nunca vi ninguém montar assim.

Simon encolheu os ombros descuidadamente.

— É incrível como se esquivar de balas pode ser motivador, para adquirir tais habilidades — gesticulou para que o precedesse e cavalgaram todo o caminho de volta a Whitcomb sem trocar uma única palavra.



Capítulo Oito

A DUQUESA não estava disponível, quando Honey se apresentou em seus aposentos precisamente às três horas.

— Sua Graça não está se sentindo bem hoje — disse-lhe uma criada baixinha e abertamente hostil, mantendo Honey de pé no corredor, enquanto passava-lhe o recado.

— Entendo — hesitou, indagando-se se perguntaria quando a duquesa *estaria* disponível.

— Sua Graça lhe enviará uma mensagem quando estiver pronta.

A mulher não esperou por uma resposta, antes de fechar a porta na cara dela.

— Senhorita Keyes?

Honey se virou e encontrou Lady Rebecca pairando na frente de outra porta, no longo corredor, vestida como se tivesse acabado de chegar.

— Boa tarde, Lady Rebecca.

— A senhorita terminou sua sessão com mamãe? — a garota perguntou, tirando um par de luvas de pelica amarelo-canário das mãos.

— Sua Graça não estava se sentindo bem hoje.

Lady Rebecca deu-lhe um olhar astuto que a fez parecer mais velha do que realmente era. Sem dúvida, a menina estava acostumada com os costumes da mãe.

— A senhorita tem um momento, para que possa falar-lhe rapidamente? — Honey perguntou.

Lady Rebecca se animou visivelmente.

— Tenho tempo agora, se a senhorita estiver livre?

— Seria perfeito.

— Venha até os meus aposentos.

A sala para o qual Lady Rebecca a levou era surpreendentemente calma e madura, para uma garota em idade escolar.

— Vou pedir para que tragam chá enquanto troco de roupa — disse à Honey, desamarrando o chapéu. — Não demorarei mais do que alguns minutos.

— Não tenha pressa, Lady Rebecca. — Honey assegurou-lhe.

O layout do apartamento era como o dela, com a adição de outra sala, que parecia ser uma espécie de sala de aula particular. Supôs que a menina, bastante frágil, fora educada em casa. Deve ser uma experiência solitária nesta casa errante.

Quando Lady Rebecca voltou, mostrou a Honey uma segunda sala de visita, muito menor, que ficava fora da sala de aula.

— Este é um dos meus lugares favoritos. — A garota disse, contrastando lindamente contra a seda rosa escura que cobria as paredes.

— É um aposento encantador. — Na verdade, com suas paredes forradas de tecido e piso com carpete grosso, parecia mais um casulo. — A senhorita se importa se eu fizer alguns esboços enquanto conversamos?

— Não, de forma alguma. — Os olhos de Rebecca caíram para o caderno de desenho, que Honey tirou de sua bolsa. — A senhorita vai me

permitir ver os esboços depois que terminá-los?

— Decerto que sim. E a senhorita vai permitir que eu dê uma olhada no seu guarda-roupa, para que possa ver no que deseja ser pintada?

As finas bochechas da garota coraram prazerosamente, e Honey achou que sua resposta foi docemente ingênua, como também um pouco triste, pois demonstrou sua solidão. Lady Rebecca lembrava, à Honey, uma órfã, embora seus pais estivessem vivos e morando sob o mesmo teto. Até agora, ninguém havia mencionado a duquesa, exceto o duque, em seu breve encontro. Era como se a mulher não ocupasse o mesmo mundo que o resto da família.

Isso não é da sua conta, está aqui para pintar Lady Rebecca, não para intrometer-se na vida dela.

Honey, silenciosamente, reconheceu a verdade daquela afirmação e voltou sua atenção novamente para a tarefa em mãos.

— A senhorita tem alguma ideia qual tipo de fundo pode gostar?

Os olhos de Lady Rebecca se arregalaram.

— Posso escolher?

— Decerto que sim. Afinal, é um retrato seu.

— Umm, deixe-me ver... — um sorriso secreto puxou seus lábios enquanto ponderava.

Honey começou a desenhar e teve quase um minuto para estudar a garota, antes que Rebecca voltasse a si.

— Oh — disse, seus olhos caindo para o caderno de desenho e imediatamente assumindo a postura rígida e vigilante de uma pessoa sendo observada.

— Pude ver que a senhorita estava pensando em algo — Honey cutucou, o lápis ainda se movendo. — Algo a fez sorrir, o que foi?

Os olhos de Lady Rebecca se ergueram e encontraram os dela.

— Estava pensando, se fosse apropriado, se a senhorita poderia me pintar com meu cavalo? — O rubor rosado da garota se aprofundou. — Sei que não pareço forte o suficiente para gostar de montar — disse, ecoando os pensamentos de Honey. — Porém as aparências enganam.

— A senhorita está certa, nunca é sábio julgar pelas aparências. E acredito que um retrato com seu cavalo seria encantador. Talvez, em nossa próxima reunião, possamos dar um passeio?

O resto da sessão passou rapidamente e Honey acumulou dezenas de esboços rápidos enquanto a garota relaxava.

O retrato de Lady Rebecca, pelo menos, seria fácil e prazeroso.



Simon não apareceu para jantar naquela noite.

Honey disse a si mesma que estava feliz por ter ficado longe, apesar de ser mentira. Sua ausência deixou a refeição muito mais tranquila, e também significava que a conversa estava um tanto morna. Pelo menos em sua opinião.

O duque parecia um pouco menos doente, mesmo estando preocupado e a viúva continuou lançando olhares nervosos para a cadeira vazia, o que deixou apenas o Sr. Fairchild, ou Raymond, como novamente insistiu que Honey o chamasse, Lady Rebecca e Honoria para conduzir a conversa.

Raymond assumiu a maior parte da conversa, falando sobre um gansaral que havia vagado pelos jardins de uma das propriedades próximas

do duque, um lugar chamado Lindthorpe, que havia visitado hoje.

Enquanto fazia todos rirem, descrevendo seus esforços, um tanto frenéticos, para evitar as aves agressivas, havia um tom de hostilidade sob suas palavras que dizia que a tarefa não tinha sido tão divertida na época.

— Os pedreiros chegaram? — perguntou o duque, sua voz suave fazendo com que os ombros de Raymond se enrijecessem.

Honey observou os dois homens, enquanto discutiam um ou outro conserto. Não pôde deixar de notar uma certa tensão entre os dois. Quanto mais os assistia interagir, mais pensava que a estranheza se originava em Raymond.

O duque era cortês e educado com o primo e não se comportava de maneira diferente do que com qualquer outra pessoa, exceto, talvez, Simon, com quem permitia transparecer alguma irritação.

Raymond, por outro lado, agia como se estivesse andando à beira de um precipício. Suas respostas a perguntas simples eram espasmódicas e defensivas.

Honey se perguntou se o duque era realmente um empregador tão exigente.

Ou talvez fosse apenas um constrangimento natural que surgia ao trabalhar para um parente? O duque algum dia dispensaria seu primo?

Rebecca perguntou a Honey sobre cavalgar amanhã e discutiam qual o traje deveria usar e para onde deveriam ir.

— A senhorita não precisa de uma boa iluminação para esse tipo de coisa? — A viúva perguntou, quando houve uma pausa na conversa

— Não para fazer esboços, esses posso fazer em qualquer lugar.

— A Srta. Keyes me mostrou alguns de seus esboços hoje. — Rebecca disse, visivelmente animada. — São muito bons. Em um deles, eu estava montando um cavalo, embora estivéssemos sentadas na Sala Rosa.

— Que maravilhoso! — Concordou a viúva. — Entendo que alguns pintores gostam de manter seu processo em segredo. Sei que o artista que me pintou não me deixou ver até que fosse revelado. É assim também, Srta. Keyes?

— Fico sempre feliz em compartilhar esboços. Na verdade, vou fazer uma série de poses diferentes e Lady Rebecca escolherá qual gosta mais — Honey sabia que a garota tinha seu coração voltado para uma imagem de cavaleira, entretanto poderia mudar de ideia, quando visse o desenho que fizera dela, em sua aconchegante sala de visita, sorrindo, com uma expressão travessa ao contemplar alguma pergunta que Honey fizera.

— Quantos desenhos a senhora normalmente faz? — perguntou o duque.

— Posso fazer dezenas deles, porém apenas farei esboços a óleo para o melhor.

— Um esboço a óleo? — perguntou, parecendo genuinamente interessado.

— São pinturas rápidas, como esboços coloridos — Lady Rebecca olhou para Honey em busca de confirmação.

— Essa é uma excelente descrição. Farei várias dessas ao longo das próximas sessões.

— Mas a senhorita Keyes vai pintar meu retrato real em Londres, papai.

O duque assentiu.

— Entendo.

— Alguns pintores fazem o retrato durante as sessões. — Lady Rebecca o informou, claramente satisfeita por seu pai ter entrado na conversa e desejando manter seu interesse. Sua carência fez o coração de Honey doer.

— Foi assim que o meu foi feito. — disse.

O retrato do duque por Thomas Lawrence era uma obra-prima. Estava pendurado na galeria, ao lado da pintura de Simon, feito por seu pai.

Honey tinha visto Lawrence muitas vezes, enquanto crescia e admirava o tipo, embora taciturno, do gênio.

— Eu diria que o senhor teve seis ou sete sessões para o seu retrato, Sua Graça? — Honey perguntou.

— Era em torno desse número. Lawrence começou meu retrato em maio de 1798, mas assuntos urgentes o afastaram. Só retornamos nossa sessão no final daquele ano.

Lawrence visitou seu pai muitas vezes durante esse período. Honey era muito jovem, então, não sabia a causa, um tanto escandalosa, de seu luto; a morte de Maria Siddons e seus casos amorosos com as duas filhas da famosa atriz Sarah Siddons, até anos depois.

Isso dificilmente era um assunto para a mesa de jantar, então Honey direcionou a conversa para outra direção.

— Com papai era o mesmo, precisava de sessões para trabalhar ou não aceitaria nenhuma encomenda. Isso significava que muitos clientes procuravam outros pintores, que poderiam pintar seus retratos quando quisessem. Mesmo assim, nunca lhe faltaram clientes.

— Acho interessante que a senhorita não use o mesmo método, embora seu pai lhe tenha ensinado a pintar. A senhorita deve ter uma memória muito boa para pintar do jeito que faz. — disse Raymond.

— Tenho uma boa memória para rostos, entretanto, preciso de esboços para me lembrar dos detalhes menores.

— Quanto tempo demora depois que começa? — Lady Rebecca perguntou.

— Não posso dizer com certeza, pois cada cliente é diferente. Ao contrário dos meus esboços, no entanto, gosto de manter o processo final para mim mesma até terminar.

Rebecca fez uma pausa no ato de levar um bocado de ovos nevados à boca.

— E por que isso?

— Percebi que...

A porta da sala de jantar se abriu e o marquês apareceu na abertura. Mesmo do outro lado da sala, Honey podia ver que não estava desequilibrado como estivera na noite anterior.

— Perdoe-me o atraso — disse ao entrar com os olhos voltados para Honey.

Honoria estreitou os olhos para Simon e desejou - sem sucesso - não corar. Perdoá-lo pelo atraso? *Atraso*? Deveria haver uma nova palavra para descrever comparecer ao jantar na hora da sobremesa.

Sentou-se ao lado dela.

— Boa noite, Srta. Keyes. — murmurou.

Honey o ignorou.

— Por favor, peça a cozinheira que envie algo para Lorde Saybrook — a viúva disse ao lacaio, que apareceu atrás da cadeira de Simon.

— Passei na cozinha e falei com ela no meu caminho de volta dos estábulos. — Simon disse para sua mãe. — Mandará algo — levantou o copo que o lacaio encheu rapidamente, tomou um gole longo e depois se virou para o duque. — Estava com Baco e ouvi o som mais lamentável naquele bosque perto da propriedade de Craig. Era um de seus cães, estava preso em uma armadilha. O pobre coitado estava muito mal — olhou para o rosto interessado da sobrinha, franziu a testa e acrescentou: — Vamos apenas dizer que foi necessária uma ajuda.

— Entendo. — disse o duque, sua expressão perdendo a severidade ao ouvir a razão de Simon estar atrasado. — Foi gentil de sua parte dedicar seu tempo a ajudá-lo. — acrescentou o duque suavemente.

Simon deu de ombros e se virou para a sobrinha, claramente desinteressado em falar com o irmão. — E o que a senhorita fez hoje, Becks?

— Tive minha primeira sessão com a Srta. Keyes, tio. A senhorita estava nos contando sobre seu processo e como não mostra a pintura inacabada para ninguém, até que esteja concluída.

Simon deu a Honey um olhar sardônico, sua mandíbula se contraindo ligeiramente, como se estivesse reprimindo várias respostas bem escolhidas, antes de dizer: — Sinto muito ter interrompido uma conversa tão interessante. Diga-nos, Srta. Keyes, por que a senhorita não deseja compartilhar seus esboços ou...

— Não os esboços, tio. A srta. Keyes me mostrou os que fez de mim hoje.

— Mostrou, foi? — Simon sorriu para Honey e sabia que os dois estavam relembrando seu comportamento histérico no início do dia. — Que interessante. A senhorita não fez o mesmo com seus retratos. E por que isso?

Honey teria gostado de ignorá-lo, porém o resto de sua família estava esperando, com expressões interessadas.

— Existe uma espécie de... de discurso, por falta de uma palavra melhor, entre mim e meu trabalho em andamento — Honey pôde ver que a garota não tinha entendido. — Por exemplo, às vezes eu pinto algo e depois decido que simplesmente não se encaixa. Se não mostrei a ninguém, não sinto que me comprometi com o meu trabalho. — A julgar pela expressão em seus rostos, havia confundido todos eles.

A porta se abriu e três lacaios entraram, cada um carregando uma grande tampa e uma cúpula de prata. O marquês voltou-se para a comida, claramente mais interessado nela do que na resposta de Honey. Não podia culpá-lo; enrolou-se toda na explicação.

Surpreendentemente, foi Lady Rebecca quem veio em seu socorro.

— Acho que entendo. Se for só a senhorita, não precisará se preocupar com as expectativas das outras pessoas. Sinto o mesmo quando estou praticando uma peça musical. Prefiro trabalhar nela sozinha, antes de compartilhá-la com outras pessoas. — Suas bochechas coraram, como se percebesse que tivesse falado demais. — Prefiro que as coisas estejam perfeitas, antes de deixar os outros ouvirem. — murmurou.

— É exatamente assim que me sinto. — disse Honey. — Houve momentos em que poderia até mesmo cobrir uma tela inteira, se estivesse insatisfeita.

Lady Rebecca arregalou os olhos.

— Inteira?

— Já fiz isso no passado. Não gosto de fazê-lo, porém, se algo me parece estranho, não quero ficar com aquilo. Já tive sessões em que os clientes ficaram chateados com medidas tão drásticas, então é melhor esperar até o fim.

— Isso acontece com frequência? — perguntou o duque.

— Felizmente, não. Mas às vezes... — mordeu o lábio.

— Sim? — Cutucou.

— Oh, às vezes pode haver - por falta de uma palavra melhor - uma sequência dessas coisas. Papai teve uma sequência terrível, um ano. Tinha três comissões e acabou repintando cada uma delas do zero — Honey riu. — Não foi um ano feliz em nossa casa.

A diversão brilhou nos olhos do duque, a emoção inesperada tornando suas feições simples e austeramente bonitas.

— Ah, a natureza temperamental dos artistas. — Inclinou a cabeça. — No entanto, a senhorita parece pouco temperamental.

Simon ergueu os olhos de sua comida com as palavras de seu irmão, seu sorriso aparente mesmo enquanto mastigava.

Homem odioso.

— Lamento dizer que é verdade, geralmente tenho um comportamento calmo e medido.

As sobrancelhas do duque se arquearam.

— Perdão, mas por quê?

— Parece ser pouco artístico ser tão *pouco* temperamental.

O duque riu disso.

— Certamente tudo o que importa em um artista é a qualidade de sua arte?

— No final, isso é verdade. Ainda assim, ajuda ter um pouco de atmosfera. Veja Lorde Byron, por exemplo.

— Lorde Byron. — Lady Rebecca repetiu um tanto sem fôlego.

O duque apertou os lábios.

— Acredito que prefiro *não ver* Lorde Byron — disse olhando para sua filha. — Acredite em mim, minha querida, tal comportamento pode ser uma leitura divertida, porém suas atitudes não podem ser agradáveis para aqueles que fazem parte da vida dele — seus olhos passaram por sobre seu irmão mais novo, antes de se fixar em Honey, que não pôde deixar de concordar com a cabeça. Achava o comportamento de Byron repelente o suficiente para que não pudesse desfrutar de sua poesia reconhecidamente atraente.

— Pessoas temperamentais podem levar a uma existência desagradável. — O duque não olhou para Simon, mas seu significado era claro.

Seu irmão não lhe deu atenção.

Em vez disso, Simon estava olhando para Honey, seu olhar intenso e... especulativo. Foi um olhar que a deixou inquieta e um pouco ansiosa.

Por que a estava olhando daquela forma?



Capítulo Nove

SIMON ESTAVA tão suado quanto sua montaria quando junto com Loki trotaram para o pátio do estábulo.

Quando estava prestes a desmontar, seu primo saiu dos estábulos, junto com seu cavaleiro, Taft.

Os dois homens pareceram surpresos ao vê-lo.

— Seja mais cuidadoso da próxima vez. — Raymond repreendeu seu criado. — Isso é tudo então. Agora pode ir, homem.

Taft correu de volta para os estábulos, assim que Wilkins saiu, sem dúvida, tendo ouvido cascos nas pedras.

— Raymond. — Simon disse, acenando para seu primo e entregando as rédeas para Wilkins. — Tendo problemas com o homem?

Raymond fez uma careta.

— É um grosso como uma maldita tábua e precisa de limite para mantê-lo na linha.

Simon ergueu uma sobrancelha para as palavras duras de seu primo.

Raymond sempre foi muito abrupto e autoritário com os criados. Simon só podia presumir que era porque seu primo havia passado seus primeiros anos de vida sem nenhum e nunca tinha, realmente, aprendido que uma palavra gentil funcionava muito melhor do que palavras rudes ou exigentes.

Raymond baixou o olhar, como se soubesse o que Simon estava pensando, e se virou para Loki.

— Um animal adorável. — disse, dando um passo em direção a Loki como se fosse acariciá-lo, e então estremecendo quando o garanhão temperamental se afastou.

— É melhor manter distância. — Simon disse, tentando manter a irritação de sua voz e falhando. Seu primo era um cavaleiro tímido e isso o tornava um perigo, perto de um animal tenso como Loki. — Temo que ainda seja um pouco selvagem. — acrescentou, quando viu que suas palavras afiadas haviam escurecido o rosto, um tanto quanto queixudo, de Raymond.

Wilkins pegou as rédeas de Simon, lançando a Raymond um olhar de desprezo. O mestre do estábulo não tinha paciência com pessoas que não sabiam lidar com um cavalo e não hesitava em demonstrar isso.

Simon sentiu uma pontada de simpatia pelo primo, mas, na verdade, Raymond causara aquilo a si mesmo. Raymond tratava Wilkins da mesma maneira que tratava seu cavalição idiota, Taft.

— Loki se comportou, meu senhor? — Wilkins perguntou, esfregando o queixo do garanhão como se fosse um gatinho.

Simon coçou o pescoço poderoso e liso de Loki, satisfeito quando o animal procurou pelo seu toque, ao invés de recuar.

— Não muito.

Wilkins deu uma risadinha.

— Aye, isso é certo, Mestre Simon. Ainda é *selvagi*, mas está *melhorano*. O *sinhô* fez um excelente *trabaio*.

— Sim, bem, temos mais trabalho pela frente. Dê a ele um pouco de aveia extra — Simon disse rispidamente enquanto se virava, seu rosto aquecendo com o elogio do outro homem. Não conseguia pensar em um homem que respeitasse mais do que Wilkins. Bem, exceto seu irmão. Não importava o quanto odiava Wyndham às vezes, mesmo assim o respeitava.

Wilkins era um dos melhores treinadores de cavalos da Grã-Bretanha. Era cavalariaço, quando o pai de Simon ainda estava vivo e era apenas alguns anos mais velho que Simon. Os dois já foram como carne e unha, atraídos um pelo outro, devido ao seu amor mútuo por cavalos. Sempre foi o plano de Simon roubar Wilkins da casa do duque quando fixou residência em Everley.

Bufou, passando o antebraço sobre a testa suada. *Esse* sonho ainda estava fora de alcance como sempre, graças a Wyndham.

— Vou liberar sua herança quando se casar, ou fizer trinta e cinco anos — seu irmão tinha dito com sua maneira fria e implacável da última vez que brigaram. Bem, a última vez que *Simon* brigou. Wyndham nunca brigava. Nunca levantava a voz, nem ficava com raiva. Nunca deixava uma emoção escapar de seu aperto, nem mesmo quando Edward morreu.

— Er, Simon?

Simon se virou ao som da voz de Raymond e encontrou o homem apenas alguns passos atrás dele. Nem mesmo percebeu que Raymond o havia seguido.

— Sim? — Perguntou, mais uma vez precisando controlar sua impaciência. Simon tentou não ser cruel com seu primo, porém, Raymond, com seu jeito tímido e bajulador, tornou isso difícil.

Vivia com a família do duque desde os cinco anos de idade, quando o pai de Simon o trouxera para Whitcomb. Embora Raymond nunca tivesse mencionado seu passado, Simon sabia que seu primo vivia na miséria, quando o velho duque soube da existência do único filho de seu irmão mais novo.

— Er, queria saber se gostaria de me acompanhar até Lindthorpe. Sua Graça quer uma avaliação dos estábulos de lá e achei que poderia me dar sua opinião. — Disse Raymond.

— Por Deus, Raymond, por que simplesmente não o chama de Wyndham? Já o ouvi lhe pedir diversas vezes.

Raymond encolheu os ombros, sua expressão estranhamente obstinada que sempre fazia Simon se sentir mal por brigar com o primo.

Soltou um suspiro e olhou para Simon, distraidamente alisando suas luvas de couro gastas enquanto considerava o convite.

Lindthorpe era uma propriedade de bom tamanho que Wyndham havia comprado recentemente. Ficava apenas a cerca de uma hora de distância de Whitcomb e Simon estava um pouco curioso sobre o lugar. Era antigo - construído durante o início do período Tudor - e pertencera à família do conde de Templeton por gerações. Simon sabia que o conde tinha entrado em apuros com investimentos ruins e precisava vender a antiga propriedade.

— Meu irmão pediu para me convidar, Raymond? —perguntou, sorrindo ironicamente para o homem mais baixo.

— Não. O duque deveria me acompanhar, mas não... — Raymond fez uma careta. — Não está se sentindo bem.

Simon franziu a testa.

— Por Deus, de novo? É o estômago novamente?

— Acredito que sim. Teria que falar com o médico, que chegara há um tempo.

Os pequenos pelos do pescoço de Simon se arrepiaram com a notícia.

— Bom Deus, é tão ruim assim? Provavelmente deveria ir até ele e...

— Agora não é um bom momento — disse Raymond. — Na verdade, Sua Graça me disse para pedir que passasse por aqui às três e meia.

Simon acenou com a cabeça.

— Muito bem.

— Não foi o duque que sugeriu que me acompanhasse, foi ideia minha. Gostaria que olhasse os estábulos e me aconselhasse sobre o que deve ser feito.

Quando Simon não respondeu imediatamente, Raymond acrescentou.

— Gostaria da sua companhia, Simon. Já tem alguns anos desde que passamos um tempo juntos. Bem, além de beber no The George.

Simon abriu a boca para dar uma desculpa, e então viu o mesmo anseio e admiração no rosto de Raymond que vira desde que seu primo tinha vindo morar com eles, um órfão solitário, um ano mais velho que Simon. Mesmo que Raymond fosse mais velho, sempre se comportou como um parente mais novo, seguindo Simon como um cachorrinho fascinado.

— Certo. Obrigado. — Acrescentou, sentindo-se um idiota com a emoção de Raymond com sua relutante cortesia.

— Sairei no primeiro raiar do sol.

— Eu estarei pronto.

Simon deixou Raymond com seus negócios e se dirigiu para a casa. Saiu de baixo do grande arco de pedra, bem a tempo de ver o brilho de uma

familiar capa azul-marinho desaparecer atrás da sebe de rosas.

Simon caminhou na direção dela. Por que não? Tinha duas horas antes de ver Wyndham.

A preocupação o apunhalou, enquanto pensava na inexplicável doença de seu irmão. Embora fosse verdade que Simon estava zangado com o comportamento do duque em relação a sua pessoa - ou seja, manter a herança de Simon retida para forçá-lo a se casar - amava muito seu irmão.

Simon estava cansado de brigar com Wyndham e tramar - um tanto infrutíferas, verdade seja dita - maneiras de escapar do controle dele.

Mais tarde hoje, quando fosse até o duque, falaria com Wyndham, ao invés de gritar. Costumavam ser os melhores amigos quando eram mais jovens. Era hora de parar com seu comportamento infantil.

Estimulado por esse pensamento, apressou sua perseguição à Srta. Keyes; poderia muito bem se divertir enquanto esperava.

Simon passou pelo jardim de nós, meticulosamente cuidado, e entrou no parque. A Srta. Keyes não estava muito à frente dele, indo na direção do labirinto. Simon diminuiu o ritmo; não daria certo se o visse.

O labirinto de Whitcomb era um exemplo superlativo desse tipo. Centenas de anos de idade e com uns bons dez metros de altura, era um quebra-cabeça complicado, pelo menos para quem não estava familiarizado com ele. Os caminhos se estreitaram ao longo dos séculos, à medida que as plantas, cuidadosamente podadas, cresciam e se expandiam. Curvas, ângulos pontudos, becos sem saída, padrões repetidos, diversões únicas, tudo isso e muito mais contribuiu para um enorme verde ondulado de confusão ou deleite, dependendo da perspectiva de cada um.

Havia duas entradas para o labirinto e Simon pegou a mesma que a Srta. Keyes pegara. Na primeira bifurcação, percebeu um pequeno pedaço de papel empalado em um galho à sua direita. Seu sorriso se transformou em um sorriso largo e o arrancou, colocando-o no bolso.

Seguiu a trilha de papel, removendo cada pedaço. Duas vezes, quando Honey encontrou becos sem saída e tentou caminhos alternativos, Simon teve que forçar em se esconder na sebe densa quando a pintora passou por ele, perto o suficiente para que pudesse estender a mão e tocá-la. Mas isso teria estragado toda a diversão.

Seguiu-a por cerca de, talvez, uns quinze minutos. E quando teve certeza de que Honey tinha seguido o caminho errado, mais uma vez, fez o seu caminho para o coração do labirinto, que não estava no centro, mas no canto noroeste, mais um truque jogado pelo designer do labirinto.

Uma fonte enorme, cercada por meia dúzia de bancos de pedra, ficava no meio do espaço, assustadoramente silencioso. Simon sentou-se e encarou a única entrada, preparando-se para uma longa espera.



Honoraria começou a se perguntar se o labirinto era mal-assombrado.

Mesmo quando o pensamento ridículo entrou em sua mente, se sentiu envergonhada. Era a pessoa menos fantasiosa que conhecia.

Mas sua mente pragmática e prática não conseguia explicar o misterioso desaparecimento de uma dúzia de pedaços de papel. Devia estar muito mais perdida do que acreditava, tão perdida, que seguiu por um caminho totalmente diferente. Parou em outro cruzamento, este seguindo em duas direções.

Embora o dia estivesse ameno, sua cabeça esquentou e seu vestido começou a grudar nas suas pernas.

Desamarrou a capa e jogou-a sobre o braço, que segurava sua bolsa, cada vez mais pesada. Desistiu de querer chegar ao centro do labirinto quinze minutos atrás. Agora só queria sair dele. Olhou para o céu, porém o sol estava morto acima dela, não dando nenhuma pista de onde havia entrado.

Quanto tempo ficaria ali, antes que alguém viesse procurá-la? *Alguém* viria procurá-la? Nesta casa, as pessoas pareciam ir e vir sem comentários ou avisos. Poderia ficar ali por horas... dias. Poderia *morrer* ali.

Um arrepio percorreu sua espinha, antes que pudesse detê-lo.

— Está agindo como uma tola, Honoria Keyes — sua voz soou abafada e distante, as paredes circundantes de vegetação engolindo o som. Inalou, até sentir que seus pulmões iriam explodir, segurou-o e então exalou.

Depois de repetir o exercício calmante mais duas vezes, virou à esquerda. Isso é o que faria: tomar apenas as esquerdas, até que não pudesse mais.

Enfiou os pedaços de papel restantes no bolso da capa e começou a andar.

Tomou seis esquerdas e estava começando a sentir uma leveza no peito, quando deu de cara com um beco sem saída.

Gemeu, e virou à direita.

Agora só viraria as direitas.

Parte de seu cérebro - uma parte que tentava desesperadamente ignorar - dizia que não havia razão nessa abordagem.

Honey deu três voltas à direita e parou. Bem no meio do caminho estreito estava um pedaço de papel. Um de *seus* pedaços de papel.

Honey o pegou e virou, e então de novo, como se aquilo pudesse lhe dizer algo. À sua maneira, disse: alguém estava pregando peças nela.

Honey o amassou e adicionou aos outros, no bolso da saia. Quando chegou à próxima curva, havia um pedaço de papel no meio do caminho esquerdo. Bufou e foi naquela direção.

Em cada cruzamento havia um pedaço de papel. Seguiu a trilha até que se abriu em uma clareira surpreendentemente grande com uma fonte gigante no centro.

E Simon Fairchild recostado em um banco, semicerrando os olhos contra o sol, uma folha de grama entre os lábios sorridentes.

— O senhor! — Foi tudo o que conseguiu dizer, mas provavelmente foi mais digno do que atirar a bolsa na cabeça dele.

Seu sorriso cresceu para um sorriso infantil e estendeu os braços, como se fosse presenteá-la com um prêmio. — Eu.

Honorina ficou paralisada no lugar. Foi a primeira vez que pareceu algo próximo a um humano, desde sua chegada.

Aquele pensamento a enfureceu. E daí que estava sorrindo?

Lembrou-se de como deveria estar: com o cabelo úmido e solto, bagunçado e em espiral, o rosto vermelho e suado. Tudo graças ao marquês.

Simon deu um tapinha no banco, ao lado dele.

— Sente-se e descanse um pouco.

— Ha! — Como se sentar tão perto dele fosse fazer qualquer coisa além de deixá-la mais vermelha e mais suada.

Honey o ignorou e caminhou - *não*, pulou - até o banco do lado oposto da magnífica fonte. Largou a bolsa no chão e olhou, maravilhada, para a peça central que jorrava água.

— Perseu e Andrômeda.

Olhou para Simon à distância.

— Está certo disso, Lorde Saybrook? E aqui pensei que poderia ser algum cavaleiro em um cavalo alado, resgatando uma dama acorrentada a uma rocha.

Simon riu quando parou ao lado da enorme fonte, apoiando o quadril contra a calha de mármore, onde Andrômeda estava amarrada a um pedaço de mármore.

— O que a senhorita achou do nosso labirinto? — perguntou, jogando a folha de grama que estava mastigando no gramado perfeitamente cuidado.

Honey estendeu sua capa sobre o banco de pedra e sentou-se, demorando-se antes de responder. Fez sua boca em uma linha afetada de desaprovação e então olhou para cima.

— *Teria* gostado muito mais, se alguém não tivesse roubado meus marcadores.

— Mas isso é trapaça, deixar um rastro de migalhas de pão.

— Trapaça? — Teve que erguer a mão para proteger os olhos do sol, antes de lhe lançar um olhar de desprezo. — Sinto muito, não sabia que havia regras sobre como explorar um labirinto — Sua voz tremeu quando Simon veio em sua direção, parando diretamente na frente dela, suas costas e ombros largos bloqueando o brilho de seus olhos, a abertura de suas calças de couro gastas a poucos centímetros de seu rosto.

— Pronto, — disse, olhando-a de seus mais de um metro e oitenta. — Melhor?

Honey baixou a mão.

— Há quanto tempo o senhor está esperando aqui?

O lado intacto de sua boca se curvou em um sorriso.

— Não muito antes da senhorita chegar, eu a segui até aqui.

— O senhor não tem coisas melhores para ocupar seu tempo do que me perseguir?

— Não.

Não era o que esperava que Simon dissesse e seu corpo exibiu uma mistura de reações: alegria, terror, curiosidade, ansiedade, desejo. Escolheu curiosidade.

— Por quê?

— Porque eu quis.

Bem. Não se podia realmente argumentar contra isso, não é?

Eles se encararam em silêncio, pelo que pareceu uma eternidade. O labirinto os mantinha em seu abraço silencioso, nada além do zumbido suave dos insetos e o chilrear muito distante de um ou dois pássaros.

— A senhorita fez um retrato meu — disse.

Na verdade, o homem era um especialista em desequilibrá-la. Não que estivesse se sentindo particularmente equilibrada, desde que o encontrou a esperando.

— Perdão?

— Enquanto seu pai pintava o retrato dele, *a senhorita* pintou o seu. Acabei de me lembrar disso.

— E o que tem isso? — Pronunciou as palavras com o máximo de descuido que conseguiu reunir. Como se não tivesse acumulado a imagem dele como outras pessoas acumulam ouro ou joias.

— Eu gostaria de ver.

Honorina ficou feliz por estar sentada.

— Bem, mas o senhor não pode.

Suas sobrancelhas se formaram em uma linha. — Por que não?

— Porque não o tenho mais.

Isso surpreendeu o desgraçado odioso e vaidoso.

— O que a senhorita fez com ele?

Honey se encolheu.

— Pinte sobre ele, ouse dizer. Não que eu me lembre.

— A senhorita pintou por cima? — Sua voz estava mais alta do que o normal e Honey teve que morder o lábio inferior para não sorrir.

— Sim, foi exatamente como disse no jantar ontem à noite.

— O que a senhorita disse no jantar?

Honey lhe deu um olhar de falsa surpresa.

— O *senhor* não estava presente no jantar?

Ignorou seu sarcasmo.

— É evidente que perdi algo importante.

— E por que isso não me espanta? — Bateu no queixo com o dedo indicador e revirou os olhos para o céu, como se procurasse na memória.

Suspirou fundo.

— Provavelmente porque não estava prestando atenção. Agora, me diga o que a senhorita disse.

— Que os artistas, frequentemente, pintam sobre quadros que não os agradam ou não estão certos de alguma forma. Afinal, por que descartar uma tela perfeitamente de boa qualidade?

— Ah, está certo. Lembro-me agora — Mastigou o interior da boca por um momento antes de dizer:

— Então, o que foi?

— Que foi o quê?

Ergueu seus olhos para o céu, em um eco zombeteiro de seu olhar recente.

— Não a *agradou* ou algo não estava *certo*?

Honoraria deu um aceno descuidado com uma das mãos.

— Isso foi há muito tempo, meu senhor. Quase não me lembro.

Simon deu uma risada baixa e perigosa, enquanto balançava lentamente a cabeça, de um lado para o outro.

— Oh, Srta. Keyes, como a senhorita é mentirosa.

Seu coração disparou como um cavalo esporeado.

— O que quer dizer com isso?

— Quero que a senhorita me pinte.

— O senhor já disse isso. No entanto, como disse, estou compromissada, depois de concluir esses dois retratos.

— Com o que, o cachorro de Alvanley? — Simon deu uma gargalhada.
— Isso é muito engraçado.

Honey não pôde evitar o sorriso que apareceu em seus lábios.

— Se a senhorita fizer sessões minhas enquanto estiver aqui, pode me pintar depois de terminar com Cecily e Rebecca. Seria muito econômico para a senhorita.

Honey bufou.

— O senhor não pode estar falando sério.

— Por que não?

— O senhor *já* tem um retrato — e era glorioso. Honey o tinha visto pendurado na mais nova das duas galerias, depois que saiu da sala de café da manhã. Seu pai fizera um trabalho inspirador, ao capturar Simon jovem. A beleza física e o gosto pela vida brilhavam em olhos que, certamente, eram da cor do céu. Não era a melhor obra-prima de seu pai - esse era o retrato da mãe de Honey - mas estava perto.

— Aquele retrato é de quem eu *era* — sorriu severamente. — Quando ainda era jovem, inocente e tolamente otimista. Desejo um retrato de quem *sou* agora.

— Está dizendo, então, que o senhor é velho, depravado e amargamente pessimista?

Simon riu.

— Exatamente.

Honey abriu a boca, depois voltou a fechá-la. E então abriu novamente.

— Entendo que sua aparência está diferente — disse, hesitante, corando sob seu olhar sarcástico. — Mas certamente o senhor é a mesma

pessoa, não é?

— A senhorita é a mesma pessoa que era naquela época, quando tinha quatorze... quinze?

— Eu tinha quinze anos — disse, ignorando o fato de Simon não se lembrar.

— A senhorita é igual ao seu eu de quinze anos?

Contra sua vontade, considerou a questão um pouco. Ela era? Quase riu alto. Por um lado, era: ainda estava apaixonada pelo homem à sua frente. Enrubesceu de vergonha e raiva.

Quando olhou para cima, foi para encontrá-lo observando-a, sua expressão intensa. Quanto tempo esperou que a olhasse dessa forma, como se quisesse consumi-la? Ou pelo menos consumir o que estava pensando, se não sua pessoa.

Honey encolheu os ombros.

— No essencial, sou a mesma. Na experiência, bem, é claro que isso é diferente. Sou mais velha, tenho mais experiência no mundo, eu...

— A senhorita tem pintado esse tempo todo? A senhorita foi para a escola?

Deveria ter ficado irritada com a interrupção dele, mas ficou lisonjeada demais com o seu interesse.

— Não fui para escola.

— Ah, sim, lembro-me que a senhorita tinha uma preceptora, um dragão que soprava fogo em mim.

— Era a Srta. Keeble.

— Nos acompanhava em nossos pequenos passeios.

Então, *ele* se lembrava.

— Então, a temível Srta. Keeble era sua preceptora?

— Por um tempo. — Honey hesitou, perguntando-se *quanto* de si compartilhar. — Mas foi embora, e depois a outra que a substituiu. Nossa casa era pouco convencional e a maioria delas não se importava com a programação que papai mantinha. Quando a terceira foi embora, tinha dezessete anos e dedicava mais tempo à minha pintura.

— Então a senhorita nunca saiu de casa?

Algo sobre sua pergunta a fez se arrepiar.

— Por vários anos, trabalhei em uma Academia para Jovens Senhoritas.

— A senhorita era professora? — Ergueu as sobrancelhas, a esquerda quase tão alta quanto a direita.

— O que foi, o senhor não acredita que sou qualificada para ensinar arte?

Bufou com ironia.

— Não seja tola, que maldito desperdício de talento.

Honey enrubescou com o linguajar dele, com a rejeição de sua vida como um desperdício, e com o elogio indireto.

— Para sua informação, milorde, *gostava* de ensinar. Isso me deu a chance de aprimorar meus métodos, apesar de não me deixar com tempo para receber encomendas.

O sol desapareceu atrás de uma nuvem branca e fofa e Simon se jogou ao lado dela, movendo-se com a graça fluida que se lembrava de todos aqueles anos atrás.

Seu corpo formigou do lado direito e Honey avançou para a esquerda.

Simon pegou a bolsa dela e a colocou no banco entre eles.

— Pronto, uma barreira para sua segurança, querida.

Honoraria enrubesceu com o carinho e seu tom de zombaria. É claro que não se sentia segura e muito menos era sua querida. Não se sentiria segura nem mesmo com uma parede de sessenta centímetros de espessura entre eles. Simon Fairchild era o homem mais perigoso que já conheceu. Não que acreditasse que a machucaria, pelo menos não fisicamente. Mas de todas as outras maneiras? Sim, absolutamente!

Simon era como uma trilha estreita sobre uma passagem de montanha traiçoeira ou uma noite sem lua: perigoso.

Honey engoliu em seco, pela enésima vez, o ruído, um gorgolejo audível, no fundo de sua garganta. Não pôde evitar; sua proximidade a deixava assustada, desnorteada e ansiosa.

Baixou as pálpebras e esperava exhibir tédio, ou sangue frio, ou uma daquelas emoções que apenas os franceses pareciam ter nomes.

— E quanto ao *senhor*, milorde? O senhor aponta o dedo para mim, mostrando as minhas deficiências, lembro que o senhor disse que iria se retirar para a sua casa no campo e criar cavalos — Honey fez uma pausa, desejando não dizer o que estava prestes a dizer. — E o senhor não estava comprometido? Bella, o nome da dama, ou alguma coisa assim? O senhor se perdeu no caminho para o altar e acabou no continente?

Uma nuvem se moveu sobre seus olhos, como se tivesse acabado de escurecer o sol, e um músculo pulsou sob a cicatriz de sua mandíbula danificada. Honey parecia que estava em Astley, tinha acabado de amarrar

uma costeleta de porco no pescoço e, em seguida, abriu a porta da gaiola do leão.

Abriu a boca, para retirar sua provocação, mas ele foi mais rápido.

— Que boa ouvinte é, Srta. Keyes, e que excelente memória para detalhes que a senhorita tem. — Ronronou, seu olhar queimando através dela e em seu passado.

Os segundos se passaram e Honey pensou que, talvez, tivesse tido sorte e esse fora o fim da conversa. Então seus olhos se aguçaram e se fixaram nela novamente, sua boca se curvou de maneira desagradável.

— E a senhorita, *Honey*? — Seu rosto se pressionou contra o dela, tão rapidamente quanto uma víbora. — Por que a senhorita não está casada com algum pirralho que acabara de sair das ceroulas? Ou a senhorita é uma mártir de sua arte, sem espaço para nada, além de sua *paixão* pela pintura?

Seus olhos estavam duros e sua boca séria. Por que era tão odioso? O que havia acontecido com aquele jovem deus lindo, gentil e atencioso, que adorava?

Tolamente, se inclinou mais perto, até que seus narizes quase se tocaram.

— Não dei permissão para que o senhor usasse meu nome, *milorde*.

Honey deve ter desejado o que aconteceu a seguir. Por que outro motivo teria chegado tão perto de um homem que tinha mais do que uma pequena semelhança com um vulcão fumegante?

Simon deslizou uma mão quente ao redor de seu pescoço, sua palma larga e dedos longos envolvendo sua garganta de uma forma que a fez se sentir frágil e pequena.

— Eu me pergunto que gosto a senhorita tem, Honey — e então abaixou a boca sobre a dela.

Um leve grunhido saiu de seu peito e Honey cedeu contra Simon, seu corpo tão insubstancial quanto uma teia de aranha na brisa.

Seus lábios eram... bem, não havia uma palavra para o calor e a textura de sua boca. Quem poderia imaginar que uma suavidade tão tentadora poderia coexistir com palavras tão brutais e duras?

Sua outra mão se juntou à primeira, dois dedos em cada mão deslizando sob sua mandíbula enquanto seus polegares inclinavam seu queixo, posicionando-a para seu prazer, enquanto seus lábios pressionavam contra os dela e abriam.

Sua língua, quente e lisa, tremulou ao longo de seu lábio inferior e disparou para dentro, fazendo-a ofegar de surpresa.

— Xiu, — murmurou, acariciando-a novamente, desta vez mais profundamente, e então novamente e novamente.

Seu corpo tremia com emoções reprimidas e confusas e suas mãos se apertaram ao lado do corpo, segurando o ar.

— Coloque suas mãos em mim, Honoria. — Sussurrou em seu ouvido, antes de dar beijos quentes e lambidas em sua garganta, aninhando-se sob seu queixo para chegar ao oco, na base de seu pescoço.

Honey fechou os olhos e estendeu a mão para Simon.



Capítulo Dez

A VOZ minúscula e estridente da razão, que Simon tinha ouvido pela última vez em algum momento no início da guerra, gritava para que parasse. A mulher era obviamente virgem, talvez até quando se tratava de beijos, o qual aceitava com adorável constrangimento, sem ainda beijá-lo de volta.

Simon não tinha a intenção de tocá-la, não até o momento em que Honey se inclinou em sua direção, pensamentos ruins - ou boas ideias, dependendo da perspectiva - ricochetearam dentro de sua cabeça.

Suas recentes atividades amorosas no The George abriram uma porta que estava fechada, desde aquele dia fatídico de junho. Inferno, por um bom tempo, antes de Waterloo.

Beijá-la era a última coisa que estava pensando. Disse a si mesmo que estava se comportando muito bem em comparação com o que, realmente, queria fazer com a jovem.

Porém, aquela outra voz na sua cabeça - sua consciência? - não foi convencida pela discussão e arengou com ele.

De alguma forma, aquela voz repreensiva encontrou força e volume para ser ouvida: Honey é inocente, não uma prostituta luxuriosa de bar, com a intenção de adicionar outro entalhe em suas garras ao dormir com o irmão irresponsável do senhor local.

Simon ficou temporariamente distraído pela observação, porém não conseguiu se conter e na verdade não queria, então encolheu os ombros para afastar a voz, facilmente desalojando seu anjo bom da sua posição.

Bom Deus, era mais doce do que qualquer coisa que provara em muito, muito tempo.

Mergulhou em sua boca, enquanto a segurava firme, seu corpo esguio, flexível, macio e quente em suas mãos, sua língua desajeitada, mas entusiasmada para retribuir suas atenções. Honoria era uma mulher alta, porém seus ossos pareciam tão finos quanto os de um pássaro.

Suas mãos estavam desajeitadas em seu torso, seus toques eram ansiosos o suficiente para deixá-lo quente e duro de desejo.

Tinha dedos elegantes, porém fortes, e Simon queria senti-los em sua pele nua.

Arrancou sua longa camisa de dentro das suas calças, pegou-a pelo pulso e enfiou a mão dela por debaixo da fina musselina. Por um momento, pensou que Honey fosse fugir, todavia, seus dedos deslizaram sobre a barriga dele, em direção ao peito. Solto um suspiro explosivo, ao sentir os dedos longos e frios dela em sua pele quente.

Seu membro estava duro e com espasmos, dentro de suas calças de couro confortáveis e o empurrou para o lado - como se isso fosse, de alguma forma, aliviar o desconforto de sua condição - antes de retomar suas próprias explorações.

Seu vestido era feito de algum tecido leve de verão e projetado para ser folgado. Podia sentir o espartilho dela por baixo de suas mãos, enquanto acariciava levemente sua cintura. Honey estremeceu e não o afastou. Na

verdade, a segunda mão dela juntou-se à primeira, por baixo da sua camisa e mudou de posição para melhor acessá-lo.

Simon estremeceu quando um toque, mais suave do que uma penugem, percorreu seu mamilo endurecido, antes de derivar para as cicatrizes que estavam em seu lado esquerdo. A pele desfigurada havia sofrido extensos danos nos nervos, e a pele fina como um tecido, permanecia estranhamente sensível.

Honorina fez um barulho entre ofegar e um suspiro; Simon se afastou, apenas o suficiente para ver seu rosto.

Seus olhos cinzas atordoados estavam pretos como carvão, as pupilas enormes. Enquanto o admirava, suas mãos alargaram sua amplitude de movimento, acariciando-o, dos mamilos até a cintura, as pontas de seus dedos deslizando sob o couro e roçando em sua barriga sensível, chegando tentadoramente perto da cabeça inchada de seu membro pulsante.

— Hm, isso é tão bom. — elogiou, inclinando-se para beijar seus lábios entreabertos, penetrando-a com um toque provocador de sua língua.

Olhou, paralisado, enquanto a luxúria inocente transformava suas feições, seu desejo cru fazendo sua ereção doer tanto que machucava.

Simon sabia que poderia fazê-la montá-lo, exatamente onde estavam sentados. Poderia erguê-la em seu colo e embainhar-se profundamente em seu calor virginal e apertado.

Sim, poderia tomá-la, mas não o faria.

Nem mesmo ele era tão desgraçado a ponto de deflorar uma dama em um banco de pedra gelado.

Simon tinha acabado de respirar irregularmente, para cumprir seu dever de cavalheiro - embora tivesse deixado de ser um anos atrás - quando

Honey, mais uma vez, encontrou seu mamilo direito e começou a circulá-lo com uma insistência erótica.

Um gemido baixo e animal escapou dele e sua mão moveu-se para o lado dela e sobre o espartilho até que segurou a curva suave de seu seio. Desprezava a si mesmo pelo que estava fazendo, apesar de não ser nenhuma novidade.

Com os polegares, baixou o corpete fino, que não conseguiu esconder seus mamilos endurecidos e as mãos dela congelaram sobre seu corpo, enquanto cada partícula dela se concentrava onde seus dedos a estavam tocando. Podia sentir as rápidas palpitações do coração dela sob a palma de sua mão e isso o lembrava de um beija-flor. Um colibri preso e impotente.

Cristo.

Honorina estava respirando tão forte e rápido que Simon achou que fosse perder a consciência.

Atraiu cada pinga de vontade que possuía e estava prestes a recuar, para soltá-la, quando as mãos dela se apertaram em seu torso, as unhas roçando seu mamilo.

Quase gritou com a sacudida de prazer que o rasgou. A coleira que mantinha segurando seu desejo estalou e reivindicou sua boca novamente, mais forte e mais profundo desta vez, ambos os polegares provocando e circulando seus pequenos mamilos protuberantes.

— Abra minhas calças. — Murmurou com a voz grossa e rouca, lambendo e chupando a pele quente e úmida de sua garganta, com força suficiente para marcá-la.

Honey enrijeceu como se alguém tivesse inserido uma haste em sua espinha e arrancou as mãos de seu corpo.

Simon fechou os olhos e exalou ruidosamente. Parte dele - a parte dura - queria uivar de frustração sexual. Entretanto, o resto dele se congratulou por evitar a ação desprezível e, em última análise, imprudente de deflorar uma virgem.

Simon roçou sua mandíbula delicada com as costas dos dedos.

— Foi a decisão certa, Srta. Keyes. Não tenho nada para lhe dar que valha a pena. — sussurrou, inclinando-se, para depositar um beijo leve na sua bochecha.

Simon se levantou e começou a enfiar a camisa nas suas calças. Seus olhos caíram para suas calças distendidas e a espessa e dura saliência, que era a única coisa que tinha para lhe dar.

Seus lábios estavam inchados e escorregadios pelo que foi - apostou - se não seu primeiro beijo, então, certamente, não muito longe disso. Seus movimentos bruscos e afiados enquanto se recompunha, lhe disseram que não estava apenas envergonhada, mas com raiva de Simon e de si mesma.

Mais tarde, quando estivesse sozinha com seus pensamentos, sabia que Honey iria começar a odiá-lo por expô-la a tal mortificação.

Simon sentiu uma pontada ao pensar que iria odiá-lo, contudo, estava tudo bem, pois não tinha nada para dar e tudo para receber.

Estendeu a mão.

— Venha — disse, mais bruscamente do que deveria — vou ajudá-la a sair do labirinto.

Simon não ficou surpreso quando Honey ignorou sua mão e se levantou sem sua ajuda, seus olhos como adagas feitas de gelo.

— Posso encontrar meu próprio caminho — agarrou sua bolsa, suas narinas delicadas dilatando-se com fúria reprimida, traços de cor rosa no

alto de suas bochechas.

Senhor, como era adorável quando estava com raiva.

Simon duvidou que apreciasse essa observação agora, então abaixou a mão.

— Como desejar, Srta. Keyes. Se a senhorita não sair em uma hora, enviarei ajuda.

Suas palavras não provocaram nem mesmo uma contração de sorriso.

— A única ajuda que quero, *milorde*, é que fique longe de mim enquanto estiver em Whitcomb — se virou, deu vários passos, parou e girou. — Na verdade, não chegue perto de mim nunca mais — e com várias passadas largas, desapareceu no labirinto.

Simon não podia discutir; a melhor coisa que Honey podia fazer com um homem como ele, era virar as costas e ir embora.



Capítulo Onze

APÓS O desastre no labirinto, Simon foi diretamente para os aposentos de Wyndham.

Seu irmão estava dispensando seu valete quando Simon entrou em seu quarto.

Simon franziu a testa ao ver a aparência abatida de Wyndham.

— O médico não estava aqui? Por que não está na cama? Está horrível.

— Sim, estava. Porque estou me sentindo melhor. E obrigado por suas amáveis palavras — Wyndham disse, um brilho de humor em seus olhos cinza-ardósia.

Simon bufou, enquanto seguia seu irmão para o escritório adjacente.

— Não estou falando de brincadeira, Wynd. O que, diabos, há de errado?

Wyndham sentou-se à pequena mesa e tirou uma folha de papel da gaveta.

— O médico disse que tenho uma doença crônica no estômago — disse, pegando uma pena do armário e começando a escrever.

— O que isso quer dizer? Simplesmente irá embora? Ou há algo que possa comer ou beber para fazê-lo melhorar? — Simon passou as mãos pelos cabelos, irritado com a atitude calma e indiferente de seu irmão. —

Isso é sério, Wynd? — Finalmente perguntou, seu rosto esquentando com o medo e o tom de histeria que ouviu em sua própria voz.

Wyndham o encarou e deu-lhe um sorriso leve e cansado.

— O Dr. Morton me garantiu que tudo desaparecerá por conta própria, com o tempo — disse, voltando-se para sua carta. — Não é uma ameaça à vida — acrescentou suavemente.

Ficou aliviado com as palavras do irmão.

— Graças a Deus por isso. Não tenho interesse em calçar suas botas em nenhum momento, e, *certamente*, não agora — caminhou até o conjunto de decantadores na mesa de vidro, ao lado da lareira. — Estes estão vazios. — disse, levantando uma garrafa e depois outra.

— Daley deve ter sido interrompido, antes que pudesse recarregá-los. Pegue uma nova garrafa do armário. — Wyndham disse, terminando a carta.

Simon pegou uma garrafa de conhaque.

— Quer um? — perguntou, derramando três dedos em um dos copos de cristal lapidado.

Wyndham hesitou e depois fez uma careta.

— Não, é melhor não. O médico recomenda uma dieta leve, que não inclui álcool. Ademais, me cutucou com tanto entusiasmo que eu, provavelmente, desmaiaria com apenas um gole. — Fechou a carta e então tirou seu anel de sinete.

— Ah, provavelmente sábio. — Simon concordou, levantando seu copo e bebendo o suficiente para os dois. — Então, — disse, observando enquanto seu irmão derretia cera e selava a carta que acabara de escrever — sobre o que quer falar comigo?

Wyndham tirou os óculos e os colocou de lado, antes de jogar a carta na bandeja, junto com várias outras.

— Darei uma festa em duas semanas.

Toda a boa vontade que Simon sentia em relação ao irmão começou a se dissipar.

— Diga-me que este não será o tipo de festa povoada por garotas de dezoito anos, Wyndham.

— Convidarei várias mulheres adequadas, junto com seus pais. — Wyndham continuou, como se Simon nunca tivesse falado.

— A menos que as esteja convidando para si mesmo, Wynd, não precisa se incomodar. — Simon bateu sua bebida inacabada na mesinha, levantou-se e caminhou em direção à porta, abrindo-a.

— Soube que foi cavalgar com a Srta. Keyes.

Simon girou nos calcanhares.

— E o que tem isso?

— Não brinque com ela, Simon.

— Não estou *brincando* com ela, Wyndham.

Oh, seu desgraçado mentiroso, repreendeu a consciência de Simon.

Simon fez uma careta, enfurecido, porque a maldita voz estava certa desta vez.

— Não se preocupe. — Retrucou, antes que seu irmão pudesse repreendê-lo por sua mentira descarada. — Partirei para Lindthorpe com Raymond pela manhã. Isso deve me impedir de devorar sua pintora, se é isso que o está preocupando.

— A srta. Keyes é uma funcionária da minha casa, Simon, cabe a mim protegê-la. Se está procurando uma mulher para que possa banhá-la com sua atenção, em breve terá várias candidatas para que possa escolher.

Simon sentiu como se uma corda estivesse se enrolando em seu pescoço; o homem nunca pararia?

— Sai fora, Wyndham. Apenas deixe-me em paz. Depois que terminar em Lindthorpe, não voltarei para Whitcomb. Já passou da hora de sair deste maldito lugar. Não aguento mais um dia de sua intromissão, sem recorrer à violência. — Simon abriu a porta com tanta força, que ricocheteou contra a parede, saiu pelo corredor, apenas para dar de cara com Raymond.

— Meu Deus, Raymond. Que diabo está fazendo, espreitando assim? — Retrucou, os olhos arregalados de seu primo perplexo apenas o enfurecendo mais. — Estarei pronto para sair às sete horas da manhã. Pode me pegar no The George, onde passarei a noite — acrescentou, alto o suficiente para que seu irmão ouvisse.



Depois que Honey mudou de roupa, se acalmou - tanto mentalmente quanto fisicamente - e fez uma refeição leve, foi encontrar sua segunda cliente.

Tinha acabado de chegar ao andar que levava à ala da família quando ouviu uma voz familiar gritando em algum lugar, à esquerda da escada.

— ... depois que terminar em Lindthorpe, não voltarei para Whitcomb. Já passou da hora de sair deste maldito lugar. Não aguento mais um dia de sua intromissão sem recorrer à violência. — Seguiu-se o som de uma porta batendo e, em seguida, algumas vozes distorcidas.

Honey virou à direita e correu pelo corredor que levava aos aposentos da duquesa, que felizmente ficava na direção oposta.

Hesitou em frente à porta, dando a seu coração um momento para desacelerar.

As palavras furiosas de Simon e a ameaça não tão velada se repetiram em sua cabeça.

Exatamente sobre o que era aquela discussão?

O que aconteceu com sua resolução de apenas meia hora atrás, em que jurou evitar pensar em Simon Fairchild ou nunca mais falar com o homem?

Honey cerrou os dentes; sim, isso era verdade. *Havia* planejado evitá-lo. Mas isso não significava que não pudesse estar curiosa. Não é?

Ah, Honey.

Honey tirou tudo da cabeça, menos o trabalho, e bateu na porta.

Estava prestes a bater de novo, quando a mesma velha amarga de antes abriu.

— Oh — disse a criada, olhando para Honey, como se tivesse vindo implorar a esmola da duquesa, em vez de pintar a mulher. — Não mais do que meia hora. — Avisou, antes de abrir a porta o suficiente, para permitir que deslizasse de lado para dentro do quarto.

Honey sorriu para seu rosto hostil.

— Claro. — Sua fácil aceitação causou à outra mulher um olhar de surpresa.

A criada conduziu Honey pelo apartamento, uma coleção bastante vasta de quartos, que ficava a uma certa distância do duque, se era de lá que vinha a voz de Simon.

A duquesa recebeu Honey em seu *boudoir*.

Cecily Fairchild era tão linda quanto seu nome.

Não se parecia em nada com a filha. Na verdade, era difícil acreditar que a mulher, pequena e delicada, tinha idade suficiente para ter uma filha adolescente. Era o oposto de Rebecca, não apenas em cor e beleza, mas também tinha um comportamento indiferente, quase frio. Também parecia tão frágil quanto o duque havia sugerido.

— Espero que desculpe o encontro em um ambiente tão íntimo. — disse, sentada em uma suntuosa *chaise longue*, estofada em veludo azul-gelo, que realçava sua aparência delicada de porcelana. Usava um penhoar espumoso cor de creme e chinelos combinando, seu cabelo cor de milho-seda artisticamente arrumado, como se ela tivesse acabado de se levantar da cama. O que, muito bem, pode ter acabado de fazer.

Seus aposentos eram decorados em tons de creme, azul e prata, e faziam Honey se sentir como se tivesse tropeçado em uma nuvem celestial; tudo o que faltava na cena eram querubins tocando harpas.

Honey se sentia ainda mais alta, desajeitada e esguia do que o normal, ciente de cada centímetro de seu corpo de quase um metro e oitenta.

Sua Graça era uma mulher minúscula, cujos olhos azuis límpidos e pele lisa eram tão jovens quanto os de sua filha. O único sinal de que estava doente, além de seu ar retraído, eram as duas manchas bastante febris de cor em suas bochechas.

— Desculpe-me por não ter podido recebê-la antes. Receio que não tenha sido um bom momento para mim.

— Não foi um problema, Sua Graça. Quando saí, encontrei sua filha e tivemos nossa primeira sessão.

A duquesa piscou, parecendo surpresa, ao saber que tinha uma filha. — Ah.

Houve um momento de silêncio constrangedor, enquanto Honey lutava para pensar em algo para dizer.

Felizmente, a criada apareceu com uma bandeja de chá, colocando-a sobre a mesa na frente de Honey.

— A senhorita pode servir, Srta. Keyes? — perguntou a duquesa. — Receio que minha energia por dia é limitada.

— Seria um prazer.

— Plimpton me disse que a senhorita deseja ter várias sessões onde... — franziu a testa. — Bem, não sei o que a senhora deseja fazer.

— Só queria conhecê-la um pouco e fazer esboços. Leite? Açúcar?

— Nenhum dos dois, obrigada.

Honey apontou para o prato de pastéis delicados, que a duquesa dispensou.

— Espero que não haja problema em ter as sessões aqui. — Sua graça olhou vagamente ao seu redor, como se visse seu próprio quarto pela primeira vez.

Honey estava colocando alguns pastéis no prato e ergueu os olhos.

— De forma alguma. Gostaria de fazer vários esboços da maneira como a senhora, eventualmente será colocada, que é outra coisa que devemos discutir. Este quarto seria um cenário muito adorável, a senhora o imagina como o fundo de seu retrato?

— Plimpton deseja um retrato de corpo inteiro, entretanto, não quero ficar de pé.

Honey mordiscou seu doce, enquanto examinava a sala suntuosa, a bela mulher e os móveis caros e elegantes. A duquesa estava adorável, envolta na *chaise longue* de veludo azul, com suas pernas douradas. E o quarto era, sem dúvida, seu ambiente natural, e talvez seu único. Não parecia que deixava seus aposentos, nem mesmo para jantar.

Um retrato horizontal de corpo inteiro seria bastante impressionante e incomum.

— Eu acredito que podemos chegar a algo que irá satisfazê-los, — Honey disse, sua mente já correndo com as possibilidades.

— Plimpton disse que a senhorita pintará Lady Rebecca. A senhorita vai querer nós duas aqui durante essas, er, sessões? — Uma nota melancólica havia entrado na voz suave da duquesa.

Honey usou o guardanapo delicado de renda para remover as migalhas dos dedos.

— Já organizei sessões com sua filha, separadamente.

A duquesa suspirou.

— Assim será melhor. Rebecca é bastante inquieta e não se importa em ficar sentada por longos períodos — deu a Honey um sorriso frágil. — Talvez seja melhor a senhorita conduzir algumas de suas sessões com Rebecca em um ambiente ao ar livre. Minha filha adora cavalgar e coisas assim.

Honey não pôde deixar de ficar grata por Rebecca não estar ali, para ouvir a maneira desdenhosa como sua mãe falava dela.

Quando menina, sempre desejou uma mãe e agora percebeu que elas, nem sempre, eram os pais amorosos de suas fantasias.

— Sua graça? — era a criada, de aparência azeda. Lançou a Honey um olhar estreito antes de se voltar para sua patroa. — É a hora de seu descanso do meio-dia.

— Ah, sim. Obrigada, Stapleton. *Estou* um pouco cansada. — a duquesa suspirou, como se uma atividade extenuante a aguardasse. Por que precisaria de uma soneca, quando tudo o que fazia era ficar deitada o dia todo?

Sabidamente, continuou pensando para si mesma.

Em vez disso, Honey se levantou.

— Devo deixá-las agora. Digamos amanhã, ao mesmo horário?

A duquesa olhou para Stapleton, que franziu os lábios e deu um aceno relutante.

— Não mais do que meia hora.

Honey forçou um sorriso.

— É claro.

A criada marchou atrás dela até a porta e a fechou na sua cara.

Honey ficou na mesma posição, há pelo menos meia-hora, olhando para a porta da duquesa.

Virou-se e começou o longo processo de retorno aos seus aposentos.

No ritmo atual - menos de trinta minutos por dia e com metade das sessões canceladas - acabaria ficando em Whitcomb por meio ano, apenas para obter os esboços que precisava.

Ah, simplesmente odiaria isso, não é? Presa em uma casa com Simon Fairchild por seis meses.

Com uma pontada de dor, Honey se lembrou da gritaria que ouvira antes. Se o que ouviu fosse verdade - sobre Simon ir embora - não parecia que teria que se preocupar com o marquês incomodando-a novamente.



Capítulo Doze

Duas semanas depois...

SIMON ACORDOU confuso, a roupa de cama enrolada em seu torso nu, como uma videira espessa e úmida.

Uma fraca luz atravessava as venezianas e cortinas que mantivera fechadas na semana anterior e, por um momento, pensou que fora isso que o acordara: a luz do sol.

Mas então algo ressoou - uma porta sendo repetidamente golpeada por algo duro, como um punho - e a voz abafada de seu irmão veio do outro lado do carvalho pesado.

— Simon, abra a porta. — o duque fez uma pausa, como se pudesse ouvir o cérebro lento de Simon, que lutava para acordar. — Não me faça buscar o estalajadeiro.

Simon gemeu e deixou sua cabeça cair no travesseiro, antes de grasnar.

— Que diabo quer?

— Abra. A. Porta.

Olhou para as espirais no teto, o gesso manchado de marrom de séculos de vela e fumaça. As tábuas rangeram do lado de fora da porta, como se seu irmão estivesse se preparando para descer e arrastar o estalajadeiro até ali, para ser uma testemunha do duque repreendendo Simon, como se fosse um menino de dez anos.

Simon suspirou, enquanto balançava os pés para o lado da cama e se levantou. Gemeu, quando o ferimento de bala, ainda não totalmente curado, prendeu no cobertor de lã áspero. Fazia quase doze dias, desde que fora atingido, e o maldito ferimento ainda doía como o diabo.

Quando estava de pé, percebeu que estava nu e pensou brevemente em vestir seu robe, que estava pendurado nas costas da cadeira; decidiu fazer o contrário. Talvez se deixasse Wyndham desconfortável o suficiente, iria embora mais rápido.

Abriu a porta e sorriu para seu irmão.

— Bom dia, Sua Graça. — fez uma reverência superficial e zombeteira.

Wyndham franziu a testa ligeiramente, mas, por outro lado, não reconheceu a nudez de Simon. Passou pelo irmão e entrou no quarto. Simon ficou um pouco desapontado. Não havia *nada* que pudesse fazer, para obter uma reação de seu irmão?

— Feche a porta, Simon. — o duque jogou o chapéu sobre uma mesa, atulhada de livros, garrafas de vinho vazias e louças sujas. Lily - que também agia como criada do The George - não foi nada amigável com Simon, depois que, educadamente, recusou seus serviços em sua cama.

Simon não recusou porque não queria uma prostituta. Em vez disso, recusou porque toda vez que fechava os olhos, via aquela maldita Honey Keyes na sua cabeça.

Por mais que pudesse ser um limitador, se recusava a ir para a cama com uma mulher, enquanto pensava em outra.

— Aqui. — Wyndham disse, pegando o robe de Simon e jogando-o na cama, antes de se sentar na única cadeira do quarto.

Simon sentiu-se tentado a simplesmente sair do quarto e descer as escadas, sair da estalagem e seguir até Everley. A única coisa que o deteve foi o fato de ter pés excepcionalmente macios e sensíveis.

Bateu à porta e, em seguida, atirou-se na cama e amontoou os travesseiros atrás dele, antes de se recostar e colocar as mãos atrás da cabeça. Olhou, através de seu corpo nu, para seu irmão.

Wyndham suspirou, o equivalente a outro homem gritando.

— Já o vi nu, Simon, mais do que gostaria de lembrar. Acredite em mim, não está me chocando ou me deixando desconfortável.

Suas palavras frias e cansadas causaram um rubor no peito e no pescoço de Simon.

Sim, seu irmão o tinha visto nu. E o ajudou a urinar e fazer suas necessidades, quando estava muito doente para fazer qualquer uma dessas atividades sem ajuda. Tinha feito coisas por Simon, que nenhum ser humano deveria ter que fazer por outro, não importava sua idade, sexo ou relacionamento.

Wyndham tinha ido à Bélgica para encontrá-lo, ao ler o nome de Simon numa lista de desaparecidos.

E, porque o duque de Plimpton nunca falhava em nada que se propunha a fazer, encontrou Simon em um hospital sujo e lotado, no período caótico, após a batalha. Estava nu, sob uma pilha de corpos de outros homens também nus, ficou assim por três dias, depois que o canhão explodiu e o deixou inconsciente. Os carneiros haviam levado cada peça de suas roupas e pertences, que não podia imaginar que estivessem em tão boas condições, dadas as condições em que *ele* estava.

A única diferença entre Simon e os outros homens nus era que ainda estava vivo. Quase vivo. Alguém - nunca descobriu quem - o encontrou e o levou ao hospital. Nenhuma de suas feridas ameaçava sua vida, que foi a única razão pela qual sobreviveu por três dias e noites inteiros.

No entanto, quando recebeu atendimento médico, seus ferimentos estavam gravemente infectados.

Wyndham deve ter investido dinheiro suficiente para comprar uma pequena vila, porque a próxima vez que Simon acordou, estava em um quarto humilde, mas limpo, silencioso e privado.

Wyndham contratou uma mulher para ajudá-lo a cuidar de Simon, mas mesmo a riqueza e o poder foram tão longe assim apenas nos dias após a Batalha de Waterloo; e o duque e o homem de Simon, Peel, cuidaram da parte do leão na amamentação.

Seu irmão cuidou dele por seis semanas, até que a infecção de Simon foi controlada e estava bem o suficiente para viajar.

Isso era mais uma coisa que Wyndham tinha sobre sua cabeça, junto com a herança de Simon: salvar sua maldita vida.

— O que quer, Wyndham? — Perguntou, não tendo que fingir o cansaço em sua voz.

— Como está seu braço? — Seu irmão perguntou, olhando para a marca feia e em carne viva em seu ombro direito.

— Está tudo bem. — Fez uma pausa e estudou seu irmão; o duque parecia muito bem de saúde. — Também está com uma aparência muito melhor.

— Eu me sinto muito melhor. — Wyndham admitiu.

— Diga-me, Raymond alguma vez encontrou o idiota que atirou em mim? — exigiu, não com muita esperança.

— Quem quer que seja, também roubou centenas, senão milhares, de libras. Raymond só voltou de Lindthorpe esta manhã, e seja lá quem for, o homem é evasivo. - Seu irmão parecia irritado, o que significa que estava realmente furioso.

Simon teve pena do caçador ilegal, quando Wyndham, finalmente, conseguisse pegá-lo.

Havia levado um tiro bem quando ele e Raymond estavam deixando Lindthorpe após sua breve estada. A viagem teria sido relaxante, se não fosse pelo maldito caçador, que não apenas acertou Simon, como também roubou a égua de Raymond, que então jogara seu primo no chão.

O pobre Raymond ficou pior do que Simon, machucara tanto na queda, que mais parecia ter acabado de sair de um round, com o próprio Gentleman Jackson.

Simon ficou surpreso com o quanto gostou ter passado aquele tempo com seu primo. Haviam caçado, pescado um pouco, explorado a grande propriedade e ficado acordados todas as noites relembrando.

Fora lembrado, pela primeira vez em anos, de quão agradável Raymond podia ser, quando não estava tentando obter favores de Wyndham.

Seu primo parecia não conseguir entender que Wyndham nunca o mandaria embora, não importa o quão ineptamente pudesse, às vezes, administrar as muitas propriedades de seu irmão.

Embora fosse verdade que Raymond servia como uma espécie de mordomo, era família, em primeiro lugar e sempre. Wyndham era

extremamente leal, quando se tratava de apoiar seus parentes. Claro, também esperava sua lealdade e obediência em troca.

— Quando voltará para casa? — O duque cruzou o pé com uma bota impecável sobre o joelho e o olhou como um cirurgião, imaginando quanta podridão precisaria cortar e se o paciente sobreviveria ao procedimento.

— Casa? Quer dizer Whitcomb?

Uma irritação cintilou nas feições impassíveis de seu irmão.

— Sim, Simon. Quando vai voltar para Whitcomb?

— Talvez nunca. Gosto daqui.

— E como está pagando por esta pequena estada?

Isso o fez sorrir.

— Parece que tenho um excelente crédito por estas bandas.

— Não depois de hoje. — respondeu o duque friamente.

O sorriso de Simon sumiu de seu rosto.

— Seu desgraçado.

— Por quanto tempo vai fazer isso, Simon? Por quanto tempo vai insistir em me frustrar? — Pela primeira vez, Wyndham não parecia tão frio quanto o vento de janeiro. Em vez disso, parecia um homem que estava próximo dos quarenta anos e perdendo rapidamente a pouca paciência que tinha com um herdeiro, que se recusava a se casar e ter filhos.

— Acho que vou fazer isso até os trinta e cinco anos.

— Não sem dinheiro.

Simon sentiu suas feições se contorcerem em um sorriso de escárnio que sabia ser duas vezes mais impróprio, graças aos fermentos.

— Posso não ter dinheiro, mas tenho muitos bens que posso vender. Posso viver bem o suficiente, com o produto dessas vendas. Minha existência pelos próximos dez meses não será luxuosa, de qualquer forma, sobreviverei. Acredite em mim, *Sua Graça*, viver em cima de uma pousada é o paraíso, comparado a estar em sua companhia. Posso acompanhá-lo até a saída. — no final de seu solilóquio, Simon estava começando a se divertir. Então, seu irmão enfiou a mão dentro do casaco imaculado e tirou um pedaço de papel, sujo e surrado.

— O que diabo é isso? — perguntou Simon.

— Tudo o que tem está em meu nome, ou se esqueceu?

— O que?

As sobrancelhas de Wyndham se arquearam.

— Não se lembra? Quando estava doente, delirando de febre, assinou isto. — Jogou o papel para Simon.

Simon abriu o pedaço de papel dobrado e leu o breve conteúdo. Foi como um soco no rosto. Não se lembrava de ter escrito aquelas coisas, apesar de inegavelmente a caligrafia ser sua.

Amassou o papel e jogou em seu irmão, que facilmente pegou o projétil.

— Seu desgraçado! — disse, com os dentes cerrados. — Sabe que só escrevi isso porque pensei que fosse morrer.

Wyndham deu de ombros, elegante e ducal.

— É uma pena que sua carta não diga isso. Diz apenas que todos os seus bens materiais pertencem a mim.

— Nenhum magistrado acreditaria nisso.

— Isso pode ou não ser verdade. No entanto, a palavra de um duque será suficiente até que eu tenha liquidado todas as suas posses, todos os seus cavalos, incluindo aquela adorável égua nova que acabou de comprar. No momento em que apresentar a questão a um magistrado - desde que possa encontrar o dinheiro para uma ação legal - tudo terá acabado.

Simon arfou três vezes, antes de conseguir respirar adequadamente.

— Seu maldito desgraçado.

Wyndham assentiu, intocado pelo veneno de Simon.

— Talvez, mas ainda não altera o fato de que não tem um centavo em seu nome. — o duque suspirou, parecendo indescritivelmente cansado. — Volte para casa, Simon. Case-se com uma respeitável mulher, de boa educação, produza dois filhos, e então poderá fazer o que quiser. — Acenou com a mão, seu pesado sinete de ouro brilhando em seu dedo mínimo. — Pode viver em cima de uma taverna, brincar com as criadas, criar cavalos, montar uma casa cheia de amantes, qualquer coisa que desejar, uma vez que tenha feito a única coisa que eu peço. Não vou apenas liberar sua herança mais cedo. Colocarei toda a riqueza do ducado à sua disposição.

Simon balançou a cabeça.

— Isso realmente é tudo que lhe importa, não é, o ducado? Um herdeiro. Não dá a mínima para ninguém.

— Eu me importo com centenas de pessoas, Simon. É meu dever me importar, e um dia será o seu, e depois de seu filho — seus olhos brilharam. — Sou o oitavo Duque de Plimpton. Nossa linhagem foi ininterrupta por centenas de anos. — Inclinou-se ligeiramente para frente, sua postura tensa mais reveladora do que sua expressão ou tom frio. — Sabe como isso é singular? — um olhar quase febril se espalhou por suas feições frias e sem

emoção. — Sabe? — não esperou por uma resposta. — Por *minha* causa e *minha* incapacidade de conseguir um herdeiro, esta pode ser a primeira vez, em centenas de anos. Se o título for para Raymond...

Não precisava terminar seu pensamento; Simon sabia o que queria dizer. Raymond sempre teve problemas, quando se tratava de jogatinas. Simon lhe havia dado centenas de libras ao longo dos anos e sabia que Wyndham teria feito o mesmo. Colocar o ducado nas mãos de um viciado inveterado seria, de fato, uma preocupação.

Contudo não era preocupação *dele*. Além disso, cumpriria seu dever durante sua vida e seria um funcionário responsável. Mas tinha que dançar a melodia de Wyndham pela causa?

Sabia que a resposta de Wyndham seria *sim*.

As feições de seu irmão mudaram sutilmente, até que olhou para Simon com olhos que teriam deixado orgulhoso algum fanático religioso ou membro entusiasmado da Inquisição.

Pela primeira vez na memória de Simon, seu irmão *ardia* de emoção e isso o assustava demais.

Perdeu todo o desejo de insultar ou fazer troça.

— Não é o último, Wyndham. Eu vou herdar. *Não* vai acabar. Tudo continuará normalmente. Sabe que não serei esbanjador ou imprudente ou...

— Porém isso nunca vai acontecer, Simon.

Simon apertou os olhos.

— O que quer dizer com isso?

— Quero dizer que tem a intenção de se matar. Posso ver no seu rosto. Cada dia que sua cabeça bate no travesseiro, é um milagre — Simon abriu a

boca para negar, mas Wyndham não terminou. — *Vejo* isso. *Sinto* isso, Simon. Não está interessado em viver. Não acho que esteja interessado em nada, nem mesmo nos cavalos que afirma amar.

Uma imagem de si mesmo, basicamente pendurado num penhasco, tentando recuperar a pena de Honoria Keyes, brilhou no cérebro de Simon.

Wyndham assentiu, como se Simon tivesse admitido algo.

— Sim, não quer viver. Perdeu a vontade de fazê-lo desde antes dos seus ferimentos.

Desta vez Simon estava chocado demais para discutir, chocado demais com a percepção de seu irmão. Também tinha uma inveja amarga da memória dele. Não conseguia mais se lembrar tanto de seu passado. Era como olhar para algo através de uma janela rachada e suja, podia ver imagens, mas eram esfumaçadas e irreconhecíveis.

— Não sei o que lhe aconteceu durante a guerra, para torná-lo do jeito que é, Simon, no entanto, entendo o resultado, sua falta de desejo de continuar vivendo. — Foi o mais perto que Wyndham chegou de admitir a dor inimaginável de perder um filho após o outro.

Um nó de remorso bloqueou a garganta de Simon e teve que engolir várias vezes para superar isso. Estava tão cansado de lutar contra o irmão que amava, que abriu a boca para retrucar, para lhe dar o que queria e se casar com uma das jovens, que, provavelmente, já estavam infestando Whitcomb.

Mas então, do nada, o rosto manchado de lágrimas de Bella apareceu, como um espectro de uma peça de Shakespeare.

Eu o amo, Simon. Sempre o amarei.

Não tinha nenhuma lembrança das circunstâncias que cercaram aquela memória - não sabia o dia, ou mesmo o ano - mas o deixou enraivecido.

Este foi o homem que fez Simon assim: Wyndham.

Seu irmão destruiu sua chance de se casar com a mulher que amava e viver a vida que sempre desejou.

As maquinações de Wyndham foram a razão de Simon ter ido para a guerra, em primeiro lugar.

Era por causa de Wyndham que era um homem destruído.

Simon deixou a fúria de quatorze anos transbordar em seu sorriso de escárnio.

— Não tem ideia do que está na minha mente, e não tenho intenção de compartilhar *meus* pensamentos ou planos privados.

Os olhos de Wyndham se fecharam com a animosidade de Simon, o pequeno vislumbre de si mesmo, que exibiu tão brevemente, se foi, sem deixar vestígios.

Um calafrio se instalou profundamente nos ossos de Simon. Wyndham não era homem para se contrariar, e Simon o havia feito repetidas vezes. E, agora...

O duque se levantou e calçou as luvas, o confortável couro marrom apertando os nós dos dedos, enquanto os flexionava, como se fosse uma luta.

— Paguei a sua estadia aqui esta noite, e o estalajadeiro sabe que é o último dinheiro que irá receber. Atrevo-me a dizer que poderia permanecer aqui indefinidamente e o homem não o cobraria. Pode comer da sua comida e beber da sua bebida, ocupar seu melhor quarto sem pagar — hesitou, — ou *dormir com* suas criadas, e irá permitir, mesmo que isso o arruíne.

Simon se sentiu tonto e sem fôlego, quando percebeu o quão inexoravelmente a teia de seu irmão havia se fechado ao seu redor.

— É desumano — as palavras saíram como um sussurro.

Wyndham acenou com a cabeça.

— Sim. Não lute contra mim, Simon, não pode vencer. Volte para casa amanhã. Eu o espero para o jantar, que será uma espécie de despedida para a Srta. Keyes. Como esteve ausente nas últimas semanas, não sabe que já concluiu seu trabalho aqui e irá embora para Londres, para começar os retratos.

Oh, Simon estava ciente. Muito ciente. Ficar longe da Srta. Keyes - evitando assim arruinar sua vida - foi o principal motivo de se mudar para o St. George.

Livrou-se da tentação, na manhã seguinte àquele dia desastroso no labirinto, o dia em que descobriu que não seria capaz de manter as mãos longe dela se ficasse.

Wyndham pigarreou.

— Também convidei hóspedes para ficarem em Whitcomb, pelos próximos quinze dias e espero que cumpra seu dever e ajude a entretê-los.

— Tirou o chapéu da mesa, onde o havia jogado e girou nos calcanhares, saindo sem dizer uma palavra.

A porta se fechou com toda a firmeza de um martelo de juiz sentenciando um homem condenado à força.



Capítulo Treze

HONEY SE vestiu com muita cautela, para o seu último jantar. Ficou lisonjeada pelo duque ter organizado uma espécie de festa para sua última refeição, embora soubesse que os convidados ficariam duas semanas inteiras, não apenas para este jantar.

— Certamente irei recompensá-la pelo tempo que levará para trazer os retratos de volta a Whitcomb, quando estiverem prontos — disse, quando a chamou em seu escritório para contar seus planos.

Honey levaria os retratos do duque para onde quisesse, por mais horrível que fosse seu irmão.

— Quer dizer não importa o quão ausente Simon esteja...

Quando Honey não respondeu imediatamente, o duque ergueu os olhos de um livro-razão que estava sobre a mesa, seus olhos escondidos atrás de óculos brilhantes de aro dourado.

Honey sorriu com os dentes cerrados.

— Sim, é claro, Sua Graça.

— Gostaria de organizar uma celebração maior em torno da inauguração dos retratos, talvez um baile. Ficaria honrado se a senhorita pudesse comparecer.

Honey nunca tinha assistido a um baile em sua vida, então, o convite parecia mágico. E se parte dela lamentava que o irmão desagradável do

duque provavelmente não comparecesse, bem, isso era tudo para o melhor.

Além disso, se acostumou com a ausência dele em sua vida nas últimas semanas; acostumou-se com o fato de Simon Fairchild não se importar se vivesse ou morresse, se é que lembrava da sua existência.

O que era uma coisa boa, lembrou ao seu reflexo carrancudo, uma coisa muito boa.

Honey enfiou a mão na pequena caixa de joias que trouxera e tirou o lindo colar de pérolas que seu pai comprara em seu aniversário de dezoito anos. Apertou-a ao redor do pescoço e foi como se alguém tivesse acendido uma dúzia de velas no quarto. As pérolas conseguiram dar a si e ao seu vestido um brilho lustroso.

Seu vestido, a coisa mais bonita que possuía - comprado para uma das exposições de seu pai, pouco antes dele morrer - estava desatualizado, entretanto combinava perfeitamente com ela. Era um ouro antigo incomum, que fazia seu cabelo brilhar e sua pele parecia polida, em vez de sardenta. Abotoou os pequenos botões de pérola, que combinavam e então se levantou, alisando a rica seda sobre os quadris, para examinar seu reflexo.

Ainda estava perto de um metro e oitenta de altura - nenhum vestido ou joia diminuiria isso - mas estava no seu melhor. Estava cingida, apenas para o caso de Simon Fairchild aparecer. Se aparecesse, lhe mostraria que nem sua ausência, nem o que fizeram no labirinto importavam.

Claro que o fato de que *ele* era a única coisa em sua mente, agora, dizia que isso era patentemente falso.

Pegou sua reticule dourada e fez uma careta para seu rosto no espelho.

— Bem, é improvável que os hábitos de uma vida inteira sejam apagados em um mês — disse para o seu reflexo.

As palavras deveriam ter acalmado sua mente e feito se sentir mais forte. Em vez disso, apenas a fizeram se sentir triste. Afinal, que tipo de pessoa ficaria feliz com a morte de um sonho?



Simon estava bebendo desde a noite anterior, que fora sua última noite na estalagem.

— Meu pai disse que esta é sua última noite, milorde — Lily disse quando derrubou sua cerveja, derramando um bom terço dela sobre a mesa.

Simon não pôde deixar de notar que sua expressão não era de arrependimento.

Franziu a testa com a memória da atendente hostil e levou o copo de vinho à boca, inclinando-o totalmente para trás. Graças a seu irmão e à Srta. Keyes, The George não era mais um lugar hospitaleiro para passar seus dias ou suas noites.

Oh, Simon. Culpar sua paixão por uma pobre mulher, que não fez nada para merecer suas atenções idiotas?

Fez uma careta com a observação muito precisa.

Sua fixação por Honey Keyes era mais do que um pouco infeliz, para não dizer injusta com a mulher. Gostaria de culpar Wyndham por seu comportamento, porém seu irmão estava certo quando se tratava de ordenar a Simon que deixasse a artista em paz.

Ainda assim, poderia culpar seu irmão por tirar vantagem daquela maldita carta que Simon tinha escrito quando pensou que estivesse morrendo.

A voz superior em sua cabeça não tinha resposta para isso.

Simon terminou as poucas gotas que restavam em seu copo e olhou ao redor, para a mesa dos homens. Ninguém estava falando com Simon ou prestando atenção nele, do jeito que gostava. Quando pousou o copo, fez um *ruído* forte na madeira polida, atraindo olhares de vários convidados.

Simon não se importava. Em vez disso, procurou pelo decantador do Porto.

Estava na ponta da mesa, ao lado de seu irmão.

O duque o olhava de uma forma que deveria ter deixado nada além de um buraco negro fumegante em sua cadeira. Simon sorriu e fez uma saudação zombeteira.

Embora tivesse passado apenas uns vinte minutos, depois que as mulheres deixaram a mesa de jantar, o duque se levantou.

— Vamos nos juntar às mulheres?

A maioria das taças de vinho na mesa ainda continha líquido, e ninguém se opôs. Afinal, Wyndham era o duque de Plimpton. Exceto por cinco exceções, a maioria dos convidados não passava de pequenas famílias nobres do campo, felizes por terem chamado a atenção de um personagem tão respeitável.

Simon se levantou para seguir os outros cavalheiros.

— Simon, um momento, por favor. — As palavras calmas de Wyndham deveriam ter congelado o vinho do porto na pesada garrafa de cristal e enchido a sala com uma névoa gelada.

Simon soltou um suspiro e se jogou de volta na sua cadeira.

— Fechem a porta. — O duque ordenou aos dois lacaios que estavam sempre presentes do lado de fora de qualquer ambiente que Wyndham ocupasse.

O duque voltou sua atenção para Simon, assim que ficaram sozinhos.

— Está bêbado.

Simon ergueu os olhos para as palavras rudes de seu irmão e sorriu.

— Mais afiado do que nunca, meu caro.

— Não está apenas me envergonhando, Simon. Está envergonhando nossa mãe.

Simon se lembrou de um olhar que a duquesa lhe dera, pouco antes do jantar, quando chegou na sala de visita, onde todos os convidados estavam reunidos. A duquesa parecia, pela primeira vez, mais velha do que realmente era.

Ignorou o constrangimento que crescia em seu estômago. Em vez disso, zombou de seu irmão.

— Bem, nossa mãe tem que lhe agradecer por isso, não é, Sua Graça?

— Este comportamento está abaixo de você.

Simon cambaleou e apontou um dedo na direção de seu irmão.

— E é indigno de ter convidado Lady Rosamond e Lady Margaret e as outras duas, cujos nomes não consigo lembrar, desfilando-as na minha frente, como vermes no anzol. — Passou a mão pelo cabelo, resistindo a vontade de arrancá-los pela raiz. — Cristo, Wyndham, são apenas *meninas*. Margaret tem, ao menos, dezoito anos?

— Todas as quatro jovens têm um nascimento impecável e a idade perfeita. — Disse Wyndham, com os maxilares cerrados. — E o nome dela é Rosalind, não Rosamond. Por ter se recusado a considerar uma temporada em Londres, agora devo trazer as candidatas adequadas *até aqui*.

— Ouça a si mesmo: *candidatas adequadas!* Acha que está fazendo algum discurso no maldito Parlamento? — Rosnou. — Não me importo se quiser forrar essa mesa com virgens desnudas, Wyndham, não irei me casar com nenhuma mulher de sua escolha. Não sou seu maldito cavalo puro sangue para procriar e com quem quiser — abaixou-se e pegou a bebida meio vazia do homem que estava sentado ao lado dele, virou o conteúdo em sua garganta e, em seguida, atirou o copo no espelho enorme, que pendia sobre a lareira igualmente enorme.

A detonação foi surpreendentemente alta e o som de vidros se quebrando deve ter sido ouvido mesmo nos aposentos mais distantes.

Em vez de incomodar seu irmão, como faria com qualquer homem *normal*, o duque simplesmente endireitou as abotoaduras já impecáveis e caminhou em direção à porta.

— Sua presença não será exigida na sala de visita. — Abriu a porta e saiu, a enorme tábua de madeira fechando silenciosamente atrás dele.



Honey não se lembrava de ter ficado mais envergonhada, em nome de outra pessoa, em toda a sua vida. A pobre duquesa estava mais branca do que uma folha de pergaminho, seus olhos estavam arregalados.

O som dos gritos de Simon - se não as palavras que proferira - foram audíveis na grande sala de visita.

O som de vidro quebrando também.

Honey abriu caminho por entre o grupo de convidados mudos em direção à mulher, temendo que a viúva perdesse a consciência, por estar tão pálida.

— Estava me perguntando sobre a proveniência desta pintura, Sua Graça.

O vago olhar da duquesa, lentamente, se concentrou no rosto de Honey.

— Pintura? — Repetiu, a palavra suave, alta no silêncio de pedra da sala.

Honey segurou seu braço, que tremia sob sua mão.

— Posso mostrar para a senhora? — Não esperou que a mulher atordoada concordasse, antes de conduzi-la em direção à parede oposta, longe dos olhos fixos, para onde um sofá fora colocado, em frente à pintura em questão.

— Por que não se senta, senhora?

O corpo da velha tremeu quando se abaixou no divã.

Só então a porta se abriu e Honey olhou para cima e viu o duque entrar. Sorriu friamente para seus convidados, que estavam reunidos em um grupo restrito.

Pelo que podia ver, sua dignidade ducal não fora prejudicada pela cena que todos acabaram de ouvir.

— Lady Rosalind — disse, voltando a força não desprovida de substância de sua personalidade para a bela jovem. — A senhorita pode nos entreter com uma bela música? — Gesticulou em direção às portas que haviam sido abertas, entre a grande sala de visita e a sala de música adjacente.

Antes que a pequena e delicada loira pudesse abrir seus lindos lábios em forma de arco, sua mãe deu um passo à frente.

— Ficaria encantada, Sua Graça.

Os convidados se moveram em direção à área de música e o duque de Plimpton olhou para onde Honey esperava, ao lado de sua mãe.

A viúva, imediatamente, se levantou e deu um sorriso corajoso para Honey.

— A senhorita me acompanhará até a sala de música, Srta. Keyes? A apresentação de Lady Rosalind ao piano é imperdível.



O duque foi sábio ao insistir na música. No momento em que Lady Rosalind tocou três canções, seguida por duas outras jovens damas, a atmosfera havia melhorado, se não, voltado ao normal.

Mesas de jogo foram montadas na sala de visita e bandejas de chá chegaram enquanto se dividiam em grupos.

Honey viu-se emparelhada com um escudeiro local, jogando whiste contra a viúva e a esposa do escudeiro.

Quando o relógio bateu meia-noite, a festa acabou.

Fora o sinal de distração da viúva, que não objetara quando Honey se ofereceu para acompanhá-la de volta aos seus aposentos.

O duque deu a Honey a coisa mais próxima que viu de um sorriso, quando a viu acompanhar sua mãe para fora da sala de visita.

Só quando chegaram à escada a viúva falou.

— Sinto muito, minha querida. Que anfitriã horrível sou, exigindo a escolta de um de meus convidados. — A voz da duquesa estava ofegante após a escalada.

— De forma alguma, senhora. Há algum tempo que pretendia visitar esta ala. — Olhou para uma pintura pendurada entre duas arandelas e então parou, se virando. — Bom Deus, — arfou. — Tiziano Vecellio.

— O que foi querida? — A viúva perguntou, antes de se virar para olhar a pintura, como se só agora a notasse. — Oh, sim, um Tiziano. Meu marido acreditava que não deveríamos manter todas as melhores peças nas galerias. Gostava de admirá-las, quando entrava e saía de seus aposentos. — Piscou como uma coruja para a pintura, que era uma representação bastante perversa de Baco e Ariadne. — Este era um de seus favoritos e o deixei aqui.

Honey percebeu o cansaço em sua voz e desviou os olhos da tela gloriosa.

— Perdão, a senhora está cansada e fiquei aqui boquiaberta.

A viúva riu e retomaram sua jornada.

— Posso ver como a arte é para a senhorita, minha querida. Meu marido era assim também, se conseguir acreditar. Uma vez, sua antiga babá me disse que quando era menino, seu sonho era ser pintor. — Franziu a testa. — Seu pai não podia permitir tal coisa. — Disse olhando para Honey. — Meu marido foi o único, de sete filhos a sobreviver. Os fardos do ducado caíram sobre meu marido muito cedo, assim como aconteceu com meu filho.

— Sua Graça era jovem quando seu marido morreu?

— Sim, ainda não tinha dezessete anos. — Balançou a cabeça. — A senhorita não teria reconhecido o menino que era, tão feliz e arteiro. — Viu o olhar de espanto de Honey. — Ah, sim. Era uma criança doce. Não que não seja um homem bom agora, é claro. Mas tanta morte e decepção

sugaram a luz dele; dos meus dois filhos. — Sua voz tremeu e balançou a cabeça. — Perdoe-me, minha querida. A senhorita não deveria ter estado aqui nas últimas semanas. A família não é adequada para companhia e deve ter sido desconfortável.

Fora desconfortável, entretanto, Honey dificilmente poderia dizer isso.

— Gostei muito do meu tempo aqui.

A duquesa deu um tapinha em sua mão.

— E sei que Rebecca gostou de ter outra jovem por perto.

Honey achou graça em ser chamada de *jovem*.

— Também gostei dela. — Deveras gostou. Suas sessões com a jovem tinham sido mais como sessões entre amigas. Doía-lhe deixar a garota, obviamente solitária, nesta casa de emoções turbulentas.

Um retrato estava pendurado não muito longe da porta ao lado e Honey parou.

— É meu marido. — A duquesa disse, parando ao lado dela. — Este foi o primeiro de seus retratos. — Explicou. — Os outros estão pendurados na galeria.

Honey os tinha visto; ambos eram magníficos. Todos eram de um homem mais velho, sua expressão severa e intransigente. Esta imagem, por outro lado...

— Dominic tinha apenas vinte anos nesta foto. — A duquesa disse melancolicamente.

— E era muito bonito. — O antigo duque poderia ter sido confundido com Simon. A roupa e o penteado eram de outra época, porém os olhos

hipnotizantes de hortênsia e as feições afiadas e dolorosamente bonitas eram quase idênticos.

— Fiquei tão lisonjeada quando me notou. — Disse a viúva. — Era oito anos mais velho e aquela era a minha primeira temporada. — Deu a Honey um olhar tímido e brilhante. — Eu não era feia, mas também não era um diamante raro. — Suspirou. — Dominic, no entanto... — Interrompeu-se e meneou a cabeça, como se estivesse sem palavras. — Todas as damas o adoravam e ansiavam por Dominic, mas escolheu a mim.

Honey não conseguiu ler sua expressão. Havia orgulho e talvez um pouco de amor, como também arrependimento.

— Eu me lembro do seu avô, Srta. Keyes. — disse, suas bochechas pálidas ficando vermelhas. — Era tão...

— Selvagem? — Honey sugeriu. Pelo menos essas foram as poucas histórias que ouviu sobre o pai de sua mãe, o infame Barão Yancey.

— Ora, decerto. Era muito perverso. Claro, todos nós o adorávamos.

Honey viu a verdade por trás de seu sorriso trêmulo. Então, a duquesa amava o seu avô, porém se casou com um duque?

Seu coração doeu pela doce senhora, que provavelmente fora obrigada a desistir do barão empobrecido, em favor de um duque rico e poderoso.

Mas se não tivesse feito isso, Honey não estaria lá agora.

A duquesa retomou a caminhada e a poucos metros de distância parou em frente a uma enorme porta cor de creme e dourado.

— Aqui estamos nós, finalmente. — Sorriu para Honey. — Obrigada por sua gentileza, minha querida. A senhorita é uma garota boa.

Honey fez uma cortesia.

— Durma bem, Sua Graça. — Esperou até que a porta se fechasse antes de se virar, parando para examinar as várias peças nas paredes mais de perto.

O duque anterior tinha um gosto requintado e foi difícil se afastar. Ainda assim, dificilmente, queria ser pega perambulando pelo corredor, quando o duque finalmente voltasse para seus aposentos, que ficavam naquela ala.

Honey decidiu que pegaria o caminho mais longo, de volta aos seus aposentos e faria uma última visita à nova galeria.

Estava passando pelo escritório do duque, quando o som de vidro quebrando a fez parar. Outra coisa se estilhaçou, seguida por um grunhido alto de dor. Honoria ficou paralisada do lado de fora da enorme porta de carvalho e tentou ouvir.

Não houve nada... e então um gemido.

Mordeu o lábio e levantou a mão para bater, entretanto, congelou novamente. O que estava fazendo? E se o duque estivesse lá? Ou se...

A porta se abriu e deu um pulo para trás, deixando escapar um chiado indigno, antes que pudesse detê-lo.

— Bem, se não é a Srta. Honey Keyes. — Simon encostou o antebraço no batente da porta e sorriu. — Escutando atrás da porta de novo, senhorita?



Capítulo Quatorze

HONEY FICOU sem palavras, não por estar caçoando dela, mas pela aparência abatida de Simon: parecia ter envelhecido dez anos desde o jantar, no qual também não estava com uma aparência particularmente saudável.

Tinha sangue pingando de sua mão e caindo sobre o tapete.

— O senhor se machucou.

Simon desequilibrou ligeiramente e Honey percebeu que estava muito, muito bêbado.

— O senhor tem um lenço? — perguntou.

Quando Simon não respondeu, Honey levantou os olhos de sua mão ensanguentada. Seus lábios carnudos estavam puxados para baixo nos cantos e suas narinas estavam comprimidas e brancas, como se estivesse com raiva de algo - ou alguém.

Dela?

Honey balançou a cabeça com aquele pensamento tolo. Estava bêbado; não importava quais pensamentos irracionais estivessem correndo no seu cérebro encharcado de bebida.

Empurrou-o no peito, com mais força do que pretendia, e Simon cambaleou de volta, para dentro do escritório.

Honey fechou a porta atrás dela e estendeu a mão.

— Dê-me o seu lenço.

Sua expressão agora estava atordoada ao invés de hostil, porém obedeceu sem discutir. Honey aproveitou a oportunidade para estudá-lo, enquanto pescava desajeitadamente um quadrado branco bem-acabado do bolso do casaco.

Sua gravata estava meio desamarrada e enrugada e havia manchas de vinho nela. O casaco e o colete estavam desabotoados e o casaco preto superfino parecia amarrotado, como se tivesse dormido com ele. Seus olhos foram para o grande sofá de couro, em frente a lareira, e viu o brilho do vidro quebrado ao lado da mesinha e um tapete empilhado no chão.

Honey não poderia ter pintado uma cena mais esclarecedora: estivera bebendo e perdera a consciência.

Arrancou o lenço que lhe oferecia.

— Sente-se.

Não esperou que obedecesse, então foi até a coleção de decantadores, que ficava em uma longa mesa retangular contra a parede. Havia um balde de metal, com gelo meio derretido e uma garrafa vazia; tirou a garrafa e pegou o balde.

Simon estava sentado no sofá, ao lado dos destroços, quando Honey voltou, aparentemente sem perceber os estilhaços de vidro a seus pés.

Honey colocou o balde no chão e sentou-se no sofá o mais longe possível dele, mas ainda perto o suficiente para alcançar sua mão.

Abriu a bolsa que pendia em seu pulso e tirou seu próprio lenço de algodão. Tinha as iniciais dela, perfeitamente bordadas em um canto, cortesia de Freddie, que fazia o bordado mais requintado que Honey já tinha visto.

Fez uma careta, era uma pena usar um objeto tão bonito, entretanto, era tudo o que tinha, e chamar algum criado para testemunhar a humilhação do homem bêbado e cicatrizado não parecia sábio. Mesmo que merecesse cada pedaço de dor e humilhação que estava recebendo. Porém, sua mãe não merecia, e os criados adoravam falar, e Simon Fairchild já lhes havia fornecido bastante material.

— Dê-me a sua mão.

Não olhou para o rosto dele, em vez disso, se concentrou no corte, que estava na palma da mão, logo acima da parte carnuda. Era um corte grande, não terrivelmente profundo e o sangramento já começara a diminuir. Mergulhou o pano na água gelada e começou a limpar o sangue.

— Como isso aconteceu? — Perguntou sem olhar para cima.

Honey o sentiu dar de ombros.

— Não sei.

Em seguida, o encarou.

Seus lindos olhos vazios estavam fixos nos dela, sua voz não mais turva. Por mais que estivesse sem equilíbrio mais cedo, certamente parecia assustadoramente sóbrio agora.

Depois de limpar o corte, pegou seu próprio lenço e dobrou-o na diagonal, o que o tornava grande o suficiente para amarrar na palma da mão. Simon tinha mãos grandes, com dedos longos, as unhas bem cuidadas, exceto a pele que era cheia de cicatrizes e as pontas dos dedos ásperas.

Lembrou que as mãos dele já foram elegantes e macias; agora os nós dos dedos inchados pelo trabalho perturbavam suas linhas compridas e limpas. Não era ocioso, por mais que parecesse passar muito tempo bebendo ou bêbado.

— Pronto. — Disse, soltando-o, assim que apertou o nó. Olhou para cima.

Simon olhava para sua mão, que ergueu e flexionou cuidadosamente, fazendo uma leve careta.

— Sim, tenho certeza de que dói. — Disse ela, embora Simon não tivesse falado nada.

O marquês levou a mão em frente ao rosto e examinou o trabalho dela, girando o punho de um lado para outro.

— A senhorita estragou um lenço muito bonito.

— Sim, estraguei.

Olhou para cima e sorriu, sua diversão infantil fazendo seu coração disparar.

— Não é muito lisonjeiro, Srta. Keyes.

Honey fez uma careta gelada para Simon e começou a se levantar.

Sua mão, aquela sem a bandagem, pousou em seu antebraço.

— Fique um momento.

Honey hesitou, meio em pé, meio sentada.

— Por favor.

Soltou um suspiro exagerado, para esconder a sensação de pulo que ocorria em seu peito.

— Tudo bem. Apenas por um momento. — Puxou o braço da mão dele e se sentou, movendo-se o mais discretamente possível na direção oposta.

— A senhorita vai embora amanhã?

— Sim.

— Tão cedo?

Não pôde evitar, então bufou.

— Cedo? Estou aqui há semanas, quase um mês.

— Não parece esse tempo todo.

Uma raiva cresceu em seu peito.

— Como o senhor saberia? O senhor não ficou aqui.

Isso o fez sorrir.

— Oh, a senhorita notou minha ausência, então? Sentiu a minha falta?

— Não. — Retrucou.

Simon riu baixinho, o som era perigoso.

— Não minta para mim, Honey.

Honoraria ficou de pé.

— Boa noite, *milorde*.

— Desculpe-me. — disse, instantaneamente arrependido. — Por favor, não saia com raiva. Vou me comportar, prometo Srta. Keyes. — Colocou as mãos atrás das costas, como se para demonstrar sua inocência.

Honey olhou para os olhos que trouxeram de volta memórias que foram apreciadas e embrulhadas em tecido dourado por quatorze anos. *Este* era o Simon que conhecia: gentil, doce e honesto. Ainda estava aqui, em algum lugar. Talvez se ficasse com ele, poderia...

Saia. Saia agora.

A voz era tão aguda e alta, que poderia jurar que veio de algum lugar de dentro da biblioteca.

Aparentemente não, porque Simon não pareceu ouvir.

Em vez disso, esperou, seus deslumbrantes olhos azuis curiosos, enquanto a olhava fixamente.

Agora, Honey! Saia agora!

Sentou-se novamente.

Seus lábios se curvaram.

— Obrigado.

Honey estudou suas mãos cerradas e as abriu, forçando-as a ficarem abertas e deitadas sobre seu colo.

— Estive pensando em quando me sentei para o meu retrato.

Sua cabeça se levantou.

— Pensei que o senhor não se lembrasse de mim.

— Não lembrei, no começo.

Honey corou, a vergonha de ser esquecida tomando conta novamente.

Simon balançou a cabeça.

— Posso ver que a senhorita não entende. Eu tenho... dificuldade para lembrar das coisas.

— Dificuldade?

— Sim.

— Que tipo de dificuldade?

— É difícil de explicar.

— Bem, tente.

Em vez de ficar ofendido com seu tom azedo, deu um leve sorriso.

— Tudo começou durante a guerra, depois que fui ferido pela primeira vez.

Honey não sabia que havia se ferido mais de uma vez. Contudo, por que deveria? Não era como se os jornais publicassem notícias de todos os ferimentos sofridos por um oficial.

Acomodou-se um pouco mais.

— O que aconteceu?



Simon desejou não ter começado por isso e procurou um caminho mais rápido para sair dela. Mas ter toda a atenção dela o fez perceber que faria qualquer coisa para mantê-la.

— Esse é o problema, não consigo me lembrar de nada. Num momento estava montado em meu cavalo, descendo uma inclinação rochosa, no outro... — deu de ombros — acordei sobre uma cama três dias depois com apenas alguns arranhões no meu corpo — mentiu, não querendo lhe contar sobre os fragmentos de osso humano e ferragem que cavaram de suas costas. — além do sangue escorrendo dos meus ouvidos e sem memória de nada.

— O senhor quer dizer, nenhuma memória de sua lesão?

— Não, quero dizer sem nenhuma memória de qualquer coisa. Não sabia nem meu próprio nome.

— Oh meu Deus! — sussurrou. — Que terrível.

— Sim, foi a coisa mais assustadora que já passei. Ainda pior do que Waterloo. Durou três meses. As pessoas me disseram quem eu era, é claro,

entretanto minha vida parecia a de outra pessoa, como uma personagem de um livro.

— O que finalmente o fez lembrar?

Simon abriu a boca para contar sobre a noite em que tudo voltou e então se lembrou de com quem estava falando: a pequena Honey Keyes. Olhou em seus preocupados olhos cinzentos e estremeceu. Graças a Deus se conteve a tempo. Ficaria apenas na sua imaginação, contar sobre como seus homens tinham contrabandeado uma prostituta espanhola para seu quarto de hospital improvisado.

Dada a sua reputação de mulherengo, esperavam - um tanto bizarramente - que o vigoroso esporte na cama refrescasse sua memória e o fizesse se lembrar de quem era e o que costumava fazer. Talvez não tenha sido tão bizarro assim, porque acordou na manhã seguinte lembrando de tudo.

Simon viu que Honey o observava com atenção, esperando que terminasse a história. Então continuou:

— Um amigo de Eton veio me visitar e de repente tudo voltou, tudo, menos a lesão em si.

— Como o senhor teve sorte. — Disse maravilhada.

— Sim. — Concordou. — Tive sorte.

— E ainda assim o senhor nunca se lembrou do que aconteceu?

— Não, nunca me lembrei. — isso era verdade, pelo menos.

— E ninguém que esteve lá naquele dia viu alguma coisa?

Simon hesitou. Por que lhe dizer que ninguém mais sobreviveu ao atentado? Porque contar que duzentos e quatorze homens morreram, todos

exceto ele: Sortudo Fairchild. Foi assim que algumas pessoas começaram a chamá-lo, embora apenas pelas costas.

Sortudo Fairchild deitado em uma pilha de cadáveres, a maioria dos quais com ferimentos de baioneta em seus pescoços e torsos, sinais de inimigos meticulosos. Todos, exceto Simon, que recebeu apenas uma facada nas nádegas.

Ah. Sortudo.

Encontrou seu olhar ansioso e mentiu, mais uma vez.

— Ninguém estava perto o suficiente na época. Não houve testemunhas do que aconteceu — não disse que fora capaz de entender sozinho, mesmo sem uma testemunha. Uma peça de artilharia ou bala deve ter acertado o oficial que cavalgava ao lado dele, e um pedaço daquele homem - ou seu cavalo - deve ter acertado Simon. Ou talvez apenas a força percussiva pura derrubara Simon do cavalo. A caminho do chão, sua cabeça deve ter levado uma pancada. Ou depois da queda. Não importava; não era uma história para os ouvidos de uma dama.

— Temo que minha memória nunca mais fora a mesma. Eu... bem, perdi muita coisa do meu passado.

Seus olhos brilharam de repente com lágrimas não derramadas.

— Ora lá. — disse. — O que é isso? — Seu coração saltou desconfortavelmente no peito. — Não se preocupe, querida. Eu fiquei bem. Hector ficou bem.

Seu exuberante lábio inferior estremeceu.

— Hector?

Deu o que esperava ser um sorriso tranquilizador.

— Sim, meu cavalo, Hector. Saiu sem nenhum arranhão. Sem problemas de memória também.

Honey deu uma risada sufocada e aguada, e seus olhos brilharam ainda mais.

Inferno.

— Não precisa ficar assim - foi há muito tempo.. Estou totalmente curado, poderia ter sido pior. — Estendeu as mãos, com as palmas para cima. — Está vendo? — Porém suas palavras pareceram ter o efeito oposto e uma lágrima gorda escorreu por sua bochecha.

— Oh, droga, não faça isso! — Implorou, enquanto uma segunda e depois uma terceira seguiram, até que houvesse duas trilhas sólidas.

Num impulso, estendeu a mão e acariciou uma bochecha manchada de lágrimas com as costas dos dedos. Em vez de se afastar, Honey pressionou a bochecha macia contra a palma da mão dele.

Foi todo o incentivo que precisou e seus braços deslizaram ao redor dela.

— Pronto, pronto, Xiu! — Murmurou em seu cabelo loiro trigo espesso, que cheirava cítrico.

— Perdoe-me! — Disse contra seu ombro, sua voz abafada. — Não sei o que está acontecendo comigo. Parece que estou sempre gritando ou chorando perto do senhor. O que há no senhor que acaba me deixando sempre tão emotiva? — Deu uma gargalhada aguada. — É só que...

— Sim? É só que? — Perguntou, não querendo se mover, não querendo que Honey se lembrasse de onde estava - com quem estava - e se afastasse.

Simon podia sentir a tensão em seu corpo, enquanto Honey lutava para encontrar as palavras para responder.

Finalmente, apenas deu de ombros.

— É só que é um desperdício horrível, horrível.

Simon sabia exatamente o que queria dizer. Sim, a guerra foi um desperdício, uma tragédia para todos os envolvidos. O surpreendeu que Honoria - que nunca tinha visto uma guerra em primeira mão - pudesse saber disso tão visceralmente. Simon se afastou e a olhou, precisando ver seu rosto.

Honey piscou, seus cílios brilhando com lágrimas, a ponta de seu pequeno nariz vermelho, seu lábio inferior carnudo e trêmulo.

Então, é claro que tinha que beijá-la.



Capítulo Quinze

A PARTE prudente do cérebro de Honey estava rouca de tanto gritar: *Corra!*

Honey não se importava se a voz estava certa - na verdade, tinha certeza de que estava - mas simplesmente não se importava com nada além de ter seus lábios nos dele, seu corpo roçando no dele. Era Simon - não a versão desdenhosa e cruel – e sim o Simon do qual se lembrava.

Ao contrário do labirinto, desta vez quando a boca dele se abriu sobre a dela, Honey sabia o que esperar; até sabia o que fazer.

Tocou sua língua com a ponta da sua e o braço dele a apertou, puxando-a com tanta força contra seu corpo, que mal conseguia respirar.

Suas línguas se enredaram, quando Honey o invadiu tão cruelmente - e provavelmente com a mesma sutileza - quanto um viking saqueador.

As mãos de Honey estavam presas entre os dois e era como uma luta, que valeu a pena, pois afastando-se apenas o suficiente, conseguiu deslizar os dedos por baixo do seu casaco. Seu torso estava duro e quente e seu corpo ardeu com a memória de sua pele sob seus dedos.

Enquanto Honey puxava freneticamente a camisa dele, Simon massageava suas costas com golpes longos e duros, seu toque firme e forte, enquanto traçava o contorno de seu corpo, seus dedos espertos rapidamente encontrando a borda superior de seu espartilho sob a seda fina de seu vestido.

Simon fez um barulho de frustração e, sem aviso, a pegou pela cintura e a colocou em seu colo, a ação arrancando as mãos dela do seu corpo.

— Mas... — Honey murmurou, sua missão de expor a pele dele às suas mãos frustrada, antes de obter sucesso.

— Xiu — Sussurrou, beijando-a com vigor renovado. Desta vez, quando sua língua varreu entre seus lábios entreabertos, Honey chupou sua boca.

Simon gemeu, aceitando seu convite e explorando-a profundamente, seus beijos exaustivos e exigentes deixando-a sem fôlego e tonta.

As pálpebras de Honey se fecharam, quando Simon começou a morder e beijar seu queixo até a garganta, a mão livre acariciando levemente sua barriga em círculos cada vez maiores.

A boca dele chegou ao seio dela e Honey sentiu a ponta quente e escorregadia de sua língua traçar a borda superior de seu corpete. Estremeceu quando seu dedo, inadvertidamente, roçou um mamilo tenso e duro que pressionava contra a seda.

E então Simon repetiu o gesto.

Na terceira vez que fez o movimento, Honey percebeu que não foi por acaso.

Honey se arqueou sob sua mão quando o sentiu espalmar seu seio.

— Tão doce. — Murmurou. — Preciso prová-la.

Dedos quentes e fortes deslizaram sob o decote já baixo de seu corpete, removendo o tecido fino sob seus seios, o material tenso formando uma prateleira que os empurrava mais para cima.

Uma vaga imagem de como devia parecer devassa - esparramada e seminua - formou-se em sua mente, contudo Honey a ignorou, em vez disso, arqueou as costas e se apresentou a Simon como uma oferenda pagã.

Um hálito quente banhou seus seios expostos e gemeu quando a boca quente e úmida dele se fechou sobre seu mamilo, o choque erótico enviando um raio no seu sexo.

O que, diabos, pensa que está fazendo? A voz em sua cabeça exigiu, mais alto desta vez.

Mais alto e estranhamente... *masculino*.

Os olhos de Honey se abriram.

O duque de Plimpton estava de pé, atrás do sofá, pairando sobre eles, seus olhos cinzas furiosos, queimando-a.



Capítulo Dezesseis

HONEY OLHOU estupidamente para o duque e gritou.

Simon a puxou protetoramente em direção a seu peitoral enquanto, simultaneamente, se virava para ver o que a fez gritar. Honey sentiu seu corpo estremecer quando viu seu irmão.

— Maldição, Wyndham, o que, diabos, pensa que está fazendo? — Rugiu, segurando o corpo sem resistência de Honey contra o seu, enquanto sua mão se atrapalhava entre eles para puxar a seda úmida e amassada de seu corpete para cima.

— Cavalheiros, por favor, nos dê licença. — A voz do duque estava fria como uma tempestade de granizo.

Honey não podia ver seu rosto e não queria. Enterrou-se no ombro de Simon como a covarde que era.

A porta se fechou com um estalo e Simon falou baixo em seu ouvido.

— Vou soltá-la, mas apenas se eu tiver feito um trabalho adequado de ajustar seu vestido — Hesitou. — Consegui?

Honey passou a mão pelo seio; estava coberta. — Sim.

Simon a tirou de seu colo, com muito mais cuidado do que a colocara ali.

Honey o encarou, o rosto escaldante; parecia pronto para matar alguém.

— Está bem? — Simon perguntou suavemente, seu tom gentil mostrando que o assassinato em seus olhos não era para ela.

Novamente, assentiu.

Deu-lhe um sorriso rápido e severo e então se virou para onde seu irmão aguardava.

O duque estava encostado em frente a sua mesa, os braços cruzados sobre o peito, seu olhar em Honey em vez de Simon.

— Peço desculpas pelo que meu irmão...

— *Nunca* se desculpe por minhas ações! — Simon ficou de pé com uma graça balética, nenhum sinal de sua embriaguez anterior evidente em seus movimentos. Estava na frente do duque em meio segundo e seu punho acertou o lado do rosto de seu irmão com um estalo agudo, mesmo que o outro homem tivesse se esquivado.

As mãos de Honey voaram para a boca.

— Simon! — Seu nome saiu como um soluço estrangulado.

Levantou a mão para desferir um segundo golpe.

Honey podia ver que o duque havia se recuperado do primeiro, e em vez de se defender ou atacar, simplesmente esperou.

O ataque de Simon congelou no ar, a centímetros do rosto de seu irmão.

— Lute comigo, seu desgraçado.

O duque nem ao menos piscou.

Simon baixou o braço e fez um som pesado de desgosto. Voltou-se para Honey, fixando com um olhar incendiário.

— Deve sair, Srta. Keyes.

As palavras foram o equivalente verbal de um tapa e Honey se encolheu. Antes que pudesse responder, o duque falou.

— Não, Srta. Keyes. Por favor, fique. Isso envolve a senhorita tanto quanto meu irmão. — Extraíu um lenço branco de seu casaco, de corte impecável, e limpou o sangue no canto da boca.

Simon apertou sua mandíbula e balançou a cabeça.

— Não tem nada disso, Wyndham.

— Infelizmente, tem sim, Simon. Embora possa não ter notado, Lorde Renshaw, Albert Grayson e quatro outros cavalheiros estavam comigo, alguns momentos atrás. Tolamente pensei em trazê-los de volta para *minha* biblioteca — apontou para a garrafa quebrada — e estupidamente pensei que poderia desfrutar de um copo do *meu* conhaque com os cavalheiros — embora nunca tivesse levantado a voz, soou mais ameaçador do que uma cobra. — Porém, o que encontro? Te encontrei. Desonrando uma de nossas convidadas.

Honey engoliu em seco e se levantou.

— Sua graça?

O duque se virou para olhá-la e o resto de suas palavras morreram em sua garganta.

— Srta. Keyes, está arruinada — Suas palavras suaves pairaram no ar como uma névoa densa e desagradável de Londres.

— Não. — Honey respondeu, balançando a cabeça em negativa. — Não sou uma dama na sua primeira temporada. Não preciso proteger minha reputação para atrair uma boa oferta de casamento.

Um olhar de pena passou por suas feições de granito e fez seu sangue gelar.

— Não, Srta. Keyes, precisa fazer algo ainda mais delicado e difícil, a senhorita precisa convencer a aristocracia de que é o tipo de dama que podem permitir em suas casas. O tipo de dama que podem confiar com seus jovens herdeiros selvagens em sessões privadas. O tipo...

— Já *chega*, Wyndham — Simon disse.

O duque apenas olhou para o irmão mais novo.

Honey não podia ver o rosto de Simon, contudo, sabia que havia uma batalha acontecendo entre os dois. Apenas o tique-taque do relógio perturbou o silêncio quebradiço.

E então os ombros de Simon caíram.

— Cristo.

O duque acenou com a cabeça e endireitou-se, os braços caindo para os lados.

— Darei aos dois alguns minutos juntos.

E então saiu do escritório.



Droga, droga, droga, droga! As palavras eram como o crocitar insistente de corvos na cabeça de Simon.

Voltou-se para a Honey. Para *Honor*ia.

Estava o encarando, do outro lado do escritório, com os olhos aterrorizados de um prisioneiro no cais.

Cristo. Felizmente, não disse os palavrões em voz alta, desta vez.

Correu um dedo ao redor do desastre que era sua gravata, perguntando-se por que estava tão quente, quando o escritório estava mais frio que um

túmulo.

Simon forçou uma expressão neutra em seu rosto. Ou pelo menos tão neutro quanto um homem, com metade do rosto arruinado, poderia parecer.

— Pode se sentar? — Perguntou. Honey parecia mais assustada que uma potranca virgem, e com razão. Encontrou-se presa entre dois homens, que lutaram entre si por quase quinze anos.

Esta noite Honoria Keyes havia se tornado uma vítima dessa guerra.

Sentou-se e Simon se sentou na cadeira em frente a ela. Melhor não sentar ao seu lado, pois ao que parecia, isso causava problemas. Ainda assim, é difícil imaginar que problema pior poderia haver além desse.

Seu olhar fulminou sobre seu vestido amassado e o cabelo emaranhado e limpou a garganta.

— Senhorita Keyes...

Honey levantou uma das mãos com a palma para fora.

— Pare. — disse, apenas no caso de não ter entendido seu gesto. — Sei o que o senhor está prestes a fazer, e não há necessidade. Não aceitarei de qualquer forma.

Simon se sentiu estranhamente ofendido.

— O que?

— Não me casarei com o senhor, não importa o incentivo ou motivação.

Bem, não era difícil interpretar mal *essas* palavras.

Simon não pôde deixar de sorrir para seu espírito ardente.

— A senhorita sabe que meu irmão está certo. Essa história vai vazar de alguma forma. Sempre vaza. Mesmo que ameace aqueles homens com

consequências terríveis.

— Entendo. Porém a Sua Graça não *me* entende. Não entende que posso resistir a esta tempestade. Papai me deixou dinheiro suficiente para nunca mais precisar pintar outro retrato — Seus olhos cinzas furiosos tremeluziram sobre sua pessoa. — Não serei pressionada a desposar de um cavalheiro que não me quer.

Simon tentou esconder o alívio quase paralisante que as palavras dela trouxeram, entretanto um pouco desse alívio deve ter transparecido, porque a expressão dela ficou ainda mais sombria, o que não acreditava ser possível.

— Não se preocupe, milorde. Meu desejo de estar acorrentada ao senhor é ainda menor do que o desejo do senhor de estar acorrentado a mim.

Simon estremeceu com o ódio em carne viva nos olhos dela.

Honey se levantou e seu corpo a seguiu automaticamente. Estendeu a mão, seu olhar mais sombrio do que as Hébridas Exteriores no inverno. — Entrei aqui sozinha, sairei sozinha.

E com um farfalhar de seda dourada, Honey se foi.

Simon afundou de volta na cadeira, sua mente, um turbilhão de vergonha, arrependimento e alívio. Baixou a cabeça entre as mãos e balançou lentamente para frente e para trás. Não saberia dizer qual emoção era mais forte.



Os olhos de Honey turvaram-se de lágrimas e, praticamente, saiu correndo do escritório.

— Own!

Mãos fortes agarraram seus ombros e a impediram de cair para trás.

Honorina reconheceu o rosto do duque em meio às lágrimas de raiva.

— Firme-se, Srta. Keyes. — Murmurou, não cruelmente, liberando-a assim que se firmou.

— Desculpe-me, Sua Graça, deveria prestar atenção para onde estava indo.

O duque ignorou seu pedido de desculpas.

— Lamento a forma como isso aconteceu, senhorita, contudo, estou feliz que, em breve, fará parte desta família.

Honey deu uma risada ligeiramente histérica.

— Obrigada, Sua Graça, mas não irei me casar com seu irmão. — Girou nos calcanhares e retomou a jornada para seu quarto.

— Senhorita Keyes.

Parou porque Wyndham era o tipo de homem a quem uma pessoa obedecia naturalmente.

Entretanto se recusou a virar.

O corredor era acarpetado então não ouviu seus passos. Também não ficou surpresa com sua voz tão perto dela.

— Receio que a senhorita deva se casar com meu irmão.

O pouco que restava de seu controle se despedaçou e a raiva derretida gotejou pelas rachaduras. Honey se virou.

— Perdoe-me, Sua Graça, mas não devo fazer nada. O senhor pode controlar esta casa e aqueles que vivem nela, mas não irá me controlar.

Seus olhos se estreitaram, de uma forma que fez sua garganta apertar tanto, que era difícil respirar. Como acreditou que este homem era brando ou pouco notável? Era como a lâmina afiada de uma espada, como a presa de uma cobra venenosa.

Honey engoliu em seco e se manteve firme.

— Peço-lhe que não vá contra a minha vontade neste assunto, Srta. Keyes.

— Ou o quê? O senhor vai cancelar minhas comissões e se recusar a me pagar pelo meu tempo? — Disse levantando o queixo. — Vá em frente. Ficarei feliz em abandonar este lugar e nunca mais voltar.

— Vou pagar pelo seu tempo e ainda espero que os retratos sejam entregues.

Seu tom sem emoção a levou além do bom senso, além da autopreservação.

— Ou o quê?

Seus lábios finos flexionaram, mas não era um sorriso.

— Não me envolvo na troca de ameaças infundadas, Srta. Keyes. — Fez uma pausa para permitir que Honey digerisse *aquela* informação.

Arrepios surgiram em seus braços desnudos, porém se recusou a desviar o olhar.

— Nenhum de nós tem escolha no assunto de seu casamento com meu irmão. Não posso permitir que o nome da minha família seja arrastado pela lama dessa maneira. Meu irmão desonrou a senhorita, debaixo do meu teto, na frente dos meus convidados. Sabe que só há uma coisa a fazer agora, e a senhorita também.

Honey balançou a cabeça.

— Acredite em mim, quando digo que estou profundamente magoada por qualquer mal que possa ter causado ao nome da sua família. O senhor é o duque de Plimpton. Certamente seu crédito no mundo é alto o suficiente para sofrer tal revés. — Apressou-se, sem esperar por uma resposta. — Em qualquer caso, não vou sacrificar meu futuro por sua reputação. Vou receber comissões, mesmo com essa mancha negra no meu nome. — Encolheu os ombros, muito mais despreocupadamente do que se sentia. — E se não receber, simplesmente arrumarei minhas coisas e irei para o continente. Papai me deixou em uma posição que não exige que eu case ou trabalhe.

Poderia muito bem não ter falado nada.

— Vou lhe dar duas semanas para considerar a oferta do meu irmão e dar a resposta apropriada, Srta. Keyes.

Uma risada incrédula partiu dela. — Eu *não preciso* de duas semanas, Sua Graça. A resposta é, enfaticamente, *não* — Honey balançou a cabeça e tentou se acalmar. — Isso vai passar, senhor, para nós dois. Somos fortes o suficiente para resistir a uma tempestade tão pequena.

O duque balançou a cabeça lentamente.

— Isso pode ser verdade, *a senhorita* pode resistir a este escândalo.

Honey inclinou a cabeça, como se estivesse se esforçando para reconhecer uma melodia, quando não conseguia ouvir bem as notas. — Perdão?

— Entendo que Lady Winifred Sedgewick mora com a senhorita, a viúva do conde de Sedgewick. — Acrescentou, apenas no caso de Honey não saber quem era sua amiga mais amada.

Os minúsculos pelos de sua nuca se arrepiaram. — E o que tem ela?

— É uma mulher de recursos limitados, que sobrevive como uma espécie de casamenteira.

— Por que o senhor está falando sobre ela?

— Duas semanas, Srta. Keyes — Voltou-se e abriu a porta da biblioteca que acabara de deixar.

— Sua Graça! — Chamou, mas o duque não parou. — Por que o senhor está falando de Lady Winifred?

O homem desapareceu dentro da biblioteca e a porta se fechou silenciosamente atrás dele.



Capítulo Dezessete

HONEY NÃO conseguia acreditar como estava feliz por estar de volta à Londres enfumaçada, fedorenta e lotada; de volta em sua casa, relativamente pequena e confortável; de volta em seu quarto pouco luxuoso, pelo menos quando comparado com sua acomodação nas últimas semanas.

Freddie, é claro, sabia que algo tinha acontecido com Honey, durante sua viagem, na primeira noite.

Jantaram juntas, apenas as duas, já que sua outra companheira, Serena, estava, agora, trabalhando na casa de campo do jovem industrial rico Gareth Lockheart.

— Está diferente, Honoria. — disse Freddie, enquanto tomavam chá, no cômodo favorito de Honey, a minúscula sala, que considerava a sala de visita.

— Estou com muitas sardas no nariz, não estou? — Honey perguntou, propositalmente entendendo mal a sondagem gentil de sua amiga. — Receio ter estado exposta ao sol e esquecido o meu chapéu várias vezes.

Freddie era a última pessoa a pressionar ou bisbilhotar. Por mais próximas que tenham sido nos últimos seis anos, nunca falavam sobre seus passados.

Honey tinha falado sobre seu pai, é claro, contudo, nunca sobre sua paixão infantil por Simon Fairchild.

Uma paixão que havia terminado, oficialmente, logo depois da meia-noite, em seu último dia em Whitcomb.

— Viu Miles? — Perguntou à amiga, na esperança de desviar o assunto de si mesma.

— Sim, Miles voltou. Virá jantar amanhã, se estiver livre.

Honey estendeu a mão para pegar a xícara de chá e o pires.

— Não tenho planos. - Balançou a cabeça com a oferta de biscoitos e recostou-se em sua cadeira favorita, tirando as sapatilhas e colocando os pés embaixo do corpo.

Ah. O lar...

— Quando vai começar os retratos? — Freddie perguntou, mexendo leite em seu chá.

— Descansarei, primeiro, alguns dias. — A última coisa que Honey queria pensar no seu primeiro dia em casa eram nas últimas semanas.

— Alguma pessoa nova na minha ausência?

— Acabei de me encontrar com a Duquesa de Shearing, sobre suas filhas gêmeas.

— Ah — Honey assentiu. — Entendo que não pode mais andar.

Os olhos cinza de Freddie, tão diferentes dos cinza lamacentos de Honey, ficaram nublados.

— Sim, piorou, não consegue mais andar, nem mesmo com uma bengala. — Balançou a cabeça. — E ainda não tem quarenta anos.

— Sabe o que há de errado com a duquesa?

— Acredito que nem mesmo os médicos saibam. Em qualquer caso, estou muito grata a Lady Cleaves por ter me recomendado a duquesa.

Shearing é muito exigente e não tenho certeza se aprovará a ideia, de sua esposa, de me contratar.

Honey sabia que muitas pessoas não viam os *negócios* de Freddie com aprovação. Esperava-se que uma viúva sem recursos se casasse novamente; ou trabalhasse para sua família ou morresse de fome. Não era esperado que se levantasse sobre os próprios pés e assumisse o controle de seu futuro.

Honey pôs a xícara no pires.

— Quando vai saber mais?

— Não me disse, porém as garotas estão animadas, segundo a duquesa. Precisarão do resto do ano, se quiserem estar prontas para a próxima temporada, o que indicou ser a expectativa do duque.

Honey nunca conhecera o duque de Shearing, o vira apenas uma vez, quando acompanhara o pai à Galeria Real de Retratos. Era mais velho que seu pai e emanava o mesmo poder frio que sentira ao redor de Plimpton. Foram os homens que moldaram a Grã-Bretanha e, por extensão, o mundo. Honey estremeceu.

— Está com frio?

Olhou para cima e encontrou Freddie a observando, com preocupação.

— Não, apenas cansada. Acho que dormirei cedo.

Aquela fatídica noite passara há mais de duas semanas, e apenas recentemente Honey começara a se sentir normal.

Parte dela contava, em particular, os dias até que desafiaria abertamente o duque.

Bem, já se passaram dezessete dias, desde que retornara a Londres, e o sol ainda estava brilhando - embora por trás de poeira, fumaça e neblina - e

Honey havia sobrevivido ao descontentamento de Plimpton.

Não ouviu um suspiro sobre o escândalo daquela noite, provando que o poder do duque para anular os rumores era maior do que esperava.

Honey passou as melhores cinco horas do dia - as primeiras horas da manhã - em seu estúdio. Começou o retrato de Rebecca primeiro, pois descobrira que sentia falta da jovem.

Só depois de ouvir uma batida na porta, subiu para respirar.

— Lady Sedgewick está na sala, senhorita. A senhorita quer se juntar a duquesa para o chá? Ou devo trazer uma bandeja aqui?

Honey soltou o pincel e desamarrou o avental.

— Preciso fazer uma pausa por uma hora. Diga a Lady Sedgewick que já estou subindo, Sra. Brinkley.

Honey raramente trabalhava depois de uma ou duas horas e decidiu que passaria o resto da tarde revisando os livros de contabilidade, que permaneceram intocados, desde antes de sua viagem para Whitcomb.

Freddie já estava preparando o chá, quando Honey entrou na sala. A tez de porcelana pálida de sua amiga estava ainda mais pálida do que o normal.

— Não se sente bem? — Honey perguntou.

Freddie a fixou com seu olhar prateado, a pele delicada sob seus olhos manchadas.

O sorriso que deu a Honey foi, aparentemente, o mesmo de sempre. Algo não estava certo. Entregou a Honey seu chá, junto com dois biscoitos.

— Obrigada — disse Honey distraidamente. — O que há de errado, Freddie? Parece exausta.

— Receio ter recebido algumas notícias bastante decepcionantes ontem e que atrapalharam meu sono.

O aposento era aconchegante e quente, entretanto as mãos de Honey pareciam blocos de gelo. — O que foi?

— Recebi uma mensagem do duque de Shearing, informando-me que suas filhas não precisariam dos meus serviços.

— Por quê?

As sobrancelhas de Freddie arquearam com a pergunta abrupta.

— Não sei, minha querida. Dificilmente é o tipo de coisa que um duque provavelmente compartilharia. — Tomou um gole de chá.

— Bem, é muito ruim da parte dele, mas acho que algo vai aparecer. — Honey disse, com muito mais entusiasmo do que sentia.

Freddie acenou com a cabeça distraidamente.

Honey tomou um gole, baixou a xícara e suspirou.

— Não me contou tudo, não é?

— Acabei de receber isto. — Ergueu um pedaço de pergaminho verde claro.

— O que é isso?

— Lady Mayfield mudou de ideia e, ao que parece, não vai precisar de mim para sua sobrinha, afinal.

A voz do duque estava clara em sua mente.

— É uma mulher de recursos limitados, que sobrevive como uma espécie de casamenteira.

A xícara de chá cheia de Honey atingiu o carpete puído de Aubusson, quicou duas vezes e depois parou na madeira exposta.

— Céus! — Freddie largou a xícara e o pires, com a graça impecável pela qual era tão conhecida. — O que há de errado, Honoria?

Honey apenas balançou a cabeça, lutando para falar.

— Nada. — resmungou, incapaz de parar de sacudir a cabeça. — Nada. — Levantou-se e foi até o puxador do sino que quase nunca usava, dando dois puxões fortes.

Freddie veio ficar ao lado dela e colocou a mão sobre seu ombro.

— Está me assustando.

— Eu preciso enviar uma mensagem; imediatamente. — Acrescentou, olhando pela janela, que dava para o jardim dos fundos, geralmente sua vista favorita. Hoje nem prestou atenção. Em vez disso, viu o duque.

— Peço-lhe que não vá contra a minha vontade neste assunto, Srta. Keyes.

Honoria fechou os olhos. Oh meu Deus.

A porta se abriu atrás dela.

— Senhorita Keyes, a senhorita chamou? — sua governanta perguntou, sua voz ofegante por ter subido as escadas às pressas e pulsando com preocupação.

— Preciso contratar um mensageiro.

— Um mensageiro? — Freddie e a Sra. Brinkley disseram ao mesmo tempo.

— Vou escrever uma carta e preciso que a senhora chame um mensageiro para entregá-la no The Swan com a Two Necks. Pagarei pelo

mensageiro mais rápido.

A Sra. Brinkley assentiu.

— Muito bem, senhorita, irei buscar alguém.

A porta se fechou e Honey caminhou até a pequena escrivaninha.

— Honey.

Honorina parou e se virou ao som sem precedentes de Freddie levantando sua voz. — Desculpe-me, Freddie, não quis ser tão dramática. É que de repente me lembrei de algo que esqueci em Whitcomb.

Agora a confusão de Freddie estava completa.

— Whitcomb? O que poderia ser tão importante? Terá que pagar uma fortuna para enviar uma mensagem.

Honey não suportou contar à amiga que Freddie teria que pagar muito mais, se não enviasse a mensagem.



Capítulo Dezoito

SIMON ESTAVA acostumado com a maneira como os olhos da velha se arregalaram e rapidamente se afastaram de seu rosto cicatrizado.

Era a mesma reação que obtinha de qualquer pessoa que não fosse cretina ou menor de doze anos de idade, estes eram os que ficavam boquiabertos.

— Estou aqui para ver a Srta. Keyes — Entregou-lhe um cartão e a senhora o pegou, com uma mão coberta de farinha e semicerrou os olhos para tentar lê-lo.

Tarde demais, ocorreu-lhe que a senhora, provavelmente, não sabia ler.

— Sou o Lorde Saybrook — disse.

A senhora deu um suspiro.

— Bem, então é melhor o senhor entrar.

Simon quase sorriu, que governanta incomum.

— Sou a cozinheira, não um lacaio ou mordomo — resmungou, fazendo Simon se perguntar se falara em voz alta.

Começou a subir as escadas e então pareceu se lembrar de sua presença.

— Venha comigo, se o senhor quiser, não quero ter que fazer uma segunda viagem caso resolvam recebê-lo.— Encolheu os ombros, sem se preocupar em elaborar sobre essa contingência.

Simon seguiu sua forma curvada até o segundo andar, onde parou em frente à terceira porta. Simon podia ouvir vozes do outro lado.

Bateu com o punho do tamanho de um presunto, deixando marcas brancas na madeira de mogno, antes de agarrar a maçaneta, abrindo uma fenda pequena e enfiando a cabeça na abertura.

A voz de Honey veio do outro lado da porta.

— Sim, Una?

— A senhorita tem uma visita. Lorde Lanebridge ou algo parecido.

Simon bufou, entretido. Pena que Wyndham não estava aqui para desfrutar desse tratamento.

A sala ficou completamente silenciosa.

Houve o som de alguém limpando a garganta e, em seguida.

— Por favor, traga-o para cima.

— Bem, já fiz isso, não fiz? — A velha ralhou, passando por Simon e pisando forte em direção às escadas.

— Lorde Saybrook — disse Honey, tomando o lugar que sua cozinheira tinha acabado de desocupar, seu corpo bloqueando a entrada

Simon se curvou, ainda segurando o chapéu e a bengala. — Senhorita Keyes.

Honey apenas o olhou fixamente.

Simon bateu com o chapéu na coxa, perguntando-se qual era o costume naquela casa. Deveria colocar o chapéu de volta?

Honey olhou para o seu chapéu e ganhou vida.

— Oh, por Deus, Una não pegou seu chapéu e bengala — Arrancou ambos de suas mãos e deu um passo para o lado. — Entre. Estávamos terminando o chá.

Atrás dela estavam outras duas pessoas, uma mulher bela e loira e um homem, que parecia vagamente familiar.

— Lorde Saybrook, deixe-me apresentar Lady Winifred Sedgwick e Miles Ingram.

A luz acendeu ao som do nome do cavalheiro. Curvou-se para a loira, de aparência gelada, e então se virou para o outro ocupante. — Quanto tempo, Capitão Ingram.

A boca de Ingram se curvou, mas seu sorriso nunca alcançou seus olhos.

— Não sou mais capitão, eu saí. Apenas Ingram agora, Saybrook.

— Por favor, sente-se. — disse Honey, quando o silêncio começou a se esticar.

Simon se sentou no sofá, o último lugar desocupado na pequena sala, além da escrivaninha ou do assento da janela.

— O senhor gostaria de um pouco de chá? Já está frio, porém posso pedir mais.

Simon sorriu, tentado pelo pensamento da cozinheira contumaz bancando o lacaio. — Não, obrigado — voltou seu olhar para Ingram, de quem, de repente, se lembrou com uma clareza surpreendente. — Como está sua mão?

Os olhos do outro homem piscaram. — Melhor do que nenhuma.

Simon supôs que era o único agradecimento que receberia por salvar a mão de Ingram, sem mencionar sua vida. Não que estivesse interessado em gratidão.

— Conheceram-se na guerra?

Simon deixou Ingram responder à pergunta de Honoria.

— Sim, conheci Lorde Saybrook. Uma vez.

A tensão fluiu do outro homem, como ondas no mar.

Ora, ora, ora. Aqui estava outro dândi danificado.

Simon teve que sorrir. Ingram até se parecia um pouco consigo, ou pelo menos com o que Simon costumava ser: alto, loiro, olhos azuis, bonito, charmoso.

Bem, Simon ainda era alto e tinha olhos azuis.

— O senhor está hospedado na casa do seu irmão, na cidade, milorde?

Simon se virou ao som da voz de Honoria.

— Não sei ainda, acabei de chegar.

Seus olhos tremeluziram sobre as roupas de montaria empoeiradas, que sua amiga - Lady Sedgewick – notou timidamente quando entrou na sala.

— Podemos ter um momento, Srta. Keyes, a sós? — Foi rude, mas Simon estava exausto, depois da longa cavalgada.

A condessa corou e Ingram pareceu dobrar de tamanho, como um réptil exótico e venenoso. Simon ignorou os dois.

Se Ingram tivesse algum tipo de audácia para discutir com Simon, então adoraria nada mais do que discutir com o homem em algum momento. Mas não era para isso que fora lá, hoje.

— De certo que sim. — Disse a Srta. Keyes, seu rosto mais vermelho do que o de sua amiga. — Talvez um passeio no jardim?

Simon abriu a porta da sala de visita e fechou-a atrás dela.

— Não sabem? — Perguntou categoricamente, enquanto a seguia escada abaixo.

— Não, não sabem.

Honey o conduziu a um pequeno terraço, que dava para um lindo jardim.

— Há um banco logo ali. — Apontou, porém Simon estava olhando para o rosto dela, que tinha ficado vermelho como uma beterraba, quando Honey se lembrou da última vez que estiveram em um jardim com bancos.

Simon a seguiu por um caminho cercado por roseiras bem podadas e em direção a uma pequena área de estar, com apenas um banco. Honoria sentou-se, completamente de lado.

Simon permaneceu de pé.

— O duque me informou que a senhorita reconsiderou minha oferta.

Seus olhos cinza brilharam para Simon. — Também lhe contou o que fez?

— Não, mas posso imaginar. Pressionou-a, ameaçando a sua carreira?

— Pior. Ameaçou o sustento de Lady Sedgewick. Freddie não é como eu, não tem uma casa confortável e um pé de meia. Precisa trabalhar por seu pão e o duque já arrancou duas oportunidades dela.

Se esperava que suas palavras o surpreendessem, estava destinada a se decepcionar.

— Já lhe disse, Srta. Keyes, meu irmão fará o que for preciso para conseguir o que deseja. A senhorita deveria estar feliz por ter interferido apenas com alguns dos clientes em potencial da sua amiga. Está facilmente dentro de seu poder torná-la uma pária.

A cor sumiu nas suas bochechas.

— Que tipo de monstro é o duque?

Simon sentiu uma pontada protetora em direção a seu irmão com a acusação dela.

— É um homem poderoso. É assim que são, Srta. Keyes. É assim que os duques obtêm e mantêm o poder. — Simon encolheu os ombros. — E a senhorita e eu somos tão vulneráveis à vontade e caprichos dele, quanta a sua amiga, Lady Sedgewick. A senhorita pode lutar contra o meu irmão, mas também já viu um pouco do que está disposto a fazer. — Viu a fúria frustrada em seu rosto tenso e sentiu simpatia. — Sinto muito por aquela noite e ao que ela levou, de verdade.

— Sou adulta, não uma criança, milorde. Estava lá naquela noite, metade do que aconteceu é culpa minha também.

Simon não achou que seria sábio discutir o assunto. Também não via sentido em dizer que sua vida seria um desastre quando a notícia do que estavam fazendo no escritório de seu irmão finalmente se espalhasse. O que aconteceria, coisas como essa *sempre* se espalhavam. O duque só conseguiria mantê-los com medo por um certo tempo. E quando a verdade fosse revelada, não seria Simon quem iria sofrer. Seria Honoria Keyes e qualquer pessoa que se relacionasse com Honey. Não era certo ou justo, mas era como as coisas aconteciam.

Percebeu que Honey ainda estava esperando por uma resposta dele.

— Posso dizer, por experiência própria, que nunca ganhei uma batalha de vontades contra meu irmão. Nunca. Porém sua sequência de vitórias pode estar terminando.

Honey franziu a testa, com suspeita. — O que quer dizer com isso?

— Quero dizer que conheço uma maneira de frustrá-lo.

A esperança brilhou em seus olhos. — O senhor quer dizer que não terei que...

— Não, a senhorita ainda terá que se casar comigo. Mas depois, — sentiu um sorriso tomar conta de sua boca e soube que não era uma visão bonita — depois podemos vencê-lo.

— Como?

— Sei que a senhorita não deseja se casar, porém estou disposto a fazer uma barganha.

— Que tipo de barganha?

— Meu irmão quer que eu me case, porque quer um herdeiro.

— Mas *o senhor é* o herdeiro dele.

Simon não queria dizer-lhe o que Wyndham pensava: que Simon não viveria muito.

— O duque está preocupado com o fato de nunca me casar. Seu propósito na vida, desde o momento em que soube que sua esposa não poderia ter mais filhos, foi me ver casado — deu a Honey um sorriso tenso. — Vou deixá-lo pensar que alcançou esse propósito. Por um tempo.

Honey balançou a cabeça em negativa. — Não estou entendendo. Sei por que me casaria com o senhor, seu irmão deixou claro que devo fazer o que diz. Mas por que o senhor está cedendo à vontade dele? Não o deixaria

igualmente zangado, se o senhor continuasse se recusando a se casar? Por que se tornar seu peão nisso?

Mais uma vez, Simon sabia que Honey não acreditaria que qualquer parte de sua decisão surgisse de motivos cavalheirescos ou por cavalheirismo. Inferno, não tinha certeza se acreditava nisso.

Então, decidiu contar parte da verdade.

— Quero minha vida de volta, quero ir para Everley, continuar fazendo o que planejei anos atrás. Meu irmão está em posse da minha herança e tem o poder de continuar em posse, até que me case ou complete trinta e cinco anos. Mesmo assim, pode fazer com que as coisas fiquem desconfortáveis. Além disso, se me desposar da senhorita, vai parar de jogar garotas como Lady Rosalind no meu caminho. Se me casar com a senhorita, vai parar de me perseguir. Quanto a nós presenteá-lo com um herdeiro? Bem, dificilmente poderá fazer alguma coisa, se não estivermos interessado, não é?

Simon observou, enquanto a compreensão florescia em seus olhos.

Uma mancha rosa se espalhou por suas maçãs do rosto salientes.

— Por favor, fale francamente, senhor.

— Muito bem. Quero dizer que vamos nos casar, porém não teremos filhos. Nunca.

Honey ofegou suavemente.

— O senhor se privaria de filhos, apenas para irritar seu irmão? Isso é o quão longe o senhor iria apenas para frustrá-lo?

O rosto de Wyndham surgiu na mente de Simon, como pareceu ao saber que Cecily havia perdido seu primeiro filho. E então o segundo e o terceiro. E depois quando seu quarto filho morreu.

Não. Não seria uma privação evitar tal dor. Mulheres e crianças eram frágeis e o processo de parto era brutal. Tinha visto morte suficiente na guerra, para durar mil vidas. A última coisa que Simon queria em sua vida, era se cercar de mais mortes. Mulheres morriam durante o parto o tempo todo, junto com seus bebês. Tinha sido muito estúpido em não evitar a guerra, mas *podia* evitar isso.

Olhou para Honey. Honoria Keyes não precisava saber de tudo isso, ninguém precisava.

Então, em vez disso, apenas balançou a cabeça e disse:

— Sim, é o quão longe estou disposto a ir.



Honey sentiu como se a tivesse esbofeteado. Talvez o tivesse ouvido mal? Tinha que ter certeza.

— Então, o senhor quer dizer...

— Quero dizer, sem filhos. Jamais. Essa é a única maneira de vencer o duque. Negar aquilo que mais deseja.

A lógica era sensata. Também era distorcida, além de qualquer coisa que Honey pudesse ter inventado. Este homem era tão mau quanto o duque de Plimpton, tão frio e desprovido de qualquer coisa que constituísse um coração humano. E tudo na busca de seu objetivo, que era negar o desejo de *seu* irmão.

Honey riu. Simon franziu a testa, porém não disse nada.

Honey balançou a cabeça, abalada demais para fazer joguetes de adivinhação.

— O senhor não está me oferecendo filhos ou uma família. O que está oferecendo, milorde?

— Case-se comigo e a senhorita terá segurança, uma posição respeitável na sociedade e a liberdade de pintar quando e onde quiser. A senhorita também terá sua própria vida; liberdade, Srta. Keyes. Não vou atrapalhar seu caminho e a senhorita não estará presa a um marido ou a um lar.

Então, essas eram suas duas opções: poderia destruir a vida de sua amiga mais querida ou viver uma existência sem filhos e sem amor, não que tivesse nutrido qualquer expectativa por qualquer uma dessas coisas por muitos anos. Contudo não os apreciar e ouvir que nunca os teria eram duas questões totalmente diferentes.

Ainda assim, se Simon estava realmente disposto a tomar tais medidas extremas para se vingar de seu irmão, então era o último homem na terra que *deveria* ter filhos.

Sofreriam juntos.

A raiva dentro dela era tão potente e fria que a surpreendeu. Não havia sentido ficar remoendo a situação, não importava o que queria. O duque esmagaria as pessoas que amava, se não fizesse o que estava dizendo. Assunto encerrado.

Honey tinha muitas perguntas e a maioria delas não queria colocar em palavras. Escolheu o menos repulsivo.

— Onde viveríamos?

Simon pareceu surpreso, como se esperasse mais resistência.

— Onde a senhorita quiser. Terei Everley, assim que nos casarmos. Também terei acesso à minha herança, então se a senhorita quiser morar em

Londres, podemos comprar uma casa, ou pode continuar como está.

Honey só conseguia olhar, não conseguia acreditar que era a isso que sua vida havia sido reduzida. Realmente, não conseguia acreditar que alguma vez pensou que estava apaixonada por esse homem. Como poderia se casar com ela por nenhuma outra razão além de frustrar seu irmão?

Queria chutá-lo pela porta da frente e escada abaixo, mas já tinha visto o que o duque poderia fazer em apenas algumas semanas.

Pensou em Serena, Miles, até em Portia, Annis e Lorelei, embora estivessem longe de Londres. O duque seria um homem com longo alcance.

Honey se forçou a olhar para o homem ao lado dela, o homem que provavelmente seria seu marido, enquanto vivesse. Um homem que não queria filhos de seu corpo, que queria que essa parte de seu casamento nem existisse.

Era um insulto. Não, era *muito mais* do que um insulto. Entretanto, disse a si mesma que não se importava mais. Estar casada com Simon - por mais que agora o odiasse - não apresentaria problemas. Pelo menos não como teria acontecido se ainda o amasse.

— Então, vamos nos casar e depois voltar para nossas respectivas residências e continuar nossas vidas?

Simon assentiu. — Isso mesmo.

— E as pessoas não vão achar isso estranho, morando em casas separadas? Cidades separadas? Isso não vai fazer as pessoas falarem?

— Por que a senhorita se importa?

— Parte do motivo pelo qual estou fazendo isso é para preservar alguns vestígios de minha reputação, para que possa continuar meu trabalho. — Não se incomodou em esconder o sarcasmo de sua voz.

— Tudo bem — disse brevemente. — Existem mais de vinte quartos em Everley e outros quartos que seriam adequados para sua oficina de pintura. Podemos coabitar e nunca realmente ver o rosto um do outro — Deu um suspiro irritado. — Acredite em mim, Srta. Keyes, se deseja projetar uma imagem de um casamento aristocrático normal, seremos capazes de fazê-lo com pouco esforço.

Honey sabia que estava certo. Viveu em Whitcomb tempo suficiente para testemunhar um casamento *aristocrático* em primeira mão. Nunca tinha visto o duque e a duquesa no mesmo ambiente, todavia, ninguém parecia notar nada desagradável.

Independentemente de como o duque e a duquesa escolheram viver, projetar uma imagem de um casamento normal seria importante para Honey.

Nunca quis que seus amigos descobrissem por que teve que se casar. Sabia que Freddie lutaria com os dentes e as garras do casamento, se soubesse que Honey estava apenas concordando com essa farsa para protegê-la.

E se Miles algum dia soubesse o que o duque tinha feito com Freddie?

Honey estremeceu com o pensamento, sabia que Miles iria desafiar o duque para um duelo por tentar destruir sua amiga.

Seus amigos a amavam e a defenderiam, arruinando-se no processo.

Olhou para Simon, que estava esperando, com uma expressão levemente interessada.

Honey teve que se forçar a dizer a próxima frase. — E teremos amantes, assim como todos os membros da aristocracia parecem ter?

O lado intacto de seu rosto escureceu e Honey ficou surpresa que um homem como Simon ainda pudesse corar.

Depois de um longo e estranho momento, encolheu os ombros.

— A senhorita pode ter quantos amantes quiser, desde que não conceba filhos.

Foi a vez de Honey corar. Não lhe disse que não haveria amantes. Viveu por vinte e oito anos e beijara apenas um homem no mês anterior. A probabilidade de beijar outro era menos do que tênue.

Honey olhou para o homem que fora seu sonho por quatorze anos. Parte dela queria bater nele com um tijolo e a outra parte dela queria chorar. O resto dela sabia que não havia maneira de evitar isso. Assentiu.

— Tudo bem, me casarei com o senhor. Entretanto, não quero uma grande cerimônia.



Capítulo Dezenove

— **E**STA É sua última chance, Honey. Não é tarde demais. — disse Miles.

Honey olhou nos olhos azuis ansiosos de Miles e sorriu calmamente. Não era uma atuação, estava realmente *se sentindo* calma aquela manhã. — Estou pronta, Miles.

Estava. Estava acordada desde antes do amanhecer e estava bem acordada e pronta, quando Freddie bateu em sua porta para ajudá-la com os preparativos para o casamento.

Agora estavam sentados em St. Olav, esperando o noivo chegar.

Os três haviam chegado cedo àquela igreja estranha. Honey se divertira, quando seus amigos olharam para o horrível portão de entrada na Seething Street, com temor nos olhos.

— Escolheu esta igreja? — Miles perguntou pela quinta vez.

Honoraria sorriu.

— Sim, Miles. Escolhi esta igreja. Papai costumava me trazer aqui. Gostava muito dessa atmosfera macabra.

— Sim, um excelente local para um casamento.

Freddie colocou a mão em seu braço para acalmá-lo, o que vinha fazendo quase constantemente nos últimos três dias, fazendo Honey se perguntar - não pela primeira vez - se havia mais do que amizade entre sua amiga tranquila e o lindo mestre da dança.

— Ainda não consigo acreditar que não contou às outras — Miles persistiu.

Por outras, Miles se referia a suas amigas da escola Stefani.

— Contarei depois. — disse Honey, mais uma vez.

Não queria que todas corressem para Londres, para assistir à pequena cerimônia sombria. Não queria responder às perguntas que fariam, especialmente sua amiga Serena, que poderia ter trabalhado para a Inquisição.

— Quero dizer lhe uma coisa — Miles deixou escapar, como se as palavras tivessem usado um ferro de aço para escapar de sua boca.

— Miles... — Freddie começou.

— Não, Freddie. Não vou me perdoar se esconder isso dela — Virou-se para Honey, seus olhos azuis geralmente preguiçosos queimando. — Seu prometido era bastante conhecido no continente.

Honey não disse nada. Parte dela queria ouvir o que o amigo tinha a dizer; parte dela sentia-se como se estivesse se envolvendo em fofoca sobre um homem a quem devia sua lealdade. Ou pelo menos *alguma* lealdade.

— Sempre que havia uma missão ou conflito ou qualquer coisa perigosa, algo para o qual nenhum homem, em sã consciência, se voluntariaria, o major Lorde Simon Fairchild estaria no topo da lista. Foi assim que o conheci — Miles passou a mão por seus cachos dourados, a ação estranhamente espasmódica, para um homem tão gracioso. — Fazia parte de um pequeno grupo composto por quatro homens da minha unidade e um outro homem que conhecia o caminho, Saybrook. Nossa missão era o que chamamos de ataque relâmpago. O alvo era uma propriedade rural,

onde os inimigos mantinham três oficiais cativos — a testa de Miles estava brilhando de suor, embora a igreja estivesse fria.

— Miles, não tem...

O amigo continuou, como se não a tivesse ouvido.

— Fairchild deveria apenas nos mostrar o caminho, esperar em um local separado, para que concluíssemos nossa missão e, em seguida, retornar sozinho, se não voltássemos depois de vinte e quatro horas — Honey soltou um suspiro trêmulo. — Caímos direto em uma armadilha. Não estavam mantendo nenhum oficial na velha casa, pelo menos ninguém vivo. Não estavam usando o local como uma prisão. Em vez disso, era uma área de teste e eram um grupo mais experiente.

Miles engoliu em seco, seu olhar estava distante.

— Começaram a nos torturar, um após o outro, trabalhando de uma forma rápida e brutal, que nos disse que logo estariam em movimento novamente. Agradei a Deus que Saybrook seria capaz de voltar ao QG e dizer a verdade, que era, — parou, engoliu em seco e balançou a cabeça — não importa o que era. Dois dos homens que estavam comigo morreram em seis horas. Estavam prontos para nos matar, quando a porta foi aberta e Saybrook entrou — fez um som de espanto absoluto com o que quer que fosse que viu em sua mente. — Entrou com um sorriso no rosto, suas barras de aço - no coldre na cintura - deixando um rastro de sangue. Tinha uma pistola em cada mão e atirou nos dois homens no meio da testa. Um deles estava tão perto de mim que... — parou abruptamente, como se de repente se lembrasse com quem estava falando.

Pigarreou e continuou: — O outro homem que torturaram já estava morto e eu não estava muito atrás dele. Saybrook parou tempo suficiente

para jogar um casaco sobre mim e recarregar suas pistolas. Então, me jogou por cima do ombro e me carregou para fora de lá.

Miles bufou de descrença. — Havia uma trilha de cadáveres saindo da sala onde tínhamos sido mantidos em cativeiro por todo o caminho, para fora da casa. Havia franceses espalhados *por todos os lugares*. Não estou exagerando, Saybrook é capaz de andar entre as balas. Poderíamos ter sido atingidos uma dúzia de vezes ao sair de lá —olhou para Honoria com olhos angustiados. — Três dos meus melhores amigos morreram naquele dia, e Saybrook entrou, como se estivesse dançando uma valsa, como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo, me carregou como um bebê dentro de um carrinho e me levou para longe, sem nem mesmo um arranhão.

Honey não sabia o que dizer, não sabia por que estava lhe contando tudo aquilo, embora estivesse grata por isso.

— Estou lhe contando isso — disse, como se tivesse lido a sua mente — porque quero que saiba duas coisas. Primeiro, Saybrook só faz o que quer. Sempre. Deveria ter voltado ao QG com as informações. Em vez disso, arriscou milhares de vidas, desobedecendo ordens, para vir atrás de mim. Em segundo lugar, e muito mais importante, Honey, esse homem não se importa se vive ou morre. Porque essa não foi a primeira vez que fez tal façanha e não foi a última. Não era apenas famoso por seu comportamento, era *notório* por ele.

A velha porta de madeira atrás deles se abriu com um ruído e os três se viraram.

Lá estava Simon, seu corpo alto delineado pela luz.

— Por Deus — disse — não me diga que estou atrasado?



— Eu, Simon Bevil Charles Fairchild, aceito Honoria Agnes Keyes...

Estava realmente acontecendo; Simon estava se casando.

Estivera em um estranho estado de fuga, desde que chegara a Londres.

Depois de deixar a casa de Honey, naquele primeiro dia, foi diretamente ao Doctors Commons e lá deixou vinte guinéus para uma licença especial.

Com a licença no bolso, foi para o Grenier's Hotel, que estava convenientemente localizado e se adequava a seus planos: planos tediosos que envolviam comprar roupas, encomendar botas novas, passar pelo White - uma atividade que não esperava - e se preparar para ficar, no mínimo, apresentável.

Simon não estivera em grandes aglomerações, ou se misturado com pessoas que não o conheciam, desde que voltara da Bélgica.

Sempre acreditou que tinha uma constituição forte, contudo, depois de parar em várias pousadas movimentadas, estava farto de ser encarado.

Estava exausto.

Depois de obter a licença, caiu na cama e dormiu até o meio-dia do dia seguinte. Como resultado, atrasou-se para o encontro com sua futura esposa, que parecia estar no meio de um furacão doméstico, quando foi conduzido à sala.

O cabelo glorioso de Honey estava escondido sob uma touca horrorosa e seu vestido era velho e fora de moda e, no geral, combinava com a roupa dele, um lembrete de que seus planos para o resto do dia incluíam compras.

Assim que o acomodou e colocou uma xícara de chá indesejada em suas mãos, passou à ofensiva. — O senhor já fez algum acerto para o serviço?

Sentindo-se o maior idiota da nação, Simon admitiu que não. O que, diabos, estava pensando? Ou não estava pensando?

— Gostaria de me casar em Saint Olavs.

Simon pensou muito forte, mas não conseguiu lembrar de nada.

Honey notou seu olhar vazio.

— Na Seething Lane.

O nome evocou crânios e um cemitério, mas não uma igreja. — Parece me lembrar de um bastante incomum...

— Fica no Portal Lychgate, tem um friso de caveira.

Ah, sim. Bastante macabro, e de certa forma, adequado para uma união que lhe fora forçada, supôs. — Não tenho nenhum problema com sua escolha — disse, tomando um gole de chá e reprimindo uma careta. Teria que lhe dizer, depois que se casassem, que odiava chá.

— Como a cerimônia deve ser daqui a dois dias, talvez seja melhor o senhor tomar as providências. Hoje.

Simon sorriu com o sarcasmo sedoso em sua voz; sua futura esposa não seria intimidada. Isso era bom, não gostava de mulheres sem espírito. — Vou cuidar disso — prometeu. O tempo era terrivelmente curto, e suspeitou que uma doação adequada ajudaria a acelerar as coisas.

Fungou, enquanto apreciavam suas bebidas, acompanhadas pelo tique-taque do relógio e o som abafado dos ruídos da rua.

— Gostaria de Lady Sedgewick e o Sr. Ingram como minhas testemunhas.

— Fico feliz em ouvir isso, pois não tenho ninguém.

— Quais são seus planos após a cerimônia?

Por um momento, se perguntou se Honey pensava que voltaria para Whitcomb e Loki.

— Planos? — Piscou, sentindo-se lento e estúpido, por não conseguir acompanhar o ritmo dela. — Não tenho planos, achei que a senhorita fosse querer fazer algum tipo de recepção após a cerimônia — Por Deus, isso não soou sombrio? Sua esposa justificadamente hostil, seus dois amigos hostis e Simon.

Novamente Honey o surpreendeu. — Gostaria de dispensar a recepção e partir para Everley imediatamente.

— Ah — Finalmente algo para o qual tinha uma resposta. — Isso pode ser um pouco problemático.

— Por quê?

— Tem inquilinos morando lá até o fim do mês. Wyndham - em sua sabedoria - já havia rescindido o contrato de arrendamento, depois que voltei da Bélgica. Contudo como ocuparam o lugar por décadas, achou generoso dar-lhes algumas semanas extras, para empacotar seus pertences.

— Então, para onde o senhor planejava me levar?

— De volta para Whitcomb. Tem bastante espaço.

Honey inchou, como uma galinha zangada, seus olhos duros e cinzentos como bolas de chumbo. — Não vou ficar sob o mesmo teto que seu irmão.

Simon sentiu uma pontada de pena por seu irmão; Wyndham havia conquistado um inimigo para o resto da vida, ao que parecia.

— Posso ver. Bem, isso apresenta um problema. Especialmente porque todos os tetos aos quais temos acesso, atualmente, são dele — Olhou ao redor em sua pequena sala. — Ou aqui.

Sua careta lhe disse o que Honey pensava sobre seu futuro esposo morando em sua casa.

Eles se encararam.

Depois de uma hora de perguntas e respostas, descartando Plimpton House, a casa de caça de Wyndham em Leicestershire, outra em Devon e vários outros, finalmente decidiram passar as próximas semanas em Brighton. Recusou a casa elegante que o duque possuía lá, então, Simon concordou com qualquer hotel que escolhesse.

— Lorde Saybrook?

Simon ergueu os olhos e percebeu que o vigário, Honoria, e as duas testemunhas estavam o encarando. Estava na igreja, se casando.

Simon pigarreou e olhou suplicante para o vigário. — Perdão? — Perguntou quando ficou claro que não receberia ajuda de sua futura esposa.

— A aliança, milorde, o senhor tem uma?

Isso era uma coisa que tinha. Enfiou a mão no bolso do casaco e extraiu um diamante, de proporções obscenas. Sua nova esposa respirou fundo, ao ver o monstro deslumbrante em forma de lágrima e até o vigário pareceu momentaneamente atordoadado.

Suas duas testemunhas, observou presunçosamente, pareciam maravilhadas, para variar.

— Por favor, repita depois de mim...

Simon o fez, e então eram marido e mulher.



Capítulo Vinte

— TEM CERTEZA de que não deseja ficar mais uma noite? — Freddie perguntou, estranhamente ansiosa, enquanto ajudava Honey a terminar de fazer as malas.

Honey tinha embalado a maior parte de suas roupas no dia em que falara com Simon, que a informou que não tinham casa e tinha - insanamente - acreditado que ficaria a menos de um quilômetro de seu irmão.

Bufou com a memória de sua expressão atordoada e enfiou uma peliça na mala. *Homens!*

Freddie tirou rapidamente a roupa amassada e dobrou-a corretamente.

— Tem certeza de que ficará bem, Honoria? Ainda não entendo por que está fazendo isso. — O comentário pessoal foi sem precedentes e mostrou como sua amiga estava preocupada.

Honey pegou Freddie pelos ombros e a sentou na cama.

Tiveram três dias turbulentos para resolver os problemas domésticos e a logística de mover seus pertences mais importantes para Everley.

Não houve tempo para falar sobre o porquê estava se casando com um homem que seus dois amigos pareciam não gostar, ou pelo menos confiar.

Honey só podia ficar feliz por suas outras amigas não estarem ali para testemunharem o fiasco.

— Tenham amantes. — Sua amiga Portia, uma vez, aconselhou suas professoras, escandalizando todas elas, exceto Lorelei, que frequentemente falava sobre a opressão das mulheres no casamento, depois de ler algum tratado de Blake.

Claro, a própria Portia tinha se casado recentemente e parecia estar feliz e apaixonada, então, presumivelmente, seu conselho, agora, seria diferente.

Não que o casamento de Honey estivesse nem perto de ser um casamento por amor.

Pelo menos não por parte dele...

Honey tirou apressadamente esse pensamento de sua mente e se concentrou em Freddie e em suas preocupações.

— Estou feliz com este casamento; emocionada, na verdade. — Obrigou-se a sorrir.

— Não parece muito feliz. Não entendo por que as coisas aconteceram com tanta pressa, por que não deixou que contássemos para ninguém? E por que a...

— Não estou feliz com a velocidade com que as coisas estão acontecendo, e a culpa é minha por isso. — A única coisa que compartilhou com seus amigos - isso era verdade - foi o episódio no escritório do duque e a meia dúzia de testemunhas. Freddie, muito mais do que Miles, entendeu por que Honey devia se casar com o homem.

Sua amiga assentiu, mas suas bochechas desenvolveram duas manchas vermelhas bastante alarmantes.

— O que é Freddie?

— Sobre esta noite.

— Esta noite?

— Sim, sua noite de núpcias.

Foi a vez de Honey corar.

— Ah, isso.

— Sabe o que vai acontecer?

Honey não disse a amiga que nada aconteceria, que este seria um casamento sem filhos. Em vez disso, assentiu com a cabeça.

— Fui criada cercada por artistas, os quais não são nada discretos — Disse, esperando que isso bastasse para encerrar um assunto que estava mortificando as duas.

Freddie pegou a mão dela em um aperto esmagador.

— Se achar o ato muito insuportável, saiba que não dura muito tempo.

Honey piscou com a aversão e paixão nos olhos, normalmente frios, de Freddie. Tinha ouvido mulheres reclamar, de maneiras vagas, sobre os desejos carnavais de seus maridos, porém nenhuma delas parecia tão horrorizada quanto sua amiga. Não foi a primeira vez que se perguntou sobre o breve casamento da amiga com o conde de Sedgewick. Parte dela queria perguntar a Freddie o que tinha acontecido, outra parte temia o que poderia descobrir.

Agora, no entanto, dificilmente, era hora de perguntar, mesmo que sua amiga estivesse disposta a compartilhar.

Honey disse a si mesma que deveria se sentir feliz por nunca ter que se preocupar com *essa* parte do casamento. Mas aqueles dois beijos, e mais, com Simon, tornavam essa crença difícil de acreditar. Era ainda mais difícil tirar aquelas memórias de sua mente, colocá-las naquele quarto trancado

com todos os outros pensamentos e emoções que eram muito desconfortáveis para serem considerados na dura luz do dia.

Honey olhou para o relógio que Freddie usava preso ao corpete de seu vestido e se levantou.

— Preciso me apressar, Simon estará aqui em breve.



A carruagem para Brighton não era tão luxuosa quanto a que o duque havia arranjado para sua viagem a Whitcomb, segundo Lorde Saybrook, foi o melhor que pôde encontrar em tão curto prazo, depois que Honey disse que não iria na carruagem ducal que planejava usar.

Não só a carruagem era menos espaçosa e confortável, mas, desta vez, não estava sozinha. Desta vez, seu marido, de pernas compridas, viril e olhos semicerrados estava com Honey.

Ajudou Honey a sentar no banco da frente, disse um adeus cheio de graça para Freddie e Miles - que o encarou - e pulou para dentro, caindo no banco de frente a sua esposa antes de bater no teto.

Olhou-a quando a carruagem começou a andar.

— Muito bem, Lady Saybrook.

Honey se assustou com o nome; nem havia considerado o título. Era uma marquesa e um dia seria uma duquesa. Saber aquilo a congelou.

Ergueu as sobrancelhas para o marido.

— Ora, vamos. — Disse, não reprimido por seu olhar sufocante. — Estamos juntos nesta jornada, éramos amigos antes. — Viu algo em seu rosto e riu. — Muito bem, conhecidos amigáveis, está bom assim? — Não

esperou por uma resposta. — Meu ponto é que uma vez nos demos bem o suficiente. Devemos tirar o melhor proveito desse casamento, não acha?

Simon estava certo, é claro. Agora estavam presos um ao outro. Talvez pudessem encontrar uma maneira de viver juntos, que fosse boa para os dois.

Encarou seus olhos expectantes e abriu a boca. E então se lembrou do que disse sobre não ter filhos e amantes, e todas as suas boas intenções voaram pela janela da carruagem como pardais frenéticos.

— Gostaria de descansar um pouco. — Mentiu, secretamente satisfeita quando a boca dele apertou em seu desprezo.

Fechou os olhos e colocou a cabeça para trás.



Simon desejou estar cavalgando ao lado da carruagem, em Loki, como tinha pensado primeiro em fazer. Em vez disso, decidiu fazer as pazes e cavalgar com sua nova esposa espinhosa.

Infelizmente, mandou Loki de volta para Whitcomb, então, agora, estava preso com Honey, a menos que quisesse alugar um cavalo em Grunstead, onde passariam sua primeira noite como um casal.

Refletiu sobre esse pensamento, enquanto a olhava fixamente. Podia dizer que sua esposa não estava dormindo, embora não pudesse ver seus olhos. Inclinou a cabeça para trás e expôs a extensão longa e elegante de sua garganta. Sua virilha se agitou quando se lembrou da última vez que vira a cabeça dela jogada para trás daquele jeito.

Parte do motivo pelo qual concordou com o plano de seu irmão de se casar com a Srta. Keyes era a lembrança daquela noite no escritório.

Simon gostava de sua nova esposa de várias maneiras, seu corpo responsivo era uma delas. Era uma mistura fascinante da garota que costumava ser e da mulher em que se tornara. Não confiava nele, não podia culpá-la. Simon não confiava - não podia - confiar em si mesmo. Não com uma grande parte da sua mente, ainda sendo um mistério.

Recentemente, no entanto, as memórias dela começaram a saltar em sua mente, como plantas empurrando através de um solo, há muito, adormecido.

Simon agora se lembrava de que o tinha adorado anos atrás. Havia ficado lisonjeado naquela época. Que homem não gosta da atenção feminina, especialmente dessa adoração nua e crua?

Entretanto também havia rejeitado sua adoração ao herói. Afinal, muitas jovens o olhavam com admiração semelhante em seus olhos. Foi sorte para Honey ter sido um rebento honrado e tê-la tratado com luvas de pelica.

O pai de Honey havia tomado medidas adicionais, para garantir o bom comportamento de Simon.

— Minha filha não tem experiência com meninos de sua idade ou com rapazes bonitos, milorde. — Daniel Keyes tinha sido um homem imponente, muito mais masculino do que Simon imaginou que um pintor seria.

— Entendo, senhor. — O jovem Simon disse, com o respeito que tinha mostrado aos mais velhos, naquela época.

— Entende mesmo? — O perigo tremeluziu nos olhos de Keyes.

— Devo parar de levá-la para tomar gelados e coisas assim? Sempre me certifico que traga uma preceptora ou um laçaio ou...

— Não, não desejo que o senhor pare. Isso arrasaria com o coração dela, o que acontecerá em breve, quando o senhor partir. Apenas queria me certificar de que o senhor entendesse o poder que tem sobre minha filha.

Simon desviou os olhos da arquitetura vulnerável do pescoço de sua esposa e voltou seu olhar para a janela da carruagem.

Seus pensamentos não foram tão facilmente arrancados do passado.

As memórias, ao que parecia, eram como ervas daninhas. Uma vez que começou a desenterrá-las, não conseguiu impedir que outras abrissem seu caminho para a luz do dia.

Uma das memórias que teria preferido ficar enterrada foi o dia em que soube da morte de seu sobrinho.

Simon foi diretamente para Whitcomb, depois de deixar o estúdio de Daniel Keyes, cavalgando durante a noite, imprudente, apavorado e doente de medo por seu irmão. Realmente não achava que Wyndham poderia suportar tal perda. Não de novo.

Voltou para casa e descobriu que a transformação já havia ocorrido: seu irmão não era nada além de uma concha inanimada; duro, impermeável e inflexível.

Os dias antes do funeral foram agonizantes e Simon ansiava por um vislumbre de Bella, com quem não ficara sozinho por quase dois meses. Mas soube que Bella e sua mãe e irmã decidiram estender sua estadia em Londres.

Engoliu sua decepção; haveria tempo para Bella, depois que colocassem seu sobrinho ao lado de seus irmãos, na cripta da família.

A cerimônia ocorreu na pequena capela em Whitcomb e os únicos atendentes foram Wyndham, Simon e sua mãe. Nem mesmo Cecily

compareceu.

O duque chamou Simon ao escritório logo depois, serviu as bebidas para os dois e pediu-lhe que se sentasse.

— Tenho boas notícias.

Simon ainda podia se lembrar daquele momento, a última vez em que realmente fora feliz. Oh, não era como se estivesse feliz naquele dia, é claro. Lamentou a morte de seu sobrinho e a dor de sua família. Mas sempre sabendo que Bella esperava por ele; no final de tudo, ela estaria lá.

— Arabella Frampton se casou.

Por um momento, imaginou que pudesse haver duas mulheres na Inglaterra exatamente com o mesmo nome.

Certamente, deve ter ouvido mal?

Entretanto, não, seu irmão havia destruído essa esperança.

— Casou-se com um conde escocês, um conhecido de seu pai, MacLeish.

O copo que Simon estava segurando, um cristal de rubi atravessado, com divisas claras - copos, que supostamente serviram a Henrique VIII quando ficou em Whitcomb - estilhaçou. Um líquido frio vazou pela roupa funerária de cetim preto que ainda usava.

O olhar de Wyndham cintilou sobre os cacos de vidro e o conhaque que desaparecia rapidamente, porém não se moveu.

— Quando? — Simon perguntou.

— Ontem, na Escócia. Acredito que fizeram uma breve parada na casa dos pais dela, depois de voltar de Londres, e foram para a propriedade de MacLeish, algumas horas, ao norte de Edimburgo.

Mal tinha ouvido as palavras de seu irmão através do rugido em seus ouvidos.

— Simon? Simon!

Mesmo agora, com tanto de seu passado voltando à tona, Simon não tinha uma lembrança clara dos dias e semanas que se seguiram àquela discussão.

Sua próxima lembrança foi de seu irmão arrastando-o de um bordel de Londres e puxando-o de volta para Whitcomb.

Teve flashes de pesadelo, de tremores e calafrios, um prisioneiro em seu quarto, desesperado pelo esquecimento, que apenas o leite da papoula poderia trazer.

Até hoje Simon não tinha memória de quem o apresentara à substância mágica.

— Estava se envenenando, Simon. — Seu irmão tinha dito quando Simon acordou mãos e pés amarrados em sua cama.

Um homem, em um terno preto antiquado, se escondeu na sombra do duque, como o familiar de uma bruxa.

— O Dr. Hanley dirige um asilo especial, onde tem experiência nesses assuntos. Providenciei para que o tratasse aqui, no conforto da nossa casa.

— Wyndham fez um gesto para que o homem magro e de olhos nervosos se aproximasse, bolsa de couro preta na mão.

— Vou precisar sangrá-lo, milorde. E então podemos começar...

Simon havia pulado de sua cama, parado apenas pelas grossas algemas de couro, que o prendiam aos quatro pilares.

— Se me tocar, vou matá-lo — Simon rosnou, a apenas alguns centímetros do rosto suado e dos olhos arregalados do homem.

O médico tropeçou para trás, e o duque apenas acenou com a cabeça para alguém, atrás da cabeça de Simon.

Duas mãos enormes pousaram sobre seus ombros, para impedi-lo de se debater, enquanto outro par de mãos grandes o amordaçava.

Simon lutou como um demônio, mas o duque empregara homens do tamanho de carvalhos.

Foi cuidadosamente subjugado, contido e forçado a suportar os tratamentos de pesadelo do bom médico.

Foi preso, alimentado com mingau e vinho aguado, e submetido a sangria por vários dias.

Finalmente, uma manhã, acordou ótimo e lúcido, com as mãos e os pés não mais contidos. Seu corpo não estava mais escorregadio de suor e fedendo. Era como se a febre tivesse cedido.

Sentiu vergonha de como se comportou. Seu irmão havia perdido três filhos e ainda vivia. Simon perdeu uma mulher, que concordou em se casar com outro homem – que claramente não o amava - e se comportou como um animal.

Havia jurado começar uma nova vida naquele dia. Tinha, por todos os nove dias, até que a irmã de Bella entregou-lhe uma carta.

Foi sua irmã mais nova, Mary, quem o encontrou, quando estava voltando de uma missão para o duque.

— Não deveria estar aqui. Papai me mataria — disse Mary, empurrando um retângulo de papel amassado em sua direção. — É de Bella, está comigo há meses, porém o senhor estava fora.

O papel cheirava a rosas, o perfume de Bella.

Simon rasgou a carta, com as mãos trêmulas.

— *Meu Amado* — Tanto a mão sinuosa de menina quanto o carinho deixaram suas pernas tão fracas, que deixou seu cavalo pastando e foi sentar-se debaixo de uma árvore, antes de continuar.

— Quando receber isto, terei partido para além do seu alcance em todos os sentidos da palavra. Papai está me forçando a casar com um conhecido dele da Escócia e...

Simon praguejou tão alto, que seu cavalo assustado galopou, além de sua visão.

Forçando? Mas por quê? O Sr. Frampton sempre gostou de Simon.

Por quê?

Então leu o resto.

— MacLeish tem a idade de papai. Um homem grande e cruel, que cheira a vinho e pele suja. Olha para mim como se eu fosse uma costeleta de cordeiro e estremeço com o que fará comigo quando nos casarmos e estiver sob seu poder.

Simon fechou os olhos, muito enojado, furioso, com ciúme até mesmo para ver direito.

Forçou-se a continuar lendo.

— Papai disse que o duque de Plimpton veio vê-lo, um dia após a morte de seu filho.

Simon ainda podia se lembrar da doença que se desenrolou em sua barriga com o nome de seu irmão.

— É herdeiro dele e o duque não pode aceitar que se case com a filha de um mero baronete. Pedi que papai arranjasse esse casamento e ofereceu mais dinheiro do que papai poderia recusar pelo meu dote. Eu sempre o amei, meu querido, doce e gentil Simon. Darei meu corpo a outro homem, mas meu coração sempre será seu.

Para Sempre,

Sua Bella.

— Meu senhor?

A cabeça de Simon se levantou; sua esposa o estava encarando.

— O que foi? — Perguntou, sua testa franzida de preocupação. — O senhor parece querer matar alguém. — Olhou pela janela, como se para ver o que poderia tê-lo irritado.

Simon havia se permitido deslizar até o passado e chegara a um certo estado; não era a companhia adequada para ninguém, principalmente para sua virginal esposa.

— Não tem nada de errado. — Mentiu, sua voz rouca de raiva de si mesmo. — Estou apenas dolorido de ficar sacolejando nesta maldita carruagem.

Houve um silêncio pesado e, em seguida, — Seus ferimentos ainda doem?

— Não — mais uma mentira.

— O senhor está com raiva de mim, por recusar o coche de seu irmão?

Simon se virou para Honey, cruelmente feliz, quando sua esposa se afastou dele.

— É melhor entender uma coisa sobre mim, *minha querida*, não me importo o suficiente para ficar com raiva de minha esposa.

Honorina corou profundamente com suas palavras feias, porém endireitou-se no estofado, não mais se encolhendo para longe dele. Bom, Simon queria sua raiva, seu ódio. Pelo menos isso o fazia sentir algo.

— O senhor se comporta como uma criança imatura. Não muito tempo atrás, o senhor disse que gostaria de fazer com que esse casamento desse certo. No entanto, agora, o senhor está falando comigo como se eu não valesse muito mais do que o chão onde pisa. Decida-se na sua mente, milorde, se é que ainda tem uma.

Simon riu, encantado com o fogo dela.

— Dá tanto quanto recebe, não é, Honey?

— Não me chame assim.

— Por que não, não é o seu nome?

— É um nome para pessoas que me amam e a quem eu amo.

Suas palavras foram como unhas afundando nas suas cicatrizes em carne viva e não conseguia acreditar quanta dor deixaram em seu caminho.

— Posso chamá-la de Honorina? — Não foi uma pergunta séria.

Sua esposa fez uma careta.

— Se o senhor tiver mesmo que falar comigo, prefiro que me chame de *milady*.

Simon riu. Parece que escolhera uma esposa digna dele. Pelo menos quando se tratava de ódio.



Capítulo Vinte e Um

O SOL já havia se posto quando chegaram a Grunstead.

Simon sabia que era incomum parar na viagem para Brighton, contudo, viajar naquele confinamento por muito tempo lhe era insuportável. Além disso, não havia pressa; ficariam hospedados em um hotel em Brighton, poderiam muito bem ficar em outro no caminho até lá.

Enquanto a carruagem rugia em direção à estalagem, algo ocorreu a Simon.

— Não tem uma criada pessoal.

Simon mal podia ver o rosto dela na escuridão da carruagem, já ouvi-la bufar, era possível.

— O senhor percebeu somente agora?

Simon ignorou sua pergunta.

— Como irá cuidar de si mesma, trocar de roupa e colocar acessórios?

— Da mesma forma que tenho feito a minha vida inteira. O senhor também não tem um valete.

Isso era verdade, e Simon iria muito bem sentir falta do homem, já sabia disso.

— Meu valete não gosta de cavalgar pelo país como um maníaco e eu precisava estar em Londres sem delongas, como bem sabe. Peel se juntará a nós em Brighton. Precisaré contratar uma criada pessoal quando chegar lá.

— Não precisarei fazer isso.

Simon cerrou os dentes, em uma réplica aborrecida.

Seu irmão já ficaria zangado ao saber que não estavam usando a carruagem ducal, não tinham batedores e não estavam hospedados na casa da família, em Brighton.

A última coisa que precisavam era de mais razões para Wyndham interferir nas suas vidas, ou em seu casamento.

Deveria lhe dizer que o duque teria ataques se soubesse que a esposa de Simon estava viajando sem uma criada pessoal.

Sim, isso é o que *deveria* fazer

Porém se sentia miserável. E a miséria, dizia-se, adorava uma companhia.

— Hora da lição número dois, *milady*, este é um casamento de conveniência. Isso significa que se comportará da maneira que eu achar *conveniente*. Então, irá contratar uma criada pessoal e não só exigirá que cuide da senhora, como também precisará dela, se quiser cumprir com o decoro.

Uma risada feia saiu da escuridão.

— Desde quando o senhor se preocupa com decoro?

Simon não se preocupava, só queria mandar nela, por algum motivo desagradável. Pensou em dizer-lhe isso apenas para ver sua reação. Porém estava muito cansado agora para desfrutar de uma discussão apropriada. Talvez mais tarde.

Pare de ser um idiota, Simon. Não é culpa dela, nada disso é.

Sufocou um rosnado irritado com a voz, que estava, mais uma vez, correta.

Inalou profundamente e então exalou lentamente.

— Não deveria ter falado dessa maneira — disse, e então esperou. Quando Honey não disse nada, continuou. — Meu irmão, como bem viu, é um defensor do decoro. Seria melhor se não soubesse que a senhora estava viajando sem uma criada.

— Melhor para *quem*?

Deu uma risada cansada. — Nós.

Antes que Honey pudesse argumentar mais, insultá-lo ou aceitar suas desculpas, a carruagem parou.

Simon abriu a porta, antes que o criado pudesse alcançá-la, ansioso como o diabo, para sair da carruagem abafada. Desceu as escadas e se virou para ajudar sua esposa. Honey ignorou sua mão estendida e segurou a lateral da carruagem enquanto descia.

Simon a olhou até que Honey respondeu o seu olhar e então ofereceu seu braço. Fosse o que fosse que viu em seu rosto, Honoria colocou a mão sobre seu antebraço e entraram na estalagem em silêncio.

O estalajadeiro estava pronto e esperando e em poucos minutos o casal se encontrava acomodados em seus respectivos aposentos.

Depois de lavar o rosto na bacia de água quente e trocar a gravata, bateu à porta ao lado e esticou a mão para girar a maçaneta.

Estava trancada.

— Minha senhora? — Chamou, através da madeira pesada, quando não houve resposta. Sacudiu a maçaneta, seu temperamento escalando.

Estava realmente parado do outro lado de uma porta trancada de sua esposa de menos de dez horas?

Sua voz abafada veio do outro lado, quando Simon estava pensando em chutá-la. — O que o senhor quer?

— Destranque. A. Porta.

Passou-se um longo e irritante momento, antes que a maçaneta girasse. A porta abriu uma fresta, apenas o suficiente para expor um olho. — O que quer, milorde?

— Realmente vai me fazer conversar através de uma porta?

— Sim.

Simon bateu o pé, seu olhar fixo em seu único olho cinza. A pupila estava alfinetada, lhe dizendo, de forma mais clara que palavras, o que sentia pelo marido.

— Pedirei que mandem o jantar, quando quer?

— Com o senhor?

— Sim, *comigo*, na sala privada. — Por um maldito momento, pensou que Honey iria jogar o convite na cara dele ou insistir para que comesse na sala pública. Simon, honestamente, não tinha ideia de como iria respondê-la.

— Estarei pronta em uma hora. — A porta se fechou e a fechadura girou. Simon baixou a testa na madeira áspera e fechou os olhos; este não foi um começo auspicioso.



Honey se encostou na porta e mordeu o lábio inferior entre os dentes. Por que estava se comportando dessa maneira? Simon se desculpou e mesmo assim estava agindo como uma megera. Concordou com esse casamento e agora estava se comportando como se a tivesse forçado.

Ainda estava com raiva, por que o marido não deseja ter relações carnavais?

Mesmo que estivesse sozinha, o rosto de Honey inflamou.

— Não. Eu *não* estou — disse em voz alta, com os dentes cerrados.

E então se sentiu uma idiota por discutir consigo mesma.

Foi até a penteadeira e olhou para seu reflexo no espelho, como se ver a si mesma a ajudasse a admitir qual era o problema. Odiava Simon ao mesmo tempo que o amava. *Balançou a cabeça, como isso era possível?*

Porque Simon feriu seus sentimentos.

Ignorou a voz, puxou o alfinete do chapéu e soltou o cabelo - sua glória suprema - seu pai costumava dizer.

Tinha que admitir que seu cabelo era bonito, embora Honey não fosse.

Claro, não era feia, era pior: desinteressante.

Como desejava ser parecida com Portia Stefani. Era meio italiana, meio inglesa, suas feições eram tão ousadas, que deveriam ser pouco atraentes. Havia algo que chamava atenção em seus olhos pretos brilhantes que era ainda mais sedutor do que a beleza convencional.

Honey adorava a beleza delicada e fria de Freddie, ou a delicadeza mística de Annis. Até mesmo Lorelei Fontenot, que na melhor das hipóteses, poderia ser chamada de aparência *incomum*, com seu rosto

pequeno e triangular felino e sobrancelhas pretas espessas, teria sido preferível a quase um metro e oitenta de tédio.

Enrolou sua trança pesada em uma tiara e a prendeu com um punhado de alfinetes.

Isso só a faz parecer mais alta.

Não se importava.

Foi o que disse a si mesma.

Honey acreditava que tinha superado o arrependimento de sua altura infeliz e sua aparência sem graça anos atrás. Só poderia ser sua proximidade com Simon que trouxe essas inseguranças de volta.

Mesmo com sua cicatriz horrível, Simon era hipnotizante. Tinha sido um jovem muito bonito, mas agora era um Odisseu, com cicatrizes de batalha de mais de uma década de guerra.

Contudo havia retornado? Alguma parte do Simon que conheceu - e amou – estava de volta? Pareceu a Honey que seu corpo estava ali, mas além de alguns clarões rápidos, não vira ninguém reconhecível por trás de seus belos olhos penosos.

Não que achasse essa nova versão de Simon mais fácil de resistir do que a antiga. Por mais afiado e cruel que pudesse ser, ainda a cativava.

— Boba — Acusou seu reflexo, passando as mãos levemente sobre o cabelo macio, virando-se para o lado para inspecionar sua “coroa”. O estilo simples combinava com ela e estava no seu melhor. Não que suspeitasse que o homem que estava a esperando notaria.



No final da refeição, o ânimo de Simon havia, se não melhorado, pelo menos não diminuído ainda mais.

Sua esposa era outra pessoa, desde que se sentou para jantar.

Primeiro, aceitou seu pedido de desculpas e, em seguida, ofereceu uma das suas.

— Comportei mal, quando o senhor se ofereceu para contratar uma criada pessoal para mim — admitiu, enquanto colocava uma colherada de sopa na boca, seus olhos baixos.

O pedido de desculpas dela o deixou inquieto. Abriu a boca para dizer que não era incômodo, porém sua esposa não havia terminado.

— E peço desculpas, especialmente, por jogar sua oferta de amizade na sua cara — pousou a colher e levantou os olhos. — O senhor está certo. Nós estamos casados. Não há sentido em tornar a vida um inferno, um para o outro. Aceito o seu ramo de oliveira — hesitou e, em seguida, deu-lhe um sorriso tímido — ademais, odiaria deixar seu irmão pensar que nos forçou a fazer algo contra a nossa vontade e nos deixou infelizes.

Simon riu. — Esse é o espírito, milady.

— Por favor, me chame de Honoria.

Simon tentou não se importar que mantivesse seu apelido dele, mas pequenos passos eram melhores do que nada.

Jantaram e conduziram uma conversa com cuidado. Simon falou sobre seus cavalos e Honey sobre suas pinturas.

Simon a observou comer o resto de suas frutas vermelhas e creme, ciente de que as manchas sob seus olhos não estavam lá alguns dias atrás. Resolveu aliviar suas tensões aquela noite. Verdade seja dita, estivera tenso por três dias, pensando em sua noite de núpcias. Ficou um pouco surpreso -

para não dizer feliz - por Honey não parecer mais ansiosa por perder a virgindade. Apenas podia presumir que sua amiga, Lady Sedgewick, havia acalmado seus nervos sobre o assunto.

Simon poderia ter tido alguém para acalmar um pouco os *seus* nervos. Nunca tinha dormido com uma virgem antes e não estava interessado em fazer nenhuma mulher chorar, especialmente na cama. Ainda assim, seria a única noite que ficaria desconfortável e, então, teria acesso ao corpo alto e esguio dela regularmente, ou pelo menos sempre que Honey decidisse ficar em Everley.

Pegou seu vinho e tomou um gole, sua boca se curvando em um sorriso. Talvez o casamento não fosse tão ruim, afinal.



Capítulo Vinte e Dois

HONEY TINHA acabado de amarrar sua touca de dormir e se deitar na cama, quando ouviu uma leve batida na porta que dava para o corredor, não na porta de conexão. Franziu a testa.

— Sim?

— Sou eu, Simon.

Colocou os pés no chão e mordeu o lábio. *O que queria?*

— Honoria?

Honey se levantou, arrancou o roupão do encosto da cadeira e abriu a porta, apenas uma pequena fresta.

Simon levantou uma garrafa com duas taças.

— Posso entrar?

— Estava prestes a me deitar.

Seus olhos piscaram para sua touca de dormir e um entalhe se formou entre seus olhos anormalmente azuis.

A mão segurando a garrafa abaixou.

— Por favor?

Honey percebeu que a delicada paz que estabeleceram no jantar estava em jogo. Já. Recuou e gesticulou para a pequena área de estar diante do fogo.

— Sente-se.

Simon ergueu a garrafa.

— Gostaria de tomar uma taça de vinho?

Honey balançou a cabeça.

— Eu já escovei meus dentes.

Simon expeliu o ar de seus pulmões lentamente.

— Posso ver. Bem, se importaria se *eu* tomasse uma taça.

Não soou como uma pergunta para ela.

— Por favor.

Honey se sentou na cadeira, deixando-o no pequeno sofá. Simon a olhou, o pequeno sofá, e então se serviu de uma taça e se sentou.

— Então... — começou.

Honey engoliu em seco. — Então.

— Estava indo para a cama.

Honoraria assentiu.

— Não estava esquecendo de nada?

Honey franziu a testa.

— Acredito que não — Simon tomou um gole de vinho. Um *grande* gole. — Esqueci alguma coisa? — Perguntou, quando pareceu que Simon tinha acabado de falar.

— Esta é a nossa noite de núpcias. — Simon ergueu os olhos da taça de vinho, com as pupilas dilatadas, até que as íris azuis pareceram quase violetas.

Honey abriu a boca para reconhecer a verdade dessa afirmação, congelou.

Não.

Não poderia estar querendo dizer aquilo. Não poderia.

Poderia?

— Achei que tínhamos começado a resolver nossas diferenças durante o jantar. — disse Simon.

Honey assentiu vigorosamente.

— Achei que, talvez, pudéssemos terminá-las na cama.

— O que?

Suas sobrancelhas se arquearam.

— É nossa noite de núpcias. Gostaria de ir para a cama contigo.

Honey se sentiu tonta. — Mas...

— Mas?

— O senhor disse que não queria filhos.

Suas sobrancelhas desceram. — E não quero.

— Mas... pensei que o senhor quisesse... — Honey não queria dizer aquilo. Não conseguia dizer.

Honey soube o momento exato em que Simon entendeu o que sua esposa queria dizer.

Pousou a taça com estrépito.

— Bom Deus. Não me diga que pensou... — parou, interrompendo-se, com uma risada rouca.

— O que é tão engraçado?

— Oh, não é engraçado. Bem, talvez apenas no sentido trágico.

Honey ficou de pé e Simon também se levantou, dando um passo em sua direção, daquela maneira rápida e silenciosa que, às vezes, se movia. Segurou os ombros dela em suas mãos grandes; o olhar em seu rosto fez com que cada parte de seu corpo se contraísse. *Todas* as partes.

Honey baixou o olhar para o tapete.

Dedos quentes deslizaram sob seu queixo e a forçaram a olhar para cima.

Honey reconheceu aquela expressão divertida de pálpebras pesadas do dia no labirinto.

— Nunca me ocorreu que entenderia minhas palavras dessa forma. Presumi que saberia que existem maneiras de se envolver em uma relação sexual sem resultar em um filho; caso contrário, não caberia mais ninguém nesse planeta.

Honey estremeceu com a palavra *sexual*, que nunca tinha ouvido falar em voz alta antes, mesmo os amigos de seu pai não ousaram usar tal palavra em sua presença.

Os olhos dele se suavizaram.

— Fica muito bonita quando fica vermelha assim.

Honey ignorou a onda de prazer e desejo que sentiu com seu elogio e balançou a cabeça. Não poderia suportar aquilo de novo, nem os toques ternos, as emoções e, em seguida, seu olhar frio e vazio depois. Ou desaparecendo por três semanas.

Não, não podia.

— Não foi com isso que concordei, milorde. O senhor me fez acreditar que este seria um casamento apenas no nome.

Qualquer suavidade em seu olhar evaporou como o vapor de seu brilho aquecido. — Não fiz isso.

— Sim, o senhor fez.

Sua carranca se aprofundou.

— Não. Eu *não fiz*. Eu disse que não queria filhos e fui muito específico sobre isso. Nunca disse que não queria ir para a cama com minha própria esposa.

Honey se afastou dele. — Não fale comigo tão vulgarmente.

Sua boca se torceu em uma caricatura de um sorriso, um sorriso de escárnio, que não via desde o primeiro dia em Whitcomb: feio, severo e mesquinho.

— Isso não é vulgar, querida. Vulgar seria se eu dissesse que quero lhe foder.

Honey deu mais um passo para trás, balançando a cabeça.

— Não sei o que essa palavra significa, contudo posso imaginar — Seu rosto queimava, por ter que admitir sua ignorância em tais assuntos. — Sei que não compartilharei a mesma cama que o senhor.

Sua mandíbula se apertou e uma luz perigosa brilhou em seus olhos escurecidos. — É minha esposa — as palavras eram tão suaves como o silvo de uma cobra.

Honey cruzou os braços com força sobre o peito.

— Eu me casei com o senhor, acreditando que teríamos um casamento apenas no nome. Foi isso que o senhor me prometeu — e quase a matou

acreditar que não a queria. E agora? Agora pensava que poderia simplesmente mudar de ideia, usá-la como uma marionete por que não havia mais ninguém por perto? Engoliu a fraqueza que sentiu crescendo dentro dela com o pensamento dele a tocando como fizera naquela noite. Honey se fortaleceu contra seu próprio corpo traiçoeiro, isso era tudo, sua própria luxúria. — Fizemos uma barganha, milorde. Agora o senhor está voltando atrás com sua palavra porque estou em seu poder? Sua palavra não significa nada?

Simon estava perto dela em um piscar de olhos. Suas mãos ao redor de seus braços, segurando-a com mãos quentes.

— Não sabe nada sobre a minha palavra e o que significa, *milady*. Seria sensato não o contestar.

— Perdoe-me, — disse — não deveria ter dito isso.

Seus olhos tremeluziram dos dela para sua boca para o pescoço alto de seu vestido e de volta.

— Não sei do que está falando. Talvez falar francamente possa ter nos salvado desse mal-entendido. E agora que falamos francamente...

— Não há mal-entendido. O senhor disse sem filhos. Quando eu o perguntei sobre amantes, o senhor disse que ambos éramos livres para tomá-los.

Simon bufou. — Achou que eu pretendia tomar uma amante na nossa noite de núpcias? Era essa a *sua* intenção.

— Não, é claro que...

Simon a soltou, como se fosse uma brasa e deu um passo para trás. — Não precisa repetir, sei o que pensou — Lançou um olhar de desprezo sobre sua forma encolhida e recolhida. — E não se preocupe que não forçarei

minhas atenções novamente, nunca precisei fazer isso, nem mesmo agora, que não sou tão bonito como antes. Esta é a última vez que colocarei os pés em seu quarto — fez uma reverência debochada. — Boa noite, milady.

E saiu, deixando-a sozinha.



Capítulo Vinte e Três

SIMON DEVERIA ter saído pela maldita porta de conexão.

Do jeito que estava, deu quatro voltas erradas, antes de se encontrar na frente de sua porta. E então se atrapalhou com sua chave e deixou-a cair duas vezes, batendo com força a cabeça na madeira áspera, quando se curvou para pegá-la.

— Cristo! — murmurou, massageando a testa latejante, enquanto enfiava a chave na fechadura. A porta se abriu para dentro e cambaleou junto com ela.

— Milorde? — Uma criada com olhos sonolentos olhou para ele.

— Oh — Simon havia se esquecido dela.

A criada fez uma reverência apressada.

— Está tudo certo aqui? — Perguntou, irritado com sua voz arrastada.

— Sim, milorde. Disse a sua senhoria que deveria ficar, caso precisasse de mim, mas não precisou, senhor.

Simon pescou uma moeda de seu casaco e lhe entregou, só percebendo quando seus olhos quase saltaram para fora do seu rosto que era de ouro. Bem, *alguém* deveria estar feliz na sua noite de núpcias.

— Isso é tudo que o senhor precisa, milorde?

Simon olhou nos seus suaves olhos castanhos que, corajosamente, sustentaram o seu olhar e evitaram as cicatrizes no lado esquerdo de seu

rosto. Era uma menina, não tinha mais que quinze ou dezesseis anos, mas podia ver que a jovem sabia o que estava oferecendo. Sua virilha mostrou sinais de agitação e fez uma careta, horrorizado com os impulsos de seu próprio corpo. — Saia — disse com voz rouca.

A criada saiu correndo.

Caminhou cambaleando até uma cadeira e sentou-se. Sentou-se forte demais, pareceu, já que a cadeira espatifou, com ele em cima, fazendo um estrondo ensurdecedor.

Seu cóccix teria gritado se tivesse boca.

Mas Simon *tinha* uma boca e a porta de conexão se abriu, em resposta ao seu grito.

Sua esposa estava parada na porta aberta, os olhos arregalados e aterrorizados.

— O que aconteceu?

Simon fechou os olhos e gemeu, estava sentindo dor demais para falar.

— Simon?

Abriu os olhos e a encontrou inclinada sobre si.

— Não gosto dessa touca. Tire-a. — Não era o que pensava que sairia de sua boca.

Honey apertou os lábios, e surpreendentemente, estendeu a mão. — Pegue a minha mão.

Era mais forte do que parecia, mas ainda não era forte o suficiente para levantar mais de oitenta quilos. Simon não aceitou sua mão estendida e rolou sobre as suas mãos e os joelhos, levantando-se lenta e instavelmente.

Maldição! Parecia que havia quebrado o cóccix.

O ombro dela escorregou para baixo do braço dele.

— O que aconteceu? — perguntou, enquanto mancavam em direção à cama dele.

— A cadeira quebrou.

— Eu *percebi* isso. Como?

— Quando me sentei nela.

Honey deu um bufo nada feminino e o empurrou para a cama, antes de se virar para ir embora.

— Espere, milady... Honoria — Corrigiu quando lembrou que Honey deu dispensa para usar seu nome de batismo.

Sua esposa se virou. — O que?

Simon acenou para seus pés, todos os quatro deles.

— Preciso de ajuda.

— Chame um criado. — retrucou.

— Estão dormindo, já é uma hora da manhã.

Honey cruzou os braços e ficou onde estava. — Eu sei.

Simon não podia discutir; estava muito cansado. Caiu de costas na cama com um baque. Iria dormir com suas botas, já tinha feito isso dezenas de vezes antes.

Algo - ou alguém - puxou sua perna.

— Sente-se, Simon. Não posso levá-lo sozinha, o senhor precisará ajudar.

Simon abriu os olhos e tentou empurrar o torso para fora da cama. Porém não conseguiu.

— Ora, pelo amor de Deus. — Mãos delgadas, mas fortes, agarraram seus braços e puxaram-no para uma posição sentada.

Simon sorriu. — É forte.

Honey grunhiu e agarrou uma de suas botas de cano alto, olhando para ela, como se se perguntasse o que fazer.

— Puxe — Simon pediu.

Honorina o encarou, com um olhar irritado. — Não me diga?

Simon riu.

— Estou feliz que esteja se divertindo, milorde. Eu preferiria estar dormindo. — Sem esperar por uma resposta, arrancou a sua bota.

Simon não esperava e escorregou da cama para o chão, pousando novamente sob seu cóccix já dolorido.

Simon gritou algumas palavras que não se dizia na frente de uma dama.

A única dama que ouviu caiu ao lado dele.

— Oh, eu sinto muito. O senhor está sentindo dor? Não tive a intenção de machucá-lo. Aqui, — Honey deslizou um braço sob o pescoço dele, que estava dobrado em um ângulo desconfortável, e se inclinou para mais perto — permita-me ajudá-lo a...

Simon pressionou sua boca contra a dela, deleitando-se com sua suavidade, por um longo momento. Quando Honey não se afastou, Simon recuou. Honorina estava gelada, como um cervo surpreso na floresta, seus grandes olhos cinzas escuros.

— Tem um gosto doce, como frutas vermelhas e creme.

Honey apertou os olhos, como se Simon estivesse resmungando e não pudesse entendê-lo.

— Ou pêssegos — balançou a cabeça, esperando que o movimento parasse sua boca. — Ou...

O que quer que estivesse prestes a dizer foi abafado pela boca macia dela esmagando os lábios dele.



Simon tinha gosto de conhaque e fumaça, que Honey descobriu ser melhor do que o gelado de Gunther. Ou qualquer outra coisa que já experimentou em toda a sua vida.

Seus lábios se abriram sob os dela e Honey mergulhou nele, inclinando a boca para aprofundar mais o beijo, lambendo-o, com uma necessidade desajeitada e desesperada, que a envergonhou e assustou.

Como pensou que poderia evitar isso? Nem mesmo uma noite - nem mesmo vinte e quatro horas - e já havia cedido ao homem.

Cedido? Estava saqueando o pobre homem, pior do que quando Roma saqueou Cartago.

Honorã se afastou e Simon gemeu.

— Não, não vá, Honey.

Simon poderia estar prestes a ficar inconsciente, todavia, seus braços eram como correntes de ferro.

Honey se contorceu. — Venha, Simon, vamos colocá-lo na cama.

Simon deu uma risada baixa e perversa, que retumbou por seu corpo.

— Achei que nunca fosse dizer isso — soltou seu aperto mortal e os dois cambalearam juntos, até que se sentou e Honey ficou de pé diante dele.

Suas grandes mãos deslizaram ao redor de sua cintura e a puxou entre suas coxas abertas, seu aperto suave e inquebrável. Não que Honey estivesse lutando para se afastar dele, qual perigo correria, com ele naquela condição?

— Hm — abaixou a testa sobre a barriga dela, seus braços envolvendo-a. — Eu sei — disse, arrastado sobre sua camisola, sua respiração quente, mesmo através da flanela pesada de seu vestido. — Cheira a mel — deu um profundo gemido satisfeito.

— Simon? — Chamou seu nome quando seu marido permaneceu imóvel. — Há algo errado?

Quando Simon não respondeu, Honey colocou a mão sobre seu ombro e deu um aperto suave. — Está passando?

A única resposta que obteve para sua pergunta foi um ronco suave.



Capítulo Vinte e Quatro

SIMON ACORDOU sem casaco, sem camisa, mas ainda usando as calças e as botas.

Também acordou com uma braçada de mulher quente em frente ao seu corpo.

O quarto ainda estava escuro, o que significava que não tinha dormido muito tempo. Estava agradavelmente entorpecido, o que significava que a enorme quantidade de vinho que tomara ainda passeava no seu organismo.

E também estava incrivelmente duro.

Acariciou seu cabelo, que tinha escapado de sua touca horrorosa, e inalou profundamente. O cheiro dela era doce e puro e...

— Simon?

— Hum?

— Está acordado?

Parte dele estava. — Não.

Honey tremeu e Simon percebeu que a tinha feito rir, o que o deixou ainda mais duro, algo que não acreditava ser possível.

Honorina começou a se mover e o braço dele se apertou como uma cobra ao redor de sua presa. — Aonde pensa que está indo?

— A lugar nenhum, só quero me virar.

Simon pensou em sua boca e no quanto bebera na noite anterior e sabia que seu hálito deveria estar horrível. — Não, não se vire — assegurou. — Apenas fique aqui um pouco. Por favor, — adicionou, quando a sentiu enrijecer.

Honey deu um suspiro de reprovação. — Apenas um pouquinho.

Simon acariciou seu pescoço, beijando seus pelos. Sentiu-a ficar ainda mais rígida. — O que foi? — perguntou, embora não tivesse falado nada. — Estou apenas lhe cheirando.

— Com sua boca?

Simon sorriu. — Não, a boca eu estava usando para prová-la.

Honey balançou a cabeça, como se tivesse sido derrotada. Isso é um bom sinal.

Aninhou-a novamente. Desta vez, sentiu o corpo dela amolecer contra o dele.

— Isso é bom. — sussurrou, beliscando o lóbulo da sua orelha. — Relaxe. — Afrouxou o braço e acariciou sua cintura. Honey estava vestindo não apenas uma camisola, mas também seu roupão. Era roupa demais. Ainda assim, podia contornar a situação.

Obrigou-se a ter paciência, acariciando seu corpo em movimentos lânguidos, evitando qualquer uma das áreas que poderiam fazer com que Honey reagisse com nervosismo. Acariciou-a como um gato; como um gato longo, esguio e adorável que resolveu fazer ronronar.

— Sua cabeça dói? — Ouviu-a perguntar, quando Simon pensou que Honey poderia ter adormecido, pois seu corpo estava relaxado contra o seu.

— Não, tamanha a minha sorte, ou talvez azar, dependendo da perspectiva. Deixou sua mão deslizar do seu braço para seu quadril.

Honorina se enrijeceu e Simon subiu pelo braço dela; Honey relaxou novamente.

— O que o senhor quer dizer com *sorte*?

— Quero dizer, se eu tiver dor de cabeça, depois de beber um barril de vinho, talvez seja melhor não beber uma próxima vez. Porém sempre acordei me sentindo revigorado como uma margarida. É difícil, muito difícil. — Pressionou seus quadris contra seu traseiro e Honey deu um pulo.

— Xiu — Simon murmurou, acariciando-a, desta vez demorando-se em seu quadril. — Gosta disso? — Perguntou quando o corpo dela permaneceu tenso.

Honorina assentiu.

— Não há mal nenhum em fazer um ao outro se sentir bem, Honorina. — Acariciou novamente, avançando mais, até que a frente de suas calças distendidas descansou na fenda de seu traseiro em forma de coração. Sentiu-a estremecer.

E então Honey empurrou, ligeiramente, para trás.

Simon teve vontade de jogar a cabeça para trás e uivar triunfantemente. Em vez disso, continuou acariciando.

— Dormiu bem? — Honey perguntou, depois de alguns momentos, seu corpo aquecendo rapidamente dizendo-lhe que não estava tão controlada quanto parecia.

— Um pouco. E quanto a ti?

Honey negou, e Simon permitiu que seus dedos roçassem sua pélvis, passando perto de seu sexo, sem nunca tocá-la.

— Por que não? — Perguntou, movendo os dedos para regiões mais seguras por um momento, apenas até que seu coração parasse de bater contra suas costelas com força suficiente para quebrá-las.

— Não consegui.

— Oh! — Sussurrou a palavra atrás de sua orelha, e a lambeu, uma longa e bela lambida em sua nuca. Honey tinha um gosto salgado e doce e o deixava ensandecido.

Seu corpo vibrou sob sua boca e sua respiração parou.

— Honoria, respire, querida. — Passou a mão levemente sobre seu monte, o calor dela abrasando, mesmo através de duas camadas de roupa.

Honey estremeceu e empurrou de volta contra a frente dele.

Simon teve que segurar o lábio inferior com os dentes para conter o gemido. Desta vez, quando a acariciou, puxou um pouco a camisola dela.

— Estava me dizendo por que não conseguiu dormir, querida. — A sentiu estremeecer com a carícia e sorriu.

Carícia, puxão.

— Oh. Bem, por quê.

Carícia, puxão.

— Por quê?

Carícia, puxão.

— Nunca dormi com ninguém antes.

Suas palavras o lembraram de que seria o primeiro homem a entrar no corpo dela e o pensamento o fez pulsar com tanta força que ficou tonto.

Carícia, puxão.

As pontas de seus dedos roçaram a pele nua e foi sua vez de tremer.

— O senhor está com frio? — Perguntou.

— Um pouco. — Mentiu. — Está tão quente. — Deveria ter se sentido como um verme, mas quando Honey se aconchegou contra seu corpo, suas nádegas arredondadas esfregando contra sua enorme ereção, se sentiu como um maldito rei.

Em sua próxima exploração, sua mão encontrou uma coxa macia e quente.

— O senhor puxou minha camisola para cima. — Honey parecia surpresa e confusa, mas não com raiva.

— Sim. — Simon admitiu. Por que esconder o que estava fazendo? — Quero tocá-la. Gosta de sentir minha mão?

Novamente Honey engoliu ruidosamente enquanto assentia.

Simon não tinha certeza de quanto mais poderia se impedir de virá-la de costas e entrar dentro dela. Talvez, se Honey permitisse, pudesse se contentar em dar prazer a ela, em vez de tirar sua virgindade, o que não parecia muito certo quando ainda estava bêbado.

Voltou a se aninhar nela, inalando seu perfume, beijando sua pele suavemente. — Vai me deixar tocá-la? Confiará que não irei machucá-la, que quero apenas lhe dar prazer?

Uma eternidade se passou... e então Honey acenou com a cabeça.



Nunca em sua vida se sentiu tão bem. Não apenas seu corpo alto e forte parecia moldado celestialmente ao dela, mas sua mão...

Acariciou-a novamente, seus dedos suavemente penteando os cachos que cobriam seu monte, roçando levemente sobre algo tão sensível, que um gemido baixo escapou de suas mandíbulas fortemente cerradas.

Simon pressionou com mais força, seu braço passando por baixo de seu corpo, cruzando seu peito diagonalmente e puxando-a com força, enquanto empurrava seu membro duro contra o traseiro delicioso dela, esfregando-se nela com tanta força que doía. Era uma dor deliciosa.

— Sente, Honoria, sente o meu desejo? — As palavras retumbaram por seu corpo, enquanto Simon se apertava contra o dela mais uma vez, desta vez com mais força. — Eu a quero tanto assim.

Desta vez, quando a tocou, Simon separou suas dobras sensíveis e inchadas e Honey resistiu em seus braços.

— Xiu, xiu, xiu... — murmurou, seu dedo se afastando de seu núcleo em direção a sua entrada. Honey endureceu, enquanto Simon gentilmente sondava. — Não vai doer. — Prometeu, deslizando um dedo na sua umidade.

Honey estremeceu com a invasão repentina.

— Hm — Cantorolou, seu peito vibrando contra suas costas, seu dedo deslizando para dentro e para fora de seu corpo, de repente liso, enquanto seu polegar esfregava a pele, logo abaixo da protuberância que, ocasionalmente, a acordara no meio da noite.

Uma pressão irresistível cresceu dentro dela, a sensação indescritível se espalhou e se intensificou.

— Oh Deus, Honoria, é tão quente e apertada. Gostaria de poder vê-la... prová-la.

Honey estremeceu com suas palavras cruas, cada músculo de seu corpo se contraindo.

— Mal posso esperar para me enterrar profundamente, para esticá-la e preenché-la — e, então, mordeu seu ombro *com força*.

Honey arfou com sua reivindicação animalesca e ondas intensas de prazer irradiaram de seu sexo, inundando seu corpo com um prazer avassalador.

— Oh, minha querida, — disse maravilhado — já gozou?

Honey nunca tinha ouvido aquela palavra usada dessa forma, antes, mas suas coxas estavam escorregadias e molhadas e sabia o que Simon queria dizer.

— Que boa menina, ter gozado para mim. — murmurou.

Porque a palavra *gozar* era muito mais vulgar do que *orgasmo*, Honey não sabia, porém seu sexo apertou em resposta, a ação sutil enviando ainda mais sensações perturbadoras ondulando por todo seu corpo.

No fundo, sob o prazer destruidor de juízo, alguma parte de sua mente cambaleante se rebelou por ser chamada de menina.

A outra parte - a maior parte – estava excitada, com o domínio dele, sem esforço, de seu corpo.

— Quer que eu pare? — Ofereceu. Seus dedos - tanto o que descansava em seu monte quanto o que estava enterrado dentro de sua abertura - pararam e a segurou suavemente, acariciando seu pescoço com beijos leves e beliscões.

Honey pressionou as costas contra a parte mais fascinante - e ainda dura - dele e balançou a cabeça.

Simon deu um grunhido de aprovação e retomou suas carícias eróticas, com cuidado para evitar sua pérola muito sensível, suas mãos muito mais confiantes em seu corpo do que as dela jamais estiveram.

Seu dedo grosso moveu para dentro e para fora de sua carne virgem.

— Aguenta mais um, por mim? — Sussurrou, empurrando um segundo dedo ao lado do primeiro. Simon gemeu: — Meu Deus, Honey, é tão bonita, mal posso esperar para vê-la.

Honey choramingou baixinho com a sensação de ser esticada, abrindo-se tanto para seu elogio quanto ao seu toque. No fundo, sabia que ficaria envergonhada por suas ações mais tarde, por seu desespero e sua necessidade crua por Simon.

Mais tarde, Honey. Pode se preocupar com tudo isso mais tarde. Por enquanto, apenas aceite o que está lhe oferecendo.

Não precisou ouvir aquilo duas vezes.

Simon a bombeava de forma constante, a outra mão provocando o feixe de nervos que chamava de pétala.

Honey não percebeu que seus quadris começaram a pulsar em contraponto às investidas dele, até que Simon murmurou contra sua têmpora.

— Isso mesmo, querida, use minha mão para o seu prazer — Simon apertou sua ereção contra seu traseiro, seus quadris se movendo ritmicamente. — Sim — disse, tão baixinho, que Honey mal pôde ouvir, seus dedos hábeis acariciando e penetrando, o som de sua própria umidade fazendo-a se contorcer com uma mistura de mortificação e excitação.

— Vai gozar de novo para mim, querida? — Os dentes roçaram sua nuca enquanto as palavras chocantes explodiam, como pequenas bombas

dentro de seu corpo.

Simon curvou um dedo dentro dela, roçando alguma parte dela que a fez gritar e pular.

Uma risada baixa vibrou por seu corpo. — Grite o mais alto que quiser, querida, vamos acordar a estalagem inteira! — Simon a penetrou repetidas vezes; luzes brancas explodiram atrás de suas pálpebras e um prazer a inundou, devastador e excruciante.

Mas ainda assim Simon não parou.

Honey mal teve tempo de se recuperar, antes que a empurrasse para outro pico, sua boca devassa em seu pescoço, mordendo, chupando, lambendo.

— Só mais uma vez para mim, Honoria. — implorou, seus quadris movendo-se ritmicamente contra a parte inferior de suas costas, seus dedos a conduzindo ao limite.

— Isso mesmo. — Rosnou contra sua garganta, seu corpo sacudindo em estocadas violentas, mas controladas. — Goze comigo. — Enrijeceu, seu braço circulando sua cintura e esmagando-a, enquanto tudo dentro dela explodia e girava, puxando-a para uma escuridão quente e feliz.



Capítulo Vinte e Cinco

NA PRÓXIMA vez que Simon acordou, havia uma luz amarela pálida passando pelas cortinas e estava sozinho.

A sensação fria e pegajosa contra seu abdômen disse-lhe que não tinha sido um sonho; havia gozado em suas malditas calças, enquanto se esfregava na sua esposa.

Sorriu quando a memória da noite passada voltou. Bom Deus; tocá-la tinha sido delicioso.

Simon rolou de costas, sua mão indo para a abertura de suas calças. Desabotoou-a, removendo rudemente as calças de couro e as ceroulas até as coxas e liberou seu pênis dolorido.

Estava duro de novo, como sempre acontecia pela manhã. Desejou que Honoria ainda estivesse ao lado dele, contudo, sabia que já havia recebido muito mais do que sua esposa pretendia dar-lhe. Não que saber daquilo o impedisse de querer mais.

Simon levou a mão ao rosto e inalou o cheiro dela, seu sorriso se transformando, quando se lembrou dos gritos dela, seus pulmões eram fortes. Não duvidava nada de que pudesse ter sido ouvida dos estábulos, sem parar. Distraidamente, acariciou o peito, abdômen e desceu até sua ereção pulsante, enquanto reconstruía o ato de quando entrou com os dedos dentro da sua esposa virginal.

Não fazia algo assim desde que era jovem, quem teria acreditado que sexo sem penetração poderia trazer tanto prazer?

Seu pênis latejava e endureceu na sua mão, enquanto se imaginava enterrando-o dentro do corpo apertado de Honey.

— Cristo — Gemeu. Quando foi a última vez que quis tanto uma mulher? Quando foi a última vez que desejou tanto *algo*?

Fechou os olhos contra o pensamento indesejado e trabalhou com eficiência implacável.

A sensação familiar de sua palma calejada o arrastou de volta ao continente, de volta à guerra. Sentiu mais prazer como adulto em campanha, do que como adolescente em Eton.

Na verdade, a escola e a guerra não eram totalmente diferentes, pensou, com um pouco de diversão, seu punho alisando enquanto se acariciava.

Entre os momentos de loucura e violência de terror, dor e medo, houve longas e tediosas extensões de terrível antecipação. Um homem poderia enlouquecer de preocupação, enquanto esperava a morte, então manter-se entretido era primordial. E havia distrações limitadas, quando alguém estava sozinho, em uma tenda, no escuro.

Sim, as nossas prioridades na vida eram muito mais claras e menos elevadas quando sua cabeça podia ser aberta pelo chumbo a qualquer momento.

Pensamentos de guerras e noites longas, frias e solitárias deram lugar ao bater insistente de seu punho e Simon estava se aproximando de seu clímax quando um pequeno som o perturbou.

Abriu uma pequena fresta de uma pálpebra e lá estava sua esposa, totalmente vestida e pronta para viajar, parada na porta entre os quartos, os olhos e a boca redondos como rodas de carroça.

Mesmo no meio de sua excitação, percebeu que aquela era provavelmente a primeira vez que via o pênis de um homem em toda a sua glória. Simon esperou que Honey percebesse que estava com os olhos aberto e a observando, mas sua esposa não conseguia desviar o olhar de seu pênis.

O que o deixou dolorosamente e gloriosamente mais duro.

Gostava dos olhos dela em seu corpo; *gostava* de se masturbar na frente dela, algo que nunca tinha feito para um amante antes.

Maldição! Estava dez vezes mais excitado do que alguns segundos antes.

Muito excitado.

Seu corpo começou a tremer e seu punho bateu mais rápido, com mais força. O pensamento racional fugiu da sua cabeça e os olhos de Simon rolaram para trás em sua cabeça. O prazer se apoderou dele com suas garras brutais e o apertou. Suas costas arquearam para fora da cama e cada parte do seu corpo congelou, quando seu corpo expulsou uma guinchada de líquido quente, espirrando sobre sua barriga e peitoral.

Pouco tempo depois, após Simon finalmente ter voltado da sua pequena e avassaladora fatia da morte, Honoria havia sumido.



Honey não conseguia olhar nos olhos dele. Não sem falar alguma besteira, desmaiar ou denunciar o que tinha visto.

Não conseguia tirar os olhos de seu corpo, no entanto. Pelo menos, não por muito tempo.

Repetidamente, se forçava o olhar de volta para a janela e longe de suas coxas musculosas - vestidas com calças apertadas, que alimentavam sua imaginação já desenfreada - ou seus ombros largos e peitoral poderoso.

E então, como os ponteiros de um relógio, seus olhos voltaram lentamente para a mesma posição.

Simon sentou-se no assento a frente dela, os olhos fechados e as pernas compridas e musculosas dobradas e abertas nos limites do assento.

Desceu para a sala privada, para o café da manhã quando Honey estava quase terminando. Não que tivesse comido alguma coisa. Não, havia esmigalhado as torradas, colocado ovos no prato e mexido quatro colheres de açúcar no chá. E Honoria *nem* tomava chá com açúcar.

Repetidamente, a mesma cena passava na sua cabeça. O corpo musculoso e cheio de cicatrizes de Simon, nu até o meio da coxa, até onde removera suas calças, as solas de suas botas de couro preto plantadas na cama, joelhos bem abertos enquanto fazia... *aquilo*.

Honey percebeu que estava olhando para sua virilha aberta novamente e seus olhos voaram para cima. Quase desmaiou de alívio ao ver que Simon ainda estava dormindo.

Graças a Deus.

Porque isso é tudo que precisava, que seu esposo a pegasse olhando para sua virilha.

Massageou as têmporas latejantes - com força - e fechou os olhos.

Por que não saiu imediatamente?

Porque havia gostado.

Honey cerrou os dentes ao ouvir a voz hipócrita e acusatória.

Mas que falava a verdade: *havia gostado*. Ou pelo menos seu corpo tinha gostado.

Enquanto ficava lá e o espiava, a mesma sensação quente e apertada da noite anterior, quando a fez - Honey estremeceu com a memória - *gritar*, começou a construir no fundo de seu útero.

Infelizmente - ou talvez felizmente - a mesma sensação não viera ao final de toda a sua respiração ofegante e acelerada, o que era bom. Simon a teria notado, com certeza, se tivesse gritado como fez duas vezes - na verdade *três vezes* - na noite anterior.

Honey não ficaria surpresa se seu rosto ficasse permanentemente manchado de vermelho. Viu a verdade nos olhos de cada estranho que encontrara naquela manhã. A pousada inteira a ouviu gritar na noite anterior e todos sabiam o motivo.

Não importava que fossem recém-casados, fora o que ouvira Simon dizer ao estalajadeiro, e que tal comportamento era esperado. Estava mortificada até os ossos.

Desde aquele primeiro passeio estranho, para ver a paisagem em Whitcomb, Simon Fairchild a fez se comportar de maneiras que não eram normais ou regulares para si.

Honey não sabia quem era quando estava com Simon.

E que Deus a ajudasse: tudo que queria era ser aquela mulher de novo. E de novo.

— Parece estar com dor, milady.

Seus olhos se abriram e encontraram os dele.

— Está acordado. — Acusou estupidamente.

Simon assentiu gravemente. — Estou acordado.

Por que sentiu como se aquelas palavras quisessem dizer mais do que significavam?

Simon se espreguiçou e tentou se reorganizar na carruagem apertada, fazendo uma careta, enquanto se mexia no assento.

— Desculpe-me.

Simon ergueu o olhar. — Pelo quê?

— Por me recusar a viajar na carruagem do duque quando sugeriu. Atrevo-me a dizer que é muito mais luxuosa do que essa.

— É sim.

Ficaram em silêncio, estranho por parte dela, pelo menos, embora Simon parecesse contente o suficiente para olhar pela janela.

Honey continuou a vê-lo como o vira na cama. Seu corpo coberto de suor; sua barriga tensa enrugada com músculos. Até as cicatrizes que carregava - e eram muitas - pareciam torná-lo mais atraente, mais... perigoso.

De repente, se lembrou de quão doce Simon tinha sido na noite anterior, quão lento e paciente com ela. Era óbvio que não experimentou a liberação sexual na noite passada ou não teria precisado fazer aquilo naquela manhã. Teria?

Honey tinha sido insensível às necessidades dele naquela noite, muito imersa em seu próprio prazer para pensar nele.

— Está fazendo de novo. — Disse, com um traço de sorriso nos lábios.

— Fazendo o que? — Perguntou, embora soubesse exatamente o que Simon queria dizer.

Seu sorriso ficou alguns graus mais quente. — Quando foi a última vez que foi a Brighton?

Embora se ressentisse da maneira como havia ignorado sua pergunta, Honey não podia deixar de ser grata por falar sobre algo menos provocador de ansiedade do que o que estava pensando.

— Papai me levou lá por três verões, começando quando eu tinha dezessete anos.

— Para algum propósito específico?

— No início, era por causa de uma mulher, que morava lá a maior parte do ano.

Perdita Davis foi uma linda viúva, que escondeu de seu pai, geralmente astuto, sua antipatia por Honey, exceto nas últimas semanas de sua associação.

Honey também não gostava tanto da mulher.

Não gostava? Ou era ciúme que sentia?

Fez uma careta com o pensamento. *Eu não estava com ciúmes.*

Simon interrompeu sua briga interna. — Seu pai não quis se casar novamente?

— Não sei.

— Não gostava de companhia feminina?

Honey franziu a testa; exatamente onde estava querendo chegar?

— Papai gostava, — admitiu — mas nunca sério o bastante, a ponto de propor casamento.

— Por que acha que isso acontecia?

— Eu não sei.

O sorriso de Simon cresceu e olhou pela janela.

— Por que está sorrindo assim?

— Porque é uma péssima mentirosa Honoria.

Honey enrijeceu.

— Não sei o que quer dizer com isso.

Simon respirou fundo, como se Honey fosse uma criança mimada se recusando a comer o jantar ou terminar suas lições.

— Seu pai não se casou novamente por sua causa, sabe disso. Te amava mais do que qualquer outra pessoa.

A culpa a inundou com suas palavras.

— E qual o problema disso? Eu o amava da mesma forma.

— Tenho certeza que sim. O que achava das amantes que tinha?

Quando Honey não respondeu, Simon riu.

— O que foi? — exigiu rudemente.

— Deveria ver sua expressão.

— E o que tem minha expressão?

— Tinha ciúmes; não gostava daquelas mulheres que se interpunham entre a sua relação com seu pai.

— Isso não é verdade — respondeu.

Simon apenas sorriu.

Honey abriu a boca para negar novamente, e então parou.

Por que se dar ao trabalho de mentir? Ficava chateadíssima quando as amantes de seu pai invadiam sua vida feliz. Mesmo sendo jovem, sabia que o ciúme era uma emoção feia e prejudicial; tentou esconder seus sentimentos, mas é claro que seu pai a conhecia melhor do que ninguém.

Sempre suspeitou, no fundo de sua mente, que o pai permanecera solteiro por causa dela.

Embora o amasse ainda mais por isso, não podia deixar de se sentir culpada por tê-lo privado de intimidade. Era tão jovem quando morreu - apenas quarenta e cinco anos de idade - e sua mãe morrera décadas antes, deixando-o sozinho para criar uma filha.

Honey havia se esquecido daquele aspecto desagradável de seu caráter, sua capacidade de sentir ciúme. Bem propício de seu novo marido, fazê-la se lembrar disso. Afinal, era tão bom em provocar outros comportamentos desagradáveis.

— Duvido que o tenha impedido de se casar novamente, Honoria. Imagino que a devoção que lhe tinha irritava suas amantes e seu pai percebeu isso. — Simon disse. — Todas aquelas mulheres deviam saber que nunca seriam as primeiras na vida dele. E assim que deveria ser — sorriu para sua esposa, uma expressão mais agradável do que um sorriso malicioso. — Eu achava o seu relacionamento maravilhoso. Lembro-me de queimar de inveja ao vê-los juntos.

— Verdade?

— Sim — Simon se mexeu no assento, fez uma careta e apoiou um pé no assento ao lado dela. — Minha mãe me ama muito e a meu irmão, porém tinha que se conter para não demonstrar afeto. Meu pai não queria que fôssemos mimados - atitude nada incomum para os pais tomarem com os filhos - e não permitia que minha mãe o fizesse.

— Nunca entendi essa crença, que mostrar amor, de alguma forma, enfraquece a pessoa, para quem dá e para quem recebe. Acho que o amor do meu pai me tornou uma pessoa mais forte.

— Concordo. Porém também acho que isso teve um preço. — Honey abriu a boca e Simon ergueu as mãos em sinal de rendição. — Não ralhe comigo, o que posso ver que está prestes a fazer. Deseja ter uma discussão honesta ou gostaria de discutir banalidades? Porque estou mais do que disposto a falar sobre o tempo, o estado das estradas, o...

— O que quis dizer com o amor dele teve um preço?

— Bem, seu pai a criou sem nenhum outro filho, não a mandou para a escola e não fez nenhum esforço para encontrar lhe uma criada, sim?

Honey não podia acreditar em sua audácia.

— Para sua informação, meu pai se ofereceu para me mandar para a escola, mas eu não quis ir.

— E se uma criança se recusasse a comer qualquer coisa além de chocolate, o pai deveria ceder?

— Isso, dificilmente, é a mesma coisa.

— Penso que é exatamente a mesma coisa. Os pais tomam decisões que levam em consideração o bem-estar de seus filhos, não apenas as preferências deles. Acho que suas oportunidades foram reduzidas pelo amor dele.

Honey cruzou os braços e olhou pela janela. Entretanto, seu esposo ainda não tinha acabado. Baixou o pé e se inclinou na direção dela, os antebraços apoiados nos joelhos. — Já teve um pretendente?

Honey o encarou. — E o que isso tem a ver com a discussão?

— Responda à pergunta.

Mais do que tudo, queria mentir. Porém, sabia que Simon tinha falado a verdade antes, era uma péssima mentirosa. — Isso não é da sua conta.

Simon se recostou, seu olhar de satisfação presunçosa além de irritante.

— Para sua informação, conheci vários rapazes excelentes. — Retrucou. Isso era verdade, embora não sentisse mais do que um interesse passageiro por nenhum deles.

Simon não respondeu, apenas a olhou, com os olhos semicerrados, como se pudesse ouvir cada pensamento dela.

— O que importa se eu não tive? — exigiu, irritada. — Ouso dizer que teve amantes suficientes para tripular um navio. Isso tornou sua vida muito melhor? Muito mais feliz?

Em vez de responder, sua expressão tornou-se especulativa; seus lábios se moveram, e nenhuma palavra saiu.

— O que está fazendo? — perguntou.

— Estou tentando lembrar quantos são necessários para tripular um brigue - ou quis dizer algo maior - talvez um galeão?

Honey abriu a boca, fechou-a e levantou a mão para abafar a risada.

— Assim está melhor.

Honey balançou a cabeça, irritada com a forma como Simon era capaz de manipular seu humor. — Sempre faz isso.

— O que eu sempre faço? Desvio de uma discussão?

— Não, diz e faz coisas para me desconcertar.

— Quer dizer, como ontem à noite? — Suas pálpebras baixaram um pouco e Honey sabia exatamente qual era o seu pensamento.

Suas bochechas queimaram. — Não, quero dizer como agora.

Sua boca se contraiu e Simon olhou pela janela.

Honey brincou com sua bolsa, que estava em seu colo, ao lado de um livro que trouxera, apesar de ainda não o ter aberto. Como uma pessoa pode ler com alguém como Simon Fairchild a um pé de distância?

— Por que desejou interromper a jornada, em vez de viajar direto? — perguntou.

Simon a olhou de relance. — Não gostou de sua estada em Grunstead?

Seu rosto, que começava a esfriar para uma temperatura normal, incendiou-se. — Diga-me, milorde, *tenta* ser provocador ou isso vem naturalmente?

Desta vez, seus lábios fizeram mais do que se contorcer, antes que voltasse para a vista da janela. — Interrompi a viagem porque não quero ficar confinado por longos períodos — as palavras foram ditas baixas, mas seu tom disse-lhe claramente que não queria discutir o assunto. Honey só podia presumir que era mais uma de suas muitas cicatrizes, esta, por dentro.

Pegou seu livro e fingiu ler.



Acomodaram-se em seus quartos espaçosos no York Hotel e, em seguida, tomaram chá, em sua sala particular.

Simon se ofereceu para deixar Honoria descansar após a viagem, porém estava ansiosa para explorar.

— Há algo em particular que deseja ver? — Perguntou, conduzindo-a, passando por criados, para fora do saguão do hotel.

— Podemos passear um pouco?

E então passearam.

A população em Brighton parecia mais refinada do que a de Londres e Simon se divertia com a maneira como os pedestres que passavam evitavam olhar para seus ferimentos. Sua esposa, no entanto, pensava de outra forma.

Bufou, aborrecida, quando duas mulheres que passavam quase colidiram com um poste, enquanto fingiam não ficar olhando.

— É sempre tão horrível assim? As pessoas ficam olhando e fingem não estar?

Simon a puxou para mais perto de seu lado esquerdo, enquanto passavam por um trio de meninas boquiabertas e rindo.

— Não podemos culpá-las.

— Na verdade, podemos sim. — Lançou um olhar afrontador para Simon que percebeu, não pela primeira vez, que Honey, honestamente, não parecia estar ofendida pelas cicatrizes do seu rosto.

— Não o incomoda ser encarado? — Perguntou.

— Não — Era verdade, não se incomodava. Embora *tenha* se tornado bastante exaustivo. — Mas devo dizer que não estou acostumado com tantas pessoas.

A mão dela apertou seu antebraço.

— Sinto muito, por que não disse que multidões o incomodavam?

Nada entediava Simon mais rápido do que falar sobre coisas como cicatrizes e ferimentos e qualquer outra coisa a ver com seu passado.

Parou e apontou para um chapéu de palha, na vitrine de uma loja. — Gosta?

Honey piscou e por um momento Simon achou que poderia se esquecer do assunto, como um terrier com um osso. Porém estava muito curiosa.

Olhou para a ridícula confecção feminina. — É bonito — concedeu a contragosto.

— Quero ver como lhe cai. — Puxou-a em direção à entrada da loja.

— Mas não preciso de um chapéu.

— Não estamos falando de necessidade, estamos falando de querer, gostar. — Inclinou-se para sussurrar em seu ouvido enquanto abria a porta — de *desejo* — e então empurrou-a, suavemente, para dentro da loja.



Capítulo Vinte e Seis

HONEY NUNCA tinha estado em uma loja de vestidos com um homem antes. Bem, exceto com seu pai, quando era mais jovem.

Sinceramente, não tinha estado em muitas lojas de vestidos, ponto final. Geralmente enviava suas medidas para uma mulher, que os fazia desde que era menina. Gostava de roupas bonitas, mas quando se tinha um metro e oitenta de altura, parecia uma tolice ficar no meio de uma loja e fingir que qualquer coisa poderia lhe fazer parecer feminina.

A modista, uma das menores mulheres que já tinha visto, olhou para os dois, com olhos verdes cintilantes, suas próprias roupas eram tão escandalosas, que foi difícil desviar o olhar: um vestido de seda rosa brilhante com fitas amarelas para enfeitar e minúsculas botas cor de maçã verde; parecia um jardim de primavera.

Cruzou as mãos e sorriu, como se Honey fosse a resposta a todas as suas orações. — Oh, sei por que a dama entrou na minha loja! O chapéu - o chapéu vermelho.

Simon deu uma pequena risada.

— Posso ver que viemos ao lugar certo.

As próximas horas foram um turbilhão de deleite. Descobriu que seu novo marido era um comprador mais paciente do que qualquer uma de suas amigas, exceto Freddie. Freddie adorava fazer compras e podia passar horas debatendo os méritos de um único vestido.

Depois que o chapéu foi experimentado e admirado, até mesmo Honey tinha que admitir que o minúsculo chapéu de palha com uma fita carmesim ao redor da coroa e uma pena alta e fofa se adequou melhor a ela do que qualquer outro que já usara, a modista inteligente, de alguma forma, dera livros e amostras de tecido nas mãos de Simon e o colocou em uma confortável poltrona.

— Posso ver que o cavalheiro é um homem de discernimento elegante. — a Sra. Fenton disse, seus olhos brilhando, enquanto estudava as roupas caras, porém folgadas e não particularmente bem ajustadas de Simon. — Por favor, veja os tecidos mais recentes, vindos de Paris, enquanto mostro à sua senhoria algumas das minhas roupas pré-fabricadas.

Levou Honey para uma sala dos fundos, enquanto sua assistente servia chá e biscoitos.

O trocador de roupa acabou sendo quase tão grande quanto a frente da loja e deveras luxuoso. No entanto, mais dois assistentes entraram, por trás de uma pesada cortina de veludo cinza prateado, carregando vestidos. Honoria teve que sorrir; nem tinha visto a mulher diminuta se comunicar com outra pessoa, além dela e Simon.

— Isto — disse a Sra. Fenton, pegando um vestido com a mais deliciosa renda de creme sobre seda dourada opaca — é feito para pessoas como a senhora.

Era uma das peças de roupa mais bonitas que já tinha visto. Mas também era curto demais.

Antes que Honey pudesse abrir a boca, a Sra. Fenton colocou o vestido em seu colo e levantou a bainha do vestido.

— Consegue ver como isso é profundo? Sempre costuro minhas roupas com bainhas amplas. Se precisarem ser encurtados, o excesso sempre pode ser usado como enfeite de cabelo — Seus olhos piscaram para o cabelo de Honoria, que ainda estava descoberto, depois que experimentou o chapéu vermelho. — A senhora tem um cabelo excepcionalmente lindo. Talvez um colar de pérolas entrelaçadas em sua trança... — Apertou os lábios especulativamente.

Honey tocou o tecido dourado e tentou suprimir a empolgação que sentiu ao pensar em usar aquele vestido. Não que não tivesse vestidos bonitos, porém optava sempre por comprar roupas funcionais e raramente algo que estivesse na última moda. Acariciou a renda intrincada. — Como a senhora o deixaria mais cumprido?

A Sra. Fenton pegou suas mãos e a colocou de pé. — Deixe-me preocupar com esses assuntos, milady. Venha, vamos vesti-la.



Peel estava esperando por Simon, quando voltaram ao hotel, várias horas depois.

Simon tinha deixado Honoria em sua sala de estar compartilhada, seus olhos brilhando na montanha de caixas que a esperava no hotel, após a orgia de compras.

— Ah, Peel, é um colírio para os meus olhos.

O homem mais velho e fleumático parecia aflito, seu olhar preso ao pescoço de Simon. — Gostaria de poder dizer o mesmo, milorde.

— Sim, eu sei que minha gravata está uma maldita vergonha e essas roupas parecem como sacos de grãos. E minhas botas — olhou para seus

hessianos, que havia permitido que fossem polidas durante sua estadia em Grunstead — talvez seja melhor jogá-las fora.

Peel deu uma fungada e ajudou-o a tirar o casaco.

Sorriu para seu valete.

— Acho que sentiu minha falta.

— Sim, milorde, não há nada tão desagradável como tirar férias. E foi terrivelmente enfadonho ter apenas a mim para me lavar, cuidar, alimentar e vestir por mais de uma semana.

Simon riu de seu sarcasmo arrepiante.

— Pronto, esse é o problema, Peel. Agora, recolheu minhas novas roupas, que encomendei em Londres?

— Sim, milorde.

A resposta curta e rígida de seu valete disse a Simon que seus sentimentos estavam feridos.

— Bem, não fique todo curvado, homem. Lamento ter tido a audácia de escolher peças de roupa sem a sua aprovação. Pode sair e quebrar o banco enquanto estamos aqui, se não se importar com minhas escolhas.

— Se me permite, senhor, quanto tempo ficaremos em Brighton? — Peel terminou com seus casacos e Simon sentou-se, para que pudesse tirar as botas.

— Até o final do mês, depois iremos para Everley. Provavelmente o mandarei na frente.

Simon coçou uma crista de tecido cicatricial sob seu cabelo. Não foi apenas sua orelha a danificada. Cortes pequenos e sem pelos serpenteavam por toda a sua cabeça. Teve a sorte de sempre ter cabelos grossos e

encaracolados, que agora ajudavam a esconder muitas das cicatrizes nada bonitas. Não cortava o cabelo há algum tempo; não, desde que decidiu deixá-lo crescer um pouco mais, para esconder o feio coto de uma orelha. Por muito tempo, sentiu-se quase beligerante sobre exibir suas mutilações. Contudo, Honey não deveria ter que olhar para uma coisa dessas o dia todo. Já era ruim o suficiente ter que olhar para o seu rosto.

Peel colocou sua segunda bota de lado com um baque, que o trouxe de volta.

— O senhor estava dizendo, milorde?

— Estava dizendo que o mandarei para Everley antes de nós. O local deve estar pronto para a nossa chegada, e acredito que não vai doer se estiver lá para supervisionar a chegada das malas de sua senhoria.

— O senhor não vai voltar para Whitcomb?

— Não. E isso é outra coisa com a qual pode tomar conta, mover minhas posses de meus aposentos para Everley.

O valete assentiu, montando o equipamento de barbear de Simon. Simon tirou a camisa e jogou-a no chão, retraindo-se ao abaixar o braço.

Peel se abaixou para agarrar sua camisa.

— O senhor não aplicou a pomada que o Dr. Cruikshank lhe deu, milorde?

Simon bufou e ignorou o suspiro de dor de seu valete. Em vez disso, girou o ombro, a junta estalando suavemente a cada rotação. Algo ainda estava lá; algo que os médicos na Bélgica não conseguiram extrair. Não doía com frequência, geralmente apenas se dormisse sobre o braço, mas sempre estava ciente.

Deixou cair o braço e foi se sentar em frente ao espelho.

Peel enrolou uma toalha fumegante em volta do rosto e soltou um suspiro de contentamento.

— Estou sempre com pressa demais para fazer essa parte, Peel.

Peel resmungou algo que soou como, *preguiça demais e é o que me parece*.

— O que disse? — Perguntou sorrindo.

— Posso ver que a pele da sua cintura está rachando, e tem um pouco de sangue.

— Pare já com isso. — disse, não mais achando graça. — Pode espalhar gordura de porco em mim depois do meu banho. — Seus olhos localizaram os de Peel no espelho. — *Pedi* um banho para mim, não *pediu*?

A expressão de Peel disse o que pensava daquela pergunta.

Simon grunhiu.

— Ótimo. — esteve fazendo suas abluções em uma maldita bacia, já que era muito desmiolado para se lembrar de pedir um banho na maior parte do tempo.

Peel tirou a toalha e começou a ensaboar seu rosto. Simon fechou os olhos e relaxou.



Simon estava meio adormecido, enquanto seu valete esfregava a substância, de cheiro nada agradável, na pele lisa e brilhante, que corria ao longo de seu lado esquerdo.

Não aplicava nenhum unguento desde Whitcomb e sua pele cicatrizada começou a puxar, encolher e doer. Manchas e mais manchas de sangue apareciam em suas camisas, com crescente regularidade.

Houve uma batida suave na porta de conexão.

— Entre — respondeu, virando a cabeça preguiçosamente.

Sua esposa apareceu na porta aberta, sua expressão a mesma que usara aquela manhã, quando o pegou esfregando seu pênis.

— Oh! — Começou a dar um passo para trás.

— Não vá. — Ordenou e Honey congelou. — Nós já terminamos aqui. Deixe-nos, Peel.

Seu valete saiu rápida e silenciosamente pela entrada que levava ao vestíbulo.

Simon rolou para o lado, a toalha que Peel usava para proteger sua modéstia deslizou um pouco e atraiu os olhos de Honey para os seus quadris.

— O que posso fazer, milady? — Perguntou, quando pensou que sua esposa poderia fugir.

Honey hesitou, estava segurando um papel.

— O que é isso? — perguntou.

— Uma carta do duque.

— Ah é? Por que lhe foi entregue?

— Não sei ao certo, entretanto, achei que deveria lê-lo. Er, rapidamente. É por isso que estou aqui.

Simon reprimiu um sorriso em seu balbucio incomum. Então, deixava-a nervosa, não é? Sabia que seu comportamento era rude; uma esposa

aristocrática comum ficaria chocada, ao ver o marido sem gravata.

Contudo, não queria se comportar como aristocratas comuns.

Sentou-se, admirando-a observá-lo, enquanto enrolava a toalha, confortavelmente, em torno de seus quadris, e depois dobrando em um canto e se levantou. Olhou para Simon como se fosse um demônio saltado do tapete, horivelmente estampado.

— Está muito bonita — a elogiou, seus olhos pairando sobre o decote excepcionalmente baixo de seu corpete. — Esse é um dos novos?

Honey piscou, estonteada pela mudança de assunto, pelo elogio ou por ambos.

Estava certa na carruagem; Simon gostava de manter as pessoas desequilibradas, principalmente ela.

Simon pôde ver a luta que sua esposa enfrentava, tentando arrancar os olhos de sua toalha e a ereção que crescia debaixo dela. Fora maldade de sua parte prendê-la ali quando estava quase nu, por outro lado, não queria se esconder dela. E não tinha intenção de permitir que se escondesse dele.

Honey alisou o vestido com uma das mãos.

— A Sra. Fenton fez um trabalho rápido nesse, os outros ainda não estão prontos, é claro.

Simon apostou que estariam prontos antes do fim da semana. Ainda não conhecera uma mulher de negócios mais esperta.

— Vire-se.

Honey inclinou a cabeça.

Simon girou um dedo no ar.

— Vire-se, quero vê-la.

O rubor dela era um afrodisíaco para Simon, percebeu isso desde o início.

Honey se virou desajeitadamente, a seda diáfana ondulando como água contra suas curvas longas e sutis. Quando parou, Simon estava completamente duro. Os olhos dela caíram para a toalha e Simon fez de tudo para não arrancar aquele lindo vestido de seu corpo e debruça-la sobre o encosto da cadeira mais próxima.

Foi uma luta, mas suprimiu seus impulsos selvagens. Isso era civilização; tal comportamento seria visto com severidade.

Além disso, era uma donzela; queria tomá-la devagar e fazer da sua primeira vez um prazer.

Pensar em ser o primeiro homem a entrar em seu corpo o deixou quase tonto de desejo. Nunca se interessou por virgens, porém algo sobre ser o primeiro o fez arder de vontade de possuí-la.

Honey estava apertando a carta com tanta força que estava quase dobrada ao meio.

— O senhor ainda não está curado?

Simon levantou as sobrancelhas. — Hum?

Honey gesticulou para o ombro dele, para a cicatriz, em carne viva, da bala do caçador ilegal.

— Seu valete estava aplicando uma medicação?

— Aquela pomada não era para este arranhão. É um unguento para manter a elasticidade da pele queimada. As cicatrizes me deixaram sem os elementos essenciais para manter a pele flexível e oleosa. Terei que aplicá-lo pelo resto da minha vida — Simon sentiu sua resolução de não a tocar escapulindo pelos dedos, como cacos de rocha soltando de um penhasco.

Deu um passo em sua direção e Honey ficou tensa. — É difícil para mim alcançar parte do tecido das cicatrizes, então Peel aplica para mim — sem mencionar o fato de que Simon era preguiçoso e muito impaciente para massagear seu corpo dilacerado.

Seus olhos piscaram sobre Simon, enquanto digería aquela informação.

— Como está a outra lesão? — Seus lábios se torceram zombeteiramente. — Aquele que acabou de chamar de *arranhão*.

— É um arranhão — disse encolhendo os ombros. — A bala causou poucos danos. O pobre Raymond ficou numa situação ainda muito pior — quase sem pausa, perguntou: — Acha minhas cicatrizes repelentes?

Seus olhos piscaram sobre Simon novamente, demorando-se em seus quadris. — Não. — a palavra mal foi um grasnido.

Simon pegou a carta dos dedos sem resistência dela e a jogou sobre uma mesa próxima.

— Não vai ler?

— Não. — Não tinha absolutamente nenhum interesse em nada que Wyndham tivesse a dizer. Sem dúvida, continha ordens disfarçadas de sugestões. — Quero falar sobre você.

— Sobre mim?

Assentiu devagar.

— Ontem à noite eu a mordisquei e a manejei de maneira bastante rude. — Estendeu a mão e puxou a gola de seu vestido, expondo uma das marcas que provavelmente havia deixado.

Honey tremeu sob sua mão e seu queixo caiu em uma expressão cômica de choque.

— Eu a machuquei?

Honey hesitou e então disse: — Não.

A palavra suave enviou sangue trovejando em suas veias.

— Gostou? — Perguntou, seus olhos passando por ela como unhas em brasa puxadas de uma forja. — Gostou? — Repetiu, quando Honey apenas o olhou boquiaberta.

Honorina deu um aceno brusco. Mais revelador do que seu aceno de cabeça foi a forma como suas pupilas dilataram.

— Sabe que estive longe da sociedade por uma década e meia. Vivi com meus homens, muitos dos quais eram de classes inferiores. O que estou querendo dizer é que sou direto e vulgar e nada cavalheiro em alguns aspectos. — Bufou. — Provavelmente em vários aspectos. — Flexionou as mandíbulas, enquanto observava suas bochechas coradas. — Temo dizer que sou deveras rústico, quando se trata de questões sexuais — Honey estremeceu com a palavra *sexuais*. — Preciso que me diga para parar se fizer algo de que não goste. Entende?

A pulsação na base de sua garganta estava vibrando loucamente ao final de sua fala pouco cavalheiresca. Deu um aceno infinitesimal.

— Não, isso é muito importante, Honorina. Por favor, responda-me em voz alta.

Limpou a garganta. — Eu entendo.

— Ótimo. — Pegou a mão dela e a colocou sobre a protuberância obscena, sob sua toalha. — Acha isto repelente? — Perguntou, sua segunda pergunta um eco da primeira.

Suas pálpebras baixaram e cambaleou ligeiramente. Porém não se afastou. — Não.

— Fico feliz e aliviado em ouvir isso. — Simon se inclinou para frente e beijou sua mandíbula. — Quero colocá-lo dentro do seu corpo. — Sentiu-a estremecer, ainda assim não se afastou. — Quero fazer amor contigo, Honoria — disse, usando uma tradução francesas que ouvira para o coito, que achara bonita para um ato tão terreno.

— Fa-fazer amor?

— Hm-hm — Beijou seu pescoço, logo abaixo da orelha, roçando a veia que latejava loucamente em sua garganta, suas mãos movendo-se para a parte de trás do vestido, onde encontrou - graças a Deus - apenas uma pequena fileira de botões.

A palma da mão de Honey descansou hesitante sobre seu pênis.

— Pegue-o. — Ordenou.

Sutileza, seu animal. Mostre uma maldita sutileza. É uma mulher inocente, ou quase...

Não vou esconder meu verdadeiro eu dela.

Mesmo se pudesse fingir ser alguém diferente - um dândi elegante, sem sangue e frio, por exemplo - não faria isso, especialmente não com uma pessoa tão importante para si.

Simon queria conhecer esta mulher fascinante - a verdadeira Honoria Keyes - e queria que o conhecesse, o verdadeiro Simon, com os defeitos e tudo mais.

A parte sexual do casamento era importante para Simon, que se recusava a ir até Honey sob o manto da escuridão e esconder suas ações por debaixo de cobertores.

Justo quando começou a acreditar que seu comando bruto poderia tê-la repellido ou assustado, seus dedos traçaram bruscamente seu membro.

Simon grunhiu, com uma surpresa satisfeita.

— Isso é tão bom. — disse asperamente, seus dedos desajeitados chegando ao último botão de seu vestido. Inclinou-se para trás para que pudesse vê-la. — Abra os olhos, Honoria. — Simon queria que Honey soubesse para quem estava se entregando, a cada passo do caminho.

Suas pupilas estavam enormes e sua respiração irregular e curta, e sua mão continuava movendo.

— Sim, bem assim, só que mais forte.

Ficaram assim por um momento: Simon lutando para assumir o controle de seu desejo e Honey levando-o à beira da loucura.

— Remova as suas mãos, quero tirar seu lindo vestido. — disse com a mandíbula cerrada, quando não conseguiu mais suportar as carícias dela.

Quando Honey se afastou, como se Simon a tivesse rejeitado, percebeu que precisava fazer melhor, explicar o que estava acontecendo.

— Olhe para mim, amor.

Adivinhou corretamente: Honey interpretou suas palavras duras como uma rejeição ao seu toque.

— Não me recordo de ter desejado uma mulher tanto quanto a desejo, Honoria. É difícil para mim ir devagar, de conseguir me controlar e não apressar as coisas.

Os lábios dela se separaram surpresa.

— Quero que a sua primeira vez lhe seja o mais agradável possível — Olhou para o rosto sombriamente corado dela. — Será uma novidade para mim também.

— Está querendo dizer que...

Simon sorriu.

— Não, amor, não estou dizendo que sou virgem. E sim que nunca estive com uma mulher virgem, antes — sua expressão ficou séria. — Está preocupada?

Honey o encarou. — Estou. — admitiu.

E então o surpreendeu: — Porém não o suficiente para querer que pare, Simon.



Capítulo Vinte e Sete

HONORIA SE sentia como uma heroína épica que havia viajado meia vida para chegar a esse momento.

Sabia, desde a noite anterior, que teria que continuar com este processo de descoberta. Não tinha outra opção. E se durasse apenas um breve momento...

Esmagou o pensamento doloroso e colocou-o debaixo dos pés; haveria o resto de sua vida para pensar nessas coisas.

Honey levantou os braços e Simon lentamente levantou seu vestido sobre a cabeça, e então ficou paralisado, segurando o vestido em suas mãos, os olhos fixos em seu corpo.

Seu peito se expandiu enquanto inspirava, e seus lábios mal se moveram.

— Linda.

Honey lutou contra o desejo de esconder seu corpo com as mãos. Estava bonita; *soube* disso na loja, quando a modista franziu a testa para seu espartilho e chemise modesta e balançou a cabeça.

— Seu marido parece o tipo de homem que apreciaria algo assim — disse, segurando o espartilho de seda creme, bordado com borboletas brancas. Antes que Honoria pudesse perguntar como a senhora sabia o que Lorde Saybrook iria querer, a outra mulher acrescentou algumas ligas, que combinavam com a vestimenta.

A mulher estava certa. Simon realmente deu um passo para trás e admirou-a. Parecia positivamente abalado.

Nunca ninguém a olhou com tanto desejo, até as unhas dos seus pés deviam estar corando.

O vestido dela esvoaçou de sua mão e balançou a cabeça.

— Será quase uma pena tirar isso — disse em uma voz áspera. Olhou para cima e encontrou o olhar dela, seu próprio olhar tomado por luxúria. O canto sem cicatrizes de sua boca curvou-se lentamente para cima. — De qualquer maneira terei que tirá-lo.

Estendeu a mão e Honey a pegou, deixando-o conduzi-la em direção à cama. Estava escuro lá fora, porém o quarto brilhava com a luz de pelo menos duas dúzias de velas.

Honey olhou para o candelabro mais próximo da cama. — Poderia...?

— Preciso vê-la. E quero que me veja também.

Honey viu a linha severa de sua boca e entendeu. Apesar de toda sua bravata, por não se importar com sua aparência, Simon, obviamente, se importava intensamente. Honey estava feliz, não que seu marido se preocupasse com suas cicatrizes, mas que as luzes permaneceriam acesas. Sua modéstia não a teria permitido admitir que queria ver como Simon era, especialmente aquela parte dele, que assistira com tanto desejo aquela manhã.

Alcançou as costas dela, seus dedos indo para as fitas que seguravam seu espartilho. — Acredito que esse seja o trabalho da Sra. Fenton? — Perguntou, suas mãos trabalhando com mais habilidade do que as de uma criada pessoal francesa para desamarrá-la.

Doía saber que só poderia ter adquirido tal experiência com prática. Todos aqueles anos, em que ansiava pelo marquês, havia despido inúmeras mulheres.

Honey afastou-se do pensamento desagradável, observando enquanto sua bela vestimenta nova deslizava por seus quadris estreitos, caindo no chão.

Simon se afastou novamente, estendendo a mão para firmá-la, enquanto Honey saía do espartilho caído. A nova chemise que usava era de uma musselina tão fina quanto uma teia de aranha e sabia, olhando para o rosto dele, que não fazia nada para esconder seu corpo.

Simon grunhiu e balançou a cabeça novamente, como se estivesse envolvido em uma feroz discussão interna.

Anseio e desejo queimaram em seus olhos, quando removeu a sua chemise sobre sua cabeça.

— Deus do céu — Parecia um homem parado diante de um altar e suas mãos tremiam quando descartou a chemise e diminuiu a distância entre eles.

Honey desviou os olhos de seu rosto adorador e balançou a cabeça, parando-o em seu caminho. — Não.

Sua boca se abriu e Honey quase riu de sua expressão chocada. — Acabou de me despiu. Eu quero... — Tropeçou em suas intenções ousadas.

Mas não precisou terminar.

Simon deu um passo para trás, seus olhos brilhando, tão intensamente, que Honey ficou surpresa por não ter explodido em chamas.

— Certamente, remova minha toalha.

Sua mão tremia, quando Honey alcançou a toalha pendurada em seus quadris. Não havia um grama de gordura em seu corpo e seu umbigo era um oval tenso, esticado sobre músculos que não passavam de obras-primas de Deus.

Tinha visto muitos corpos nus - masculinos e femininos - já que seu pai se certificou de que tivesse todos os modelos de que precisava, para dominar sua arte. Mas nunca tinha visto um tão esculpido, maltratado e glorioso, como o de seu marido.

E nunca tinha visto um tão excitado.

As pontas de seu dedo deslizaram sobre a pele acetinada, abaixo de seu umbigo e Simon respirou fundo, a protuberância sob a toalha esticando-se contra o tecido grosso como um animal selvagem.

Honey deslizou os dedos para frente e para trás, sobre os pelos dourados e macios, que cobriam as fascinantes cristas, que se afunilavam, em um V, sob a toalha. Seu abdômen se contraiu e ficou ainda mais definido, enquanto recebia as carícias dela.

— É uma mulher cruel — Sibilou, entre os dentes cerrados, quando Honey deslizou um único dedo entre a carne e o tecido e então parou.

Sua boca se curvou em um sorriso que não conseguia se lembrar de ter usado antes.

Simon riu. — E extremamente satisfeita consigo mesma. — Atirou-se sobre ela e mordiscou sua orelha, fazendo-a pular. — Liberte-me, Honoria. Liberte-me. — Sua voz estava rouca e latejava com necessidade.

Deu um puxão na toalha.

Simon estava sobre ela em um instante, pressionando um pedaço de pele quente e inimaginavelmente dura contra sua barriga, beijando e

mordiscando seu pescoço, daquele jeito que tinha feito, como se Honey fosse algo para ser consumido, algo delicioso, algo...

Simon deu um passo para trás, de repente, e Honey cambaleou e correu em sua direção. Simon balançou a cabeça e Honey parou, confusa.

— O quê...

— Ainda tem mais uma peça de roupa para tirar. — Deu um passo para trás e caiu na cama, recostando-se sobre os cotovelos, os pés plantados no chão, o membro viril vermelho, duro e projetando-se para cima.

Simon sorriu, seus olhos indo de sua masculinidade ereta para Honey. — Se chegar mais perto, vou tirá-los para a milady. Ou pode me fazer perder ainda mais o juízo — bufou, — *se* despir para o meu prazer.

O desafio zombeteiro em sua voz - a *certeza* - de que Honey não ousaria fazer tal coisa lhe deu forças.

Honey levou a mão para a fita que segurava suas elegantes roupas íntimas de seda e o olhar dele rastreou seus dedos, como um falcão seguindo uma presa. Hesitou, mas seus olhos nunca vacilaram. Honey reprimiu um sorriso.

Seus olhos se levantaram para os dela.

— Acha divertido me atormentar, não é?

Honey sorriu, era divertido.

Puxou a fita e a vestimenta deslizou para baixo. Simon observou e esperou. Honey permitiu que caísse um pouco, enquanto ainda segurava a fita.

Sua expressão era a própria definição de ávido. Honey não conseguia acreditar que era a sóbria, esquelética e alta Honoria Keyes, que segurava

aquele homem bonito e poderoso na palma da mão.

Aparentemente, não segurava. Simon rosnou e se lançou sobre Honey, pegando-a em seus braços, enquanto soltava uma risada assustada.

— *Basta.* — disse, pouco antes de sua boca esmagar a dela, sua língua uma espada quente e lisa apunhalando-a.

E então Honoria se viu flutuando no ar, antes de quicar no colchão. Em um instante Simon estava ao seu lado, seu longo corpo pressionando contra o dela. Sua mão acariciando-a, da mesma forma que fizera na noite anterior, mas, dessa vez, estavam de frente para o outro, sua boca traçando beijos por seu queixo, pescoço, peito...

Honey deu um grito sufocado, quando sua língua lambeu um mamilo endurecido.

— Deus, esperei muito tempo para poder fazer isso. — Murmurou, atormentando um mamilo enquanto sua palma girava levemente sobre o outro. — Deite-se. — Ordenou, cutucando seu esterno com a testa.

Honey caiu de costas e Simon rastejou sobre seu corpo, os dois joelhos entre suas coxas, abrindo-as mais amplamente, as mãos plantadas perto de seus ombros.

A hora havia chegado. Entraria dentro dela e iria doer. Honey sabia disso. Iria...

Seus dentes roçaram seu mamilo e suas costas arquearam.

— Hm, sim. — Sussurrou contra sua pele, abrindo ainda mais as suas coxas, deixando-a indizivelmente exposta.

A mão dele deslizou por sua barriga, por seus cachos úmidos e entre seus lábios inchados.

— Ah, Honey. — Enfiou um dedo nela, seu polegar perverso insistente e acariciando. Suas costas arquearam, seus quadris empurrando, de encontro ao seu toque. Honey se contorceu, enquanto Simon a conduzia em direção ao clímax, com a mesma eficiência erótica e implacável que empregou na noite anterior.

Um hálito quente soprou contra sua pele e Honey percebeu, atordoada, que a boca dele havia se movido de seu seio para seu estômago e depois para...

— Simon!

Simon riu, sua cabeça no lugar divinamente sensível que já dominava com os dedos.

E então começou a dominá-la com a boca.



Simon apoiou as mãos em suas coxas aveludadas e a abriu amplamente, enquanto a empalava com a língua, ignorando a fonte de seu prazer, enquanto Honoria se recuperava do clímax que acabara de destruí-la, ecoando o quarto com seu nome.

Enquanto explorava suas dobras com a boca, lábios e língua, imaginou outra parte sua acariciando-a e mergulhando profundamente em seu calor apertado. Honey montou sobre sua língua, resistindo e extenuando e usando-o para seu prazer.

Seus dedos se enredaram em seu cabelo, puxando, amassando e causando-lhe uma doce dor, enquanto suas unhas arranhavam seu couro cabeludo maltratado.

Simon abandonou, relutantemente, sua passagem apertada para acariciar sua pequena joia. Embalou sua pérola com a língua, lambendo e chupando, até que Honey gritou seu nome e puxou ainda mais seu cabelo.

Ainda estava tremendo, quando Simon se pôs de joelhos, colocou seu grande membro na sua entrada e empurrou para dentro, não parando, até que estivesse completamente dentro dela.

Seus olhos se abriram e viu o seu choque, dor, consciência, curiosidade, alívio e - por fim - submissão, enquanto seu corpo flexível acomodava seu membro inchado, como a natureza pretendia.

Sua envoltura apertada pulsava ao redor dele, mas Honey permaneceu imóvel, os olhos arregalados e confiantes.

Simon engoliu em seco, enquanto seu corpo estremecia de necessidade.

— Está tudo bem? — Perguntou rispidamente, as duas únicas palavras que conseguira proferir.

Honey assentiu lentamente. E, então, seus quadris se moveram um pouco, a mudança de ângulo o levando ainda mais fundo.

Um profundo gemido de prazer explodiu entre suas mandíbulas, fortemente cerradas. — Isso foi delicioso. — Rangeu, segurando seu olhar, enquanto se retirava, quase todo o caminho, antes de entrar nela, com outro impulso longo e firme. Honey estremeceu e se contorceu, porém não viu dor em seus olhos.

Mais uma vez, Honey se abriu para Simon, inclinando-se ainda mais desta vez, levando-o mais fundo, até estar totalmente preenchida, esticada e dominada.

Minha esposa.

O pensamento agiu como um afrodisíaco, em seu corpo já excitado, enviando uma onda de sangue e uma pulsação de desejo a seu membro já ingurgitado; Honey deu um leve grunhido de prazer, quando Simon se flexionou dentro dela.

Simon não conseguiu mais se conter. Começou a se mover, acariciando-a com investidas lentas e profundas, dando a Honey todo o seu comprimento, mas sem muita força.

Tremia com o esforço de se conter.

Estava muito perto do limite quando entrou nela, nem mesmo um milagre poderia conter seu orgasmo.

Logo suas pálpebras começaram a fechar e seu controle começou a escapular. Seus quadris tamborilaram nela, suas investidas selvagens e profundas.

Sair de dentro dela, antes de explodir, não foi a coisa mais difícil que já fez, foi a mais agonizante. Estava tão preparado, que não precisava da ajuda de sua mão, para terminar o serviço, e acabou cobrindo a barriga trêmula de Honey com seu sêmen quente.

Mesmo em seu estado de embriaguez de luxúria, Simon sabia que tinha passado perto. Perto demais. Teria que tomar mais cuidado da próxima vez.



Capítulo Vinte e Oito

QUANDO HONEY acordou, o quarto estava totalmente escuro e apenas fragmentos de luz penetravam as cortinas pesadas das janelas.

Tentou se virar, mas algo quente e pesado a prendia. Duas coisas, na verdade: uma sobre os seios e outra sobre o quadril; era o braço e perna de um homem.

Simon.

Uma onda atípica de tontura passou por Honey. Claro que era Simon. Eram casados. Verdadeiramente casados, agora, para o bem ou para o mal.

Bem, isso parecia bom - muito bom - e iria agarrá-lo com as duas mãos.

O que importava se não fosse o menino que um dia foi? Também não era mais aquela garota. Não esperava mais finais de contos de fadas.

Além disso, embora não fosse mais doce e inocente - e muitas vezes, fosse distante, irreconhecível e frio - tinha sido gentil e bom com ela.

Não era por desígnio dele que estivessem neste casamento, contudo aceitou sua parte no escândalo e não se comportou como se estivesse se atirando na força para se casar com Honoria.

Simon se mexeu atrás dela e Honey ficou tensa.

— Sei que está acordada — Sua voz estava áspera de sono, e então a puxou com mais força e beijou sua nuca, sua barba por fazer, áspera,

fazendo-a estremecer. — Hmm — Segurou-a mais perto. — Quase posso *ouvir* sua mente se agitando — Sussurrou, seus lábios macios e quentes contra a pele sensível.

Aquela parte dele estava fortemente pressionada entre eles e parecia uns bons vinte graus mais quente do que o resto do seu corpo.

Simon a virou de costas. — O que está pensando, Lady Saybrook?

O nome a fez sorrir.

— Ah — disse, seu dedo traçando a curva de sua boca.

Honey piscou mal conseguindo ver um contorno na escuridão.

— Deve ter olhos de coruja.

— Tenho uma visão noturna muito boa, embora, no momento, não passe de uma sombra — Acariciou seu lábio inferior. — Mas ia me dizer o que estava pensando.

— Ia?

— Mm-mm — agitou para frente e para trás.

— Nunca me diz o que está pensando.

— Os homens são fáceis de ler. — Seu dedo se moveu novamente, parando no meio de seu lábio inferior. — Nossas necessidades são básicas, nossos pensamentos desapontadoramente simples. — Pressionou levemente e seus lábios se separaram. — Comida, abrigo, descanso, um bom cavalo. — Empurrou o dedo e Honey abriu a boca, sua língua agindo, sem instrução de seu cérebro, acariciando o dedo dele. Simon colocou e, em seguida, retirou, o movimento parecido com...

Honey arfou e agarrou sua mão, parando-a. — É muito *perverso*.

Simon riu e segurou seu queixo, inclinando-a em sua direção para um beijo, que foi, decepcionantemente, breve. — Não sei o que quer dizer, milady.

Estava muito envergonhada para falar. Simon realmente queria fazer aquilo? Entrar dentro dela e...

— Agora que sabe o que estou pensando, isso é, quando consigo pensar, é a sua vez. No que estava pensando, deitada, acordada, no escuro?

— Estava pensando no retrato da sua sobrinha.

— *Mentirosa!* — Sussurrou em seu ouvido.

— Muito bem. O que acha que estava pensando?

— Em mim. Em nós. Nisso.

— É sempre tão arrogante assim, milorde?

— Na maior parte do tempo.

Honey riu.

— Pronto, assim é bem melhor. — Apoiou-se no cotovelo. — O que quer fazer amanhã, mais compras? — Acariciou sua garganta na escuridão, sua enorme e poderosa mão fazendo-a se sentir delicada... vulnerável... *excitada*.

— Só se for para o milorde. Compramos muita coisa hoje

— Fiz minhas compras em Londres. Peel as trouxe. Não terá mais que tolerar um marido maltrapilho.

— Isso é um alívio.

Simon riu.

— Que víbora de língua afiada é.

— Fale-me sobre Everley.

A mão dele parou, e Honey percebeu que, pela primeira vez, o havia surpreendido.

— Foi até lá para vê-la, enquanto estava hospedada em Whitcomb?

— O sr. Fairchild levou-me uma vez, mas só pude ver parte dela e não me senti confortável para fazer o resto do caminho até lá.

Voltou a acaricia-la.

— Deveria tê-la levado para conhecer os inquilinos, os Amberlie são pessoas boas.

— Amberlie, esse nome me parece familiar.

— Estavam no seu jantar de despedida.

— Ah.

— Alugavam Everley desde que eu era jovem, criaram sua família lá. Seus filhos tinham idades entre Wyndham e eu, e costumávamos brincar juntos.

— Quantos anos tem o duque?

— Acabou de fazer trinta e nove anos.

Honey tinha pensado que era mais velho.

— Amberlie é um almirante e ficava fora por longos períodos, mesmo antes da guerra. Seus dois filhos também são marinheiros, e sua filha, muito mais jovem do que o resto de nós, casou-se recentemente.

— Então, muito jovem para brincar com ela.

Simon traçou o interior de sua orelha e Honey estremeceu. — Por quê? Isso a deixaria com ciúmes?

Bufou.

— Está certa, era muito jovem para brincar comigo e Raymond — Hesitou, e Honey sentiu uma estranha tensão em seu corpo. — Entretanto, seus vizinhos do oeste tinham cinco filhas.

— Quem são elas, as conheci na festa?

Sua mão caiu.

— Não. A população local não é convidada para Whitcomb com muita frequência. O duque não gosta da pequena nobreza ou plebeus. Gostava dos Amberlie porque eram amigos de nosso pai. - Sua voz ficara fria, oca, distante, como sempre acontecia quando falava de seu irmão.

— Casou-se com uma plebeia.

— Ah, mas seu avô era o barão Yancey, namoradinho do coração de mamãe. Na verdade, é bem possível que teria se casado com o barão, se seu pai não tivesse decidido que um duque era um melhor partido.

Honey sentira a mesma coisa em suas poucas conversas com a duquesa.

Simon retomou seu carinho reconfortante.

— Everley é muito, muito menos grandioso que Whitcomb, é claro. Tem sido a morada dos filhos mais novos por gerações. A única razão pela qual estava vago, na época de meu pai, é porque era filho único. Bem, o único que sobreviveu até a idade adulta, na verdade teve cinco irmãos e irmãs.

Honey estremeceu ao pensar em tanta morte.

— Está certa em tremer. O parto é um processo cruel. Minha avó morreu no parto, assim como a segunda esposa de meu avô. Não se casou

uma terceira vez.

Honey queria perguntar se isso era parte da sua recusa em ter filhos, na insegurança, preferiu levantar esse assunto, já que Simon parecia tão disposto a confidenciar-lhe.

— Como Whitcomb, a casa é Tudor. E ao contrário de Whitcomb, não foi adicionado indefinidamente. Pode achá-la pequena e escura ou confortável e aconchegante, as pessoas a adoram ou a odeiam.

— Sempre gostei da arquitetura Tudor.

— Espero que continue a se sentir assim. — Havia um calor em sua voz, que a fez desejar poder ver seu rosto. — A casa está em excelentes condições, porém os estábulos são pouco adequados e esse será o meu primeiro projeto.

Honey se virou de lado para encará-lo, embora não pudesse vê-lo. — Tem planos traçados?

— Tenho planos há pelo menos quinze anos, levarei Wilkins comigo.

— O mestre de estábulo do seu irmão?

— Não por muito mais tempo. Estamos tramando e planejando isso há muito tempo. Wilkins cresceu em um dos chalés da propriedade e era tão apaixonado por cavalos quanto eu. — O entusiasmo em sua voz a aqueceu.

— Criará cavalos como Loki?

Uma vez que as comportas se abriram, Honey não precisava mais arrancar cada resposta dele. Simon falou sobre os reprodutores e éguas que possuía ou que compraria em breve. Explicou as melhorias e a estrutura geral de uma operação de reprodução.

Quanto mais falava, mais parecia com o Simon de outrora. O coração de Honey ficou mais leve. Talvez - apenas talvez – um pouco de distância das manipulações e maquinações do duque fizesse bem a Simon e a seu casamento.

— Ouça só a mim! Falando e a entediando sobre cavalos, quando tenho uma linda mulher nua ao meu lado.

— Gosto de ouvi-lo, não estava me entediando.

Simon a beijou diretamente na boca, provando seu orgulho sobre uma visão excelente. — Que esposa perfeita está se tornando, ouviu-me tagarelar e depois me elogiou — antes que pudesse protestar, continuou. — Há um cômodo em Everley que será perfeito para pintar. Na verdade, não posso deixar de pensar que fora usado para esse propósito no passado, algum ancestral morto há muito tempo que se aventurou — a mão dele deslizou de sua garganta para um de seus seios. — Existe algo em particular que alguém procura em um estúdio?

— Boa iluminação, bom pedaço de espaço, um — seu dedo pousou em um mamilo já tenso e deu um puxão suave. — Ah.

— Qual era a última coisa, Honoria? Receio não ter ouvido.

— Eu disse...

Ele a beliscou novamente e Honey respirou ruidosamente e cerrou os dentes, determinada a não choramingar dessa vez.

— Estou te distraindo? — Sua voz era áspera, e sua mão se moveu para o outro mamilo, acariciando, puxando e beliscando, a combinação de prazer e dor enviando espirais de deleite por todo seu corpo, até que todas as sensações se acumularam em seu estômago.

De repente, Simon estava escarranchado sobre Honey, trabalhando seus mamilos com as duas mãos, em vez de uma. Beliscou um mamilo um pouco forte e ouvi-a arfar.

— Está doendo? — perguntou, parecendo mais divertido do que preocupado.

Doía, mas era também estranhamente delicioso. Honey balançou a cabeça para a frente e para trás, vigorosamente, incapaz de falar.

Beliscou o outro, e Honey gemeu.

— Estou sendo muito bruto?

Mais uma vez, ela balançou a cabeça.

— O que é foi? Não a estou ouvindo.

— Não! Não... é.... muito... bruto. — As palavras saíram entre respiração cortada.

Segurou seus seios, suas grandes mãos os apertando. — Mmm — Simon gemeu, abaixando sua boca quente e úmida sobre um pico atormentado e chupou.

— Hm — Alternou entre os seios, a dor entre suas coxas se intensificando a cada beijo e carícia.

— Ou talvez goste de mais forte? — Sussurrou, dando-lhe uma mordida afiada.

— Simon! — Honey resistiu, seu sexo apertando em torno de nada, fazendo-a se sentir vazia e necessitada.

Simon riu maldosamente, sua boca - mais uma vez gentil - beijando, lambendo, chupando e depois mordiscando.

Honey tremia e choramingava como uma devassa.

A vergonha pairava um pouco além do prazer primoroso.

O que havia de errado consigo mesma, em gostar desse tipo de tratamento?

A mão de Simon deslizou entre suas coxas, tirando as preocupações da sua cabeça, e Honey se abriu sem Simon ter pedido.

— Ah, uma esposa tão boa e obediente. — Elogiou, as palavras causando uma mistura estonteante de mortificação e luxúria em seu estômago. Estava grata por estar escuro, pelo menos não podia ver seu rosto.

E então Simon riu, como se *pudesse* ver sua expressão, seu toque, tão leve como uma pena, enquanto acariciava seu monte, seu dedo evitando, de forma enlouquecedora, a fonte de seu prazer.

Honey abriu um pouco as pernas e empurrou os quadris para cima, tentando guiá-lo discretamente na direção certa.

Simon riu, desta vez não uma mera risada, mas uma gargalhada.

— Uma bocetinha pequena e tão faminta.

Honey arfou, tanto com o dedo que massageava seu botão inchado quanto com suas palavras chocantes. — *O* que disse?

— Tão veloz quanto seus pés.

Poderiam transportar-lhe, acelerou

Até Johnny que, muitas vezes, bocetinha alimentou.

Honey podia ouvir o sorriso em sua voz.

— Isso é... isso é... — não pôde deixar de rir. — Isso é *terrível*.
Aprendeu isso no exército?

— Não, aprendi isso quando era menino, de uma cópia contrabandeada de algo de Thomas D’Urfey.

Honey tinha ouvido falar do famoso autor, mas nunca lera nenhum de seus trabalhos. Agora sabia o porquê.

— Na verdade, é uma música. — Acariciou-a novamente, esfregando seu feixe de nervos e arrancando outro suspiro afiado. — Devo cantar, meu amor? — Ofereceu.

— *Não!* — disse, engasgando-se com sua própria risada. — Por favor, não faça isso.

Simon fez um som de ronronar.

— Bocetinha precisa se alimentar, e eu tenho a coisa certa para ela. — Sussurrou. Simon separou seus lábios, deslizando um dedo para dentro de sua entrada.

Os quadris de Honey se levantaram para aprofundá-lo ainda mais.

— Hm, tão molhada e ansiosa, gosto assim. — Elogiou, bombeando suavemente. — Não está dolorida demais para me tomar de novo, querida? Podemos nos divertir de outras maneiras, se estiver.

Sua voz era tão terna e solícita, que Honey quase não o reconheceu. *Estava* dolorida, também estava molhada, quente e pulsando por Simon. Abriu mais as pernas em resposta.

Simon riu, o som baixo e pecaminoso.

— Amo que esteja tão ansiosa para ser preenchida, querida. — Sussurrou em seu ouvido, seus joelhos empurrando, abrindo-a mais. — Pegue-me em sua mão, me acaricie antes de me colocar dentro de ti — Pegou a mão dela e a guiou até seu membro quente e pesado.

— Oh! — Honey disse, chocada pela forma como a pele era macia e como parecia deslizar sobre algo duro como osso.

— Deus, como isso é bom, Honoria.

Honey achou suas palavras quase tão emocionantes quanto senti-lo e a maneira como gemia quando o tocava.

E então seus quadris começaram a bombear.

— Assim. Segure-me forte. *Siiiiim*. Bem. Assim. Mesmo. - Pontuou cada palavra com uma investida afiada e controlada.

E então Honey fez uma descoberta milagrosa: os homens também podiam ficar molhados.

Simon parou abruptamente, sua respiração difícil na escuridão.

— Coloque-me dentro de você, amor.

Honey estremeceu com o comando, suas coxas tremendo de desejo enquanto o guiava para sua entrada. Quando Simon empurrou dentro dela, doeu, apenas por um momento, e então - ao contrário da primeira vez - foi uma delícia, sem qualquer desconforto.

Simon se movia com o mesmo ritmo lento e profundo de antes, e Honey podia sentir a contenção que estava exercitando e sabia que era por causa dela. Desejou saber o que fazer, para que Simon soubesse que não era uma boneca de porcelana que iria quebrar.

— Estou te machucando? — Perguntou, sua voz áspera, ao lado de sua orelha.

— Não! — Hesitou, e então acrescentou: — Gosto disso, Simon. Não está me machucando.

Suas palavras foram como um fusível e seu próximo impulso foi mais profundo, mais forte.

— Gosta assim? — Perguntou. — Gosta forte? Me quer inteiro?

Honey estremeceu com sua demanda firme e crua.

— Sim! — Sussurrou.

Simon a golpeou fundo, erguendo os dois da cama com suas introduzidas selvagens. Honey envolveu as pernas ao redor de sua cintura e inclinou a pélvis para tomá-lo mais fundo.

Simon gemeu, sua mão encontrando o caminho entre eles, seus dedos acariciando seu núcleo enquanto seus quadris batiam, deixando uma marca brutal.

Quando Honey se aproximou do precipício, foi como se Simon soubesse, como se pudesse ler o corpo dela. — Goze comigo, Honoria.

E Honoria se atirou do precipício com Simon.



Ficaram em Brighton por quase três semanas.

Fizeram amor todas as noites - várias vezes - e na maioria dos dias; seu marido não era um homem que defendia a modéstia.

Não tinha escrúpulos em exhibir qualquer parte de seu corpo ou inspecionar cada parte dela. Também abordou o que fizeram com um entusiasmo terreno que não era nada parecido com o que Freddie a alertara.

— Quero fazer tudo contigo, Honey — Sussurrou uma noite, depois que terminou de amá-la pela segunda vez.

— Existem outras coisas? — Honey arfou, seu corpo encharcado de suor com o vigor de suas ações.

Isso o fez rir.

— Muitas outras coisas, mas iremos devagar. Talvez uma *coisa* nova por semana. O que acha?

Honey só conseguia rir tolamente.

— Vou tomar isso como um sim! — Murmurou, sua boca já se movendo em direção ao sexo dela, embora mal tivessem terminado o último ato. — Amo dar-lhe orgasmos, é um excelente passatempo para um cavalheiro do campo.

Essa era outra coisa que adorava nele: o ato de amor deles não era apenas apaixonado, mas repleto de tolices, sorrisos e muitas risadas.

Simon tinha lhe ensinado mais palavras novas nas últimas três semanas do que aprendera em anos. E as palavras eram todas proibidas, fascinantes e privadas; palavras que usavam apenas um com o outro.

Simon cavalgava todas as manhãs, alugara uma carruagem do estábulo do hotel. Queria que Honey se juntasse a ele, e sua esposa fora, uma ou duas vezes, mas sabia que o atrasava, embora Simon negasse.

Honey poderia passar mais tempo na sela, quando se mudassem para Everley. Seria fácil ficar mais confortável sem a confusão da cidade para distraí-la.

Durante os dias, passeavam pela cidade. Duas vezes Simon pagou a um homem pelo uso de seu veleiro e levava Honey para passear em dias lindos e ensolarados.

Depois de sua primeira visita ao salão de festa local, não voltaram.

— Eu posso ir, se quiser, Honey; mas não para agradar ninguém. — disse-lhe.

Era quando dizia coisas como essas, que Honey sabia que corria o risco de voltar a se apaixonar pelo marido. Não era o mesmo homem da sua juventude, era muito mais interessante, sutil e complexo do que o príncipe dos contos de fadas que amou quando menina.

Honey acreditava que a indiferença, que muitas vezes sentia nele, era mais uma cicatriz da guerra. Sua reserva era constante em segundo plano, esperando para cair como uma barreira entre eles, e aprendeu a evitar os dois tópicos que derrubavam a cortina de ferro: a guerra e seu irmão.

Não se sentia ofendida, todo mundo tinha assuntos que preferia evitar. Talvez, um dia, pudesse se abrir, e se nunca se abrisse? Bem, a amizade íntima e sensual que compartilhavam, que se fortalecia a cada dia, era mais do que esperava.

Durante o dia, era um companheiro divertido, curioso e atencioso.

À noite...

Suas bochechas queimaram, quando lembrou das coisas que faziam na cama a noite toda, todas as noites.

Simon não só fazia amor com Honey, mas também dormia ao seu lado, abraçando-a, acariciando-a e segurando-a, como se não se cansasse de estar perto dela.

Era prático, sincero e jovial. Não via vergonha no prazer que se davam e recebiam, não importa o quão chocante a sociedade teria achado as coisas que faziam, e não se importava de ficar nu com ela, dia e noite.

Honey sabia que Simon não era um monge. Tinha ouvido os rumores em Whitcomb, visto a maneira como as criadas o olhavam. Tinha cicatrizes

e estava todo surrado, e seus ferimentos - alguns bastante graves - pareciam aumentar seu fascínio.

As mulheres gostavam de cuidar e curar os enfermos e feridos. Não que Simon se apresentasse como um ou outro. Certamente não, quando estavam na cama. Mas havia algo dentro dele que estava quebrado, e Honey tinha que se segurar contra a compulsão de consertá-lo. Simon não pedira para ser consertado e não era da conta de ninguém - nem mesmo da esposa - impor tal ajuda.

O duque de Plimpton enviava mensagens, pelo menos duas vezes por semana.

E, pelo menos duas vezes por semana, Simon as jogava no fogo.

— Não quero pensar no meu irmão — disse, quando Honey protestou que talvez algo ruim tivesse acontecido. — E, particularmente, não desejo saber se houve algum desastre que eu, provavelmente, não poderia fazer nada para consertar. Sem dúvida, está sentindo minha falta, com apenas o pobre e oprimido Raymond lá para cumprir suas ordens — Seus olhos endureceram então, e Honey, rapidamente, se afastou da desolação invasora, covarde demais para insistir no assunto.

E assim os dias se passaram em um borrão feliz e sensual.

Até que chegara seu último dia, no qual decidiram jantar em seu quarto.

A refeição estava deliciosa e conversaram, riram e discutiram, como sempre faziam, agora. Mesmo assim, Honey sentiu uma camada extra de reserva caindo sobre Simon.

— Está animado por estar indo para casa? — Honey perguntou, enquanto terminavam uma deliciosa bagatela de amora e descansavam à

mesa, com taças de vinho.

Simon encolheu os ombros, seu sorriso desaparecendo um pouco. — Este tem sido um idílio agradável, e agora nossas vidas reais nos chamam, não é? Deve estar ansiosa para pintar, já estive alguma vez tanto tempo longe de seu trabalho?

— Não por anos — admitiu. — Estou com meu caderno de desenho, o que acaba preenchendo o vazio.

Simon ergueu as sobrancelhas.

— Esta é a noite em que me permitirá vê-lo?

Era um jogo entre eles: Honey desenhava, Simon implorava para vê-los, Honey o privava. Não sabia por que, talvez fosse apenas por gostar da sua atenção provocadora. Outra parte dela queria manter algo que era só dela. Afinal, Simon mal tinha se aberto, mas já se sentia extremamente vulnerável ao marido.

— Ainda não. — disse, girando o copo e olhando para o líquido rubi.

— Nem mesmo se lhe mostrar algo novo e surpreendente esta noite?

Honey corou enquanto ria.

— Não acredito que tenha sobrado alguma coisa para mostrar.

Simon balançou a cabeça, pegou a taça dela e colocou sobre a mesa, antes de conduzi-la para o quarto.

— O fato de duvidar de mim parte meu coração.

— Bem, o senhor terá que me convencer, milorde.

Foi exatamente o que fez.



Capítulo Vinte e Nove

A VIAGEM a Shropshire demorou vários dias a mais do que sua primeira visita a Whitcomb.

Honey havia assumido a tarefa de massagear Simon todas as noites com unguento e aprendeu que sua pele fina e danificada lhe causava mais dor do que jamais demonstrava. Andar confinado em uma carruagem, mesmo que luxuosa, nunca era agradável, por dias a fio.

Liam um para o outro, jogavam xadrez em um tabuleiro de viagem, olhavam a paisagem e conversavam. No último dia de viagem, Simon ficou mais taciturno a cada quilômetro.

Peel havia partido vários dias antes deles, então, viajaram apenas com os serviços do cavaleiro de Simon, John, um homem que acompanhou Peel de Whitcomb e cavalgava de volta com eles.

— Estamos quase lá.

Honoraria levantou os olhos do livro que estava tentando ler e viu um longo caminho arborizado, passando pelas janelas.

Simon sentou-se ao lado dela e apontou para a janela:

— Esta é Everley no seu melhor. Espere um pouco... agora! — Sua empolgação era contagiosa e Honey arfou quando o telhado pontiagudo da grande estrutura foi crescendo... crescendo até que aparecesse um edifício inteiro.

Apertou o braço dele. — É maravilhoso, Simon.

Simon sorriu e a beijou profundamente, sua excitação quase maníaca.

No momento em que a carruagem parou, em frente à entrada, havia uma dúzia de criados enfileirados esperando.

— Vamos precisar contratar mais — disse, os olhos cintilando rapidamente sobre a casa, os criados, tudo. — Os que ficaram são alguns antigos retentores e aqueles que os Amberlie não levaram junto. Algumas famílias trabalharam aqui por gerações — Sorriu para a esposa. — Ficarão felizes em ter um Fairchild de volta à residência.

Simon desceu a carruagem e a ajudou, antes mesmo da carruagem parar por completo. Honey nunca o tinha visto tão animado.

— Hume, não parece estar mais velho do que quando eu era menino — Simon agarrou a mão do homem mais velho - o mordomo? - sua saudação calorosa claramente assustando o rígido e correto criado

— É um grande prazer tê-lo de volta, milorde.

— É maravilhoso *estar* de volta, Hume. Permita-me apresentar minha esposa, Lady Saybrook.

Hume fez uma reverência.

— Bem-vinda a Everley, milady — Voltou-se para Simon. — O Sr. Peel chegou há dois dias e está desempacotando as malas que trouxera de Whitcomb. Recentemente, recebemos uma remessa de sua residência em Londres. — disse a Honey — Decidimos não desempacotar, até que vossa senhoria estivesse aqui, para orientar a equipe sobre onde gostaria de colocar suas parafernalias de pintura. Nós preparamos o quarto principal para...

— Sim, sim. Muito bom Hume, vamos entrar. — Simon segurou Honoria pelo braço e conduziu-a através do corredor, parando apenas o tempo suficiente para deixá-la assentir, sem trocar uma palavra, com todos os criados boquiabertos.

— Está com muita pressa. — Murmurou, enquanto Simon quase a arrastava escada acima.

Simon acenou, seus olhos nas portas abertas à frente deles.

— Não estive aqui há quatorze anos.

— É mesmo? — Honey parou e ficou olhando, tão logo Simon a puxou. — Pensei que fosse grande amigo dos Amberlie?

— Quando eu era um menino. Não... depois.

— Depois de quê?

Ou Simon não ouviu a pergunta ou decidiu ignorá-la.

Entraram no saguão e a soltou, virando-se para olhar para o hall de entrada de madeira rústica, como um homem em transe. — Nada mudou! — Murmurou, girando em um círculo, inconsciente ou indiferente que vários criados estavam olhando.

Desceu a longa galeria, que dava para a esquerda.

Honoria sorriu para o laçao que esperava e o deixou pegar sua capa, antes de correr atrás do marido, tirando as luvas, enquanto olhava para as pinturas na parede, todos retratos. Não eram, nem de longe, tão grandiosos quanto os de Whitcomb, porém havia dezenas de peças muito bonitas.

— Honoria! — A cabeça de Simon apareceu em uma lateral. — Por que está demorando tanto? Depressa — A cabeça dele desapareceu e Honey riu. Era como um menino, um menino jovem e despreocupado.

A lateral pela qual havia desaparecido levava a outro longo corredor e se lembrou de que Simon disse que a casa fora construída em ‘E’.

Portas duplas, feitas de vitrais, iluminavam o corredor, com cores e formas fantásticas. Simon não estava em lugar nenhum.

— Simon? — Chamou, sua voz ecoando assustadoramente sobre o gesso duro e entortado e coberto de pisos de madeira antigos.

— Aqui. — Sua voz flutuou para fora de uma sala, perto do final, para o interior do ‘E’.

A porta estava aberta e parou ao entrar, em transe.

Havia janelas do chão ao teto em dois lados e o sol do fim da tarde fluía através do vidro chanfrado, refratando a luz, para fazer o ambiente parecer que brilhava com uma centena de velas.

— Oh, Simon, é lindo.

Simon sorriu quando veio em sua direção.

— Um estúdio perfeito, não acha?

Honey acenou, girando em um círculo, encantada. — É sim.

— E olhe — Disse, levando-a até a fileira de janelas, voltadas para o sul. — Lá estão os estábulos. Poderemos acenar, um para o outro, enquanto suamos e nos escravizamos em nossos respectivos trabalhos.

Em um ato de alegria sem precedentes, Simon a agarrou pela cintura e a girou sem parar. Até que Honey ficou tonta tanto com os movimentos quanto com alegria.

— Quero fazer amor contigo aqui, agora — Sussurrou escandalosamente com urgência apaixonada, fazendo seu coração bater

forte. — Vou tomá-la em todos os cômodos dessa casa. Gostaria disso, minha linda amante?

Honey estremeceu com suas palavras e as imagens eróticas que evocavam.

— Gostaria? — Rosnou, baixando a boca sobre o pescoço dela e fazendo-a gritar.

— Sim! Sim, gostaria. — respondeu rindo.

Quando Simon parou, Honey estava ofegante, seus olhos tão cheios de calor, que só conseguia olhar fixamente. Toda essa felicidade para eles? Pela vida deles? Por *ela*?

— Seremos felizes aqui, não seremos, Honey? — Perguntou, a pergunta estranhamente sombria, seu olhar intenso.

Honey acenou, engolindo convulsivamente, mas incapaz de evitar o nó na garganta.

Naquele momento, Honey sabia que Simon viria a amá-la, podia ver isso na esperança irradiando de seus notáveis olhos azuis.

Honey já o amava e veria seu amor ser correspondido. Sabia disso.

Simon baixou a boca faminto, beijando-a do jeito que fazia, quando estavam à beira do êxtase.

O som de uma garganta limpando fez os dois pularem, e Simon deu um passo à frente dela, como para protegê-la.

Honey não ficou surpresa ao ver o duque de Plimpton parado na porta aberta.



Simon teve que se esforçar para não bater a porta na cara do irmão. Entretanto, podia dizer, pelo olhar frio e decidido de Wyndham que ficaria ali, até que Simon o ouvisse.

— Olá Simon, Honoria. — O duque avançou. — Como foi sua jornada?

Honoria fez uma reverência.

— Foi agradável, Sua Graça.

Simon sorriu para o gelo na voz de sua esposa. Bom, Honey não seria intimidada por seu irmão.

— Minha esposa gostaria de ir para o quarto dela e se refrescar depois da longa viagem, Wyndham. Eu o encontro na biblioteca.

Seu irmão hesitou, irritado por ter sido dispensado, porém acenou e saiu da sala, sem dizer uma palavra.

Simon se virou para Honey.

— Queria mostrar-lhe seus aposentos, eu mesmo — disse, forçando um ar de leveza em sua voz, que estava longe de sentir. Pegou a mão dela e a levou de volta para a ala da família.

Simon se inclinou para perto, enquanto abria a porta de seus aposentos.

— Pretendo passar muito tempo contigo aqui — Murmurou, apreciando seu arrepio.

Honey fez “ooh” e “aham” durante o caminho, e Simon podia ver que Honey não estava tão animada. Tudo mudou, quando Wyndham apareceu. Seu irmão não o teria visitado tão cedo, apenas para transmitir suas boas novas.

Simon se virou para a esposa, depois de mostrar a grande banheira de cobre e tanque de aquecimento de água, depois colocou as mãos em seus ombros. — Quero que tome um banho longo e quente e preste atenção a todos os detalhes, para que possa me contar sobre eles, mais tarde — Honey corou, o que amava, e a beijou com força. — Eu a verei no jantar, só nós dois. — Prometeu, quando viu a indagação em seus olhos.

Sim, apenas os dois, pensou, enquanto descia as escadas como um furacão.

Wyndham estava olhando pela janela panorâmica, as mãos cruzadas atrás das costas, que estavam retas como uma vareta, assim como as de Simon, graças ao pai deles.

Seu irmão teria sido um bom soldado, muito melhor do que Simon, que nunca gostou da disciplina.

Não, apenas gostava de caos, da matança e da carnificina.

Ignorou a voz fria e crítica; lidar com Wyndham seria o suficiente, sem lidar com sua consciência interferente.

Seu irmão, não surpreendentemente, exalava disciplina; disciplina e dever foram o que compôs o fluido em suas veias geladas.

O duque se virou, quando Simon bateu a porta.

— Perguntaria se gostaria de uma bebida, porém sei que não ficará muito tempo.

Wyndham ignorou sua grosseria.

— Fico feliz em vê-lo se dando tão bem com sua nova esposa.

— Aposto que sim. — Simon bufou, indo para a garrafa de conhaque e servindo uma dose para si mesmo, perfeitamente ciente de como suas ações

eram grosseiras. — Bem, — disse, virando-se, com o copo de conhaque na mão — não a parabenizaria, se fosse você. Minha esposa o odeia. — *Muito*. Poderia ter acrescentado, porém achou que seu irmão tinha entendido.

— Isso é lamentável. — Wyndham disse friamente, tirando seu olhar morto do copo nas mãos de Simon para os seus olhos.

Uma emoção que Simon não conseguiu reconhecer tremeluziu nos olhos de seu irmão, deixando-o inquieto. *Qualquer* emoção no rosto de Wyndham valia a pena ser percebida e geralmente era motivo de preocupação.

— Devo admitir que estou grato e aliviado por ver que se entregou à sua nova vida, com certo entusiasmo.

Simon queria que seu irmão calasse a boca, embora soubesse que dizer isso só prolongaria o encontro deles.

Em vez disso, deu-lhe um sorriso rígido.

— Obrigado, irmão. Porém não deveria falar como se eu tivesse feito um grande sacrifício. É uma mulher bonita, talentosa, inteligente e *sensual*. — Fez uma pausa, para apreciar a visão incomum das maçãs do rosto afiadas do duque corando. Pobre Wyndham. Seu irmão provavelmente não tinha estado com uma mulher, desde que sua esposa o chutou da cama. Muito orgulhoso e rígido para curvar-se a seus princípios, embora morresse sem nunca ter uma amante. Em outras palavras, um tolo e um puritano.

— Que bom, da sua parte, vir ver que estamos nos estabelecendo. — Simon inclinou a cabeça. — Ou veio supervisionar a consumação da nossa união?

As bochechas de Wyndham ficaram ainda mais escuras com as palavras vulgares de Simon.

Simon sorriu e bebeu metade do copo.

— Ouso dizer que minha esposa não permitirá tal coisa, não importa o quanto goste.

As mandíbulas de seu irmão estavam tão tensas, que podia ver os músculos flexionando sob a pele.

— Então, tendo dito isso. Há mais alguma coisa que gostaria de perguntar? — Simon despejou o resto da bebida na boca. Quando olhou para cima, viu o duque dando-lhe um olhar estranho.

— Leu minhas cartas? Nunca respondeu, apesar de não esperar nenhuma resposta mesmo.

— Fico feliz em ouvir isso. E sim, recebi suas cartas, duas por semana — Simon girou o copo nas mãos — e eu joguei cada uma delas no fogo, não queria contaminar minhas núpcias com suas cartas.

O rosto, normalmente impassível, do duque pareceu se fechar, e Simon sentiu uma pontada de remorso.

Havia dito a si mesmo que deixaria de irritar o irmão, que estava gostando do casamento a que fora forçado, muito, na verdade. Que iria começar a tentar perdoar Wyndham e deixar sua raiva corrosiva para trás.

O que Wyndham tinha feito, para ele e Bella, tinha acontecido muito, muito tempo atrás. Sim, seu irmão também havia manipulado e controlado Simon, desde que retornou da guerra, porém sua raiva por isso já havia começado a se esvaír; afinal, foi por causa da manipulação de Wyndham, que Simon se casou com uma mulher, por quem já se importava muito. Quem diria, talvez o amor viesse algum dia, ou pelo menos a felicidade e o contentamento, já que não acreditava mais no amor tolo que um dia o sustentou.

Fortalecido por esse pensamento, Simon largou o copo, deu um passo em direção a seu único irmão e sorriu:

— Olhe aqui, Wyndham, não quero continuar...

— Arabella MacLeish voltou a morar na casa de seu pai.

Não ouvia aquele nome há tanto tempo, que Simon levou um momento para absorver as palavras do irmão. E então havia a questão do nome, MacLeish. Continuou a pensar nela, naquelas ocasiões em que invadia sua mente bem guardada, como Bella Frampton.

Simon levou o copo de volta ao console e derramou mais álcool nele, tão distraído, que quase transbordou. Quando tentou pegá-lo, o líquido âmbar espirrou sobre a borda em sua mão.

Baixou o copo, mas não se virou. — Veio visitar sua família?

— Voltou para morar aqui, é uma viúva agora, Simon.

Simon riu, um som assustador, que não deveria ter se originado em seu corpo. Ainda estava rindo, quando sentiu uma mão em seu ombro.

— Há quanto tempo? — Simon perguntou, sem precisar explicar o que queria dizer.

— Está casado agora, Simon. — Seu irmão disse, em uma voz estranhamente gentil. — Casado e *feliz* e...

Simon afastou violentamente a mão do duque e girou.

— Quanto. Tempo?

A mandíbula de Wyndham se contraiu, porém não respondeu.

Simon só conseguiu ficar boquiaberto, surpreso e horrorizado.

— Sabia que era viúva e escondeu isso de mim. — Agarrou as lapelas do casaco de seu irmão e o jogou contra a parede, batendo contra o console

e jogando copos e decantadores no chão.

— Maldição, Wyndham! Há quanto tempo sabe?

— Seis meses.

Outra gargalhada enfurecida escapou dele, antes que pudesse entendê-la.

— Poderia ter me dito isso meses atrás?

— Poderia ter descoberto sozinho, se realmente se comportasse como um homem, em vez de uma criança rebelde. Está de volta há quase dois anos e se recusou a se socializar com nossos vizinhos e amigos. E por doze anos antes disso, nunca nos fez *uma* visita! — Wyndham aproximou o rosto do de Simon. — Todos esses anos, ficou longe. Não puniu apenas a mim, puniu nossa mãe. E então, depois que, finalmente, retornou, vai direto do leito da morte para o The George e começa a beber até ficar entorpecido.

— Poderia ter me dito, meses atrás.

— Por Deus! Arabella não é boa, Simon. — foi o mais perto que o duque de Plimpton chegou de gritar.

Simon observou, com fascinação mórbida, enquanto os músculos do rosto de seu irmão ondulavam com a força de suas emoções.

Olhou para Simon, com um olhar abertamente suplicante.

— Precisa acreditar nisso: a maldita Arabella Frampton nunca foi boa.

Desta vez, quando Simon levantou o punho, o duque segurou seu pulso, segurando o braço de Simon em um aperto firme.

— Não, não vou aceitar mais nenhum abuso seu — o cabelo de Wyndham estava despenteado, mas sua voz e rosto eram totalmente

insossos, como se o episódio emocional de alguns segundos antes nunca tivesse acontecido.

Simon arrancou o braço de sua mão.

— Saia agora da minha casa. — Caminhou até a porta e a abriu. — Saia e nunca, jamais, volte aqui. Está me ouvindo? O tolerarei por bastante tempo, e agora não quero mais te ver.

O duque não se mexeu.

— Está bem — Simon gritou, — saio eu. Entretanto é melhor ter ido embora, quando eu descer ou vou enxotá-lo pelos malditos degraus, eu mesmo.



Capítulo Trinta

HONEY JANTOU pela primeira vez em Everley, na grande sala de jantar, sozinha.

Tomou banho e se vestiu com calma e esperou por Simon. E esperou... E esperou...

Estava totalmente escuro quando, finalmente, desistiu e desceu. Apenas para aprender que o marido mandara avisar que estava indisposto e não devia ser incomodado, e que Honey deveria jantar sozinha.

Não queria nada mais do que ir ao seu quarto e exigir uma explicação, mas os olhos silenciosos e julgadores, de meia dúzia de criados, a forçaram a se sentar e se comportar, como se já soubesse da indisposição do marido.

Começou com três pratos, cada um deles, como uma dúzia de comida, cada garfada tinha gosto de serragem.

Por fim, quando a bandeja de sobremesa chegou, Honey a dispensou.

— Por favor, dê meus cumprimentos a cozinheira, porém tive um dia longo e desejo me retirar.

O laçaio assentiu, porém Honey viu algo parecido com pena em seus olhos.

Quando alcançou seus aposentos, foi até a porta de conexão. A maçaneta estava trancada. Bateu e a porta imediatamente abriu. Peel apareceu do outro lado.

— Boa noite, milady.

— Gostaria de estar com meu marido.

O rosto estreito e pálido de Peel enrubesceu.

— Está na cama, milady. — disse, hesitando. — Temo dizer, mas o seu senhorio está sofrendo com uma de suas enxaquecas.

Honey tinha ouvido falar dessas coisas, porém nunca tinha experimentado uma.

— Há algo que possa fazer?

O valete a olhou pesarosamente - e novamente - vira algo parecido com pena em seus olhos.

— Receio que não, precisa apenas dormir e ficar quieto, milady.

Honey sentiu seu rosto esquentar, sob seu exame gentil e reservado.

— Por favor, avise-me se houver alguma ajuda que possa oferecer.

Peel acenou e fechou a porta.

Honey ficou olhando para o mogno liso, sua mente em um branco total e absoluto.



Simon ouviu Peel e Honoria conversando em voz baixa e sabia que deveria convidá-la a entrar, assegurá-la de que tudo ficaria bem, mas parecia que alguém estava martelando um machado na sua cabeça, repetidas vezes. O simples fato de abrir os olhos um pouco, no escuro, estava fazendo seu estômago revirar; já tinha vomitado duas vezes.

Precisava ficar sozinho, onde pudesse se entregar à dor, sem se desonrar. Especialmente, não queria se desonrar na frente de uma esposa

que ele começou a gostar e respeitar.

Essas malditas dores de cabeça eram uma orgia desumanizante de tormento, que o enfraquecia e o fazia se sentir como um verme, mesmo sem público. Não desejava que Honoria visse com quem se casou. Muita familiaridade levava ao desprezo, mas isso levaria a algo muito pior: pena e nojo.

Já fazia mais de um ano, desde sua última dor de cabeça - ou enxaqueca - como os médicos na Espanha costumava chamar. Esta era a primeira que teve, desde que voltou para a Inglaterra. Por alguma razão, esperava que fosse uma dor, que desapareceria, junto com os pesadelos e os suores noturnos, um sofrimento associado ao continente e sua vida lá. Mas aqui estava essa dor de novo.

Começaram há nove anos, após sua primeira lesão grave. Estava na vanguarda de um ataque e um grupo de franceses apareceu do nada. Teve a sorte de evitar os sabres, porém seu cavalo tropeçou e deve ter quebrado a perna porque junto com o animal caíram com força. Atingira uma pedra - ou outro cavalo acertara seu crânio - de qualquer forma, perdeu a consciência. Quando acordou, horas depois, tinha um zumbido nos ouvidos, que persistiu por semanas, até que diminuiu. E então vieram as enxaquecas.

Teria atirado na própria cabeça, se os médicos não tivessem tirado suas pistolas. Pela segunda vez em sua vida, se viu amarrado a uma cama. Desta vez, alimentaram-no, à força, com láudano, o que só o fazia vomitar e piorava a dor.

Por fim, uma mão enfiou algo do tamanho de uma ervilha em sua boca e fora aliviado: ópio.

Embora o láudano fosse um derivado do ópio, havia algo no ópio puro que não o deixava enjoado e eliminava sua dor. O médico que o

administrara o alertara sobre seu poder - o vício.

— Use apenas o que o senhor precisa. E use-o somente quando tiver medo de que possa se machucar.

Simon não disse ao homem que já tivera experiência com o leite de papoula, estava muito preocupado que o médico não prescrevesse.

Além disso, sabia o que enfrentava e podia controlar suas ações, porque era mais velho e mais sábio.

No início, Simon pegava apenas um pedaço, do tamanho de uma ervilha, quando as suas dores de cabeça o atingiam.

Porém a estrada para o inferno fora pavimentada com intenções tão boas e melhores do que as dele.

Três anos após o ferimento na cabeça, fora hospitalizado por um ferimento de baioneta na coxa. Foi então que seu outro problema foi descoberto.

Teriam o mandado para casa definitivamente naquele momento, se não tivesse ameaçado o médico que o estava tratando.

— Envie-me de volta, e minha morte estará em suas mãos.

O homem ficou horrorizado.

— Mas não posso tratá-lo aqui. O senhor precisa de um lugar seguro, com os cuidados certos, e...

— Faça o tratamento aqui, quebre as regras.

— Não entende. — Dizia o médico. Mas Simon estava acostumado a lidar com o duque de Plimpton, todo o resto era mero barro em suas mãos, depois de Wyndham.

Romper sua dependência do ópio, uma segunda vez, fez com que suas enxaquecas parecessem como as quartas-feiras no Almack. Se Simon soubesse como seria agonizante, nunca teria concordado com tal tormento.

O médico havia lhe dito que da próxima vez que recorresse ao ópio, isso o mataria, e Simon tinha acreditado.

Então, aqui estava de novo, no escuro, com apenas um pano frio na testa para aliviar a dor, querendo estourar seus miolos.

Sabia como Peel funcionava na chance de que Simon se levantasse da cama e fosse atrás das suas armas.

Sua mente oscilou de pensamentos frustrados sobre armas para a informação que seu irmão havia compartilhado.

Então, Bella estava viúva e livre para se casar. Balançou a cabeça e bufou, quando uma onda de náusea o percorreu.

Maldição!

Simon resistiu ao batuque violento, por alguns minutos, antes de a dor se estabilizar em uma pulsação brutal e constante.

Odiava que o duque pensasse que era a notícia do retorno de Bella, que havia desencadeado esse surto. A verdade era que Simon havia perdido muitas de suas memórias de Bella, junto com todas as outras. Os buracos, lacunas e ausências de dias, semanas e até meses estendiam-se a ela, o antigo amor de sua vida.

Não, o que o perturbou foi o comportamento do seu irmão.

Se Wyndham acreditava que Simon ainda amava a mulher, por que faria uma coisa dessas? Seu irmão realmente o odiava tanto? O desejo de Wyndham, de manipulá-lo e controlá-lo, era mais importante do que o bem-estar de Simon?

A raiva, pelas ações de seu irmão, fez com que sua temperatura subisse e todos os músculos de seu corpo se contraíssem; sua fúria piorava ainda mais a sua dor de cabeça.

Simon inspirou e expirou profundamente e lentamente várias vezes.

Assim que assumisse o controle de sua raiva, deixaria sua mente vagar de volta para a fonte daquela bagunça toda: o retorno de Bella.

Honestamente, sua reação visceral tinha sido, em grande parte, um hábito. Não apenas tinha poucas memórias reais de Bella, mas agora, também, era um homem casado. E embora ele e Honoria tivessem conversado sobre amantes, isso fora antes de seu tempo juntos em Brighton. Gostava da maneira como o casamento deles estava se desenvolvendo e acreditava que sua esposa também gostava.

Simon não queria nenhuma outra amante.

Não havia dúvida, em sua mente, de que o que tinha com sua nova esposa era realmente uma coisa muito boa. Era inteligente, sensual e fascinante; passaram o tempo juntos se amando, rindo e se descobrindo.

Quanto a Bella? Bem, sempre haveria alguma nostalgia sobre o que eles, uma vez, compartilharam. Simon suspeitou que a nostalgia era ainda mais poderosa, porque suas lembranças eram muito nebulosas. Sem dúvida, sua imaginação cumpriu seu papel, preenchendo as lacunas.

Agora Simon e Bella seriam vizinhos e iria vê-la, quer quisesse ou não. Enfrentaria a tarefa de normalizar suas relações com Bella e sua família, quando não estivesse se contorcendo em agonia.

Simon sabia, melhor do que ninguém, que fantasmas podem parecer insubstanciais, e ainda assim podem exercer uma influência poderosa.

Quanto mais cedo banisse quaisquer espectros remanescentes de seu passado, melhor seria para todos.



Simon não saiu de seu quarto por três dias.

Depois que o segundo dia passou, sem nenhum sinal de seu novo marido, Honey começou a duvidar que as enxaquecas fossem a verdadeira causa de sua reclusão atual.

Essas dores de cabeça realmente surgiam tão de repente? Poderiam ser tão severas, a ponto de mantê-lo na cama por três dias? Não havia sofrido nada parecido, durante o tempo que passaram juntos, por que então agora? Por que só após ter chegado em casa e falado com seu irmão? Tinha alguma outra coisa o mantendo trancado em seu quarto? Era um dipsomaníaco? Tinha-o visto bebendo diversas vezes. Era esse o tipo de homem com quem havia se casado, um bêbado?

Não saber o que havia de errado com era agonizante.

Foi sua nova sogra, a viúva, quem, finalmente, pôs fim às suas dúvidas terríveis.

A mulher esperou três dias, depois que chegaram a Everley, para fazer uma visita.

— Planejei dar-lhes, pelo menos, uma semana para se acomodar, sei como é incômodo receber visitas, antes de desfazer as malas, mas então, ouvi que Simon estava sofrendo de uma de suas notórias dores de cabeça e pensei que deveria estar se sentindo muito negligenciada.

Honey gostava de sua nova sogra - muito - e sabia que a bondosa, e um tanto vaga, mulher também gostava dela.

A pronta confirmação da duquesa das enxaquecas de Simon a havia aliviado... a princípio.

Então, a viúva relatou o motivo da visita do duque.

— Wyndham queria dar a notícia pessoalmente.

— Notícia? — Honey repetiu, servindo duas xícaras de chá.

— Sim, sobre o retorno da Condessa MacLeish — A viúva deve ter notado o olhar questionador de Honey, suas bochechas pálidas coraram e continuou: — A condessa se chamava Arabella Frampton antes de se casar.

Arabella? Bella? *Aquela* Bella?

Honey ainda estava trabalhando nas informações confusas, quando a sua sogra retomou sua história.

— Bella e Simon eram inseparáveis quando jovens. — A viúva pigarreou. — Houve um tempo em que havia um entendimento entre eles.

Então, a linda Bella, que tirara o juízo de Simon naquele dia, há muito tempo, estava de volta à vizinhança. E por que isso seria suficiente para confinar Simon em seus aposentos por três dias?

— Lady MacLeish ficou viúva recentemente. — a viúva acrescentou, mergulhando a faca e torcendo-a.

Honey não conseguiu evitar a pergunta: — Há quanto tempo?

— Seis meses.

Seis meses?

A mente de Honey girou; tinha havido algum entendimento entre ela e Simon? Estariam esperando que seu luto acabasse para se casar? O desastre na biblioteca e o casamento subsequente de Simon com ela destruíram seus planos e...

Pare com isso, uma voz fria em sua cabeça ordenou. *Está deixando sua imaginação correr solta*. Por que a notícia do retorno de Bella MacLeish levaria seu marido ao estupor? Não é como se tivesse ficado viúva há três semanas, Simon saberia de sua situação. O que quer que o duque tenha dito a ele - se alguma coisa - não era sobre esta mulher.

Honey suspirou. Esses eram todos pontos excelentes.

Terminou de preparar o chá e o entregou à viúva.

— Obrigada, minha querida — Tomou um gole e continuou. — Todos nós ficamos surpresos quando Arabella se casou, de repente, com MacLeish — corando ligeiramente continuou. — Sei que não é cristão da minha parte, porém nunca gostei de Arabella Frampton, mesmo quando era apenas uma menina. — Estalou a língua. — Era, simplesmente, bonita demais para as pessoas se comportarem com algum senso ao seu redor.

Honey ainda se lembrava daquela sensação doentia em sua barriga naquele dia, há muito tempo, do lado de fora do Gunther, quando Simon a apresentou, seu rosto transformado pelo amor.

Não era a primeira vez que sentiu grande curiosidade em querer saber por que Simon não desposou da beldade.

A duquesa continuou, parecendo, felizmente, inconsciente da azia que desencadeou em Honey.

— Era a menina dos olhos de seus pais e estava claro que tinham grandes planos para a filha. Não uso isso contra Arabella, é claro.

Fez uma pausa, seu olhar vago se aguçou quando Honey apontou para uma bandeja, com uma seleção de bolos e biscoitos.

— Oh, eu não deveria, minha querida. — Porém seus olhos brilharam especulativamente, quando pousaram sobre uma massa leve e fofa, que

exalava coalhada de limão e creme. Sua mão pequena e rechonchuda apontou. — Bem, talvez apenas um.

Honey sorriu e tesourou a iguaria, em um prato de bordas rendadas, usando dois garfos, entregando à viúva, junto com um guardanapo de linho antigo.

A mulher estudou o linho.

— Estes eram meus.

— São adoráveis. — disse Honey. As bordas foram cortadas em renda, videiras minúsculas e perfeitas, abrindo caminho ao redor de todo o quadrado.

— Eu os fiz para meu enxoval de casamento. — A viúva ergueu os olhos com um sorriso malicioso que a fez parecer mais jovem. — Na minha época, isso era algo que uma boa dama fazia, não importava se casasse com um açougueiro ou um duque.

Honey deu uma risadinha.

— Temo que meus talentos na costura não seriam adequados para agraciar a bandeja de chá de ninguém.

A duquesa baixou o guardanapo.

— Traz algo muito mais maravilhoso para o seu casamento.

A testa de Honey se enrugou.

— Suas pinturas, minha querida. — A duquesa disse. — Wyndham diz que haverá um atraso com os retratos, devido ao seu casamento. Porém Rebecca e eu estamos, ansiosamente, desejando vê-las. Minha neta teria me acompanhado hoje, na verdade, estava pulando para cima e para baixo, para fazer isso, porém sua preceptora tinha agendado provas para Rebecca, e

meu filho não acredita que deveríamos incomodar os outros, por um mero capricho.

Honey mal conteve um bufo ao pensar no cunhado, até mesmo reconhecendo que alguém como o duque era um genuíno ser humano que respirava e tinha sentimentos. Honey, brevemente, se perguntou se esperava que fosse trabalhar sem pagamento, pois agora eram uma *família*. Percebeu que sua sogra estava esperando por algum tipo de resposta.

— Por favor, diga a Rebecca que pode vir a qualquer hora, será bem-vinda. Comecei o retrato de Rebecca em Londres, antes do casamento. Foi trazido, antes de chegarmos a Everley e tenho trabalhado nele nos últimos dias.

A mulher mais velha assentiu e tomou um gole de chá, porém Honey percebeu que sua mente estava em outro lugar; não ficou surpresa quando a duquesa voltou ao assunto Bella.

— Mencionei que me surpreendeu a maneira como Arabella conheceu e se casou com o conde MacLeish. — Seu rosto se enrugou e mexeu na alça de sua xícara, antes de olhar para cima. — É um pensamento feio que tenho na cabeça há mais de uma década e vai soar ainda mais feio em voz alta, Bella se casou com o conde, apenas alguns dias antes da morte de meu neto Edward, foi um casamento apressado em Londres. Acredito que fez isso porque percebeu que Simon não herdaria o título.

As bochechas pálidas da duquesa enrubesceram e Honey suspeitou que a viúva desejava poder retirar as palavras que proferiu.

O que a duquesa disse poderia ser verdade? Estava além de sua compreensão como qualquer mulher poderia trocar Simon por um título ou dinheiro ou qualquer coisa.

A duquesa continuou.

— Edward sobreviveu àqueles primeiros meses perigosos da infância e parecia ser um bebê saudável, se não particularmente forte. Simon sempre foi uma criança alegre, ficou ainda mais alegre depois do nascimento do sobrinho. Estava tão feliz por ter um herdeiro entre ele e o ducado. Estava tão ansioso para se casar e se estabelecer na vida com a qual sempre sonhou.

Aquele era Simon que Honey conhecera anos atrás: alegre e radiante.

— Wyndham tinha... — a duquesa olhou para Honey, com os olhos vidrados, e então mordeu o lábio, seu olhar implorando. — Wyndham tinha medo de ser feliz. Veja, os dois filhos entre Rebecca e Edward não sobreviveram, uma hora após o parto, e a morte deles pegou meu filho com força. Sei que o duque deve lhe parecer frio, porém carrega muitos fardos e suportou grande dor e decepção. Continua a carregar, de várias maneiras.

Honey só podia presumir que a duquesa se referia ao casamento estranho e distante do duque.

O sorriso da duquesa foi trêmulo. — Mas Wyndham ficou profundamente feliz em saber que a senhora e Simon se casaram. Profundamente feliz.

Foi preciso muito autocontrole para sorrir de volta para a frágil senhora. Era uma mãe que amava o filho - os dois filhos - e havia sofrido a vida inteira, por não poder ajudá-los. Se o pai de Simon fosse parecido com o duque atual, então a viúva - doce, gentil e retraída - estaria presa entre três homens fortes e obstinados.

Sua Graça pigarreou, deixando o chá de lado, sua coluna impecavelmente ereta, parecendo se aprumar ainda mais.

— Não sei por que abordei um tópico tão antigo — disse, tornando-se enérgica. — A senhora e meu filho estão casados e devemos fazer uma festa.

Honoraria abriu a boca para protestar.

Porém a duquesa não tinha acabado. — Não agora, é claro. Vamos dar a Simon tempo para superar essa terrível dor de cabeça. — Balançou a cabeça. — Costumam duram dias, eu entendo.

— Oh, Simon não teve nenhuma vez em Whitcomb?

— Não desde antes da Bélgica, ou pelo menos foi o que seu valete nos disse. Peel está com meu filho desde que era jovem - bem antes da guerra. É um grande conforto para Simon.

Portanto, seu marido não tinha enxaqueca, até que seu irmão o encarcerou em seu escritório, quando voltaram. A conexão parecia muito direta para ser ignorada; tudo o que o duque disse a Simon em sua chegada o fez passar de um contentamento relativo para um acamado.

O rosto da sua sogra enrugou-se de preocupação.

— Espero não ter dito nada perturbador ou...

Honey sorriu. — A senhora não me aborreceu, milady. Na verdade, sou grata por saber sobre qualquer potencial para, er, constrangimento.

A duquesa ficou visivelmente aliviada.

Honey sabia que sua sogra pretendia alertá-la, não a machucar, despejando a informação de que a ex prometida de Simon havia voltado para a região.

Embora Honey não quisesse que Simon sofresse dor - especialmente não do tipo debilitante que aparentemente estava suportando - também não

gostava de pensar que sua condição atual estava, de alguma forma, ligada a Bella MacLeish. Realmente gostaria de saber o que seu irmão havia dito.

— Bem, é hora de voltar para casa. — Disse a viúva se levantando.

Honey a acompanhou até a carruagem que a esperava, prometendo considerar uma possível data para um jantar. Observou a carruagem ducal, completa, com quatro batedores, rodopiar pelo caminho, olhando fixamente, mesmo depois dela ter desaparecido.

Voltou para sua sala de estar; sua mente estranhamente vazia. Ainda estava olhando para o nada, pouco tempo depois, quando uma batida suave a fez olhar para cima.

Hume estava parado na porta.

— Lamento interrompê-la, milady, porém há um senhor aqui que pediu para vê-la.

— Quem é, Hume?

— Um Sr. Heyworth, estava agendado para se encontrar com o marquês, sobre uma posição de administrador. Veio de Leeds para se encontrar com sua senhoria, mas...

Honey entendeu: mas Simon estava indisposto.

— Irei me encontrar com o Sr. Heyworth. Mande-o entrar.

Hume saiu e Honey, agradecida, voltou sua mente para uma situação menos preocupante do que a de seu casamento. Se o homem tinha vindo de Leeds para falar com Simon, então deveriam hospedá-lo, pelo menos esta noite, e torcer para que Simon pudesse se encontrar com o homem amanhã ou hoje mais tarde.

Mais uma vez, a porta se abriu e Hume conduziu um homem alto, de cabelos escuros, para dentro da sala.

— Boa tarde, milady, sou Benjamin Heyworth.

— Por favor, sente-se. — Honey gesticulou para uma das cadeiras em frente a ela. — Soube que o senhor tinha uma reunião com meu marido. Receio que esteja indisposto.

— Lamento muito ouvir isso, milady. Espero que não seja nada sério. — Não era uma pergunta, porém sentia que devia ao visitante pelo menos um pouco de informação.

— Lorde Saybrook foi ferido na Bélgica e ainda está se recuperando de alguns de seus ferimentos. — Isso devia ser vago o suficiente, não expor a condição de Simon, e ainda assim, comunicar sua seriedade.

A testa de Heyworth se enrugou, com uma preocupação que parecia genuína. Seus olhos castanho-esverdeados eram claros e inteligentes, sob sobrancelhas expressivas.

— Tenho conhecimento do serviço militar de sua senhoria; é muito impressionante. Não a teria incomodado, mas, infelizmente, tinha pouco tempo reservado para esta visita. — Deu um sorriso triste. — Parece que me encontrei com duas posições possíveis ao mesmo tempo.

— Ah, uma situação suntuosa.

— Normalmente concordaria com a vossa senhoria, mas, veja bem, estou agendado para encontrar meu outro empregador em potencial em quatro dias. Informei sua senhoria sobre essa situação em minha carta. — Acrescentou apressadamente. Ergueu os ombros largos e os deixou cair. — Então, milady, consegue ver a minha situação?

— Verei o que posso fazer esta tarde, embora não possa prometer nada. O senhor deve ficar para o jantar e ser nosso convidado — Honey se levantou e o homem a acompanhou.

— Pedirei a Hume que lhe mostre um quarto e envie um pouco de chá.

— É muito gentileza da sua parte, milady. — Hesitou e Honey ergueu as sobrancelhas. — Espero que a senhora não me ache impertinente, porém estava me perguntando, enquanto eu estiver aqui, há alguém que possa me mostrar a propriedade?

Como uma mulher que sempre trabalhou para viver, Honey não achava que isso fosse impertinente. Porém não sabia quem poderia acompanhá-lo em tal jornada.

— Ofereceria meus próprios serviços, porém, infelizmente, estou aqui apenas há alguns dias. Vou ver o que posso arranjar.

A porta se abriu e foi Hume quem atendeu a campainha, então entregou Heyworth ao mordomo e foi procurar respostas.



Capítulo Trinta e Um

SIMON SE sentia fraco como um filhote de passarinho, ao menos o bater incessante dos tambores havia sumido. Parou em algum momento, no meio da noite anterior, contudo ainda estava colocando para fora o seu café da manhã de chá fraco e torradas, meia hora depois de ingeri-los. Assim ficou na cama até o meio-dia, quando não aguentou mais o tédio.

— Vou tomar um banho, Peel. — Disse, sobre a objeção moderada de seu valete. — A dor passou. Por ora. E abandonei minha esposa por vários dias. É hora de sair dessa cama.

Isso se provou mais árduo do que parecia. Levou umas boas duas horas, antes que estivesse pronto para deixar seus aposentos, estava vestindo o casaco, quando houve uma batida leve na porta.

— Entre. — Chamou, afastando Peel, quando estava prestes a abotoar o seu casaco, como se fosse um menino de cinco anos.

Sua esposa espiou pela pequena abertura e Simon sorriu.

— Entre, Honoria. Por que não usou nossa porta de conexão?

Honoria entrou, seu rosto tenso e rígido, do jeito que era, antes de se tornarem amantes.

Simon pegou sua mão e beijou sua palma.

— É um colírio para os olhos, minha querida.

Honey corou, apesar de permanecer rígida. — Se sente melhor?

— Sim, a dor passou.— Colocou uma mecha de cabelo atrás da sua orelha. — Lamento tê-la negligenciado. Vai achar que sou um marido fraco e doente.

— Claro que não. Alegra-me saber que esteja se sentindo melhor.

— E *estou* feliz que tenha vindo até mim.

Honey baixou os olhos, repentinamente tímida, como se as semanas em Brighton não tivessem acontecido.

Bem, Simon logo cuidaria disso.

— Há um Sr. Heyworth aqui para vê-lo.

Simon franziu a testa, pegando seu relógio e a corrente de Peel.

— Não reconheço o nome. Quem é ele?

— Disse que viera sobre a posição de administrador.

Simon mexeu no relógio, ganhando tempo, enquanto lutava para lembrar do nome. Porém não se lembrou.

Peel, que o observava como uma galinha a um filhote, deu um passo à frente, para arrancar um fiapo inexistente de sua manga.

— Não seria esse o cavalheiro de Leeds, milorde?

Simon ainda não se lembrava de tal encontro, porém achou melhor entrar no jogo, até que se lembrasse.

— Ah, decerto que sim. — olhou para Honoria. — Falou com o homem?

— Convidei-o para jantar conosco e passar a noite.

— Excelente. — Honey ainda parecia hesitante. — Há algo errado?

— Perguntou se havia alguém para lhe mostrar a propriedade.

— Parece uma boa ideia. — acenou para Peel, — Avise o Sr. Heyworth que vou encontrá-lo nos estábulos, em quarenta e cinco minutos.

Peel abriu a boca, porém fechou-a novamente, quando encontrou o olhar de Simon.

Depois que saiu, Simon se virou para Honoria, colocou as mãos nos ombros dela e deu-lhe um sorriso pesaroso.

— Perdoa-me por abandoná-la em seus primeiros dias em nossa nova casa?

— Não foi sua culpa. — disse. — Tem certeza de que é uma boa ideia cavalgar tão cedo após a sua...

— Estou me sentindo muito bem, apenas inquieto, devido à falta de exercícios. — Inclinou-se e a beijou, deixando sua boca demorar em seus lábios macios e quentes. — Hmm, — Murmurou, afastando-se com pesar e olhando profundamente em seus frios olhos cinza. — Vou precisar de *muito* exercício.

Honey corou violentamente, mas, pelo menos, estava sorrindo, agora.

— Por que não vem conosco?

— Quer dizer, no seu passeio?

— Por que não? Ainda não viu o lugar.

— Muito bem, eu irei.

— Ótimo. Vou precisar trocar de roupa, podemos dizer uma hora?

Honey inclinou a cabeça.

— Pensei que tivesse dito em quarenta e cinco minutos.

— Isso foi antes de uma mulher estar envolvida. — Brincou, dando-lhe um beijo na bochecha e um empurrão gentil em direção à porta de conexão,

a qual pretendia usar aquela noite.



Honey teve que se segurar para não pular e cantar; Simon voltara a ser o mesmo homem que viera com ela, alguns dias atrás. Afinal, não era um jovem apaixonado, sofrendo por outra mulher. Foi exatamente como alegou: uma terrível dor de cabeça.

Honey mudou para o novo traje de montaria, que Simon escolhera, durante a orgia de compras em Brighton.

— Deve ter esse traje de montaria. — disse, apontando para uma gravura da moda. — Contudo deveria ser carmesim, para combinar com aquele chapéu vistoso.

Quando Honey hesitou sobre a cor ser muito brilhante, Simon a surpreendeu.

— Não se intimide com as cores que combinam contigo apenas porque é uma mulher alta, Honoria. Esse tom de vermelho poderia ter sido inventado, apenas para ti.

Honey quase desmaiou aos prantos a seus pés. Estava certo, e ela sabia disso. Afinal, era uma artista, sabia sobre as cores. Os vestidos que usava eram em cores que a lisonjeavam, mas estavam na parte mais calma e discreta da paleta.

Durante anos, desejou usar tons mais fortes.

Agora que começou a usar essas cores, estava envergonhada por ter demorado tanto tempo.

Estava pronta, e nos estábulos, em quarenta minutos. E o Sr. Heyworth também, mas o marido dela ainda não estava lá.

Os olhos do Sr. Heyworth se arregalaram de forma lisonjeira quando a viu.

— Vou fazer lhes companhia, Sr. Heyworth, pois ainda não vi muito da propriedade. — Teve que inclinar a cabeça para trás para ver seus olhos; o visitante era ainda mais alto do que Simon.

— Soube que a senhora e a sua senhoria se casaram recentemente?

Ah, então alguém andou falando. Não foi realmente uma surpresa, pois não era segredo algum.

— Sim, há menos de um mês.

— Vejo que estou atrasado.

Ambos se viraram, ao som da voz de Simon.

Deu a Honey um sorriso de desculpas.

— E eu fiz troça da senhora sobre atraso. — Virou-se para Heyworth.

— É um prazer conhecê-lo, Sr. Heyworth. Fiquei muito impressionado com a sua experiência de trabalho.

— Obrigado, milorde. Estou ansioso para ver sua propriedade. Acredito que o senhor tem planos de criar cavalos?

— Sim, depois que meus estábulos forem reformados e ampliados — Gesticulou para o outro homem entrar no pátio, antes de se inclinar e sussurrar no ouvido de Honey: — Está incrível.

Seu rosto aqueceu de prazer.

Vários criados estavam em torno de três cavalos, Simon conduziu Honey a um Ruão louro, muito bonito, cuja coloração, por acaso, complementava seu traje. Honey o olhou de soslaio e Simon piscou, deixando-a saber que era o responsável. O pequeno ato de doçura e graça

fez seu peito se expandir com amor e desviou o olhar, com medo do que seus olhos poderiam expor para seu marido.

— Está pronta? — perguntou.

Honoraria assentiu e Simon acenou para o cavaleiro, que trouxera o bloco de montagem. Em vez disso, a ergueu na sela.

Ignorou seu olhar de preocupação com tal esforço e deu um aperto rápido no tornozelo da bota, antes de se virar para o administrador, que já estava em um belo cavalo castrado chamado Saturno. E Simon montou Loki. Não podia deixar de desejar que o marido tivesse uma montaria menos volátil, mas, dificilmente, cabia a ela dizer tal coisa.

Honey cavalgou entre os dois homens, Simon a incluindo em sua discussão sobre terras, fazendas de inquilinos e outros assuntos imobiliários. Honey gostava do ritmo desordenado e do sol e achou que os dois homens pareciam estar se dando muito bem; era fácil gostar do administrador alto e sério.

Estavam atingindo uma subida suave, quando uma voz gritou. Honey viu que havia um pequeno mirante, que dava para uma curva do riacho.

Sabia quem seria, antes que a pessoa saísse das sombras. Não que reconhecesse a voz da mulher, depois de todos esses anos, mas simplesmente parecia que nenhum momento sobre chegar em sua nova casa poderia prosseguir, sem que nada acontecesse, para arruiná-la. Primeiro foi o duque e agora Arabella MacLeish.

A mulher flutuou em direção a eles, com uma graça sinuosa, seu sorriso cegante.

— Simon! Sabia que o havia reconhecido.

Às vezes, na vida, exageramos na grandeza ou beleza de uma pessoa ou acontecimento, para depois ver esse objeto e descobrir que nossa imaginação o construiu.

Esta não era uma dessas ocasiões.

A condessa MacLeish era ainda mais bonita do que Honey se lembrava.

O rosto de Simon estava tão vazio, que se perguntou se o marido não havia reconhecido seu antigo amor. Porém Loki se mexeu embaixo dele, com um nervosismo, que vinha do homem que o montava.

— Bella — disse.

Não foi a mesma exclamação alegre daquele dia longínquo em Londres, do lado de fora da Gunther, porém aquele nome ainda latejava com alguma emoção, não que Honey pudesse identificá-la.

Não conseguia olhar para nenhum dos dois, sobrava Heyworth.

Quando se virou para o administrador, estava olhando diretamente para Honey e a jovem teria jurado que reconheceu a mesma expressão que vira nos criados de Simon: pena.



Capítulo Trinta e Dois

SIMON NÃO tinha bebido tanto, desde aquela noite em Grunstead. Na verdade, não tomara nenhuma bebida desde aquela noite, uma decisão consciente.

Contudo esta noite, o álcool continuava descendo por sua garganta, como se a mão de outra pessoa o estivesse derramando.

Hoje mais cedo, quando Honey foi ao seu quarto, ficou irritado porque Heyworth estaria jantando com eles, queria sua esposa só para si.

Depois encontraram Bella.

Simon bufou e sua mão levou o copo à boca, sem nenhum incentivo de seu cérebro.

Estava linda como sempre. Não tão esguia, mas exuberante, o corpo de uma mulher madura.

Não tinha ideia de porque estava de volta, não deu a Wyndham a chance de dizer, porém assumiu que seu marido a tinha deixado na miséria. Falhou em lhe dar um herdeiro? Ou foi alguma outra catástrofe que a trouxera de volta ao lar de sua infância?

Certamente não parecia uma mãe, pelo menos não como qualquer mãe que Simon já tivesse visto. Parecia uma sereia de olhos verdes e Simon a olhou boquiaberto, como um garoto atordoado e apaixonado, bem ali na frente de sua nova esposa e um completo estranho.

Sua nova esposa.

— Inferno! — Murmurou, enchendo seu copo até a borda da garrafa quase vazia.

Por mais confuso que Bella o deixasse, levou quase até o final de sua breve visita para se livrar do seu estado de amnésia e ver que estava empenhada em fazer alguma malandrice. Praticamente ignorou Honoria, bajulando Simon e Heyworth, lembrando-o, de repente, de como sempre se comportava, quando outras mulheres estavam por perto: com desdém.

Lembrou que Bella alegava ser vítima do ciúme feminino. Tão bonita como era, Simon suspeitou que havia um pingaço de verdade em sua afirmação. Entretanto, achava que Bella piorava a situação, por buscar sempre ser o centro das atenções.

No momento em que Simon recobrou o juízo e afastou-se dela, Honey havia se tornado tão fria e indiferente quanto antes de Brighton, o que lhe disse que alguém a havia informado sobre Bella e seu lugar em seu passado.

Simon suspeitou de sua mãe. Wyndham não gostaria que o nome de Bella fosse mencionado ou sua existência reconhecida, e Honey não falaria com o duque, de qualquer maneira.

Fechou os olhos e pensou sobre seu encontro com Bella, hoje. Precisaria falar com ela novamente, sozinho, desta vez. Não podia continuar a emboscá-lo - ou, Deus o livre, Honey - do jeito que tinha feito hoje.

Embora fosse verdade que tivesse ficado surpreso ao vê-la, depois de todos esses anos, essa tinha sido apenas sua reação inicial. O que realmente o abalou foi o emaranhado de memórias que o rosto dela desencadeou. Tinha sido muito, muito rápido.

Suspeitou que pareceu ter ficado sem palavras e enfeitiçado, quando, na realidade, simplesmente ficou perplexo.

Havia saído de sua vida há quatorze anos, sem dizer lhe uma palavra. Apenas aquela carta, uma carta que - extraordinariamente – ele, de alguma forma guardara todos esses anos, embora já tivesse passado muito tempo, desde que pegou a pequena missiva e a releu.

Olhou para a carta, agora, aberta sobre a sua mesa. Ao contrário do que acontecia no passado, a leitura não incitava mais sua raiva.

Não sentia... nada.

Simon deixou sua mente, confusa pela bebida, vagar, sem surpresa quando o inundou, até o pescoço, com memórias.

A principal memória era uma imagem de Bella aos dezessete anos, surgindo de sua memória esfrangalhada e turbulenta, como Vênus emergindo das ondas. Só que mais bonita.

Simon tinha dezoito anos e aquele seria um verão de liberdade, antes de ir para Oxford. Simon não queria ir - era um aluno indiferente, na melhor das hipóteses – todavia, Wyndham insistiu que desse, pelo menos, dois anos, antes de considerar os planos de Simon para Everley.

No início, ficou descontente, depois, percebeu que iria desfrutar da liberdade da universidade, que planejava preencher com entretenimento, em vez de estudos.

Voltou para casa e encontrou seu primo, Raymond, acompanhando cada passo seu. Embora Raymond fosse um ano mais velho que Simon, sempre se comportou como um homem muito mais jovem.

Raymond terminou a escola e voltou para Whitcomb no ano anterior. Wyndham levava a sério suas responsabilidades como chefe da família e,

pessoalmente, começou a ensinar administração de propriedades a Raymond. Simon sabia que o duque sempre dera a Raymond e Simon a mesma mesada, mas queria que Raymond tivesse uma habilidade, que o impedisse de ser dependente.

Considerando que Simon herdaria sua própria propriedade e dinheiro quando atingisse a maioridade, não havia nada parecido esperando por Raymond, que havia sido deixado na miséria por seu pai, um jogador irresponsável.

Enquanto Simon estava antecipando a universidade, Raymond assumiu uma posição como administrador de Wyndham e passava seu tempo viajando entre as seis propriedades do duque.

Simon não acreditava que Raymond tivesse cérebro para esse trabalho, porém podia ver que a fé de Wyndham em suas habilidades deixava seu primo feliz. Por serem tão próximos de idade, sempre passavam as férias escolares cavalgando, festejando e vagabundeando, juntos.

Por algum motivo, Raymond o irritou naquele verão e Simon se viu constantemente escapando da atenção enjoativa do irmão.

Estava cavalgando pela propriedade, quando encontrou Bella. Passaram-se anos desde a última vez que a viu, não desde antes de ir para Eton, quando teria entre oito ou nove anos.

Bella estava lendo, no pequeno gazebo que dava para o riacho. Seu irmão o construiu e permitiu que todos na área o usassem.

Olhou para cima, surpresa em seus grandes olhos verdes, seus lábios impossivelmente vermelhos se curvando. Ainda se lembrava de como a beleza dela havia roubado sua inteligência e palavras.

— Simon, ouvi que estava de volta.

Mesmo naquela época, se perguntava se era por isso que Bella escolheu um lugar tão improvável para ler, porque sabia que o encontraria cavalgando naquela área.

Mas o pensamento cínico evaporou, queimado por sua beleza, depois que desmontou e conversaram.

Essa foi a primeira de muitas conversas que tiveram naquele verão. Bella deveria ter tido uma temporada, porém suas irmãs mais velhas tinham debutado há anos e ainda não haviam formado ligações adequadas.

— Nunca terei minha vez — disse-lhe, em vários momentos, soltando um suspiro que fez seu peito carnudo crescer duas vezes mais.

Simon esperava fervorosamente que Bella não o tivesse. Já tinha decidido que iria tê-la, mas era uma lady, não era como as serventes e duas viúvas que haviam sido suas parceiras esportivas até aquele momento. Simon a queria como esposa.

Entretanto, Wyndham permaneceu inflexível: Simon tinha que passar dois anos - até os vinte - na universidade. Depois disso, seu irmão disse que poderia se casar com Bella e se estabelecer na criação de cavalos, se isso ainda estivesse em sua mente.

Como se Simon fosse querer fazer outra coisa.

Então, esperou dois longos anos.

Sentiria falta de Bella, é claro, porém estavam apaixonados e um dia, a espera valeria a pena.

No meio de seu primeiro ano em Oxford - que achou incrivelmente agradável, para sua surpresa - a duquesa deu à luz outro filho natimorto. A casa era um lugar sombrio de luto, quando voltou naquele verão.

Simon e Bella precisavam de um pouco de tempo. Em seu aniversário de dezoito anos, deu-lhe uma pulseira de diamantes. Economizou metade de cada uma de suas mesadas trimestrais para poder comprá-la, e a jovem adorou. Claro que não poderia usá-la em público - não sem levantar suspeitas - mas tinha sido um símbolo tangível do amor de Simon.

Ao longo do ano seguinte, corresponderam-se por cartas, usando meios tortuosos, tornando-se mais próximos do que nunca.

E então, milagres dos milagres, Cecily engravidou novamente.

Desta vez, a criança - um menino - parecia saudável.

Enquanto o bebê sobreviveu, sua cunhada sofreu algum tipo de lesão durante o parto e sua saúde, já frágil, piorou ainda mais. Não haveria mais filhos.

Simon foi até Wyndham, não muito depois do nascimento de seu filho.

Embora não exultante com sua decisão de se casar com Bella, seu irmão concordou com seus planos. Apenas pediu que Simon esperasse, até que Cecily estivesse bem o suficiente para entreter, antes de fazerem o anúncio oficial.

Não demoraria muito, prometeu, logo depois que Simon se sentou para seu retrato.

A última despedida de Simon de Bella ficara gravada em sua memória.

— Seu irmão realmente disse *sim*? — Bella perguntou, mais de uma vez.

Simon riu de seu espanto.

— A senhorita deve ter começado a se perguntar se eu, alguma vez, chegaria ao ponto crítico. É só que...

Bella acenou.

— Eu sei, Simon, sua família - especialmente seu irmão - teve sua cota de problemas.

Simon se lembrou de ter pensado que foi Cecily quem mais sofreu, porém aquela tinha sido uma tarde para comemorar, não para discutir sua família.

Então Edward morreu e Bella se casou e Simon foi para a guerra.

Simon abriu os olhos e olhou para o teto em caixotões, acima de sua cabeça, aquelas memórias de muito tempo se dissipando como névoa.

Parecia uma história que tinha lido, algo que aconteceu com outras pessoas. Ver Bella tinha bagunçado tudo, com coisas que não considerava há anos. E, pela primeira vez, não sentiu nada quando pensou em Bella e no que já haviam compartilhado.

Nada mesmo.

Era uma mulher diferente que ocupava todo o espaço de sua mente confusa; uma mulher com olhos cinzentos frios e uma dignidade contida que o incitava. Amava sua esposa pudica, e amava ainda mais ser o único homem a vê-la se libertar dessas restrições.

Estava, percebeu, feliz. Mais feliz do que poderia se lembrar em muito, muito tempo.

Sorrindo com o pensamento, suspirou e desviou o olhar do teto. Quando olhou para baixo, viu o copo vazio e a garrafa em sua mesa.

— Maldição! Como isso aconteceu?

O relógio soou e Simon olhou para cima, atordoado: era meia-noite e meia. Tomou um drinque com Heyworth depois do jantar e foi à biblioteca,

prometendo se juntar à esposa e ao novo funcionário na sala de visita depois de um tempo.

Isso acontecera quase três horas atrás.

Inferno. Para onde foi o tempo? Tinha se esquecido completamente de voltar para a sala de visita.



Honey ouviu a porta de conexão se abrir, porém não se mexeu. Estava de costas para a porta, contudo reconheceu a sombra que projetou no tapete macio, ao lado da cama. Além disso, quem mais estaria abrindo a porta entre seus quartos, perto da uma da manhã?

Por um momento, pensou que fosse entrar e talvez subir na sua cama. Contudo a porta se fechou com um clique suave.

Rolou de costas e olhou para a escuridão, acima de sua cabeça.

A fúria e a vergonha lutaram pelo domínio em sua mente e estava travando essa batalha, desde que seu marido não apareceu na sala de visita, depois do jantar.

Já teria sido ruim o suficiente se simplesmente a tivesse esquecido quando sozinha, mas o Sr. Heyworth também estava lá. A conversa se tornou cada vez mais estranha, quando o outro homem percebeu que Simon não iria aparecer. Honoria se recusou a enfiar o rabo entre as pernas e fugir para seus aposentos. Em vez disso, pediu chá quando chegou a hora e fingiram que tudo estava normal.

Bem, talvez isso *fosse* normal. Talvez três semanas de felicidade conjugal fosse tudo o que teria. Mas então por que subiu agora, depois de todo esse tempo?

Pensou sobre o dia de hoje, sobre a mulher que apareceu, *por acaso*, durante a cavalgada. Era tolamente suspeito acreditar que pudesse estar esperando por eles, afinal, o que faria, esperaria ali o dia todo, todos os dias? Poderia ter esperado um ano naquele pequeno mirante perto do riacho sem encontrar ninguém.

Porém havia algo em seus olhos, alguma luz astuta, que dizia que sabia exatamente onde encontrar Simon.

Demoraram apenas quinze minutos, e pareceu um século.

A onda de ciúme que experimentou a enfureceu. De todas as emoções humanas básicas, a que mais *desprezava* era o ciúme. Desde que era uma menina não era atormentada por isso.

Simon estava certo, quando disse que era a razão de seu pai nunca ter se casado novamente.

Também estava certo, quando disse que o pai dela deveria ter insistido para que fosse à escola.

Se tivesse partido e tivesse amigos, não teria contado com o pai para tudo. As amantes que teve não foram todas desagradáveis com Honey, várias foram muito adoráveis. Entretanto, para Honoria, aquelas mulheres significavam uma ameaça à única vida que conhecia.

Nunca quis compartilhá-lo porque o pai era tudo o que tinha.

Era isso que estava sentindo agora?

Ou era apenas porque estava chateada, por ser pega no meio de algo que não entendia?

Honey suspirou; recusava-se a deixar o ciúme dominá-la, especialmente quando ainda não sabia se tinha algo do que sentir ciúme.

Se Simon estava apaixonado por Bella - e a julgar por sua expressão atordoada, certamente sentia algo - e Bella era viúva, então por que não se casaram?

Simon não agiu como um amante com o coração partido quando a pediu em casamento. Era sua esposa há apenas um mês, porém já sabia que Simon não era o tipo de homem que escondia suas emoções. Não era furtivo ou manipulador; o que sentia, mostrava e depois agia.

Se amasse Bella, teria se casado com a mesma.

Então, o que estava acontecendo?

Não estava agindo estranho, antes de sua cavalgada, ou durante sua cavalgada, pelo menos não até que a adorável condessa MacLeish se materializou, como uma fada de uma peça de Shakespeare.

A conversa tinha sido amigável, vaga e de velhos vizinhos, que se viam, depois de muitos anos de ausência. Entretanto, a corrente por trás das palavras tinha sido uma ressaca viciosa de emoção e ardentes perguntas não feitas.

Honey pode não entender, mas sentiu.

Virou de lado, abraçando um travesseiro contra o peito, a dor de sentir sua falta física. Estavam juntos há apenas algumas semanas, como o apego dela por Simon tinha ficado tão forte, tão rápido?

Apertou o travesseiro com tanta força, que ficou surpresa pelo estofamento não ter saído dele.

O que deveria fazer? Ficar sentada e esperando que seu marido persiga seu antigo amor, que estava claramente interessada em persegui-lo?

Honey deu um suspiro. Por que nada na vida poderia ser do jeito que queria e que se esperava?

Imediatamente, sentiu-se mesquinha e infantil, por pensar uma coisa tão estúpida. A verdade é que Simon havia prometido a Honey um casamento de conveniência, nada mais. Não importava o que pudesse estar sentindo, precisava se lembrar *disso*.

Como pode um casamento, baseado no acordo mútuo de nunca ter filhos, ser outra coisa senão um acordo comercial?



Capítulo Trinta e Três

HONEY NÃO se juntou a Simon para o café da manhã, o que foi a primeira vez, pelo menos quando estiveram em Brighton. Mas esteve doente todas as manhãs em Everley, então será que não desceria para fazer o desjejum?

Heyworth estava lá, no entanto, e resolveram as questões entre eles rapidamente.

— Quando pode começar? — Simon perguntou ao jovem, enquanto abria caminho, através de um prato cheio de comida.

— Posso voltar em uma semana.

— Excelente. Vou querer começar a abrir caminho para o novo bloco do estábulo. Vou lhe mostrar meus planos antes de partir — *o que eu deveria ter feito ontem à noite, se não tivesse estado tão bêbado...*

O rosto de Simon esquentou com o pensamento, porém superou e falou sobre os construtores locais e o quanto poderia ser feito, antes do inverno.

Heyworth o acompanhou ao escritório, depois que terminaram o café da manhã. Enquanto o outro homem examinava os planos de expansão, Simon meditou. Não podia negar que estava nervoso. Comportou-se mal na noite anterior e agora teria que se desculpar. Não era o ato de se desculpar que lhe importava - estava disposto a aceitar sua culpa - era o assunto e a razão de seu comportamento. Nunca acreditou que era um bêbado, porém, na noite passada, começou a beber no jantar e depois bebeu e bebeu e bebeu e esqueceu todo o resto. Era mortificante.

Uma batida o fez levantar os olhos.

Honorina estava na porta aberta.

— Lamento incomodá-lo, milorde, mas sua mãe veio vê-lo. Coloquei-a na sala de estar menor.

— É claro, obrigado. — Simon se levantou. — Pode ficar o tempo que quiser, Heyworth.

Heyworth ergueu os olhos das plantas e de um pequeno livro encadernado em couro, no qual havia feito algumas anotações.

— Obrigado, milorde, acredito ser melhor eu ir embora.

Simon foi na direção de Honorina, que não o olhou nos olhos. Em vez disso, deu um passo em direção ao outro homem, virando as costas para Simon. — Irei acompanhá-lo até a saída, Sr. Heyworth.

Heyworth sentiu uma faísca de raiva com o corte óbvio, porém Simon sabia que era o que ganharia com seu comportamento. Quanto antes se desculpasse, melhor.

Sua mãe sorriu nervosamente quando entrou na sala de estar e beijou sua bochecha.

— Acho que fiz algo imprudente — A duquesa desabafou.

— Oh? — disse, afundando na cadeira em frente a mãe.

A viúva ficou vermelha.

— Sinto muito, Simon, mas temo ter mencionado seu, er, antigo afeto com Arabella MacLeish.

Bem, supôs que isso poderia explicar parte de seu comportamento gélido.

Simon sorriu.

— Está tudo bem, mamãe. Meu passado com Bella não é segredo, também está no meu passado distante.

— Graças a Deus. — Murmurou, suas bochechas ficando ainda mais escuras quando o viu a olhando. — Não quis dizer isso do jeito que pensa, Simon. Eu só... bem, Bella é uma sedutora!

Seus lábios se contraíram em sua linguagem dramática.

— Pode ser a sedutora de outra pessoa. — disse secamente. — A propósito, nós a vimos ontem.

Seus olhos cinza-claros, muito parecidos com os de Wyndham, se arregalaram.

— Nós?

— Estava cavalgando com Honoria e Heyworth, meu novo administrador.

— Oh — disse, em seguida perguntou: — E?

— Algo que Bella disse me deu a impressão de que Wyndham tem sido duro com sua família.

Sua mãe fez uma careta.

— Bem, sabe como seu irmão pode ser.

— Eu *sei*. Entretanto não irei ignorá-los completamente, mamãe.

— Não, não, não pensei que fosse fazer isso — disse fracamente, sua expressão dizendo que ainda assim tinha esperança.

— Se me comportar de maneira rígida e alimentar o mistério já existente em torno dela, isso só fará com que nosso passado seja um assunto maior para fofocas. Se a tratar como qualquer outra pessoa, a poeira baixará rapidamente.

— Acho que isso faz sentido.

Simon riu de sua carranca duvidosa.

— Diga a Wyndham o que eu disse, mamãe. Vamos deixar tudo isso para trás.

— Talvez você mesmo possa contar a seu irmão?

— Direi algo quando o vir novamente. — Prometeu, sem se preocupar em mencionar que não tinha planos de ver seu irmão tão cedo.

O que *precisava* fazer, logo, era ir ver Bella e se certificar de que dias como ontem não acontecessem novamente.



Capítulo Trinta e Quatro

NO JANTAR, naquela noite, eram só os dois.

Honey passara o dia com sua governanta, a Sra. Lowell, fazendo o possível para evitar o marido.

Evitar Simon não era difícil, havia selado Loki e desaparecido quase imediatamente após falar com sua mãe.

Quando subiu para tomar banho e se vestir para o jantar e Simon ainda não tinha voltado, os nervos de Honey ficaram tensos. Apareceria para jantar? Ou iria beber, até ficar entorpecido de novo, deixando meia hora de vinho do porto se estender para até quatro horas?

Mas, não, lá estava Simon - recém-arrumado e parecendo pecaminoso em suas roupas pretas - quando Honey entrou na sala de jantar às oito horas. Seus olhos azuis se arregalaram quando viu seu vestido, a confecção de renda dourada que comprou em Brighton.

Simon veio em sua direção, sua expressão... adorável.

O pulso de Honey bateu ensurdecedoramente, com a maneira como a consumiu com os olhos.

— Está divina, Honoria — Pegou suas duas mãos e as estendeu, seu olhar quente vagando preguiçosamente sobre seu corpo, enviando as espirais previsíveis de luxúria para sua barriga e causando uma dor perturbadora entre suas coxas.

A enfureceu como Simon era capaz de desarmá-la com tão pouco esforço.

Adorava isso.

Sim, adorava. Porém isso não significa que não a enfurecia também.

Assim que Hume e o lacaio saíram para buscar o primeiro prato, Simon pegou sua mão.

Honey engoliu em seco, enquanto olhava para seus longos dedos; eram calosos devido ao trabalho, mas, ainda assim elegantes, e, facilmente, duas vezes mais grossos que os dela.

Simon agarrou seu queixo com a outra mão e inclinou seu rosto para cima, até que Honey não pudesse evitar seu olhar intenso.

— Ainda está brava comigo? Tem todo o direito de estar. — Perguntou antes que pudesse responder, seu sorriso irônico.

Honey hesitou. Considerou apenas aceitar seu pedido de desculpas e seguir em frente.

É um péssimo hábito, Honey. Comece como faria.

— O que aconteceu noite passada?

Simon soltou seu queixo, mas não sua mão.

— Heyworth fez várias perguntas difíceis sobre as melhorias da propriedade, durante o jantar, e fiquei presa nelas — encolheu os ombros. — Temo dizer, mas acredito que estou um pouco, er, bem, obcecado com o projeto e simplesmente perdi a noção do tempo.

Honey balançou a cabeça lentamente; jurava que não estava dizendo a verdade. Pelo menos não toda a verdade.

Certamente, acreditava na parte sobre estar obcecado, porém não estava convencida de que foram os estábulos que o mantiveram ocupado na noite anterior.

Simon apertou a mão dela.

— Vou me certificar de que isso não aconteça novamente, quer tenhamos convidados ou não. — Hesitou e depois disse: — Ficaria muito grato se viesse até mim, se isso acontecesse novamente. Não gosto de culpar meus ferimentos, porém a verdade é que, nem sempre, estou ciente da passagem do tempo. E tenho tendência a esquecer o que devo fazer.

Isso, pelo menos, parecia honesto. — Posso fazer isso. — disse Honey.

Antes que pudesse responder, a porta se abriu e o primeiro prato chegou.



Simon estava agradecido por sua nova esposa não ser grosseira ou tendente a ressentimentos, não que merecesse um perdão fácil.

Ainda assim, era uma sorte que fosse compreensiva, porque *tinha* uma tendência a se concentrar em um assunto com exclusão de todos os outros.

E se tivesse mentido um pouco, ao se esquecer de mencionar o outro assunto, que consumiu seus pensamentos na noite passada? Bem, acreditava que era melhor passar adiante uma pequena mentira, do que machucá-la.

Não era?

Ademais, sua conversa com Bella, hoje, colocou de lado qualquer preocupação que pudesse ter, sobre sentimentos persistentes pela viúva.

Além de um certo carinho nostálgico e admiração por uma bela mulher, não sentiu nada por Bella, quando se sentou, na sala de visita gasta em Frampton Park.

Não apenas sua mente estava resolvida, mas, depois da conversa de hoje, Bella agora sabia que Simon era muito bem-casado.

Sabia que Bella não o amava ou ansiava por ele; reconheceu o brilho familiar em seus olhos; esperava um pouco de esporte, uma diversão do que provavelmente era uma existência muito mundana.

O único esporte que lhe ofereceu foi o uso de um dos novos caçadores que comprou, uma boa égua que pretendia criar, assim que seu novo reprodutor fosse entregue.

Bella era uma das equitadoras mais habilidosas que já tinha visto. Inferno, era uma cavaleira melhor do que a maioria dos homens.

Simon planejou pagar um cavaleiro habilidoso nesta temporada de caça, pois tinha vários caçadores que desejava vender. Dessa forma, poderia pagar a Bella, mesmo que o dinheiro nunca tivesse sido mencionado.

Disse-lhe que seu marido adorava caçar e que o acompanhava, todos os anos, então, Simon sabia que Bella continuava com o esporte.

Aparentemente, MacLeish havia entrado em um declive financeiro e quando morreu, o lar ancestral foi para um primo, já que Bella e seu marido tiveram apenas uma filha.

Bella foi forçada a voltar a morar com seus pais, porque todas as propriedades pessoais de MacLeish foram usadas para pagar dívidas.

Já que Bella era pobre demais para ter uma carruagem, abriu seus estábulos para a viúva também. Não apenas era uma pequena gentileza que

poderia muito bem pagar, mas a queria no topo, se fosse treinar um de seus cavalos aquele ano.

Como a maioria das mulheres que caçavam seriamente, Bella cavalgava escarranchada. Sua sobrinha, Rebecca, também, por insistência de Wyndham. Simon estava orgulhoso de que seu rígido irmão valorizasse a segurança de sua filha, em vez de usar roupas escandalosas. Era muito perigoso caçar na sela de mulher, na opinião de Simon.

Haveria muitos cavaleiros com a caça local, que se lembrariam de Bella, de anos atrás. Não pôde deixar de sorrir ao pensar em como abalaria muitos dos homens paroquiais, e depois os deixaria no meio da lama.

Simon viu que Honey estava o encarando e percebeu que estava distraído, em vez de entretendo sua esposa.

— Vinho? — perguntou, pegando a garrafa que estava decantando.

— Sim, por favor.

Estava ansioso para falar sobre algo diferente de si mesmo, Everley, seu projeto de estábulos, ou sua família.

— Como foi o seu dia? Tem trabalhado no retrato de Becca.

Honey tomou um gole, parecendo satisfeita com a safra.

— Trabalhei no retrato dela e comecei a esticar uma tela para a duquesa.

— Não se importa em trabalhar em dois retratos de uma vez?

— De forma alguma. Preparar uma tela é um trabalho fácil, que precisa ser feito. É perfeito para aqueles momentos em que não consegue se concentrar.

Simon não teve que perguntar o que estava perturbando seu foco.

— Vi que lhe fora endereçada uma grande pilha de cartas esta manhã. Presumo que um ou dois sejam de Lady Sedgwick e Ingram. As outras também são de suas amigas professoras?

A condessa e Miles Ingram o desprezaram, viu isso imediatamente. Claro, Ingram tinha bons motivos para não gostar dele. Perguntou-se se as outras amigas de Honey também o odiariam. Ficou surpreso ao perceber que preferia que *gostassem* dele. Ou pelo menos que o considerasse um pouco.

Honey engoliu a ostra e limpou o lábio inferior carnudo com o guardanapo, o que o fez endurecer. Claro, isso não era nada incomum; a justaposição entre a aparência externa fria de sua esposa e o incendiário que era no privado o mantinha em um estado de excitação, sempre que estava perto dela.

— De fato, — Honey disse — foram *nove* cartas sem precedentes.

Simon deu uma risadinha.

— Senhor, mal tenho nove conhecidos. Tudo das professoras?

— Uma de cada uma das minhas amigas - as que não puderam comparecer ao nosso casamento, enviando suas felicitações - e duas possíveis encomendas.

Simon fez uma pausa, sua ostra a meio caminho de sua boca.

— Encomendas? — Assim que falou, se sentiu um idiota. Claro que continuaria pintando, não importa onde morasse.

— Sim, Freddie os encaminhou.

Simon engoliu a comida antes de perguntar:

— De quem?

— Um de um cliente de Freddie, um cavalheiro chamado Thurston Lloyd, e um do Barão Stoke.

— Sim, o magnata da navegação. — Disse, familiarizado com o nome de Lloyd nos jornais.

— Esse mesmo. Parece que quer um retrato de seu filho e o Barão Stoke quer um de si mesmo.

Simon engoliu outra ostra, considerando sua reação à notícia de que sua esposa teria dois súditos masculinos, homens com quem passaria horas sozinha.

Algo escuro e feio se agitou em sua barriga.

Ah, ciúme. Mais uma emoção interessante para adicionar à sua coleção já impressionante.

Simon fez uma careta para a voz em sua cabeça. Que tipo de homem queria que sua esposa passasse horas com outros homens? Conhecia Stoke, o homem parecia um cruzamento entre um sapo e um toco de árvore; então, sem problemas, aí.

Porém o filho de Lloyd? E se fosse jovem, bonito e sem cicatrizes? E se...

— Simon?

Sua cabeça ergueu-se rapidamente. A julgar pelo tom de sua esposa e expressão preocupada, esta não foi a primeira vez que chamou o nome dele.

— Perdoe-me, Honoria, o que foi?

— Disse que gostaria de agendar as duas sessões consecutivas, o que significaria uma visita mais longa a Londres, porém acho que é melhor do

que duas viagens separadas. Atrevo-me a dizer que não precisaria de mais de três semanas.

— Quando quer ir? Talvez possa te acompanhar.

— Pensei em ir ao final do mês.

Simon franziu a testa.

— Deseja ir durante a temporada de caça? — Perguntou, mais do que um pouco surpreso.

— Provavelmente é melhor assim. Não me importo com caça — disse.

Simon bufou e levantou a mão, apertando o peito.

— Senhor me salve. Casei-me com uma mulher que não gosta de caçar — quando o rosto dela se contraiu, Simon pegou a mão dela. — Estou brincando, amor. Claro, não precisa caçar se não quiser. Minha mãe nunca ligou para isso, nem Cecily. Becca é louca por caçar, então pode vir para garantir que seu velho tio não caia de seu cavalo.

Deu-lhe um sorriso incerto, fazendo-o perceber o quão cruas suas emoções devem estar, graças à sua recente idiotice.

— O final do mês é, provavelmente, o melhor momento para ir. — Disse, soltando a mão dela e voltando para sua refeição. — Entre a caça e a construção, não entreterei especialmente. — Baixou as pálpebras. — É melhor compensar esse tempo, começando por hoje à noite — Ficou satisfeito quando Honey corou.

— Então, fale-me sobre suas outras amigas. — disse.

— Bem, conheceu Freddie e Miles, mas também há Portia...

— Foi quem se casou com Broughton?

— Sim, não faz muito tempo.

— Parece que ouvi algo incomum sobre ele? — Simon franziu a testa, enquanto tentava se lembrar.

— O conde de Broughton tem albinismo. Ademais, herdou o título recentemente.

— Ah. — Simon concordou.

— Há Annis, que atualmente mora com a avó. — Honey riu afetuosamente. — Annis é... bem, é única.

— Única como?

— É quase de outro mundo - não só parece uma fada - pequena, delicada, enormes olhos azuis e cabelo da cor de milho - mas nunca parece estar inteiramente no presente. Era a professora de línguas e ensinava francês, italiano e alemão. Não tenho ideia de quantas outras línguas fala. Também é bastante surpreendente, quando se trata de saber as origens das palavras e do idioma — deu-lhe um olhar irônico. — Ter uma conversa com Annis é como perseguir filhote de gatos.

— Parece que sente falta dela. — disse.

— Eu sinto. Sinto falta de todos. Trabalhar na Academia Stefani foi um dos melhores momentos da minha vida. Era uma pena que Ivo Stefani fosse tão esbanjador.

— Eu o ouvi tocar uma vez, em Portugal, anos atrás. Era... bem, não sou nenhum especialista, mas era surpreendente.

— Nunca o ouvi. Quando abriu a escola, com Portia, machucou uma de suas mãos. Mas Portia é uma musicista incrível por si mesma.

— Quem é a próxima? — Simon perguntou, amando vê-la tão animada.

— Serena Lombard ensinava escultura e botânica.

— É a nora do duque de Remington, francesa, não é?

— Meio francesa e meio inglesa. Sim, era casada com o filho mais novo, que morreu na guerra. — Inclinou a cabeça. — Chegou a conhecê-lo?

— Nunca tive o prazer. — Admitiu.

— Serena está, atualmente, trabalhando na propriedade de Gareth Lockheart, é responsável pelo paisagismo de todo o parque, além de fazer várias esculturas.

— Isso é impressionante. — Simon disse, sem exagerar. — Ouvi dizer que Lockheart é um gênio, e também um pouco... estranho.

— Não sei nada sobre isso. Serena disse que é um prazer trabalhar para Lockheart e que dinheiro não é problema.

Simon riu.

— *Isso* é maravilhoso. — Ergueu a mão e assinalou os dedos: — Então, esses são Freddie, Miles, Portia, Annis, Serena, está faltando alguém?

— Por último, não menos importante, tem Lorelei Fontenot.

— Essa *tem um nome* diferente. Deixe-me adivinhar, era uma amante das artes teatrais?

— Que vergonha! Jovens damas *não* recebem instruções sobre como subir aos palcos. Não, Lorelei ensinava escrita em inglês, assim como os clássicos. É uma defensora bastante veemente de Mary Wollstonecraft.

Simon gemeu, apenas parcialmente, em tom de brincadeira.

— Uma intelectual, então?

— Iria repreende-lo por empregar tal termo. — Apertou os lábios, como se reprimisse algo especialmente divertido. — Ouso dizer que o senhor e Lorelei não se dariam muito bem, instantaneamente.

— O que quer dizer? Não sou um homem moderno e de mente aberta? Honey fez um adorável som bufante.

— O senhor simboliza a masculinidade.

Simon sorriu.

— Isso não soa nada mal.

— Bem, soa para Lorelei. Duvido que algum dia se case, e se o fizer, seria com um defensor dos ideais de Wollstonecraft que seria seu igual em todos os sentidos.

Simon só conseguia olhar.

— Posso ver, pela sua expressão, que acha a noção de tal igualdade intragável.

— Não, — falou lentamente, tentando formular uma resposta que não terminasse com uma porta trancada entre seus quartos. — Acredito que homens e mulheres possuem diferentes pontos fortes e fracos, não que os sexos sejam iguais.

— Lorelei não está discutindo isso. Em vez disso, acredita que as mulheres merecem os mesmos direitos, sobre nós mesmos e nosso dinheiro, que os homens.

Simon acenou.

— Estou de acordo com sua amiga nesse aspecto. — Seus olhos se arregalaram de surpresa. — Não posso acreditar que pareça tão chocada com a minha admissão. Realmente, me comportei como um ogro? Acabou

de me informar que estava indo para Londres, para cuidar de seus negócios - um negócio que envolve passar tempo sozinha com homens estranhos, devo acrescentar, e eu não fiz nenhuma objeção.

— Isso é verdade. — Admitiu, sua cor alta, por algum motivo.

— Quanto às mulheres terem direitos sobre sua própria pessoa, não poderia estar mais de acordo. Muitos homens são brutos, cruéis, que usam sua força superior contra mulheres e crianças. E, uma vez casados, podem fazê-lo impunemente. — Seus lábios se curvaram em desgosto. — Deveria haver proteções.

O sorriso que lhe deu foi quase cegante.

— O que? — perguntou.

— É que... bem, o senhor é tão esclarecido.

Simon gaguejou.

— Não quero dizer que lhe achava um bruto, só pensei que apoiaria o *status quo*.

— Não quando o *status quo* é injusto.

— Estou muito feliz em ouvir isso, Simon.

O olhar que lhe deu foi direto para seu pênis e o som de seu nome em seus lábios alimentou pensamentos intensamente masculinos que Honey provavelmente não aprovaria.

Simon mal podia esperar até o fim do jantar.



Capítulo Trinta e Cinco

HONEY TINHA acabado de dispensar Nora, sua criada pessoal, e terminou de escovar seus cabelos, quando houve uma breve batida na porta e, então, Simon entrou.

Fazia apenas cinco noites, desde que o vira pela última vez, em seu robe, contudo parecia um ano. Como sempre, Simon não usava nada por baixo, o brocado de cetim obscenamente esticado por sua ereção.

Sem uma palavra, caminhou em sua direção e a pegou em seus braços, sua boca esmagando a dela.

Um gemido alto encheu seus ouvidos e Honey percebeu que viera dela.

Simon a beijou com lábios, língua e dentes, beliscando e chupando.

— Deus, eu senti tanto a sua falta, Honey. — Murmurou rispidamente, enquanto mordida levemente o lóbulo da orelha dela. — Sentiu a minha falta?

Honey queria dizer algo sofisticado e inteligente, porém sua cabeça já estava confusa.

— Sabe que senti. — sussurrou, enquanto Simon empurrava sua cabeça para trás e depois arrastava mordidas cruéis, seguidas por beijos calmantes por sua garganta exposta.

— Acho que é hora de retomarmos nossas aulas noturnas, não acha? — Simon disse contra a pele sensível, na base da sua garganta, pouco antes de

chupar sua carne tenra e acariciar com seus lábios e dentes.

Honey se contorceu com a insistente pulsação profunda em seu sexo. O que havia de errado consigo, para gostar tanto de seus toques brutos?

— O senhor me marcou. — Disse, com uma voz sonhadora.

Não era uma pergunta, mas Simon riu e acenou com a cabeça.

— Culpado. — Uma grande mão quente deslizou por sua barriga, em direção a seus cachos úmidos, fazendo-a notar que Simon havia desabotoado a frente de sua camisola, sem que percebesse.

Simon separou seus lábios inferiores, a ponta de seu dedo calejada, mas gentil.

— Ah, Honey, como amo a sensação desses seus pequenos lábios puritanos.

Seu rosto aqueceu, mais com as palavras obscenas e sugestivas dele do que com as carícias agradáveis.

A outra mão dele deslizou pelo pescoço dela, não parando, até que segurou um de seus seios e gemeu.

— Que botãozinho delicioso. — Beliscou seu mamilo, com força suficiente para fazê-la morder o lábio e choramingar. — Não segure nada, amor — Repreendeu com um grunhido. — Quero todos os seus barulhos. — Seu dedo acariciou entre suas dobras inchadas. — Tão molhada — Elogiou, com uma voz áspera e ofegante, acariciando, desde sua entrada, até o feixe de nervos, mas nunca realmente tocando seu núcleo necessitado.

Honey inclinou os quadris para atraí-lo para mais perto.

Simon riu, o som sensual enviando um arrepio por sua espinha.

— Que boceta mais gananciosa — Sussurrou.

Honey arfou, seu corpo enrijeceu em choque. Essa era uma palavra que leu apenas uma vez, em um livro que roubou da biblioteca particular de seu pai.

— Essa palavra a choca? *Boceta*? — Murmurou.

Outra risada perversa retumbou em seu peito, enquanto continuava beijando e lambendo até chegar a um mamilo. Simon a chupou com força, absorvendo o máximo possível de seu pequeno seio. Os sons que fazia eram rudes e animalescos, seu dedo brincando e provocando sem parar.

Honey fez um barulho de frustração, empurrando seu sexo contra sua mão.

Simon se moveu tão rapidamente, que Honey se encontrou quicando no colchão, antes mesmo de perceber que Simon a havia levantado.

Simon sorriu, respirando com dificuldade. Puxou a faixa de seu robe e então, descuidadamente, encolheu os ombros, para deslizar a vestimenta, seu punho fechando em torno de seu órgão que estocava.

Honey não conseguiu evitar olhar. O tinha visto nu e ereto dezenas de vezes, mas seu apelo nunca diminuía.

Simon apertou sua enorme mão, com força suficiente para fazer as veias de sua mão se destacarem, os músculos suados em seu antebraço flexionando sob sua pele bronzeada pelo sol.

— Fiquei duro durante todo o jantar — disse, seu tom de conversa em desacordo com suas ações e palavras chocantemente eróticas. — Peel ficou muito aborrecido quando me despiu para dormir, pois havia uma grande mancha molhada nas minhas calças. Disse a Peel que era tudo culpa sua.

Honey arfou. — Não!

Simon sorriu. — Sim.

Seus olhos caíram para onde Simon estava batendo seu punho e os olhos de Honey o seguiram.

— Vê como me deixa molhado?

Honey fez um som mortificante, de engolir em seco, quando teve a visão mais erótica que já tinha visto. Mesmo sua mão grande não conseguia cobrir seu membro grosso e avermelhado. A coroa era de um tom mais escuro de vermelho, a pequena fenda brilhava com a umidade.

— Prove.

Honey piscou, como se aquilo fosse melhorar sua audição. Quando olhou para cima, Simon alcançou a cama, agarrou um travesseiro e o jogou no chão entre suas pernas abertas. — Ajoelhe-se e me prove.

Seu queixo caiu e tudo o que viu em seu rosto o fez levantar.

Simon deu um passo em sua direção, sua expressão mudando em um instante de cruelmente sensual para amorosamente preocupado. — Perdoe-me, meu amor — Fez uma careta. — Eu a choquei, não precisa...

— Eu quero. — Era verdade, Honey queria, mais do que conseguia se lembrar de querer alguma coisa em sua vida.

Na verdade, queria tanto agradá-lo, que se assustou.

— Não estou assustada ou com medo. Fiquei apenas, er, surpresa.

Simon a estudou por um longo momento, antes de assentir, como se para si mesmo. Inclinou-se, beijando-a ternamente nos lábios. — Sou um homem mau por pedir lhe essas coisas, Honey, não é o tipo de coisa que um cavalheiro pede a sua esposa.

— Eu quero — Repetiu. Tirou de sua mente as imagens de todas as mulheres a quem havia pedido essas coisas no passado, incapaz de suportar

a ideia de que Simon compartilhasse intimidades com ninguém além dela.

Colocou a mão espalmada sobre seu peito e deu-lhe um empurrão.

Simon cambaleou, um passo para trás, sorrindo.

— Essa é minha garota corajosa — Elogiou. E depois seus lábios se curvaram em um sorriso selvagem e suas narinas dilataram-se. — Tire a roupa para mim primeiro.



O pênis de Simon latejou quando Honey, imediatamente, obedeceu, a pulsação sob a brutal mordida de amor que lhe dera em alta velocidade.

Era um desgraçado. Estava tratando uma dama – que a pouco tempo era virgem - como uma prostituta experiente. Contudo sentia o desejo nela cada vez que a beliscava, mordida ou a usava bruscamente; aquele jogo a excitava.

E a Simon também.

Honey jogou a camisola no chão, seus olhos confiantes e excitados olhando para o marido. Simon desviou o olhar de seus mamilos duros e seus seios perfeitos e apontou novamente para o chão. — Ajoelhe-se.

Honey caiu de joelhos, os lábios ligeiramente entreabertos, os olhos escuros.

— Maldição. — Sussurrou, segurando a curva doce de sua mandíbula com a mão livre, parando seu bombeamento severo. — Beije-o. — Ordenou rispidamente, apertando seu membro até que o líquido gotejasse na ponta de sua coroa. — Prova-me.

Honey não hesitou e Simon sentiu lufadas de ar rasas e rápidas sobre seu membro quando Honey se inclinou para mais perto e seus lábios se separaram para tomá-lo. O desejo de agarrar seu cabelo e dar rédea solta a suas paixões selvagens era forte. Apenas por reprimir sua luxúria foi capaz de se manter sob controle.

E tudo valeu a pena, quando sua delicada língua rosa lambeu sua fenda molhada.

— Oh meu Deus, Honoria! — Sussurrou, seu corpo tremendo.

Quando Honey se afastou, um fio de líquido claro conectou sua língua à coroa dele.

Simon gemeu, quando sua cabeça caiu para trás; estava tão perdido na luxúria, que simplesmente ficar de pé era um desafio.

Dedos finos e quentes se fecharam em torno da sua mão e a tiraram de seu pênis.

— Assim? — Perguntou.

Jurou que sua cabeça pesava uns quinhentos quilos quando a levantou para olhá-la.

Honye fechou o punho ao redor dele e começou a bombeá-lo, era a maldita bela de uma visão.

— Sim, assim... um pouco mais forte. — Encorajou-a, prendendo a respiração, quando flexionou seus dedos mais fortes. — Logo abaixo da coroa está a parte mais sensível. Urgh, sim, muito bom. — Elogiou, deixando-a sentir sua presença por um momento.

E então disse:

— Coloque-me em sua boca, enquanto sua mão me bombeia.

Seus lábios já separados se abriram mais, em choque, sua mão congelando no meio da investida.

Simon riu, passando um dedo em seu lábio inferior carnudo.

— Quero vê-la tomando-me na boca.

Honey estremeceu, suas pálpebras tremulando, mas não fechando.

— Abra a boca. — Insistiu — e lamba seus lábios. Sim, desse jeito. — Sorriu, quando Honey engoliu em seco, várias vezes, e então se inclinou em direção a ele, seus lábios úmidos se esticando para cercar sua coroa inchada, seus olhos nunca deixando os dele.

Se Simon tivesse visto algo mais bonito em sua vida do que os lábios carnudos dela em volta dele, não conseguia se lembrar.

— Ah, *Cristo!* — Praguejou, seu corpo estremeecendo, enquanto forçava seus quadris a permanecerem imóveis, cerrando os dentes, enquanto era explorado, com bastante entusiasmo por Honey. A mão dela parou, mas não se importou. Assistir seu membro grosso preencher sua boca era melhor do que um sexo oral da cortesã mais habilidosa do mundo.

A língua dela acariciou da raiz à ponta, lambendo a parte inferior sensível e sabia que não seria capaz de se manter no controle.

Simon gemeu.

— Isso está muito bom, amor. — Retirou-se da boca dela e a agarrou pelos braços, levantando-a sobre a cama. A ação esticou dolorosamente as cicatrizes em seu lado esquerdo, nem deu a mínima.

— Fique de quatro, querida. — Ordenou, alcançando seus quadris estreitos e, sem esforço, virando-a de bruços. Enganchou as mãos embaixo dela e puxou seus quadris para cima, colocando uma mão entre seus ombros e pressionando-a, até que sua cabeça repousasse na cama.

Quando a posicionou como queria, inclinou-se para trás, para admirá-la.

— Meu Deus, como é linda! — Deslizou a mão sobre seu flanco, longo e magro, traçando a curva generosa de suas nádegas, seus dedos mergulhando em sua fenda.

Honey estremeceu, quando Simon roçou seu pequeno e apertado orifício e sorriu. Haveria muito tempo para isso, alguma outra noite.

Separou suas dobras delicadas e circulou levemente seu botão.

— Está molhada, Honey. E acho que gostou de me ter em sua boca.

Honey se contorceu sob seu carinho erótico, empurrando contra sua mão.

Em seu próximo golpe, deslizou um dedo dentro dela. *Meu Deus, parecia o paraíso.*

Simon manteve esse pensamento blasfemo para si mesmo, e continuou sua exploração completa.

— Responda-me, Honey, gostou de me dar prazer com sua boca e língua?

Honey rosnou, soando um pouco como um texugo zangado.

— Sim, gostei. — Disse com uma voz teimosa que o fez sorrir.

— Gostou do quê?

— De fazer *aquilo*.

— Fazer *aquilo* o que?

— Não vai parar de perguntar até que eu diga, não é? — Sua voz estava abafada pela roupa de cama, mesmo assim podia ouvir seu desejo claramente sob sua frustração.

— Isso mesmo, querida, quero ouvi-la dizer.

— Eu gostei... — Honey parou, fazendo o som bufado mais adorável.

— Hum? — Simon a acariciou mais algumas vezes antes de posicionar sua coroa em sua entrada. — Não estou conseguindo ouvir, amor.

— Gostei de colocar o seu...

Simon entrou forte nela, os dedos cavando em seus quadris enquanto se enterrava tão profundamente quanto podia.

— Simon! — Gritou, alto o suficiente para chacoalhar as janelas.

— *Honorio!* — Sussurrou em resposta, seu pulso batendo em seus ouvidos enquanto se mantinha dentro dela. — Eu a machuquei, amor?

Honey choramingou, balançando a cabeça de um lado para o outro, as mãos agarrando a roupa de cama.

Quando se apertou em torno dele e empurrou de volta, Simon soltou um pequeno gemido próprio.

E então começou a fazer sua esposa gritar.



Capítulo Trinta e Seis

— SIMON? *Simon?*

— Hum? — Retirou os óculos de que precisava para ler a maior parte dos escritos e levantou os olhos, seus lábios se curvando em um sorriso ao ver sua esposa.

Porém o sorriso sumiu do rosto quando e viu que Honoria não estava sorrindo.

— O que é, amor?

— Lady MacLeish e Lady Frampton estão aqui.

Simon franziu a testa; havia algum motivo para saber disso? Algo que esqueceu?

— Sim? — Perguntou, quando ficou claro que Honey não tinha mais nada a acrescentar.

— Lady MacLeish disse que a visitou e que disse para visitá-lo.

— Sim, é verdade, eu a visitei semana passada, um dia depois de encontrá-la em nosso passeio com Heyworth.

Honey o encarou, sua postura rígida.

Simon suprimiu um suspiro. Fizera errado? Senhor.

Deu um passo em sua direção; Honoria não se afastou dele, mas sua linguagem corporal também não o atraiu para mais perto.

— Minha mãe disse que lhe contou sobre meu passado com Bella.

Honey assentiu.

— Minha mãe não é a única pessoa que se lembra que Bella e eu fomos muito próximos. — Passou a mão por entre os cabelos. — Meu irmão não gostava da família dela anos atrás e, como o comportamento dele estabelece o padrão social, tem sido difícil para os Frampton. Em vez de fazer com que qualquer fofoca desaparecesse, acredito que o tratamento cruel de Wyndham para com a família manteve os velhos rumores alimentados e vivos. Decidi pegar o touro pelos chifres, por assim dizer. Quanto mais cedo as pessoas virem que Bella não significa mais nada para mim do que qualquer outro conhecido, melhor.

— E é por isso que a visitou em segredo, para lhe dizer essas coisas?

— Honey perguntou.

Conteve seu aborrecimento com o sarcasmo dela. Afinal, podia entender sua reação, porque não gostaria de ter um ex amante de Honey morando a apenas um quilômetro de distância. Ficaria furioso se Honey fosse visitar uma pessoa imaginária sem lhe contar.

Sustentou seu olhar.

— Sim, esse era um dos assuntos que queria discutir com Bella — admitiu. — Vejo que, talvez, não tenha lidado com a situação tão sabiamente como...

John Murphy, o capataz do projeto dos estábulos, apareceu na porta do escritório improvisado de Simon.

— Oh, perdoe-me, milorde...

— Está tudo bem, Sr. Murphy. — Simon disse.

Um canteiro de obras não era o lugar para a discussão que Simon e Honey estavam conduzindo.

Acenou para o outro homem.

— Olhei os planos e concordo com sua avaliação. Vá em frente e dobre o número de feixes.

— Sim, milorde — Murphy desapareceu no corredor.

— Lady MacLeish expressou o desejo de lhe falar. — Sua esposa disse, com a voz cortada, e então, girou nos calcanhares.

Simon reprimiu um praguejo. Maldita Bella. O que, diabos, poderia querer?

— Espere um momento, Honoria, irei contigo.

Honey fez uma pausa e deu um aceno brusco.

— Não estou exatamente adequado para fazer sala — disse, enquanto caminhavam em direção à casa. — Devo me trocar? — Perguntou, esperando que a resposta dela fosse *não*.

— Disse-lhes que estava ocupado, trabalhando. — Respondeu, com firmeza.

Simon pegou o braço dela e a parou.

— Está chateada; — Disse quando Honoria abriu a boca para contestar — Posso ser insensível e alheio em grande parte do tempo, contudo posso ver que não está feliz comigo. É por causa...

— Lady MacLeish trouxe a filha também.

Simon franziu a testa, confuso.

— E isso a aborrece? Er, a garota se comportou mal?

— Não — Sua expressão comprimida era singular e Simon não conseguia decifrar o que significava.

— Honey, o que é?

Honey se afastou, indo em direção à porta da frente, que Hume segurava aberta

Simon seguiu sua esposa, uma sensação de peso no peito.



Enquanto caminhava em direção à sala de visita, Honey sabia que estava se comportando mal, entretanto nunca em sua vida ficara tão furiosa; primeiro com o fel de Lady MacLeish, segundo consigo mesma, por ser consumida pela raiva e ciúme, e terceiro - e não menos - com Simon.

Por que não lhe *dissera* que tinha feito uma visita à mulher? Pareceu uma idiota mostrando sua surpresa.

Provavelmente porque sabia que reagiria como estava agindo.

Cerrou os dentes contra o pensamento irritante, mas preciso.

— Honey — a mão de Simon pousou em seu braço.

Voltou-se e o encarou. — O que?

— Qual é o problema? — Exigiu.

Honey bufou e estendeu a mão para a porta da sala, antes que pudesse abri-la e sibilou:

— *Isto*, milorde.

Honey não tirou os olhos dele, enquanto examinava os habitantes da sala. Uma dúzia de emoções tremeluziu em seu rosto quando seu olhar pousou na filha de Lady MacLeish.

— Obrigada por nos permitir interrompê-lo, Simon — Bella MacLeish disse, seus hipnotizantes olhos verdes em Honey, ao invés de Simon, enquanto falava.

Porém a atenção de Simon estava toda voltada para a garota parada ao lado dela.

— Lembra-se de mamãe, é claro. — disse a Condessa. — E esta é minha filha, Enola.

O rosto de Lady Frampton era uma máscara de mortificação.

Enola olhou incerta, de sua mãe para Simon - que ainda não tinha falado ou se movido - seus olhos cor de hortênsia incomuns se arregalaram, enquanto fazia uma reverência de principiante.

— Milorde.

Como se acordasse de um sonho, Simon cruzou a sala, parou em frente a garota e segurou seu queixo com os dedos, levantando seu rosto. Embora a inclinação exótica dos olhos de Enola fossem iguais ao de sua mãe, seu perfil aristocrático, completo com nariz aquilino e forte, era uma duplicata do de Simon.

— Enola. — Disse com a voz baixa e questionadora, quebrando o silêncio frágil que preenchia a sala. — Que nome bonito. — Removeu a mão e se virou para Bella.

A beldade sensual deu a ele um sorriso inocente que não enganou Honey nem por um momento; havia arquitetado essa cena de propósito.

Honey percebeu que era uma espectadora em sua própria casa e foi até a bandeja de chá intocada.

Durante os próximos quinze minutos, sorriu, serviu chá e distribuiu biscoitos, respondendo com a cabeça quando apropriado e até mesmo

respondendo às poucas perguntas dirigidas a sua pessoa.

Quando as mulheres se levantaram para partirem, foi Simon quem as acompanhou até a carruagem.

Honey recostou-se na cadeira, fitando os restos da bandeja.

Uma parte dela queria que Simon simplesmente voltasse para os estábulos e poderiam fingir que aquilo não tinha acontecido.

Uma outra parte queria gritar e arremessar coisas nele, e perguntar por que não a alertou.

E outra parte queria fazer as malas, pegar uma carruagem de aluguel e voltar para Londres.

Falaram sobre vidas separadas antes de se casarem. Talvez agora fosse...

Ouviu os passos distintos e irregulares de Simon, antes da porta se abrir.

Honey não conseguia encará-lo.

— Está com raiva de mim. — Disse, sentando-se no lugar que acabara de desocupar.

A cabeça dela se ergueu com as palavras cansadas dele.

— Por que não me contou?

— Queria falar com Bella a sós, para certificar de que soubesse que não toleraria seus jogos. Bella sempre foi um pouco, er, travessa. Em qualquer caso, a visita foi inofensiva e não queria que minhas ações parecessem secretas.

— Não estou falando sobre sua visita a Lady MacLeish. — Disse, embora isso o irritasse. — Estou falando sobre a garota.

— O que tem a garota? — Perguntou, mas podia ver que não estava tão otimista quanto tentava parecer.

— Não? — disse com um olhar fulminante.

— Tudo bem. Então, a garota parece uma Fairchild, é isso que quer dizer?

— Poderia ser a sua versão feminina, Simon.

Seus olhos azuis distintos se arregalaram.

— Está me acusando de ser o pai da filha de Bella?

Honey bufou e levantou as mãos, como se dissesse, *como não poderia*.

Sua carranca se aprofundou e a frieza em seus olhos azuis foi o suficiente para fazê-la estremecer.

— A menina não é minha, Honey.

— *Tem certeza?* Talvez seja uma das muitas coisas que afirma não se lembrar. — Retrucou, e então mordeu o lábio inferior, desejando que pudesse retirar aquelas palavras.

Simon se levantou e foi em sua direção. Honey ficou de pé, recusando-se a olhar para o marido.

— Como se atreve? — Disse, sua voz ameaçadoramente calma.

— O que deveria pensar?

— Por Deus! Poderia pensar em dezenas de outras coisas, nenhuma delas tão insultante para mim quanto o que acabou de dizer. Pode, realmente, acreditar que eu desfilaria Bella e sua filha na sua frente se a garota fosse *minha*?

Honey prendeu a respiração, mas captou uma réplica imprudente, antes que escapasse de sua boca.

Simon acenou com a cabeça, embora não tivesse falado.

— Vejo que acredita que sou capaz de uma crueldade dessas, não apenas contigo, mas com a garota, se realmente fosse minha — Deu um passo mais perto, até que Honey sentiu o calor de seu corpo. — Por pior que seja minha memória, sei que *nunca* coloquei meu pênis dentro de Bella MacLeish.

Honey se espantou com a grosseria de suas palavras.

Os lábios de Simon se curvaram, em um sorriso sarcástico, o tipo que não via desde sua primeira semana em Whitcomb.

— E acredite em mim, minha querida, duvido que homem algum se esqueceria de foder uma mulher como Bella, não importa o quão gravemente seu cérebro tenha sido afetado.

Simon se virou e deixou a sala, batendo a porta, com força suficiente para sacudir a bandeja de chá.

Mesmo depois que saiu, sua provocação cruel ecoou na sala vazia, perfurando sua alma, do jeito que os estilhaços uma vez perfuraram sua pele.



Não surpreendentemente, o jantar foi um evento gelado e breve.

Simon sabia que deveria se desculpar por suas palavras vulgares e provocações cruéis, porém não conseguia acreditar que Honoria o considerava capaz de tratá-la de maneira tão mesquinha. *Ela* deveria se desculpar.

Pensamento muito maduro, Simon. É uma pena que não tenha nove anos de idade e isso não seja um pátio de escola.

Rosnou, enquanto Peel o barbeava, olhando para seu próprio rosto tolo no espelho.

Está bem. Se desculparia quando fosse aos aposentos dela.

Considerou não ir para a cama dela, mas para o inferno com tudo isso. A última coisa que queria era que o casamento deles se transformasse em hostilidades frias e prolongadas. Participou de uma guerra por muito tempo, para querer travar outra sob seu próprio teto.

Não, iria até Honey e passariam uma noite agradável, juntos.

De alguma forma, não acho que será tão simples assim...

Faria com que fossem simples.

Assim que Peel terminou, Simon foi até a porta de conexão, esperando encontrá-la trancada. Porém a maçaneta girou e Simon entrou no quarto dela.

Honey estava na cama, lendo. Seu olhar frio disse-lhe que não esperava vê-lo.

— Não quero que haja conflito entre nós. — disse, enquanto Honey, a contragosto, colocava um marcador em seu livro, colocava-o na mesa de cabeceira e cruzava os braços.

— Está correta ao dizer que a cor dos olhos da garota é semelhante aos meus. É uma característica do lado paterno da família. Meu avô tinha os mesmos olhos de uma de minhas tias. Existem retratos nas galerias de outros Fairchild com os mesmos olhos. - Suspirou. — Há também um retrato, em Frampton Park, de um ancestral meu - talvez minha mãe ou Wyndham se lembrem de qual deles - que se casou com um ancestral de Bella. Já se passaram várias gerações, entretanto é possível reconhecer a cor distinta dos olhos — Hesitou. — Admito que fiquei... surpreso com a

semelhança da família, hoje, mas a menina não é minha, Honoria, isso seria impossível — Fez uma pausa, para ter certeza de que suas palavras foram assimiladas. — Sinto muito pelo que disse antes. — continuou. — Foi imperdoável.

Simon esperou que Honey aceitasse seu pedido de desculpas e fizesse a sua própria desculpa.

Estava começando a pensar que tinha calculado mal grosseiramente quando Honoria suspirou.

— Peço desculpas por acusá-lo de algo que não fez. — As palavras eram um pedido de desculpas, porém foram ditas a contragosto.

Simon decidiu que não se importaria.

— Obrigado. — Disse.

Simon puxou a faixa de seu robe, tirou dos ombros e jogou-o sobre o pé da cama.

Seu olhar caiu para sua ereção, saltou de volta, e Honey engoliu em seco.

Simon adorava a fome em seus olhos cinza raivosos. Ainda estava brava com Simon, entretanto o desejava, do mesmo jeito. Ótimo.

— Ficou com ciúmes, ao pensar que tinha colocado um bebê dentro dela, Honey? Pensou em mim fazendo as coisas com o corpo dela que, agora, faço com o seu?

Os olhos dela ficaram tão redondos, que Simon ficou, honestamente, surpreso que não rolaram para fora de sua cabeça. Apesar de seu choque - e ira - suas pupilas dilataram, até que apenas um fino anel de prata cercava o preto.

Não importava como respondia às perguntas dele, seus olhos a denunciavam.

— Ah, eu a peguei, meu amor.

— É um homem mau, Simon.

Sim, era.

Honey balançou a cabeça, cuspiendo fogo.

— Seu... seu arrogante miserável.

Simon riu e pegou seu pênis inchado na mão, dando-se alguns bombeados, divertido e excitado pela maneira como os olhos dela não conseguiam desviar.

— Por que tão arrogante, querida? Estaria espumando pela boca se pensasse que outro homem tivesse colocado uma criança dentro de você. — Estreitou os olhos, as narinas dilatadas, um coquetel perigoso, mas erótico, girando em seu estômago, com o pensamento irritante. — Fico irritado só de pensar em outro homem a tocando. Iria querer caçar esse homem e arrancar seu coração.

Honey ficou boquiaberta.

— Mas, estranhamente, — continuou pensativo, ainda acariciando seu membro escorregadio — Isso também me deixa ferozmente duro.

Um som de descrença estrangulada escapou de seus lábios.

Simon sorriu e então estocou com força em seu punho, exibindo seu comprimento total e circunferência para Honey, como um animal no cio.

— Parece que o ciúme é uma emoção feia, com alguns efeitos colaterais, surpreendentemente benéficos — Apontou o membro para

Honey. — Está molhada, Honey? Aposto que estava inchada e encharcada por mim, antes mesmo de eu entrar no seu quarto.

Honorã se aprumou como uma rainha.

— Como *ousa*...

— Mostre para mim.

— Certamente não irei...

— Deseja que vá embora? — Perguntou. — Só precisa dizer a palavra. Nunca vou tocá-la sem a sua permissão.

Seus olhos brilharam, enquanto uma batalha titânica se desenrolava dentro dela.

— Diga-me que me quer ou vou sair por aquela porta.

— Não vá. — As palavras foram explosivas e severas, quase ferozes, como se alguém as tivesse torturado para tirar de seus pulmões.

Simon caminhou até a cama, agarrou os cobertores e puxou-os de sobre o corpo dela.

Honey arfou, tentando fugir para trás, porém não havia para onde ir; já estava encostada na cabeceira da cama.

Simon olhou para sua camisola puritana com antipatia; era velha, feia e pudica. Pegou a baihha com as duas mãos e puxou.

O *barulho* de pano rasgando, que cortou o silêncio, o inflamou e a fez gritar.

— Por que a *rasgou*? — Acusou com a voz ofegante, enquanto Simon pegava as duas metades, que estavam abertas sobre sua barriga, e dava outro puxão violento que foi até o alto do seu pescoço.

— Comprei camisolas bonitas e espero que as use para mim — Disse, com uma voz de luxúria. — Ou melhor ainda, não use nada. — Agarrou seus quadris e puxou-a para baixo da cama antes, de se ajoelhar entre suas coxas e abrir suas pernas.

Simon enfiou dois dedos em sua passagem apertada e Honey gritou, seus quadris resistindo.

Simon grunhiu como o animal que era; seu calor úmido fez sua cabeça girar.

— Eu a deixo assim. — Acusou, levantando seus dedos molhados, segurando-os para o olhar atordoado dela, e então os colocou na boca, lambendo-os até limpá-los.

Honey agarrou a garganta com a mão trêmula, a boca aberta com o choque.

Simon sorriu, abaixou por sobre Honey, lentamente, o corpo entre as coxas dela. — Observe-me enquanto a faço gozar.

O olhar de Honey o seguiu.

— Penso em ti o dia todo. — Disse asperamente. — Interrompe meus pensamentos, esmaga-os e espalha-os, até que me torne em nada além de um idiota, com os olhos apaixonados. Fico duro e excitado e mal posso pensar em outra coisa senão estar profundamente dentro desse seu corpo delicioso.

Honey mordeu o lábio inferior, os cantos da boca se curvando levemente.

— Ah, *gosta* do que faz comigo.

Honey não se opôs.

— Sua bruxa. — Sibilou, separando suas dobras e enfiando a língua dentro dela.

Seus gemidos se misturaram a um estrondo primitivo de necessidade.

Simon lambeu, de seu núcleo até sua pérola, suas pálpebras tremulando, enquanto lutava para manter os olhos abertos.

— A quem pertence? — exigiu, quando Honey começou a moer e resistir contra seu rosto.

Seus olhos estavam bêbados de luxúria e estava ofegante, seu torso pálido manchado de paixão.

— Quem? — Rosnou.

— Você, Simon. Eu te pertenço.

— Minha. — Rosnou, abaixando a boca, mostrando-lhe que estava, em todos os sentidos, sob seu comando.



Quando Honey acordou, Simon já tinha ido embora. Isso não era incomum, pois preferia cavalgar ao amanhecer. O acompanhou uma ou duas vezes, mas Simon era como um demônio na sela e Honey apenas se segurava.

Fora como um demônio na cama, na noite passada, também.

O rosto de Honey esquentou com a memória do que Simon fez, do que fizeram. A tomou quatro vezes, aparentemente insaciável.

Também foste mais do que um pouco insaciável.

Honey não podia negar isso. A última vez que se juntaram, pouco antes do amanhecer, foi Honey quem o alcançou entre as coxas e o acordou.

Cobriu o rosto quente com as mãos, chocada com seu comportamento à luz do dia.

Simon a tem tão amarrada que faria qualquer coisa, acreditaria em qualquer coisa.

Deixou as mãos caírem e olhou para o nada, enquanto assimilava as palavras. Era verdade o que Simon disse na noite anterior – sobre ciúme - vergonhoso, mas era verdade. Pensar em Simon com aquela mulher, tinha causado sentimentos perturbadores, mas também eróticos. Honey também se sentiu violenta com Simon.

Sua resposta emocional foi mais do que um pouco irracional; afinal, se tivesse tido um filho, mais de uma década antes de se casarem, por que isso a afetaria tanto?

A pergunta tinha uma resposta igualmente irracional: incomodava-a porque Simon era *dela*. Pertencia a ela.

Honey suspirou. Como Simon disse, o ciúme não fazia sentido.

Honorã se levantou dos lençóis emaranhados, ignorando as dores e rigidez. Pensaria que, depois de tantas noites com Simon, seu corpo não estaria mais dolorido, contudo o marido parecia encontrar novas maneiras de esticá-la e dobrá-la.

Sorrindo para si mesma, vestiu o robe e puxou as cortinas. Era um dia de outono perfeito, o céu azul-celeste um cenário deslumbrante para a mudança da folhagem. Pegaria seu caderno de desenho e...

Algo se moveu na beira do parque; era um cavaleiro; não, dois cavaleiros.

À medida que se aproximavam, reconheceu Simon, porém não o outro homem. Era pequeno; talvez fosse Wilkins. Os dois homens eram como

unha e...

O menor de repente tirou o chapéu, sacudindo os longos cabelos escuros.

Então, não Wilkins, no final das contas...

O queixo de Honey cedeu. — O que em nome de...

Era Bella MacLeish.



Capítulo Trinta e Sete

SIMON FICOU feliz em encontrar Honey na sala de café da manhã, quando voltou de sua cavalgada.

— Bom dia — disse, incapaz de olhá-la sem lembrar da noite anterior.

Honey deve ter adivinhado o que estava pensando, porque seu rosto ficou vermelho como o fogo.

Simon riu e se inclinou para beijá-la, mirando em sua boca, porém acertando a sua bochecha, quando Honey se afastou, certamente estava horrorizada com toda a sujeira dele.

— Perdoe-me — disse. — Devo estar cheirando a cavalo. Devo me trocar?

— Não importa, estou quase terminando. — Seu sorriso era frio e educado.

Simon olhou para o prato dela; estava quase cheio.

— Mal comeu, não se sente bem?

— Estou bem. — Disse, tão gelada, que Simon ficou surpreso que não havia pingentes de gelo em sua língua.

Simon se jogou na cadeira ao lado dela. Quando Honey começou a se levantar, a agarrou pelo braço e a puxou para baixo.

Honey se voltou contra o marido.

— Não pense que pode simplesmente me maltratar quando desejar. — Seus olhos brilharam friamente.

Simon apertou sua mão quando Honey tentou se afastar.

— Vai sentar aqui e me dizer o que há de errado. — Disse, mais do que um pouco irritado. — Achei que tivéssemos resolvido nosso mal-entendido ontem à noite. O que fiz para desagradá-la? — O *agora* no final da frase não foi dito, porém pairou no ar entre eles, mesmo assim.

Honey se sacudiu com força e Simon soltou seu braço, antes que se machucasse.

— Acordei esta manhã e o vi cavalgando com Lady MacLeish.

Simon piscou. — E então?

Honey sorriu com sarcasmo.

— Na noite passada, alegou não ter nenhum interesse nela, e agora está cavalgando com Lady MacLeish, para que todos possam vê-los juntos?

Simon deu uma risada perplexo.

— Somos vizinhos, teremos que nos socializar com Bella e sua família, pelo resto de nossas vidas. Preferiria ter um relacionamento fácil com eles. — Fez uma pausa e franziu a testa. — Especialmente porque Wyndham os tratou de maneira mesquinha.

— Então isso significa que precisa andar a cavalo com ela? Mesmo quando não sou bem-vinda para juntar-me aos dois?

Honey mordeu o lábio e Simon percebeu arrependimento e mortificação inundar seu adorável rosto.

— Isso não é justo, Honey. Eu a convido várias vezes para acompanhar-me nos meus passeios matinais, mas nunca aceita.

Sua mandíbula se moveu, de um lado para o outro, porém não disse nada.

— Quanto a cavalgar com Bella, estava presente ontem, não ouviu o que conversamos, o nosso arranjo?

— Que arranjo?

— Que Bella montaria alguns dos meus cavalos de caça.

A maneira como os olhos dela se arregalaram disse-lhe que não estava ouvindo.

— É uma amazona contundente e seu pai, Sir Charles, não tem dinheiro para manter caçadores para a filha. — explicou Simon.

— Então irá fornecer cavalos também? — Honey perguntou em descrença.

Simon respirou fundo e disse a si mesmo para ser paciente.

— Já ouviu falar de cavaleiros ferozes?

Honey cruzou os braços. — Não.

— São cavaleiros habilidosos, que montam os cavalos de outras pessoas por dinheiro, geralmente em caçadas ou corridas. É uma excelente forma de exhibir os cavalos.

— Pensei que faria isso o senhor mesmo.

— E eu vou, Becca também. Estou mantendo vários caçadores em Whitcomb, que gostaria muito de vender, para poder comprar mais cavalos-puros-sangues. Estou convidando alguns homens para se juntarem às nossas caças, nesta temporada — podia ver que Honey estava tentando envolver sua mente em torno daquilo tudo. Como um estranho na caça à raposa, supôs que era desconcertante para a esposa.

— Então, Lady MacLeish irá montar seus cavalos. — disse, claramente cética.

— Sim. Também darei a acesso aos estábulos, já que os de Frampton são uma vergonha.

— Estará aqui com frequência? — perguntou, categoricamente.

— Com a frequência que deseja cavalgar, diariamente, imagino, já que faz algum tempo, desde que seu marido morreu, precisará voltar à forma.

Simon percebeu que a ideia não a agradava. Entretanto se pudesse se acostumar com a ideia de Honoria passar, dias a fio, com homens estranhos, então, certamente sua esposa poderia aceitar que se associasse a uma mulher, pela qual já afirmou não ter interesse?

Estava tentando ser paciente, porém sua paciência se estendia até certo ponto.

Por mais sexualmente estimulante que fosse um pouco de ciúme, não queria deixar sua esposa infeliz ou lhe dar a ideia errada.

Então diga isso a ela, seu idiota, ordenou a voz em sua cabeça. Deve muito a Honey.

Pela primeira vez, a voz estava certa.

— É a minha esposa, Honey, a única mulher que quero ou preciso.

Os olhos dela se arregalaram e Simon sabia que tinha sido certo falar francamente. Estranhamente, não percebeu exatamente como se sentia até o momento em que disse as palavras. Honoria *era* a única mulher que queria ou precisava.

Simon apertou a mão dela.

— Bella não é nada mais do que uma vizinha. Pode não ser sua pessoa favorita, mas pode ser muito útil para o meu novo empreendimento. Também será uma gentileza para a família dela se forem recebidos por mim, por *nós*. O escudeiro e sua esposa são pessoas adoráveis, Honey. Não merecem sofrer. Nem Bella, cujo único crime foi já ter sido prometida a mim, e Wyndham desgostar dela por esse motivo — Hesitou e então perguntou. — Entende por que estou fazendo isso?

Honey engoliu uma vez, e depois novamente. E então suspirou, a raiva parecendo escoando do seu corpo.

— Entendo, Simon.

Seu alívio foi tão grande, que o surpreendeu. Embora não quisesse machucá-la, também não queria viver pisando em ovos. Seria um alívio se pudessem resolver os problemas, sem dramas desnecessários.

Puxou-a para perto e a beijou, reivindicando-a ferozmente com a língua e os dentes, ao invés de um mero beijo. Quando finalmente a soltou, sua boca estava machucada e molhada, sua pele corada.

Queria se enterrar dentro dela.

— Deveria arrastá-la para cima, tirar a sua roupa e montá-la, até que perca os sentidos.

Seu rosto ficou vermelho. — *Simon!* — Olhou ao redor, como se alguém pudesse ter ouvido.

Simon riu.

— Não se preocupe, o carpinteiro chegará em menos de uma hora, então está a salvo de minhas demandas, até o anoitecer. — Deu-lhe um segundo, apenas um pouco menos incendiário, beijo. — Então, — disse,

depois que se afastou. — Estamos bem, querida? Suporta ser civil - gentil até - com Bella e sua família?

— Sim, consigo. Está certo, Simon. É a melhor maneira de dissipar a fofoca.

Sorriu e a beijou uma última vez.

— É claro que estou certo. Sou seu senhor e mestre. Sempre estou certo.

Quando Honey riu, Simon sabia que tudo estava bem entre eles.



Nos dias que se seguiram após essa conversa, Honey teve que se lembrar com frequência das palavras dele: Você é minha esposa, Honey, a única mulher que quero ou preciso. Bella não é nada mais do que uma vizinha.

Parecia que toda vez que se virava, Bella MacLeish estava com seu marido. Ia aos estábulos todos os dias, porém nunca até a casa. Honey não conseguia decidir se sentia aliviada ou menosprezada.

Bella não apenas se demorava em torno dos estábulos, como Simon passava seus dias fora também, então Honey sempre via os dois juntos.

Simon, agora, fazia questão de convidá-la para cavalgar, todas as manhãs, porém não tinha nenhum desejo de expor sua falta de habilidade para Bella, que era dolorosamente graciosa na sela.

À noite, não estavam mais sozinhos no jantar, pois Heyworth havia se acomodado em sua nova posição, de modo que a intimidade deles também acabou.

Mas ainda o tem, só para ti, à noite.

Honey corou, embora não houvesse ninguém para vê-la; sim, o tinha só para ela a noite toda, todas as noites.

Era insaciável por ela assim como era por ele. Justamente quando achava que Simon não poderia ser mais chocante, mostrava-lhe uma nova forma de perversidade.

E o adorava por isso.

Não, o ama por isso.

Tudo bem, era verdade. Porém não havia razão para Simon saber disso. Embora estivesse claramente apaixonado pelas coisas que faziam na cama, Simon não a amava. Talvez nunca a amaria. Às vezes, pensava que havia uma barreira em seus olhos azuis, uma linha que não podia ou não queria cruzar.

Então, as noites eram deles, porém seus dias eram passados separados.

Estava feliz por Bella estar sempre lá, e sempre vestida com suas calças de couro, escandalosamente confortáveis.

Não.

Porém tinha que admitir que não parecia haver nada de desagradável acontecendo. Embora fosse incomum para as mulheres, montarem escarranchada, muitas das que caçavam, Becca, por exemplo, usavam calças nos dias de caça.

Claro, Bella as usava *todos* os dias.

Era uma pena que a janela do estúdio de Honey dava para os estábulos. No início, adorava poder ver Simon indo e vindo. Agora era como sal em uma ferida. Não apenas tinha que assistir Bella, como também tinha que assistir todos os homens da redondeza abandonarem o que estavam fazendo, para ficarem babando pela mulher.

Isso não é justo, Honey. Simon não fica babando.

Suspirou, limpando o pincel e colocando-o de lado, antes que destruísse o retrato da duquesa. Nunca era bom pintar quando estava com esse humor.

Quanto ao comportamento de Bella? Bem, flertava com Simon, mas também flertava com Heyworth, Hume e todos os outros criados ou trabalhadores da propriedade. Ou, talvez, não estivesse flertando. Talvez fosse apenas o ciúme angustiante de Honey trabalhando.

Cobriu a pintura vagamente e se aproximou da janela, enquanto Raymond Fairchild subia.

O primo de Simon trazia um segundo cavalo atrás dele, provavelmente a égua que o duque queria procriar. Era linda, preta como carvão, assim como Loki, mas mais delicada.

Simon saiu dos estábulos, Bella - naturalmente - dois passos atrás dele.

Isso é injusto, Honey. Becca também estava lá.

Tudo bem, tudo bem, isso é verdade.

Becca cavalgava quase todos os dias e Honey, frequentemente, observava os três - Simon e as duas mulheres - rasgando o campo, em uma velocidade que a deixava sem fôlego.

Honey não pôde deixar de sorrir, ao ler a postura de Becca, há pouco; a jovem não gostava de Bella. Na verdade, Honey tinha ouvido Becca reclamar com Simon, apenas alguns dias atrás, que poderia montar Epiphany, o enorme caçador, que Simon esperava vender o mais rápido possível, na primeira caçada deste ano.

— Não está pronto para ele ainda, Becca — Simon repreendeu. — E seu pai me esfolaria vivo se a deixasse montar aquela besta.

— Acha que *Bella* é uma amazona melhor do que eu?

Os olhos de Simon se estreitaram.

— Ei! — Estalou grosseiramente, não mais brincalhão. — Bella é mais velha, e é Lady MacLeish, para a senhorita, mostre um pouco de respeito. E sim, a propósito, eu *sei* que é uma amazona melhor. Isso não é surpreendente, dado que já caçava, muito antes de nascer — Amoleceu, quando viu a expressão esmagada de Becca. — Ora lá, minha querida. — Bajulou. — Ainda não é grande o suficiente para eu ter que fazer isso — Simon a pegou debaixo dos braços e a girou em um círculo, até que Becca gritou.

— Pare com isso, tio Simon! — Exigiu, sem fôlego, mas Honey podia ver que a menina estava adorando. Becca estava oscilando, à beira da feminilidade e esses últimos vislumbres da infância inspiraram Honey a fazer algumas mudanças sutis em seu retrato.

Apesar de todas as repreensões de seu tio, Honey podia ver que Becca não se resignou à presença de Bella.

Nem, ao que parecia, Raymond, que estava olhando para a sedutora com um sorriso zombeteiro, enquanto examinava o cavalo que trouxera.

Honey estava prestes a se virar, quando Raymond levantou os olhos. Seu sorriso se espalhou quando a viu, uma expressão marcadamente mais feliz, do que apenas um momento atrás, e acenou, chamando a atenção de todos para Honey, também.

— Maravilhoso. Obrigada, Raymond. — Murmurou com os dentes cerrados, acenando de volta.

Quando caminhou em direção à casa, Honey suspirou e se preparou para encontrá-lo. Tirou o avental de pintura e alisou o cabelo, antes de ir

para a sala de visita, menor e mais aconchegante, que preferia.

Não que não gostasse de Raymond, até gostava. Porém era estranhamente... enjoativo.

Quando disse isso a Simon, se marido riu.

— Isso Raymond é, e sempre foi. Acho que é o resultado de ficar órfão tão jovem. Nunca falou sobre como era sua vida, antes de Wyndham buscá-lo e trazê-lo de volta para Whitcomb, mas sei que vivia na miséria. Pode ser irritante às vezes, porém, no geral, é uma boa pessoa — Acrescentou — e meu primo te adora, Honey.

Infelizmente, Raymond deixou aquilo muito claro. Na verdade, às vezes, sua afeição era um pouco esmagadora.

Era da família, algo que sempre sonhou em ter, e então, Honey colou um sorriso no rosto.



Honey se afastou do retrato da Duquesa de Plimpton e sorriu.

Embora a mulher fosse branda, egocêntrica e indiferente, havia algo sob seus belos traços, que Honey não percebeu que existiam, até ver a tela.

Cecily Fairchild era uma mulher forte, por mais que definhasse em sua *chaise longue*, enquanto o mundo passava ao seu redor.

Oh, Honey não acreditava que a delicadeza física da mulher fosse artificial, mas estava claro que a duquesa exercia sua condição de inválida como uma arma, uma arma muito poderosa e eficaz.

Honey estava orgulhosa por ter conseguido capturar a força sutil da mulher, era o tipo de detalhe que separava uma pintura artesanal de uma

grande obra de arte. Honey acreditava que esse retrato se aproximava dessa segunda categoria.

Ficou satisfeita por ter conseguido terminar o retrato antes de partir para Londres, dali a dois dias. Quando voltasse da cidade, haveria uma grande cerimônia, para revelar as duas telas.

— Será um baile. — A viúva lhe contou, com um brilho nos olhos. — Wyndham quer que esta seja uma combinação de celebração de seu casamento, bem como uma revelação dos quadros. Deve convidar toda as suas amigas, Honoria. Se não tiver espaço em Everley, podemos acomodá-las em Whitcomb.

Honey tinha que admitir que a perspectiva de um grande evento a intrigava.

E então escreveu para suas amigas, não tendo muita esperança, já que a maioria delas trabalhava pelo seu ganha-pão. Ainda assim, seria ótimo reuni-las novamente.

Desamarrou o avental e foi pendurá-lo, quando uma movimentação nos estúbulos chamou sua atenção; eram Simon e Bella, montados em seus cavalos e saindo.

Honey olhou para o relógio; já passava das cinco. Estava escurecendo e era a noite em que receberiam a sua família para jantar pela primeira vez, Simon cedeu para com o duque, e Honey concordou. Onde poderia estar indo tão tarde com Bella?

Honey fez uma careta, com a pontada indesejada de ciúme - pelo menos as pontadas estavam ficando mais brandas em vez de piores - e saiu do estúdio.

Encontrou o Sr. Heyworth nas escadas.

— A estava procurando, milady. Sua senhoria queria que a senhora soubesse que voltará a tempo para o jantar. Teve que correr até a fazenda Turnbull, para inspecionar algum trabalho — disse, fazendo uma careta. — Temo que o homem que estava encarregado do trabalho não seja confiável o suficiente e os novos inquilinos chegarão amanhã.

— Ah, lembro-me dele ter mencionado isso no café da manhã. — Disse Honey, embora desejasse que não tivesse saído tão tarde. Sorriu para o administrador: — Vejo-o no jantar, Sr. Heyworth.

Enquanto subia as escadas, tentou entender por que estava tão nervosa sobre esta noite. Agiu como anfitriã de seu pai, em centenas de ocasiões. Apenas podia presumir que era a presença do duque que a deixava ansiosa. Não o via desde o dia em que chegaram a Everley, quase um mês atrás.

— Disse a Wyndham para nunca pisar aqui, sem meu convite expresso — Simon disse, quando Honey perguntou se o duque viria ver os retratos.

Para dizer a verdade, Honey dificilmente poderia ficar com raiva de Plimpton, por ser a força por trás de seu casamento, por mais que pudesse se ressentir do comportamento arrogante que empregou, para alcançar seus objetivos. Ser casada com Simon poderia ser turbulento, porém nunca fora tão feliz.

Estava feliz por seu marido estar consertando as relações com seu único irmão, mas isso não significava que hospedar Plimpton para o jantar não tivesse preocupações. O homem *era* um duque, afinal, e Honey estaria ciente disso, enquanto o entreteria naquela noite.

Enquanto sua criada pessoal a despia, Honey não pôde deixar de pensar sobre as noites de paixão, desde o que considerou como o *Incidente de Bella*.

A abordagem aberta e honesta de Simon para um possível mal-entendido tinha sido a coisa certa a se fazer. Não havia razão para tentar esconder um passado que todos conheciam.

Honey saiu de sua anágua, sua pele esquentando com suas afirmações ultrajantes sobre ciúme.

Bem, parecia que suas afirmações não eram tão ultrajantes, quanto se provaram corretas. Em pequenas doses, o ciúme *aumentava* o que faziam no quarto.

Honey tinha se atormentado, mais de uma vez, pensando em todas as amantes que Simon tivera. E deve ter havido muitas, devido às suas habilidades extraordinárias.

— Milady?

Relutantemente, tirou sua mente das suas reflexões eróticas. — Sim, Nora?

A jovem também estava corando, quase como se tivesse visto o conteúdo escandaloso da cabeça de Honey.

— É sobre suas regras, milady.

— Meu Deus, já estamos na época?

— Já passou da época, milady, duas semanas atrás.

— Tem certeza?

— Se o que a sua senhoria disse quando me contratou estiver correto, então tenho certeza.

Honey piscou com a notícia. — Um bebê? — Perguntou estupidamente.

— Sim, milady, se for verdade o que disse sobre ter as regras regulares.

Honey olhou para seu reflexo, enquanto suas mãos caíam para a barriga lisa, um sorriso tolo floresceu em seu rosto. Poderia estar grá...

O rosto de Simon surgiu em sua mente, suas palavras, de seis semanas atrás, repetindo em seus ouvidos: *Quero dizer, sem filhos. Jamais.*

— Oh, não! — Sussurrou.

Nora franziu a testa. — Perdoe-me, milady, eu não entendi direito.

Honey encontrou o olhar bastante curioso da jovem e forçou um sorriso. — Por favor, mantenha isso apenas entre nós por enquanto.

Nora indignou-se. — Claro, milady. Nunca falaria sobre uma coisa dessas.

— Claro que não. — Honey acalmou, engolindo sua histeria incipiente. — Agora, acho que vou usar o vestido turquesa esta noite.



A última vez que Honey se sentiu tão humilhada foi na biblioteca do duque de Plimpton, na noite de seu imbróglio com Simon.

Supôs que era apropriado que esta ocasião se centrasse em torno de seu marido, também.

— Obrigada pela noite adorável, Honoria. — A duquesa disse, oferecendo sua bochecha empoada para um beijo.

— Obrigado por ter vindo, mamãe. — A palavra ainda não parecia confortável em sua boca, mas podia ver que agradava a sua sogra.

Raymond foi o próximo, e a pegou em um abraço que a assustou.

— Eu me diverti muito. Diga a Simon que foi mais do que suficiente, nós nem sentimos falta dele. — Solto-a e segurou-a com o braço estendido

por um longo momento, seu olhar explorador e astuto.

— Obrigada por me convidar, Honey. — disse Becca, dando-lhe um beijo rápido na bochecha e um abraço. — Tenho certeza de que o tio Simon está bem. — Sussurrou no ouvido de Honey, de modo que, quando Honey se voltou, por fim, para Plimpton, seu rosto provavelmente estava em chamas.

Sua boca séria se contorceu em um sorriso fraco.

— O jantar estava delicioso. — Disse o duque, no tom frio e monótono, que combinava com suas feições suaves.

Honey ficou chocada com sua aparência, quando chegou para jantar. Parecia uma década mais velho do que há um mês. Sua pele pálida estava ainda mais pálida e a pele sob seus olhos estava machucada, quase roxa.

Não tinha ideia de que estava tão doente. Sem dúvida, era a doença persistente do duque que estava por trás do desejo recente de Simon por uma reaproximação com o irmão.

— Obrigado também por me permitir dar uma olhada nos retratos. — Disse o duque. — Prometi a mim mesmo que poderia esperar até a inauguração, porém era simplesmente muito tentador.

Honey sentiu uma onda de calor com a confissão dele. Lisonjeava-a que um homem tão indiferente e poderoso ficasse tão animado para ver o seu trabalho.

— Os quadros estão espetaculares. — Acrescentou, curvando-se sobre a mão dela.

Antes que pudesse pensar em uma resposta adequada, o duque se foi, ajudando sua mãe a entrar na carruagem ducal, que o aguardava.

Honey acenou e observou até a carruagem desaparecer.

Sorriu para seu mordomo, quando fechou a porta, forçando-se a ignorar o olhar questionador em seus olhos.

— Boa noite, Hume.

— Boa noite, milady.

— Com licença, milady.

Honey se virou e encontrou Heyworth descendo as escadas; trocou de roupa para seu traje de montaria.

— Estou de saída para a fazenda Turnbull. — Seu belo rosto escureceu e baixou o olhar, olhando para as luvas, enquanto as colocava. — Eu me preocupo que talvez seu cavalo tenha ficado coxo e esteja encalhado. É uma caminhada muito longa a pé. Levarei um cavalo comigo caso se...

A porta se abriu e Honey e o Sr. Heyworth se viraram com o som.

Simon estava parado na porta, empoeirado e desganhado. Sorriu para Honey, sua expressão era irônica. — Suponho que perdi o jantar?



Capítulo Trinta e Oito

SIMON PERCEBEU que sua esposa estava muito infeliz e preocupada; não podia culpá-la.

Estava furioso, embora não tivesse tido três horas para fazer nada além de tentar acalmar-se.

Agora, estava morrendo de fome e suas bolhas tinham bolhas. Virou-se para Hume, que estava pairando.

— Poderia, por favor, mandar uma bandeja para meus aposentos? Algo frio está bom.

— Muito bem, milorde.

Simon se virou para Heyworth, assim que o mordomo saiu.

— Precisaré enviar uma carroça para buscar Saturno.

Honey levou a mão à boca e Heyworth ficou olhando.

Simon gesticulou para a perna de suas calças.

Como usava roupas de couro marrom escuro, as manchas de sangue não estavam imediatamente aparentes; Honey as viu agora.

— Meu Deus, Simon, isso é *sangue*? — Agarrou seu casaco e puxou-o para mais perto de um candelabro.

Os lábios de Simon se contraíram; por mais zangado que estivesse, não pôde deixar de se divertir, ao ver seu mordomo corar, enquanto a dona da casa se abaixava para inspecionar a virilha do marido.

— Não é meu, amor. — disse.

Sua voz a trouxe de volta a si mesma, e se endireitou, corando tão furiosamente quanto seu administrador.

— O que aconteceu?

— Alguém atirou em minha direção, por engano, imagino. Sem dúvida, quem quer que fosse, não esperava que alguém estivesse em altas horas naquela estrada remota. Provavelmente um caçador ilegal — Simon fez uma careta, nauseado, ao se lembrar do grito equino de dor, pouco antes de Saturno cambalear e cair.

— Felizmente, o cavalo não sofreu, porém não consegui tirar meu pé com rapidez suficiente, por isso está um pouco dolorido — Ergueu a perna machucada, a esquerda, é claro, e fez uma careta.

— Venha — disse, saindo do choque. — Vamos levá-lo para cima — Virou para o laçao, que acabara de aparecer. — Traga água para banho para o quarto de sua senhoria imediatamente.

— Muito bem, milady.

— Aqui, — disse, empurrando seu ombro delicado sob o braço dele — apoie-se em mim.

Simon conseguia andar - fez isso por horas - porém descobriu que gostava de ser mimado pela esposa.

— Sairei, se não precisar de mais nada — Heyworth disse.

— Apenas pegue Saturno, não vá procurar por nada. — Simon avisou, enquanto mancava em direção às escadas. — Vamos vasculhar a área amanhã e falar com o xerife.

Heyworth acenou e os deixou sozinhos.

— Lamento ter perdido o jantar, amor. — Disse, enquanto subiam, lentamente, as escadas; Simon poderia tê-la segurado com mais força do que o estritamente necessário.

— Sentiram sua falta. — disse, e então perguntou: — Por que não enviou Lady MacLeish para chamar ajuda?

Simon franziu a testa.

— Bella não estava comigo — disse. E então compreendeu. — Oh, nos viu saindo juntos. Bella me acompanhou até a saída para Frampton Park e depois voltou para casa. Disse-lhe para deixar Baco nos estábulos de seu pai — Simon, realmente, sentiu a tensão sumir de seu corpo longo e esguio. Então, ainda estava preocupada com Bella.

Honey assumiu o controle da situação quando chegaram a seus aposentos. Permitiu que Peel o despisse, inspecionasse se havia ferimentos e o colocasse no banho.

— Sua refeição lhe esperará, em quinze minutos — Disse a Simon, antes de sair do quarto.

Uma garganta se limpou ao lado dele e Simon percebeu que estava olhando para sua esposa, provavelmente com um sorriso tolo no rosto. Um olhar para a expressão ligeiramente divertida e superior de seu valete disse que estava certo.

Simon era famoso por odiar qualquer tipo de mimos.

Até agora.

Sorriu para seu valete e depois se jogou em sua cadeira, levantando uma bota empoeirada e surrada.

— É melhor fazermos o que minha senhora diz e me colocar naquela banheira, Peel.



Honey sentou-se em frente a Simon, em uma pequena mesa que um lacaio deve ter trazido.

Seu marido estava vestindo apenas seu robe e seus cachos dourados estavam úmidos do banho. Seus pobres pés estavam descalços, devido às bolhas de sangue que tinha, dos pés ao calcanhar.

— Isso não pode ser normal — Disse, distraidamente assistindo, enquanto Simon pegava um segundo pedaço de presunto do prato de frios que a cozinheira lhe enviara.

— Hum? — Perguntou.

— Essa é a segunda vez que foi baleado, em menos de três meses, Simon.

Simon acenou, terminando de mastigar, antes de tomar um gole de vinho, para ajudar engolir a comida.

— É revoltante —concordou. — Porém o inverno brutal do ano passado e o frio prolongado deste ano foram terrivelmente duros para as pessoas. Wyndham e eu abrimos mais terras para a caça, porém não perto de onde Saturno foi baleado. É irresponsável caçar tão perto de uma estrada, não importa o quão pouco trafegado seja.

— O que vai fazer?

— O que *posso* fazer? Quando as pessoas souberem que um dos meus cavalos foi morto, ninguém, em sã consciência, se apresentará para assumir a responsabilidade. Só espero que seja o suficiente para impedir esse comportamento perigoso no futuro. — Olhou-a intensamente. — Essa foi a

bala que mais se aproximou de mim do que qualquer outra, durante a guerra, Honey.

Havia uma espécie de terror em sua voz.

Honey simplesmente se sentiu mal.

— Consegue imaginar? — Perguntou, visivelmente atordoado. — Passar mais de uma década na guerra e depois morrer por uma bala perdida em minha própria terra?

Honey agarrou seu pulso e apertou com força. — Não.

Seus olhos encontraram os dela e Simon pareceu voltar a si mesmo. Colocou a mão sobre a dela.

— Ora, acredito que sentiria minha falta, Lady Saybrook.

— Isso não é engraçado. — Disse, sua voz um sussurro rouco.

Sua expressão mudou, de provocação para preocupação, e Simon se inclinou em direção a Honey, acariciando sua bochecha. — O que foi? — Perguntou.

Honey fungou e se afastou. — Nada.

Mesmo assim não a soltou. — Não chore, Honey. — Simon se levantou, e a puxou para seus braços. — Não queria preocupá-la, a bala não me atingiu, estou bem. Sempre tive sorte quando se trata de balas, é com canhões e suas balas que tenho que me preocupar, e não há muitos deles no oeste de Shropshire.

Suas lágrimas correram livremente agora, e Honoria enterrou seu rosto no pescoço dele. — *Esta* bala não o atingiu, mas a outra sim, Simon.

Honey o sentiu rir.

— É, atingiu. Acho que agora tenho todo um conjunto de balas perdidas, amor. Por favor, não chore, Honey. — Segurou-a com o braço estendido, inclinando o rosto dela em direção ao dele. — Foi um acidente, querida. E estou novinho em folha, exceto por algumas bolhas. — Sorriu e enxugou uma lágrima de sua bochecha.

— Deveria terminar seu jantar. — Disse, mortificada por sua demonstração emocional. Apenas Simon poderia fazê-la desmoronar dessa maneira.

Simon balançou a cabeça e estremeceu.

— O que foi? — Demandou. — Está ferido?

Simon fez uma careta. — O meu lado esquerdo está um pouco dolorido depois de toda aquela caminhada — admitiu.

— Deite-se na cama e eu passarei seu unguento.

Seus belos lábios se curvaram, seu sorriso pecaminoso causando as reações previsíveis em seu corpo. — Tire suas roupas — Ordenou.

Honey congelou, como uma lebre assustada, seu coração batendo forte com o brilho faminto em seus olhos.

Simon se afastou dela e puxou a faixa que mantinha seu robe fechado, jogando a pesada vestimenta de brocado no chão.

Honey não ficou surpresa ao ver que seu marido estava duro, raramente o via de outra maneira.

— Vire-se, — disse — serei sua criada pessoal.

— Simon, precisa...

— Calada e vire-se.

Honey obedeceu.

Mordiscou sua nuca enquanto seus dedos trabalhavam em seu vestido. — Está cheirando tão bem — Murmurou, empurrando seu membro rígido contra sua parte inferior das costas, o calor dele queimando, mesmo através de várias camadas do vestido. — Que cheiro é esse?

— É verbena com limão. — Disse com a voz trêmula.

— Hmm — Simon se aninhou, seus quadris empurrando preguiçosamente.

— Precisa do seu unguento primeiro. — Queria que as palavras soassem como uma ordem, porém eram mais como um apelo.

Simon riu e puxou o vestido dela para o chão. Um momento depois, a tirou da anágua, espartilho e combinação, sobrando apenas as meias e as sapatilhas.

Agachou-se e Honey olhou para suas costas largas e musculosas enquanto tirava as sapatilhas e as meias, seus movimentos suaves e quase adoradores.

Seu corpo era tão parecido com uma tela quanto aquelas que esticou e preparou. Era uma beleza masculina, as cicatrizes e queimaduras apenas complementavam o seu apelo. Seu coração doeu pela história dolorosa que sua pele maltratada contava - tão claramente quanto qualquer pintura - e o amava com uma ferocidade quase primitiva.

Simon se levantou, seus olhos escuros com necessidade. — Eu quero...

Honey balançou a cabeça. — Unguento primeiro, deite-se.

Sua expressão passou de luxuriosa para chocado. — Sim, milady.

Simon puxou a roupa de cama e se esparramou, como uma estrela do mar, sua ereção se projetando orgulhosamente.

Honey revirou os olhos com o comportamento desavergonhado dele.

— Não posso acreditar que seja tão cruel. — Simon murmurou, sua grande mão circulando a base do seu órgão, infinitamente fascinante. — Não consegue ver minha necessidade?

Honey bufou. — Acho que sua necessidade está provavelmente visível a vários quilômetros de distância.

Simon deu uma gargalhada. — Aceitarei isso como um elogio.

Honey desviou o olhar da evidência da sua *necessidade*, pegando o unguento em sua penteadeira, antes de voltar para a cama.

Simon estava se acariciando, gotas de umidade vazando da pequena fenda.

Um mortificante grunhido de desejo escapou de seus lábios, antes que Honey pudesse tocá-lo.

— Pare com isso — Ordenou trêmula.

— Não sei se consigo.

— Simon!

Suas sobrancelhas se levantaram.

— Oooh, gosto dessa voz severa, Sra. Fairchild.

Suas bochechas aqueceram com a provocação sensual.

— Pare com isso. — repetiu.

Simon soltou a mão. — Irei me comportar, suba na cama — Deu um tapinha na cama.

Honey se aproximou dele com cautela, e colocou o recipiente de vidro com o unguento sobre a cama. Sua mão disparou tão rápido que foi um

borrão. Simon a pegou pelo pulso e a puxou para cima dele.

— Simon, precisa...

Sua boca esmagou a dela, seus braços se fecharam ao seu redor, como faixas de ferro.

Honey conseguiu resistir por, talvez, um segundo, antes de ceder às suas próprias *necessidades*.

Seus lábios estavam quentes - quase desesperados - sua barba por fazer áspera contra sua pele. Mordiscou, chupou e deixou marcas em seu pescoço.

— Deus! — Seu peito arfando sob ela — Estou desesperado por tê-la, Honey.

Honorina estremeceu com o desejo selvagem em sua voz.

Simon a virou de costas, sua boca devastando sua garganta e peito, antes de pousar em um mamilo, chupando-o com tanta força que gritou.

— Pobre bebê! — Respirou contra seu mamilo torturado e duro, beijando-o ternamente antes de se mover para o outro seio e atacá-lo com a mesma ferocidade.

Deslizou a mão entre suas coxas, acariciando e penetrando e conduzindo-a rapidamente para o ápice de seu prazer.

— Preciso estar dentro de você. — Murmurou, seus quadris abrindo as pernas dela, suas ações quase frenéticas.

Simon a penetrou, com uma punhalada violenta e reivindicadora. — Ah Deus, sim.

Honey não sabia onde seus gemidos terminavam e os dele começavam.

Simon a penetrou, com uma intensidade brutal, como se estivesse perseguindo algo que estava fora de alcance.

— Tão bom! — Arfou, mergulhando forte o suficiente, a ponto de levantá-la da cama. — Não consigo o bastante, preciso tanto de ti.

Seus quadris tamborilaram e Simon se apertou contra ela, angulando seu corpo de uma forma que a quebrou em mil pedaços.

— Honey! — Gritou enquanto convulsionava debaixo dele, seu grande corpo estremecendo.

Simon investiu nela duas vezes mais, antes de congelar, seu membro tremendo e flexionando, dentro da sua vagina sensível, o líquido quente jorrando dentro do seu corpo.

— Eu te amo, Honey! — Sussurrou.



Quando Simon voltou a si, percebeu três coisas exatamente no mesmo momento: primeiro, disse à esposa que a amava; segundo, quis dizer o que disse; e terceiro, gozou dentro dela.

Simon se apoiou nos cotovelos e olhou para baixo, com medo do que veria.

Honey o encarou, seus olhos arregalados, seus lábios separados com o que parecia ser choque.

Simon fez uma careta; isso não parecia nada promissor.

— Sinto muito. Receio ter perdido o controle e...

— Quis dizer aquilo? — Perguntou, sua voz tão baixa, que seu cérebro levou um momento, para decifrar o que perguntou.

Simon suspirou. — Sinto muito.

Impossivelmente, seus olhos se abriram ainda mais. — O que?

— Eu lhe prometi um casamento de conveniência e parece que... estou profundamente, loucamente, perdidamente apaixonado por você. Se tentar arrumar um amante, haverá tiros antes do amanhecer para ele, embora tenha lhe dito - não, *prometido* - antes de nos casarmos que poderia fazer o que quisesse e...

— Ora, diabos! — Simon rolou de costas, estremeando, quando tirou seu membro sensível de dentro do corpo dela, o que o lembrou...

— Gozei dentro de você! — disse, olhando para o dossel, como se Honey fosse a culpada. — Mais uma promessa que quebrei.

Honey permaneceu imóvel ao lado dele. Tinha adormecido?

Talvez fosse melhor assim, Simon.

— Simon?

Simon estremeceu ao ouvir a voz dela. — Sim?

— Estou grávida.

Simon virou a cabeça tão rápido, que torceu o pescoço.

Seus olhos ainda estavam arregalados, porém agora preocupados, em vez de atordoados.

— Eu sinto muito, sei que não...

— Está... — Simon deixou escapar, quando Honey lhe deu um olhar confuso, explicou. — Está triste por estar grávida?

Honey abriu a boca, depois voltou a fechá-la. Finalmente, mordeu o lábio e balançou a cabeça. — Não, eu estou feliz.

Simon soltou um meio gemido, meio suspiro. — Graças a Deus.

— Mas, não entendo — Honey disse. — Pensei que ficaria com raiva, havia me dito...

Simon estremeceu.

— Não me lembre do que lhe disse, Honey. Fui um tolo em dizer algo tão estúpido. — Deslizou a mão sobre sua barriga lisa, um sorriso puxando seus lábios. — Tem certeza? — Perguntou, parecendo um bobo, enquanto olhava para Honey, sem dúvida, parecendo um idiota também.

— Acredito que sim. — Mordeu o lábio novamente, como se estivesse tentando conter um sorriso.

Simon deu uma gargalhada alegre e a agarrou. Simon a rolou para cima dele, mudando seu corpo, até que montasse seus quadris.

— Simon... — Honey começou a cruzar os braços sobre os seios e Simon agarrou seus pulsos, puxando suas mãos para baixo.

— Não se cubra. — disse severamente, parcialmente gracejando.

Honey corou encantadoramente.

— Nunca! — Acrescentou, seus olhos consumindo avidamente seu corpo delicioso, um corpo que agora gerava um filho seu.

A onda de orgulho possessivo que o atingiu quase o esmagou. Nunca tinha pensado em ter um filho antes, e aqui estava, *explodindo* de alegria. Encontrou seu olhar, incapaz de ler sua expressão inescrutável. — Está realmente feliz, Honey?

— Estou, mas...

— Mas? — Cutucou.

— Estou ainda mais feliz que *você* esteja feliz. Nunca imaginei que...

— Xiu.. — disse. — Fui um idiota. — Simon a puxou para baixo, reivindicando sua boca, em um beijo profundo e vertiginoso.

Muito rapidamente Honey se afastou, respirando pesadamente. — Falou sério?

Simon considerou provocá-la e perguntar o que queria dizer, porém o olhar que tinha nos olhos - vulneráveis e incertos – lhe disse que agora seria um momento ruim. — Eu a amo, Honoria Elizabeth Fairchild. É minha e não há como escapar. — Acrescentou.

Seus olhos ficaram vidrados e uma lágrima escorreu por sua bochecha.

Simon gemeu. — Ah, não...

— Xiu! — Honey o repreendeu, sorrindo através das lágrimas. — Eu também o amo.

— Não tem que dizer isso porque...

— Seu tonto, eu o amo há quase quatorze anos.

Simon piscou. — Você...

Honey assentiu violentamente, as lágrimas fluindo mais rápido do que nunca. — Sim. Eu o amava naquela época, como não poderia?

— Posso entender por que me amava naquela época, — Admitiu, sem vergonha, — porém *agora*, que estou assim... — seus lábios se torceram — bem, não estou apenas machucado e danificado externamente, sou menos do que uma pechincha, quando se trata da minha memória curta e da minha personalidade selvagem.

Honey riu e foi o som mais doce que já tinha ouvido.

— Eu o amo ainda mais.

Simon ergueu uma sobrancelha, esperando esconder a confusão de emoções que atualmente ameaçava fazê-lo chorar como uma criança de dois anos.

— Hmm, parece que nem tudo está normal dentro da sua cabeça também.

Honorina apenas riu e chorou ainda mais, envolvendo os braços em volta do corpo dele e apertando-o, até que não conseguisse respirar. — Eu o amo tanto.

— Também a amo, querida, mais do que já amei alguém em toda a minha vida.

Simon fechou os olhos com força, mas não rápido o suficiente para impedir que uma ou duas lágrimas caíssem.



Capítulo Trinta e Nove

HONEY ABRIU os olhos e espreguiçou-se.

— Bom dia, preguiçosa.

Espreguiçou e se levantou.

Simon estava sentado em frente à lareira, parecendo relaxado, em uma de suas poltronas, com um livro no colo.

— Não saiu para o seu passeio matinal? — Perguntou, olhando para o relógio; ainda não eram sete horas.

Simon fechou o livro, sorrindo.

— Queria esperá-la acordar.

Era possível morrer de tanta felicidade?

Simon inclinou a cabeça quando Honey apenas o olhou.

— Não tem que ir, querida. Se preferir dormir, eu só...

— Não, eu quero. — disse, afastando os cobertores, tentando não começar a cantar quando se lembrava da noite anterior. E agora esta manhã.

— Ah, isso é bom. — disse, parecendo satisfeito. — Tomei a liberdade de pedir um pote de chocolate quente. Se não tivesse acordado cedo, iria colocar a xícara debaixo do seu nariz, até que... — Simon parou com uma batida leve na porta.

Nora entrou com uma bandeja. — Bom dia, milady. — Corou, fazendo Honey lembrar seu estado de *négligé*.

— Servirei a sua senhoria. — Simon disse. Franziu a testa e pegou algo da bandeja. — O que é isso?

— Oh, é uma carta que o Sr. Hume mandou, milorde. Disse que estava na bandeja esta manhã.

— Obrigado. — Simon disse distraidamente, pegando a bandeja dela.

Honey pulou da cama e, rapidamente, se enrolou no robe, enquanto Simon virava a carta em suas mãos.

— De quem é? — Perguntou.

— Não sei, não há nenhum endereço e nenhum remetente. — Deslizou o dedo por baixo da dobra e a abriu.

Honey se serviu de uma xícara de chocolate, observando o rosto do marido enquanto lia.

Sua expressão passou de confusa para chocada e ainda mais chocada para enfurecida. E então, surpreendentemente, chateada.

— Simon?

Simon desviou o olhar da página e entregou a carta para Honey, sem falar nada.

— O que é isso? — Perguntou, com medo de ler o conteúdo da carta.

Simon balançou a cabeça.

Honey se voltou para a carta. Carta não era realmente a palavra certa, havia apenas uma frase:

A filha de Bella MacLeish também é filha do duque.

Honey teve que ler a frase várias vezes, e, ainda assim, sua mente não conseguia absorver o significado. Quando finalmente olhou para cima, Simon estava a olhando com uma expressão que não via desde sua primeira semana em Whitcomb: morte.

— Não acredito que isso seja verdade — disse. — Quem enviaria algo assim? E por quê? É tão...

— Preciso ter com Wyndham. — Girou nos calcanhares e caminhou em direção à porta.

— Simon!

Simon parou, com a mão na maçaneta da porta, os ombros tão rígidos, que pareciam que iam se estilhaçar se o tocassem.

Mas tinha que tocá-lo.

Honey colocou a mão sobre suas costas e o sentiu estremecer.

— Espere um pouco, Simon. Se for agora...

Simon se voltou contra a esposa.

— Acredita mesmo que o perderei daqui uma hora? — explodiu.

Encolheu-se com a raiva dele quando Simon deu um passo em sua direção, agarrando seus braços, machucando-a. — Espero que saiba que isso *não é* sobre Bella. — cuspiu a frase.

— Sei disso, Simon! — Honey não tinha irmãos, porém tinha imaginação e o que estava imaginando agora era dor e traição.

— Como pôde fazer isso comigo? — Perguntou Simon. — Não apenas anos atrás, mas todos esses anos, me fazendo acreditar... — Parou, seu olhar caindo para as mãos, soltou-a imediatamente. — Ora, que inferno, Honey! Eu a machuquei...

— Xiu... — Honey o abraçou e colocou a cabeça sobre o coração; estava batendo quase fora de seu peito.

Simon ficou imóvel e rígido como uma estátua. Por um momento, pensou que seu marido iria afastá-la, e então seus braços a rodearam quase a esmagando.

— Meu Deus, Honey! — Sussurrou em seu cabelo. — Eu amava e admirava Wyndham. Isso é...

— Eu sei — Sentiu a tensão - a necessidade de ação - e o soltou. — Eu sei. — Disse novamente. — Apenas, bem, apenas tenha cuidado, Simon. Não deixe sua raiva guiar sua língua.

Simon hesitou por um momento e Honoria pensou que suas palavras poderiam superar sua necessidade de pressa. Então seus olhos se fecharam e Simon assentiu. Beijou-a na testa e saiu.



O pincel de Honey pairou sobre a pintura de Simon.

Ficou em pé na frente da tela por uns bons dez minutos, e ainda não tinha pintado nem um traço.

Abaixou o pincel. Hoje não era um bom dia para pintar; era um bom dia para trabalhar telas e molduras. Iria...

Vozes furiosas vieram do corredor e a porta se abriu com tanta força, que bateu contra a parede.

Era Bella, com Hume logo atrás dela.

— Sinto muitíssimo, milady! — disse Hume, antes que Honey pudesse falar. Seu mordomo lançou um olhar frio para a bela que usava calça. —

Disse a Lady MacLeish que a vossa senhoria não deveria ser incomodada quando...

— Aconteceu alguma coisa com Simon? — Honey olhou de seu mordomo para o rosto assustado e olhos arregalados de Bella.

— Onde está Simon? — Bella perguntou, quase no mesmo momento, seus olhos magníficos procurando pelo recinto, como se Simon pudesse estar escondido em algum lugar entre as parafernalias de pintura.

Honey ficou mole de alívio; se Bella estava procurando por Simon, isso significava que não estava ferido ou morto em algum lugar.

Seu alívio rapidamente se transformou em raiva.

— O que posso fazer pela senhora, Lady MacLeish? — Honey exigiu.

— Onde está Simon? — Bella repetiu, mais alto desta vez.

— Foi ter com o duque. — Honey disse friamente. — Se quer saber a verdade, — acrescentou — Foi tratar de um assunto que não diz respeito a *senhora* de forma tão tangencial.

— O que quer dizer com isso?

Honey olhou incisivamente para Hume, seu significado claro: se Bella quisesse exigir respostas de uma forma tão rude e pública, Honey ficaria feliz em compartilhar a verdade na frente de seu criado.

Porém a outra mulher não entendeu o que quis dizer ou não se importou.

— Eu vi o cavaliário de Raymond - Taft - ontem à noite e estava indo em direção à fazenda Turnbull. O vi, não muito depois de deixar Simon.

Honey balançou a cabeça.

— Por que está me contando isso?

— Porque acabei de ouvir sobre o acidente de Simon de um de seus rapazes do estábulo.

Honey franziu a testa, ainda incapaz de entender seu ponto de vista. — E?

— E não acredito que o *cavalo* de Simon era o alvo da bala, milady. — Expressou audivelmente.

O queixo de Hume cedeu.

O de Honey também.

— Por favor, deixe-nos sozinhas, Hume.

Honey podia ver que o homem não queria sair, mas trinta e tantos anos de serviço o fizeram assentir com a cabeça e recuar.

No instante em que a porta foi fechada, se virou para Bella.

— Explique! — ordenou.

Bella estava segurando suas manoplas de montaria, que estava torcendo como roupa suja. — É Raymond! — Bella parou, os músculos de sua mandíbula flexionando, sua expressão agonizante. — Espero, em Deus, estar errada, mas acredito que Raymond está tentando ma-machucar - *não* - matar Simon.

— O quê? — Honey gritou. — Por quê?

— Por causa do ducado. — Disse, como se Honey não tivesse entendido. — Raymond quer o título, sempre quis. Nós não conversamos mais - me odeia tanto - porém anos atrás, nós estávamos... — Bella mordeu o lábio e olhou para Honey.

— Sim? — Cutucou.

— Raymond era *obcecado* pelo título. Pode não falar mais comigo, porém ainda posso ver, em seus olhos, a maneira como às vezes olha para Simon. Não o vi com o duque, é claro, mas acho que é a mesma coisa que era antes.

O cérebro de Honey não conseguiu encontrar apoio nas palavras da outra mulher. — Mas, o duque — parou, as palavras da viúva da semana passada soando em seus ouvidos:

O pobre Wyndham está tão doente, esse terrível problema de estômago parece continuar indefinidamente. Não sei o que fazer se o médico não consegue descobrir o que está errado...

— Meu Deus! — Honey desabafou.

Encontrou o olhar surpreso e questionador de Bella e explicou:

— O duque está doente, há meses, com algum tipo de doença estomacal.

Bella assentiu.

— Todo mundo sabe que o duque está doente, e ninguém sabe o que há de errado.

— Se Raymond está tentando matar Simon, então também deve estar...

— Está envenenando o duque! — disse Bella.

Elas se entreolharam, em um silêncio atordoadado, chocadas e horrorizadas.

— Eu me sinto uma idiota, sinto muito. — Bella disse, as lágrimas escorrendo pelo seu rosto. — Deveria ter dito alguma coisa mais cedo. Tinha ouvido falar da doença do duque e isso me lembrou do bebê, mas é claro que não tinha nenhuma prova...

— Bebê? — Honey repetiu, suas mãos inconscientemente indo para sua barriga. — *Que bebê?*

O lindo rosto de Bella ficou pálido. — Edward.

— Está dizendo que...

Bella assentiu.

A mente de Honey gritou contra a acusação da outra mulher: Não! Não, isso não pode ser possível. Quem envenenaria uma criança?

Honey levou a mão à boca, seu estômago revirando com o pensamento nauseante.

Honey mal conseguiu chegar à bacia, onde costumava lavar as mãos, antes de esvaziar o conteúdo do seu estômago.

Por Deus. Raymond realmente tinha envenenado o filho de Wyndham?

Uma pequena mão esfregou suas costas.

— Está doente, milady? — Bella perguntou, e então se engasgou, — Meu Deus, Raymond esteve aqui? Acha que está sendo enve...

Honey passou as costas da mão pela boca, balançando a cabeça em negativa. Não queria contar à outra mulher que estava esperando um filho de Simon.

— Não, só fiquei enojada com esse pensamento. — disse. — Não vejo como Raymond poderia ter feito algo para nós. Jantou conosco ontem à noite, mas...

A carta misteriosa que foi encontrada na bandeja. Simon correndo para confrontar Wyndham...

Honey gemeu.

— Deus, que idiota eu sou, deve ter sido Raymond quem deixou a carta.

— Que carta? — Bella perguntou.

— Simon recebeu uma carta anônima dizendo que sua filha era do duque.

— Isso só pode ser obra de Raymond! — Bella disse.

Honey se dirigiu para a porta.

— Preciso falar com Simon.

— Onde Simon está? — Bella perguntou, logo atrás dela.

— Foi confrontar o duque...

Honey parou e girou, compreendendo a situação.

— Espere, quão tola eu fui. Seu filho é de Raymond, não do duque.

Bella assentiu.

— Se Raymond deixou uma carta para Simon, tem que ser algum tipo de armadilha. Atrevo-me a dizer que espera que Simon machuque o duque. Todo o vilarejo sabe da inimizade entre os dois irmãos.

— Por Deus! Acha que espera que um deles mate o outro?

— Sim — Bella disse severamente. — E depois, quem permanecer, será enforcado por assassinato e Raymond herda.

— Precisamos ir até Whitcomb — Honey se virou e correu, quase colidindo com Heyworth e Rebecca, que vinham da direção do saguão.

— Oh, está aqui, Rebecca. — Honey disse, soando tola, até mesmo para os seus próprios ouvidos.

— Por que estão correndo? O que há de errado com todos esta manhã?
— Rebecca exigiu, antes que Honey pudesse falar. — Passei por tio Simon no caminho para cá e estava se comportando de forma tão estranha que fiquei com medo.

— Só quer estar com seu pai. — disse Honey, tentando manter o tom normal. — Estou indo para Whitcomb, agora, para me juntar a eles. — Adicionou, tentando sorrir e falhando, se a expressão de Becca fosse alguma indicação.

— Papai não está em casa. Foi para Lindthorpe hoje.

— Disse isso ao seu tio? — Honey perguntou de volta.

Rebecca recuou com seu tom áspero. — É claro, eu não queria...

Honey se virou para Bella.

— Pegue o cavalo mais rápido de Simon e vá até o xerife. Leve-o para Lindthorpe.

Bella não discutiu ou hesitou, acenou e correu para a porta.

— E Bella? — Honey gritou, assim que Bella abriu a porta.

A outra mulher olhou por cima do ombro.

— Leve um médico também.

Mais uma vez, Bella assentiu, e então se foi.

Heyworth deu um passo em sua direção.

— Lady Saybrook, o que está...

— Encontre-me em cinco minutos nos estábulos — Honey caminhou em direção a seus aposentos. — Pegue duas pistolas e sele quaisquer cavalos que Bella não pegar. Rebecca, fique aqui, vá para a biblioteca.— Chamou por cima do ombro.

— Mas...

— Não discuta!

— A senhora disse *pistolas*, milady? — O administrador arfou.

— Apenas faça isso, Sr. Heyworth, não há tempo para explicar agora, a vida do meu marido pode estar em perigo.



Capítulo Quarenta

DEPOIS DE meia hora, cavalgando como um lunático, o temperamento de Simon começou a diminuir e diminuiu a velocidade de Baco para um galope.

O que, em nome dos diabos, estava fazendo, cavalgando como um lunático assim?

Está pensando com os punhos, Simon, como sempre faz.

Fez uma careta com a descrição muito apropriada.

É hora de deixar o passado no passado. O que quer que Wyndham tenha feito com Bella, não importa mais. É casado e apaixonado por uma mulher maravilhosa. Será pai.

Seu rosto transformou em um sorriso com aquele pensamento, a alegria em seu peito era tão intensa, que sentiu como se fosse explodir.

Mas então, o rosto de Wyndham penetrou na sua mente e se lembrou de como seu irmão tinha coragem de o encarar, todos esses anos, mentindo e manipulando o tempo todo.

Era verdade que o que Wyndham e Bella tinham feito um com o outro não importava mais. Porém o que seu irmão tinha feito com *ele* era algo que precisavam discutir - se não resolver - quanto mais cedo melhor.

Além disso, pensou, enquanto olhava para um marcador de estrada que passava; estava quase chegando a Lindthorpe e não fazia sentido voltar para

trás agora.

Provavelmente sempre incomodaria Simon que seu irmão o tivesse traído, entretanto foi há muito tempo e a vida de Wyndham fora muito sofrida na época. Deus sabia que Bella era o suficiente para tentar qualquer homem.

O que quer que Wyndham tivesse feito, seu irmão era essencialmente um homem honrado, Simon acreditava nisso com cada fibra de seu ser. Wyndham teria sofrido muito por seus pecados todos esses anos.

Quanto a Bella? Bem, certamente fora punida, mais do que merecia, por sua parte na indiscrição.

Quanto mais tempo Simon passava com Bella, mais aprendeu que seu casamento com MacLeish não trouxera muito prazer.

A carta de Bella, de todos aqueles anos atrás, mencionou um dote robusto, que agora, sabia ser uma cortesia da consciência culpada de Wyndham.

Com base no que Bella havia dito sobre seu falecido marido, Simon suspeitou que o dinheiro poderia ter sido ainda mais uma isca, para o escocês sem um tostão em seu nome, do que uma bela jovem esposa, especialmente uma que estava grávida do filho de outro homem.

Foi tudo sórdido, triste e desesperador.

E não tinha nada a ver com sua vida atual.

Simon respirou fundo, quando um peso pareceu levantar-se do seu coração; confrontaria Wyndham com a verdade e depois o perdoaria.

Tirou a cabeça daqueles pensamentos e viu que o desvio para Lindthorpe estava logo à frente; certamente tinha feito um excelente tempo.

A entrada para a casa mais nova do duque tinha o formato de uma ferradura, com enormes carvalhos marchando pelos dois lados do caminho estreito. Havia várias cercas vivas ao redor da casa e do terreno, dando a sensação de entrar em uma caverna.

A casa, de estilo palladiano, era mais moderna - construída no início do século passado - e muito menor do que Everley.

Enquanto cavalgava até a entrada, Simon ficou surpreso ao não ver nenhum sinal de trabalhadores ou atividade, nem mesmo um jardineiro.

Desmontou e amarrou Baco, antes de seguir em direção à entrada. Só quando estava quase na porta com tiras de metal é que percebeu que estava entreaberta.

— Wyndham? — Gritou.

Fez uma pausa, mas não houve resposta.

Quando alcançou a maçaneta, seu olhar tremeluziu para a lajota clara sob seus pés. Os pelos da nuca de Simon se arrepiaram e alguma parte primitiva de seu cérebro identificou o que estava olhando, antes mesmo de Simon reconhecer a mancha vermelha de sangue.

Seu corpo reagiu instantaneamente e empurrou a porta, enquanto se atirava pela abertura.

Caiu com um baque, assim que ouviu um som de pistola. Pedacos de gesso choveram sobre ele e seu corpo agiu novamente por instinto, rolando para o lado, para fora da abertura da porta

— Simon! — Era a voz de Wyndham e veio das entranhas da casa.

Simon lutou desajeitadamente para se firmar no chão de madeira polida e ensanguentada, ficando de pé, quando a luz lateral ao lado da porta se estilhaçou, enviando estilhaços de vidro, brilhando no ar ao seu redor.

Correu, sem olhar para trás.

— Wyndham — Gritou sem fôlego, entrando mais dentro da casa.

— Aqui atrás. — Wyndham gritou.

Simon seguiu o som de sua voz, rejeitando o que sabia ser um corredor muito curto, com apenas quatro ou cinco salas saindo dele.

Longas manchas de sangue no piso de madeira levavam à segunda sala à direita.

Simon derrapou até parar na porta aberta.

Seu irmão estava em frente à porta, deitado no chão ao lado da única janela da sala.

— Cuidado com a jan...

Algo cintilou passando pela janela, pouco antes que lascas de madeira da porta explodissem ao lado da cabeça de Simon.

Pela segunda vez, em menos de um minuto, mergulhou, pousando com um grunhido abafado de dor.

Rastejou o resto do caminho, em direção a seu irmão, mantendo-se afastado da janela.

Só quando estava ao lado de Wyndham percebeu o estado das roupas de seu irmão. — Por Deus! Foi atingido. — Disse estupidamente.

Wyndham sorriu, um sorriso fraco. Sua mão esquerda estava pressionada sobre o lado direito e o sangue escorria por entre seus dedos abertos.

Simon tirou o sobretudo, casaco e colete, antes de tirar a gravata.

Trabalhou rapidamente, para fazer um curativo compressivo para o ferimento. — Conte-me o que aconteceu — ordenou, dobrando o colete em

um pequeno quadrado.

— Raymond estava fora, nas suas rondas trimestrais, fazendo negócios imobiliários esta manhã, porém tinha esquecido que combinou de encontrar o construtor aqui. Disse-lhe que cuidaria disso. Quando cheguei, estava esperando por mim — Wyndham apontou para o canto mais distante da sala.

Simon se virou para olhar. — Maldição! — disse, notando o corpo imóvel pela primeira vez. — Aquele é...

— É Taft, o cavaliário de Raymond. — Wyndham fez uma careta, quando Simon pressionou o colete dobrado em seu ferimento. — Destranquei a porta e estava prestes a entrar, quando algo simplesmente... — Deu de ombros e gemeu com a dor que a ação causou.

— Não mexa os ombros, Wynd — Simon disse, ganhando um olhar furioso por seu conselho desnecessário.

— Por alguma razão, hesitei na porta. — Wyndham disse, uma pitada de admiração em sua voz.

— Instinto de sobrevivência. — Simon disse. — Que bom que o ouviu. Esses instintos salvaram tempos incalculáveis na minha vida. Então, Taft atirou em você? Depois, o que aconteceu?

— Eu me fingi de morto e o idiota veio remexer nos meus bolsos e acertei ele na garganta com *isso*.

Simon olhou para o corpo de Taft e apertou os olhos. — Bom Deus! Isso é...

— É a alça do meu monóculo.

Simon soltou uma risada.

— Morto por um monóculo. Onde, diabos, estava Raymond enquanto tudo isso estava acontecendo?

— Chegou aqui não muito depois. Tinha acabado de começar a engatinhar em direção à porta da frente, em direção ao meu cavalo, quando o ouvi descendo a entrada. Então, rastejei de volta até aqui.

— Por que Raymond não entrou?

— Acha que estou com a arma de Taft. Porém sabe que estou ferido. Pouco antes de chegar, Raymond me disse que tinha lhe enviado uma mensagem, garantindo que também viria — Wyndham bufou, sua expressão era de nojo. — O desgraçado confessou que está me envenenando há meses. Sabe que estou mais fraco que um filhote de um maldito gato.

— Meu Deus, isso é como o enredo de um romance gótico, extremamente ruim. — Simon disse, balançando a cabeça. — Raymond espera nos matar e tomar o seu lugar, presumo? Acredito que armou tudo, de forma que pareça que matamos um ao outro?

— Esse é o plano. Tentou te matar duas vezes, ou obrigou Taft fazer isso em seu lugar.

— Ah, então esse é o nosso caçador ilegal, Taft? O desgraçado deve ter aprendido a atirar com Raymond. — Simon murmurou.

Wyndham riu e depois gemeu.

— Não me faça rir.

— O que acha que está fazendo lá fora? — perguntou Simon.

— Descobrindo a melhor maneira de nos matar. — Wyndham semicerrou os olhos para Simon. — Como te trouxe, a propósito?

Foi a vez de Simon rir.

— Porque sou um completo idiota. — Olhou para seu irmão, pálido e ensanguentado. — No entanto não posso dizer que sinto muito por minha tolice impulsiva. Certamente teria acabado contigo, se não tivesse aparecido.

— Agora pode acabar *conosco*. — Wyndham apontou.

— Ai de mim, ter sobrevivido à guerra, apenas para morrer nas mãos de um maldito administrador. — Simon disse asperamente, ganhando outra risada ofegante. — Enviou uma carta dizendo que a filha de Bella era sua.

— Desgraçado. — Wyndham sibilou, seus olhos fechados.

— É dele, não é? E mandou Bella embora porque sabia.

Wyndham assentiu, porém seus olhos permaneceram fechados.

— Sabia que isso arrasaria com o seu coração — Finalmente disse. — E então, havia Raymond. O que faria com ele, quando descobrisse? Teria o matado — O duque bufou fracamente. — Porém agora, isso parece uma excelente ideia.

Simon riu, porém seu humor mudou rapidamente para nojo.

— Que maldita confusão. Se Raymond queria tanto o título, por que acha que não nos matou anos atrás?

— Só Deus sabe. — Wyndham admitiu. — Suponho que não precisou, até agora. Sua situação tornou-se bastante desesperadora recentemente, dívidas de jogo. — Adicionou ao olhar questionador de Simon.

— Não posso dizer que estou surpreso; é um péssimo jogador de cartas.

— Disse a Raymond, da última vez, quase um ano atrás, o que coincide com minha *doença misteriosa*, que não pagaria pela quarta vez. —

Abriu os olhos e deu um sorriso irônico para Simon. — Dei-lhe uma escolha: lhe daria dinheiro suficiente para se estabelecer, porém precisava deixar a Inglaterra. Se ficasse aqui, estaria sozinho. Dei-lhe até o final do ano para decidir.

— Cristo, Wyndham, assinou sua própria sentença de morte.

— Espero que não, Simon. — Os frios olhos cinzas de seu irmão brilharam de determinação. — Aquele desgraçado não pode herdar; vai jogar cada centavo fora. Ele...

— Meu Deus! — O medo apunhalou Simon no peito, quase o dobrando.

— O que foi? O que é, Simon? — Wyndham exigiu.

— Honey está grávida.

Os olhos de Wyndham se arregalaram.

— Não podemos deixá-lo sair daqui vivo. Mesmo se eu tiver que...

— Eu sei que está aí, Simon!

Ele e Wyndham estremeceram; a voz de Raymond estava tão perto, que parecia que estava na maldita sala. Parecia que estava do lado de fora da janela.

— Sei que pode me ouvir, é melhor me responder, Simon!

— Parece assustado. — Wyndham sussurrou.

Simon concordou. Não havia nada mais perigoso do que um animal amedrontado e acuado.

— O que quer, Raymond? — gritou.

— Sabe que não há saída, Simon. Não posso deixar nenhum de dos dois saírem vivos daqui. Entretanto posso lhes dar uma morte menos

desagradável.

— Diga-lhe que ainda darei dinheiro para ir embora para a América. — Wyndham sussurrou fracamente.

Simon encarou o irmão, mas Wyndham murmurou, *diga-lhe*.

— Wyndham não quer que o nosso primo assassino seja o objeto de troça na próxima temporada, Raymond. — Simon gritou. — Nos liberte agora mesmo e Wyndham lhe dará dinheiro suficiente, para viver bem pelo resto de sua vida, na América.

A risada de seu primo foi imediata.

— Devem pensar que sou um idiota, para acreditar em tal oferta. Ademais, por que iria me exilar na maldita América, quando serei o próximo duque de Plimpton? Não há mais saída, darei *cinco minutos* para os dois! — Raymond gritou, sua voz falhando. — E depois vou atear fogo na casa e queima-los vivos.

— Vai ser enforcado por isso, Raymond. — Simon disse.

— Não vou, porque estou a quilômetros de distância, em minha viagem trimestral, para visitar as propriedades do duque, basta perguntar a *Sua Graça*. Dezenas de pessoas me viram sair hoje. E tenho uma testemunha que vai jurar que não estava nem perto deste lugar.

Simon encontrou o olhar de Wyndham.

— Seu valete. — disse o duque.

Simon tinha visto o homem, é claro, uma personagem de aparência quase hilariante e vil.

— Todos saberão que veio atacando aqui, com raiva. — Gritou Raymond. — Ficou furioso porque seu irmão engravidou o amor da sua

vida — Outro riso, quase histérico, flutuou através do vidro quebrado. — Devo admitir que ajudou incomensuravelmente, cavalgando no campo com a querida Bella. Ah, pobre e tolo Simon. Como rimos da sua cara, Bella e eu. Foi um rebento tão nobre e honrado. E, graças a sua nobreza, Bella *me* agraciou a sua virgindade e muito mais. Talvez a mate também, depois que terminar com os dois.

Simon rangeu os dentes, porém conteve a réplica. Olhou para o irmão, mas os olhos de Wyndham se fecharam.

O coração de Simon saltou para a garganta. — Wyndham, está...

As pesadas pálpebras do duque se abriram pela metade; seus olhos cinza nublados de dor. — Tenho uma ideia. — Sussurrou.

— Sim?

— Se nós dois o apressarmos...

— Não consegue nem *andar*. — Simon sibilou. Seus olhos percorreram a sala vazia, procurando por algo, para usar como arma. Não havia *nada*, nem mesmo um pedaço de mobília.

Seu olhar pousou na nova seção de madeira da porta, que alguém devia ter acabado de instalar.

A porta era visível da janela, então seria um risco. E que outra esperança tinha?

— Wyndham, pode continuar pressionando isso?

A mão trêmula de seu irmão se levantou e se fechou, ao redor da gravata ensanguentada.

— Bom, mantenha-o aí.

Wyndham piscou seus olhos turvos. — O quê...

— Xiu, verá — Simon rastejou pelo chão, mordendo o lábio com sangue pela dor nos joelhos. Assim que alcançou a porta, enfiou os dedos sob a moldura da porta.

— Dou aos dois apenas *três minutos!* — Raymond gritou

Simon agarrou bem e gritou, enquanto puxava, na esperança de abafar qualquer barulho.

— Por que não vem até aqui e podemos discutir o assunto como cavalheiros? — Simon gritou, puxando com todas as suas forças. A moldura nem se mexeu.

— Inferno. — Assobiou.

— Por que arriscaria meu pescoço? Deve pensar que sou um idiota — Raymond gritou de volta.

— Chute! — Wyndham ofegou.

Simon assentiu e se levantou.

— Pelo menos, venha até a janela e pare de se esconder como um covarde. — Gritou, chutando ao mesmo tempo.

A madeira estilhaçou com um *estalo* alto e se soltou da parede.

— *Dois minutos!* — Raymond parecia quase histérico e Simon viu algo queimando do lado de fora da janela.

— Não passou nem um minuto, Raymond. Precisa do meu relógio emprestado? — Novamente chutou e desta vez um pedaço de sessenta centímetros se soltou.

— Esta é a última vez que vai fazer troça de mim, Simon! — Raymond gritou em um tom sinistro, fumaça negra passando pelo vidro quebrado.

Simon agarrou a madeira e arrancou-a da parede.

— Pegue minha bota, jogue primeiro para distraí-lo. — Wyndham bufou.

Simon viu que seu irmão tirou a bota, enquanto chutava o batente da porta.

Agarrou a bota e deu uma última olhada em seu irmão.

Wyndham estava respirando em arquejos ásperos pela boca e seu rosto estava tenso de dor. — Vá.

Simon acenou, agarrou a bota e jogou-a na janela com toda a força.



Capítulo Quarenta e Um

— QUAL A distância que o fazendeiro disse, após o marcador de quilômetros? — Honey perguntou.

O Sr. Heyworth semicerrou os olhos para a estrada à frente.

— Disse que era depois de um grande... oh... — apontou, — eu acho que deve ser isso, à direita.

O som inconfundível de tiros veio da direção para onde Heyworth acabara de apontar.

Honey incitou seu cavalo a correr.

— Milady! Espere, a senhora não sabe o que está acontecendo lá. A senhora pode levar um tiro e pode fazer com que seu marido leve um tir...

Suas últimas palavras a fizeram frear abruptamente e desacelerar para um galope.

Quando o Sr. Heyworth cavalgou ao lado dela, virou-se para o administrador. — Meu marido pode estar levando um tiro agora. — disse, com os dentes cerrados.

— Vamos sair da estrada aberta e entrar por aqui. — Apontou para o matagal, que corria ao lado da entrada. — Isso nos dará um pouco de cobertura.

Honey assentiu e foi naquela direção. Uma vez que ficara escondida da entrada, desceu do cavalo, sem esperar por ajuda.

— Vou a pé. — disse em voz baixa, fechando rapidamente a saia do traje de montaria, o que facilitava andar. Estendeu a mão. — Dê-me uma arma.

Heyworth hesitou. — Mas...

Outro tiro foi disparado e o homem, rapidamente, entregou-lhe uma pistola, com a coronha primeiro. — Vamos ficar nas árvores e...

Mas Honey já estava se movendo. Continuou andando, até que pudesse ver o telhado da casa, à frente.

— A pistola está carregada e pronta para disparar. — Sussurrou, enquanto os dois faziam seu caminho para a esquerda, para contornar a cerca que cortava a maior parte de sua visão da casa.

Honey acenou; sabia o resto: mirar e puxar o gatilho.

Um terceiro tiro veio da direção da casa, que agora podiam ver.

Era uma estrutura de três andares, de tamanho moderado. Mais árvores e arbustos cresceram ao longo da frente e do lado onde estava escondidos. Parecia um parque na parte de trás da construção.

Heyworth a agarrou pelo braço e a puxou para baixo, abaixando-a, quando um homem emergiu de trás de uma árvore perto da casa: era Raymond.

Estava de costas, olhando para algo que estava bloqueando sua visão, por uma árvore.

O que quer que Raymond estivesse olhando, estava agitando-o e andava de um lado para o outro, segurando algo nas mãos. Gesticulava, como se estivesse falando sozinho.

— Se pudéssemos chegar àquela árvore, poderíamos ter uma visão melhor. — Sussurrou Heyworth, apontando para um grande carvalho, a cerca de seis metros, além da cerca viva. — Precisaríamos nos expor para chegar lá. Não podemos nos espremer por essa cerca, porque é muito grossa, então teríamos que andar em campo aberto.

Honey estava ouvindo apenas com parte de seu cérebro. A outra parte estava observando Raymond e tentando ver quanto tempo teria para alcançar a árvore, que Heyworth acabara de apontar.

— Vou seguir a cerca viva na outra direção e ver se há um ponto que possamos atravessar. Espere aqui.

— Temos duas armas e Raymond apenas uma. — disse. — Não poderíamos apressá-lo e...

— Lady MacLeish disse que viu seu homem, Taft, ontem à noite, não foi? E se estiver aqui, em algum lugar também?

Honey fez uma careta; estava certo.

— Apenas me dê um momento para averiguar — deu-lhe um olhar suplicante. — Se não conseguir encontrar um jeito, vamos tentar a sorte, para chegar até aquela árvore.

Honey assentiu e Heyworth trotou para a direita.

No momento em que sumiu de vista, Honey rastejou para a esquerda, longe da proteção da cerca viva.

No momento, Raymond estava de lado para ela; se virasse, iria vê-la.

Raymond se agachou e estava fazendo algo que Honey não podia ver. Nessa posição, suas costas estavam voltadas principalmente em sua direção. Se corresse para a casa, ficaria exposta por alguns segundos antes de chegar...

— Eu sei que pode me ouvir, é melhor me responder, Simon!

Honey saltou ao som da voz de Raymond.

Simon estava dentro daquela casa!

Honey engoliu em seco, obrigando-se a ficar quieta e ouvir.

Depois de um longo momento, uma voz veio de dentro; era a voz de Simon, mas não estava perto o suficiente para entender o que estava dizendo.

Seu marido estava vivo. — Graças a Deus! — murmurou.

Porém o alívio durou pouco.

— Sabe que não há saída! — Raymond levantou-se com um salto. — Não posso deixar que os dois saiam vivos daqui. Posso dar lhes uma morte menos desagradável.

Honey se engasgou com suas palavras. Mesmo que tenha mobilizado Bella e Heyworth e tenha cavalgado feito louca para chegar a Lindthorpe, não tinha, realmente, acreditado que Raymond estava por trás de todos esses acidentes aparentes.

Durante toda a viagem até lá, se preocupou que estivesse cometendo um erro terrível e que o duque ficaria furioso quando soubesse que havia enviado Bella para dizer a estranhos que seu primo - seu administrador de terras - era um assassino.

E, ainda assim, era a maldita verdade; Raymond estava tentando matar Simon. E disse que mataria os dois; então, o duque também estava lá.

Era como algo saído de um pesadelo.

Raymond agora estava ajoelhado, diante de o que quer que fosse que estivesse no chão.

É agora ou nunca, Honey.

Com a arma em uma das mãos e a saia na outra, correu.

Uma voz veio de dentro da casa, quando estava na metade do caminho.

Raymond ficou de pé. Desta vez, em vez de andar, marchou em direção à casa, rindo.

Honey conseguiu chegar à árvore, quando sua voz soou.

— Meu Deus, devem pensar que sou um idiota. — gritou Raymond. Parou a poucos metros da casa.

De onde Honey estava agora, podia ver que estava de frente para uma janela.

— Por que iria me exilar na maldita América, quando serei o próximo duque de Plimpton? Darei *cinco minutos* para se despedirem — Gritou.

De onde Honey estava, podia ver que Raymond estava tremendo de raiva.

Também podia ver o que segurava nas mãos: uma espécie de lanterna, com um pano branco pendurado nela. O pano estava queimando e um leve sopro de fumaça preta subia em espiral.

Um grito abafado veio de dentro da casa.

Raymond bufou. — Vou queimar os dois vivos. É isso que vou fazer, querido primo.

Honey mordeu o lábio para abafar um grito.

Simon gritou algo.

— Não vou, — Raymond gritou de volta, seu tom de excitação e triunfo — porque estou a quilômetros de distância, em minha viagem trimestral, para visitar as propriedades do duque. E tenho uma testemunha,

que vai jurar que não estava nem perto deste lugar. Todos saberão que veio, atacando aqui com raiva, enfurecido por seu irmão ter engravidado o amor da sua vida. — Riu, o som arrepiante. — Ajudou incomensuravelmente, cavalgando o campo com a querida Bella, comportando-se como seu devotado namorado. Ah, pobre e tolo Simon. Como rimos da sua cara, Bella e eu...

Honey bloqueou sua voz e olhou para a arma, enquanto considerava suas poucas opções.

Raymond estava muito longe; não havia como acertá-lo daquela distância, especialmente quando continuava se mexendo.

Precisava se aproximar.

Quando olhou para cima, viu que Raymond estava segurando a lanterna em chamas - ou o que quer que fosse - na mão esquerda e uma arma na direita.

— *Têm três minutos!* — Gritou, suas palavras a tiraram de seus pensamentos.

E então, Raymond se agachou e começou a se mover furtivamente em direção à janela.

Havia uma última árvore entre ela e Raymond; ficava a mais uns três ou quatro metros dela. Se pudesse chegar à árvore, isso cortaria sua distância pela metade. Ainda seria um tiro difícil, porém era a melhor chance que tinha, antes que o homem arremessasse a lanterna, que era claramente...

Pare de hesitar e faça isso agora!

A voz em sua cabeça foi como o disparo de uma pistola e Honey saiu correndo.

Não eram mais do que seis metros, no entanto pareciam quilômetros.

Esperava que Raymond se virasse a qualquer momento e atirasse nela.

— *Dois minutos!* — Gritou, assim que Honey alcançou a segurança da árvore.

Raymond estava agachado ao lado da janela e mexia na lanterna; o pano branco começou a pegar fogo.

— Não passou nem um minuto, Raymond. Quer meu relógio emprestado? — Simon gritou.

Honey tapou a boca com a mão, sufocando uma meia risada, meio soluço; Simon estava bem o suficiente para fazer troça.

— Esta é a última vez que vai fazer troça de mim, Simon! — Raymond gritou.

A fumaça preta começou a aumentar com mais intensidade e Honey viu as chamas saindo da própria lanterna.

Raymond ergueu o braço, quando um grito, de gelar o sangue, veio da direção em que Heyworth havia corrido.

Raymond se virou e Honey mal conseguiu se esquivar.

Raymond ainda estava segurando a lanterna em chamas, sua cabeça girando de um lado para o outro, enquanto procurava a origem do grito. Tudo estava silencioso.

Honey temeu que fosse Heyworth. O outro homem, o cavaliário de Raymond, deve tê-lo encontrado.

Estava sozinha.

Faça agora.

Honey ergueu a arma, com as mãos trêmulas, e se aproximou de Raymond, que havia pousado a lanterna e batia com as mãos as chamas que caíram sobre sua coxa.

Uma bota saiu voando pela janela e Raymond girou com o barulho, chutando a lanterna no processo.

Simon saltou pela abertura, gritando como uma criatura saindo de um pesadelo. Segurava uma vara em uma das mãos e a lançou como um dardo. Alcançou o solo correndo, porém perdeu o equilíbrio e o taco voou para longe do alvo.

— Ele está armado! — Honey gritou, quando Raymond levantou a pistola.

Raymond se virou ao som de sua voz e Honey apertou o gatilho.

Atirou e Raymond cambaleou para trás, pisando na lanterna ainda acesa. Levantou a arma, o braço instável, e puxou o gatilho, quando Simon pulou sobre suas costas, derrubando-o no chão.

Honey ouviu um estrondo e sentiu uma dor lancinante no braço, enquanto corria para onde Simon estava esparramado de bruços sobre o corpo imóvel de Raymond.

— Simon? — Honey caiu de joelhos ao lado dele.

Quando olhou para cima, Honey viu sangue jorrando do lado de seu pescoço.

— Está sangrando!

Simon sorriu fracamente e começou a se levantar.

Honey se levantou e ofereceu-lhe a mão. Simon a pegou e se levantou com um gemido, seu peso quase a puxando para o chão.

Assim que se levantou, Honey puxou a gola ensanguentada de sua camisa, estremeando com o ferimento em seu pescoço. — Simon, nós precisamos..

— Xiu — Murmurou, pegando a mão dela e apertando-a suavemente. — Não está doendo — seus olhos foram para o ombro dela. — Meu Deus, Honey, Também levou um tiro.

Honey se virou e viu que o ombro de seu casaco estava rasgado e ensanguentado. — Oh, Deus! — Disse, uma onda de náusea passando por seu corpo.

— Aqui, deixe-me dar uma olhada — Cuidadosamente separou a lã esfarrapada. — É uma ferida superficial, como a minha, e logo começará a doer como os diabos.

— Já está doendo como os diabos.

Simon voltou seu olhar azul brilhante para Honey e pegou seu rosto com as duas mãos, esmagando sua boca com um beijo apaixonado, mas muito breve.

— Falaremos mais tarde sobre como pulou na frente de um homem armado, amor. Agora, tenho que levar Wyndham a um médico.

— O que o duque tem? — Honey apontou para Raymond. — Não deveríamos fazer algo?

Simon olhou para seu primo, que rolou de costas e estava olhando com os olhos arregalados.

Raymond estava sangrando muito, por onde a bala de Honey havia entrado em seu peito. Estava ofegante e espuma vermelha saía de sua boca.

Um sorriso de escárnio contorceu as belas feições de Simon.

— Acho que está recebendo exatamente o que mereceu.

Horas depois...

Simon fechou a porta do quarto onde Wyndham estava descansando e seguiu pelo corredor.

Por um momento, sentiu-se tentado a ir até a biblioteca, onde sabia que havia um armário com conhaque ou uísque.

Então se lembrou das últimas palavras de Raymond e decidiu que era melhor não beber nada além da água que foi puxada direto do poço.

Quando Simon abriu a porta do quarto que dividia com Honey, sua esposa levantou os olhos de um livro que havia encontrado na biblioteca.

— Como seu irmão está?

— Ainda está dormindo. O Dr. Powell disse que o ferimento está com a aparência boa, a bala não atingiu nenhum órgão. Está com febre, porém o médico diz que não está piorando. — Simon afundou na cadeira mais próxima, fechou os olhos e esfregou as têmporas com as mãos.

Mãos pousaram sobre seus ombros, massageando forte o seu lado direito, e acariciando suavemente a pele cicatrizada do mesmo lado.

Simon lembrou que seu irmão não foi o único que levou um tiro.

— Que marido horrível eu sou. — Disse, virando-se sorriu para Honey.
— Como está seu braço?

— Dói, mas, para ser honesta, a vez que bati meu dedo mindinho na porta da minha casa em Londres foi muito pior.

Simon sabia, por experiência própria, que mesmo um ferimento leve de arma de fogo doía muito. Sua esposa era muito mais forte do que parecia.

— Pediu ao Dr. Powell que desse uma olhada? — Perguntou, envergonhado por ter estado tão consumido por Wyndham, que não tinha prestado atenção em Honey nas últimas oito horas.

— O médico disse que a ferida era superficial e limpa. Me deu um pouco de láudano, porém sempre me deixa enjoada. Simon? Está esfregando sua cabeça. Está tendo outra enxaqueca?

— Não, estou apenas me sentindo um idiota.

Suas mãos congelaram e Honey saiu de trás dele e se sentou no braço da cadeira que seu marido ocupava, passando um braço ao redor dele. — Por quê?

Simon suspirou, a encarando.

— Não posso acreditar que pensei que Wyndham fosse capaz de gerar um filho em Bella, ou em qualquer mulher que não fosse sua esposa, é o homem mais honrado que conheço. — Exalou, trêmulo. — Sou um idiota de cabeça quente. Meu irmão quase morreu hoje, e ainda não está fora de perigo. Se tivesse morrido, as últimas memórias que teria dele seriam de calúnias e brigas.

Seu braço se apertou ao redor dele.

— Não se martirize por isso, Simon. Não faz bem a ninguém — Hesitou e depois disse: — O duque é um dos homens mais formidáveis que já conheci. Vai precisar mais do que uma única bala para detê-lo.

Simon lhe deu um sorriso cansado.

— Tem razão, amor. É um homem teimoso. Só queria ter dito que sinto muito por julgá-lo mal, quando tive a chance, esta manhã.

— Tinha outras coisas com que se preocupar — Disse secamente — como salvar suas vidas.

— Não — Disse com firmeza — não fui eu quem nos salvou, foi você. Raymond teria atirado em mim, se não fosse por você — levou a mão dela aos lábios e beijou sua palma. — Não salvou apenas a mim e a Wyndham, salvou a si mesma e ao nosso filho. Se Raymond tivesse escapado impune... — Estremeceu, nauseado, ao pensar o que poderia ter acontecido.

Honey acariciou sua bochecha. — Raymond não se safou e Wyndham vai se recuperar.

— Mais uma vez, graças a minha esposa inteligente, que pensou com antecedência, para chamar um médico, além de um xerife.

— Só vou aceitar apenas uma parte; a maior parte foi Bella.

— Deve ter cavalgado como uma alienada para trazê-los aqui, tão rapidamente. Loki ganhará uma porção extra de aveia, pelo resto de sua vida.

E o médico também não chegou nem um minuto depois.

Simon estava prestes a perder o juízo quando os três apareceram.

Wyndham havia perdido a consciência e seu batimento cardíaco estava tão fraco, que Simon mal conseguia sentir seu pulso.

O médico não se preocupou em mover o duque para uma cama, antes de começar a trabalhar nele.

Enquanto Simon estava com Wyndham, Honey ficou com Raymond, que morreu nos braços da mulher, que muito provavelmente teria matado.

Simon sabia que deveria sentir algo com a morte do primo, no entanto, tudo o que conseguiu sentir foi alívio. Pelo menos, Raymond havia feito uma coisa boa, antes de morrer; confessou ter posto o veneno nas garrafas de licor do duque, ao alcance dos ouvidos do xerife.

A confissão de Raymond ajudara Simon a explicar os dois cadáveres e vários ferimentos à bala para o xerife.

O homem concordou em esperar, até que o duque pudesse dar testemunho, para anunciar a causa oficial da morte de Raymond ou de seu cavaleiro.

Simon também contou ao xerife sobre o valete de Raymond, porém suspeitou que nunca conseguiriam pegar o homem.

Honey esquecera de contar sobre Heyworth, e então, o administrador surpreendeu a todos, quando saiu mancando da floresta, cerca de uma hora depois que Bella e os dois homens chegaram.

Parece que o administrador tinha sido pego em uma armadilha, então havia um caçador ilegal, afinal. O acidente não apenas mutilou o pé de Heyworth, como seu orgulho foi consideravelmente danificado, por deixar Honey sozinha.

Simon não tinha certeza se poderia perdoar o homem por colocar Honey e seu filho em um perigo como esse.

Infelizmente, sua esposa havia lido sua expressão corretamente e já o havia ameaçado com atos terríveis, se Simon demitisse Heyworth.

Honey se levantou do braço da cadeira e estendeu a mão.

— Venha para a cama, precisa dormir. Pode confiar seu irmão ao Dr. Powell e à sua mãe.

Simon mandou chamar sua mãe, sabendo que gostaria de estar ao lado da cama de Wyndham. Era uma enfermeira competente e cuidou de seu pai nos últimos anos.

Honey estava certa; Wyndham estava recebendo o melhor atendimento possível.

Simon se levantou, e em vez de segui-la para a cama, passou os braços em volta dela e olhou dentro dos seus olhos.

— Como eu tive tanta sorte — Murmurou, beijando a ponta de seu nariz.

Honey corou e se contorceu, tímida com o elogio dele.

— Existe uma tradição entre os soldados; se salvar a vida de uma pessoa, essa pessoa lhe pertencerá para sempre.

Honey inclinou a cabeça, o mais leve dos sorrisos em seus lábios.

— Está dizendo que agora pertence a mim?

— Total e completamente.

— Hm, que interessante. O que acha que eu devia fazer?

Simon a beijou, até que ambos ficaram sem fôlego. E então disse:

— É minha esposa inteligente, tenho certeza de que vai pensar em algo.



Epílogo

Vários meses depois...

— OH! — EXCLAMOU Honey, pressionando a mão contra a barriga. — Acho que o bebê acabou de me chutar.

Simon ergueu os olhos da carta que lia. Estava sentado à mesa do café da manhã, na frente dela, seus olhos azuis brilhando por trás dos óculos que usava para ler.

— Não acredito nisso. Nosso filho não seria tão rude assim.

— Não, mas nossa filha pode ser.

Os dois riram de sua piada boba e particular.

Honey perguntara a Simon uma vez, no início da gravidez, se ficaria desapontado se o primeiro filho deles não fosse um menino.

Deu-lhe o olhar mais sério que já vira em seu belo rosto.

— Tudo que eu quero é que os dois sejam saudáveis.

Honey ouviu a ansiedade por trás daquelas palavras e notou seu olhar intenso; estava preocupado com ela.

Não que parecesse haver motivo para preocupação. Até então, Honey desfrutou de uma gravidez tranquila. Não tivera enjoos matinais ou perdera a fome - como a viúva aparentemente ficara nas três gestações - e, apenas recentemente, começara a se sentir cansada e precisava de uma soneca curta à tarde.

O único efeito colateral infeliz de sua gravidez era sua reação ao cheiro de tintas; o cheiro oleoso a enjoava.

O médico garantiu que era temporário e que as mulheres costumavam desenvolver forte aversão por gostos ou cheiros. Isso a aborrecera, no início, porém decidiu olhar para os meses a frente, como férias forçadas do trabalho.

Claro que ainda desenhava – agora mais do que nunca – contudo, também ganhou gosto por *frivolité*, que sua sogra ficara deveras feliz em poder ensiná-la. Nunca fora talentosa com agulha e mal podia esperar para mostrar a Freddie - que dominava todas as artes femininas - o primeiro pedaço de renda que fizera.

Simon resmungou e jogou sua carta de lado

— Então, Morrison finalmente apareceu para ver Epiphany.

Honey sorriu.

— Estou surpresa que conseguirá se separar dele. — brincou. Quase acreditou que seu marido não seria capaz de vender o magnífico animal.

Simon murmurou algo sob sua respiração e Honey viu um leve rubor subir em suas bochechas.

Honey sabia que ficava constrangido com seu apego aos animais.

Simon só estava disposto a vendê-los para pessoas de quem gostava e em quem confiava. Honey achava que esse seu impulso era um ótimo espelho do seu caráter, porém sabia que lamentava sua abordagem sentimental ao que deveria ser um negócio.

Voltou-se para suas próprias cartas, abrindo uma de sua amiga Annis.

Era apenas uma página e estava escrita de forma esparsada, muito incomum para sua amiga, amante das palavras.

Para uma mulher, cuja vida girava em torno de idiomas, a caligrafia de Annis sempre fora terrível, porém essa carta era quase ilegível.

Honey semicerrou os olhos para ler a página, relendo a terceira frase uma, duas e depois de novo. — Oh meu Deus! — exclamou.

— Sua filha rude está a chutando novamente? — Simon perguntou com uma risadinha, franzindo a testa para algo que estava lendo no jornal.

— Não, é uma carta de Annis.

Simon ergueu os olhos.

— Sua amiga que mora com a avó e não pôde ir ao casamento?

Simon se referia ao casamento de Serena, que acontecera alguns meses antes.

— Sim, Annis não pôde ir porque estava na Escócia na época.

— Provavelmente fora melhor assim. Depois de conhecer Lorelei, acho que seria melhor se me apresentasse suas amigas, uma por vez.

Honey riu.

— Não se preocupe, Annis não é nada parecida com Lorelei.

Simon murmurou algo que soou suspeito como:

— Graças a Deus por pequenos favores.

Honey sorriu.

— Não teria acreditado que era um defensor tão ferrenho da aristocracia até ouvi-lo discutir com Lorelei.

— Ah! Sua amiga não quer apenas eliminar a nobreza, quer eliminar todos os nobres. Pelo menos todos os homens nobres.

— Pobre Simon. — Brincou. — Lorelei acabou com as suas orelhas? — Honey *sabia* que sua amiga tinha encurralado Simon, porque ouviu, pelo menos, duas das discussões que o casal tivera, durante a semana que passaram em Kent.

— Mais como tentou cortar as minhas bolas — Reclamou em voz baixa.

— Simon!

— Bem, é verdade. Ter uma conversa com Lorelei é o mesmo que enfiar uma doninha nas minhas calças.

Honey não pôde deixar de rir.

— Não vou perguntar como saberia de uma coisa dessas.

Teria que passar essa descrição das habilidades de debate de Lorelei para a amiga em sua próxima carta; Lorie iria adorar.

— Então, o que sua amiga Annis tem a dizer? — Simon perguntou, claramente ansioso para deixar o assunto Lorie e doninhas para trás.

— Irá se casar e acredita com quem?

— Senhor, Honey, como poderia saber de uma coisa dessas?

— Saberá, por que o nome dele foi citado em todos os jornais nos últimos dois meses.

As sobrancelhas de Simon se ergueram.

— Meu Deus, Annis vai se casar com quem? Com aquele camarada que começaram a chamar de misterioso conde de Rotherhithe?

— Parece que sim — Honey estava pasma. — Minha amiga, tímida e reservada, conseguiu, de alguma forma, arrebatá-lo o cavalheiro mais cobiçado da década.

Simon gaguejou.

— Mas, querida, havia me disse que *eu* era o cavalheiro mais cobiçado da década.

Honey levantou os olhos da carta e encontrou o amor do cintilante olhar de hortênsia de sua vida.

— Não, Simon, é o cavalheiro mais cobiçado da vida.

Suas pupilas dilataram e suas bochechas - bronzeadas por todo o tempo que passava no campo - coraram intensamente.

— Já lhe disse, hoje, o quanto a amo? — Perguntou com a voz rouca.

Honey adorava o fato de que bastasse apenas algumas palavras, ou um olhar bem colocado, para que seu marido, expressamente másculo, comesse na palma da sua mão.

— Na verdade, acho que esqueceu de dizer isso, esta manhã.

Isso era mentira; Simon dizia - e mostrava - seu amor todos os dias.

Mas isso não significava que Honey não gostaria de ouvi-lo novamente.

Estendeu o braço sobre a mesa e pegou a mão dela.

— Eu a amo, Lady Saybrook.

— Também o amo, milorde.

— Uma boa maneira de mostrar seu amor seria pintar meu retrato, depois que der à luz nosso filho, é claro.

Honey riu; já havia dois retratos de seu marido pendurados em sua casa: o que havia pintado t anos atrás e o que terminou, há apenas alguns meses.

Honey lhe dera o retrato mais antigo, como presente de casamento. Seu marido másculo e bruto ficou tão emocionado quando viu a pintura, que pensou ter visto uma ou duas lágrimas brotando de seus olhos gloriosos.

— Acho que meu próximo retrato deveria ser montado em Loki. — Meditou, um sorriso puxando seus lábios.

Honey balançou a cabeça.

— Sinto muito, meu querido, adoraria pintá-lo, *mais uma vez*, mas receio que já esteja comprometida para o próximo ano.

— Ah, sim. O Spaniel de Alvanley, não é?

Honey sorriu.

— Desgraçado. — Simon acusou, beijando sua mão antes de soltá-la.

A porta se abriu e Rebecca entrou, seguida por Enola MacLeish. Mesmo que Becca fosse alguns anos mais velha que a garota, as duas passaram a gostar muito da companhia uma da outra. Ambas eram meninas solteiras e solitárias, que ansiavam por companhia.

— Bom dia meninas. — Simon disse. — Vieram para nos expulsar de casa novamente?

Enola, que era tímida ao ponto de ficar paralisada, corou intensamente, enquanto Rebecca revirava os olhos.

— Ignore-o, meninas. Por favor, fiquem à vontade para tomar café. — Convidou Honey.

Observou, com diversão, enquanto as duas atacavam o aparador.

Ao contrário de sua mãe, Enola não era muito boa amazona. Não caçara com Bella, Becca e Simon, na temporada passada. No entanto, descobriu-se que a garota tinha um grande talento para esboçar e pintar.

Honey sabia que, após a morte de Raymond, Wyndham e Simon conversaram sobre a filha de seu falecido primo. Ficara satisfeita em saber que Wyndham já havia estabelecido um fundo fiduciário para a garota e Enola teria uma competência quando fizesse vinte e um anos de idade.

Quando Simon foi até Honey, com uma sugestão de fazer mais - pagar pelos estudos dela - Honey ficou emocionada por oferecer tal ajuda e queria ajudar também. Enola estava demonstrando considerável talento artístico e Honey estava ansiosa para ajudá-la a desenvolver suas habilidades.

Rebecca cavalgava com Bella e Simon, quase todos os dias, e Enola vinha para algumas horas de instrução em desenho e aquarelas. Embora não fosse o meio favorito de Honey, Enola havia expressado interesse em aquarelas e Honey podia trabalhar com as tintas, sem ficar enjoada.

Algumas semanas após a morte de Raymond, Honey e Bella tiveram uma conversa particular, sobre o pai de Enola.

Depois de pensar um pouco, as duas concordaram em manter a parte de Raymond na morte do sobrinho de Simon entre elas.

Não tinham nenhuma evidência real e nunca poderiam ter certeza de que Raymond havia cometido um crime tão monstruoso.

Além disso, transmitir suas suspeitas ao duque não faria com que tivesse a criança de volta e poderia destruir Plimpton, que, provavelmente, se culparia por ter colocado um assassino para viver sob seu teto.

Não, nenhum dos irmãos precisava saber toda a verdade sobre a víbora que nutriram no seio de sua família.

Honey nunca perguntou, porém Bella dera informações sobre sua história com Raymond.

— Foi minha culpa, tanto quanto de Raymond. Eu era jovem, tola e impulsiva. Não via Simon há meses e Raymond estava sempre por perto. Me disse que Plimpton nunca permitiria que Simon se casasse comigo. Mesmo sabendo que Raymond estava usando essa informação para me manipular, eu me sentia sozinha e eventualmente me rendi.

Bella tinha dado a Honey um olhar irônico e ligeiramente envergonhado.

— Não tenho orgulho de admitir que queria Simon, porque pensei que herdaria o título e o dinheiro. Minha família sempre foi pobre e eu queria uma maneira de sair dessa existência precária.

— Claro, depois que soube que estava grávida, soube que não teria futuro com Simon. Então, fui até Plimpton, não o contrário. — Bella riu do que viu no rosto de Honey, provavelmente nojo. — Disse, eu não sou inocente. Menti, planejei e fui infiel a Simon. O duque sabia que a verdade devastaria o irmão. Na verdade, Simon, provavelmente, teria duelado com Raymond e o matado. Plimpton também sabia que meu interesse em me casar com Simon havia diminuído, com o nascimento de seu filho. E eu, certamente, não tinha interesse em me casar com Raymond.

Bella encolheu os ombros, sua expressão cansada do mundo.

— E então, Plimpton me apresentou a MacLeish, enquanto Simon ainda estava em Londres, tendo seu retrato pintado. Fiquei feliz por me tornar uma condessa, não importava que fosse um título escocês. O duque ficou satisfeito por resolver um problema difícil, de maneira tão fácil e barata, e MacLeish ficou satisfeito por receber o dinheiro e porque eu

estava grávida e era incapaz de gerar filhos — Bella fez uma careta. — O único que *não* gostou foi Raymond.

— E Simon. — Honey a lembrou baixinho.

Bella lhe deu um olhar irônico.

— Ah, mas sabemos que foi um bom livramento para Simon, não é, milady? — Antes que Honey pudesse responder, Bella continuou. — Raymond ficou furioso quando contei que me casaria com MacLeish. Tivemos uma briga tremenda e ameaçou todo tipo de coisa, insinuando, sutilmente, que eu poderia enfrentar consequências terríveis, se me recusasse a me casar com ele. Foi quando Raymond deixou escapar o que sabia sobre venenos e como usá-los. — O humor de Bella havia desaparecido, substituído por repulsa, e até mesmo um toque de medo. — Mais tarde, depois que soube que o bebê havia morrido de forma tão inesperada, simplesmente não pude acreditar que Raymond pudesse ter feito uma coisa dessas. — Bella parecia genuinamente assombrada. — Espero, até o fim da minha vida, que minhas suspeitas estejam erradas.

Honey voltou a pensar nessa conversa agora, seu olhar demorando-se na filha de Bella e Raymond.

Honey sentiu-se atraída pela menina tímida, que a lembrava muito de si mesma, quando era mais jovem, porém sem o benefício de um pai bom e amoroso.

Sabia que Bella amava Enola à sua maneira, o que significava, de forma descuidada. Pelas poucas coisas que a garota lhe disse sobre seu pai, Enola também nunca recebeu muito carinho do conde de MacLeish.

Enola pode sempre ser tímida, porém com um pouco de carinho e amizade, poderá saindo lentamente da sua concha.

Quando Honey olhou, através da mesa do café da manhã, para o pai do seu filho, sentiu uma onda de amor quase sufocante.

Agora, Simon estava discutindo, bem-humorado, com as duas garotas, fazendo-as rir e protestar contra seu comportamento ultrajante, provocando-as tão implacavelmente, quanto provavelmente fizera, quando tinha a idade delas. Podia imaginá-lo fazendo o mesmo com seus próprios filhos, nos anos que viriam.

O coração de Honey inchou enquanto observava os três, e percebeu, então, que eram a família turbulenta e amorosa que sempre desejou e que estava, à sua maneira, começando a crescer em volta dela.

Enquanto os observava juntos, de repente, soube qual seria sua primeira pintura, quando voltasse ao trabalho. Pintaria sua família, não apenas as três pessoas diante dela, mas toda a sua nova família: a viúva, o duque e até mesmo sua cunhada indiferente, que talvez um dia pudesse conhecer melhor.

Sim, pintaria um retrato de família, o primeiro que pintaria, que incluísse a si mesma.

Honey sorriu com a imagem que já se formava em sua mente; precisaria de uma grande tela para esse retrato do amor.



MUITO OBRIGADO PELA LEITURA!

Espero que tenham gostado da história de Honoria e Simon.

A ACADEMIA DO AMOR é uma série de 7 livros. Neste livro, encontraram, brevemente, algumas das outras professoras da Stefani Academy para jovens Ladies: Frederika, Lady Sedgewick, ou Freddie, como é mais conhecida, Miles Ingram e Serena Lombard.

O livro de Serena, UM ALGORITMO DE AMOR, já está disponível e ocorre quase ao mesmo tempo que este livro.

O livro 4 da série é UMA LINGUAGEM DO AMOR, que apresenta Annis Redmond, a professora de línguas. Ainda sendo escrito.

O livro 5, UMA DANÇA COM AMOR, apresenta Miles Ingram, o recém-ungido Conde de Avingdon.

O livro 6, UMA HISTÓRIA DE AMOR, apresenta Lorelei Fontenot, a professora de clássicos.

O livro 7 não apresenta apenas Freddie, mas também voltarão a ver Wyndham Fairchild, o duque de Plimpton...

Um trecho de Uma Linguagem do Amor



Capítulo Um

O Vilarejo de Cocklesham Oitenta e três quilômetros ao norte de Londres 1817

ANNIS CONTINUOU lendo e relendo a carta do advogado da avó, como se a leitura repetida pudesse alterar magicamente seu conteúdo.

— Annis, querida? *Annis*?

Olhou para cima. — Hmm?

— O que foi, minha querida? — Lady Cecily estendeu a mão fina e branca para sentir o ar ao seu redor da neta.

— Hum... — para uma mulher que ensinou línguas em uma academia para jovens damas por cinco anos, Annis não conseguia juntar duas palavras em seu idioma nativo.

Os olhos nublados de sua avó - outrora de um azul pervinca vívido como o de Annis - piscaram-lhe, ambos cegos e totalmente confiantes. Confiava em Annis para decifrar esta carta, assim como confiava em Annis para administrar o resto de seus negócios desde que perdeu gradualmente sua visão durante os últimos oito anos.

Annis retribuiu sua confiança trazendo James Leech para suas vidas e dando-lhe acesso à sua casa e às casas de seus *amigos*.

— Não está se sentindo bem, minha querida?

Annis pigarreou e depois jogou-se sem nenhuma graça sobre a poltrona, não conseguia manter-se em pé. — Estou bem, vovó, só um pouco cansada.

— Parece sem fôlego — Lady Cecily tocou a campainha que mantinha ao lado de sua cadeira. Um sino que, provavelmente, agora pertencia aos credores mencionados na carta que Annis segurava nas mãos.

A porta se abriu tão rapidamente que Mary, a criada de sua avó, devia estar ouvindo do outro lado.

E por que não? Annis pensou; *eu também destruí a sua vida*. Afinal, que trabalho uma mulher de quase setenta anos poderia encontrar?

— Chamou, milady? — Mary perguntou.

— Por favor, traga o amoníaco para minha neta.

Annis se livrou de seu torpor. — Não preciso de amoníaco, vovó, de verdade — disse sorrindo para Mary. — Mas chá seria perfeito.

Lady Cecily semicerrou os olhos cegos para Annis por um longo momento antes de assentir. — Muito bem. Parece que chá será suficiente, Mary.

— Muito bem, milady.

A porta se fechou e sua avó se virou para ela novamente. — O que o Sr. Pears tem a dizer em sua carta, minha querida?

Annis abriu a boca para contar a verdade à avó, mas, como tantas vezes acontecia em sua vida, algo totalmente diferente saiu.

— Parece que houve mais perdas do que previa, mas diz para não nos preocuparmos, pois essas flutuações são comuns agora que a guerra acabou — mordeu o lábio enquanto considerava sua próxima mentira. — Pede que eu vá a Londres o mais rápido possível para assinar alguns papéis.

E também para que eu possa cair de joelhos e implorar por misericórdia.

O sorriso de sua avó iluminou suas feições delicadas. — Oh, é tão boa para mim, Annis — disse, suas palavras a atingindo como facas. — Sei como uma viagem até a cidade pode ser cansativa, mas poderá ver suas amigas - Lady Sedgwick, Honoria Keyes e aquela mulher inteligente que trabalha com pedra - qual era mesmo seu nome?

— Serena Lockheart, agora que está casada. E Honoria agora é Lady Saybrook — Annis forneceu rigidamente.

— Ah, sim! Isso mesmo. Tantos casamentos em tão pouco tempo.

Annis só podia imaginar como as amigas a quem sua avó se referia - as seis outras professoras da Academia Stefani para Jovens Damas, pessoas adoráveis e atenciosas, todas muito mais inteligentes do que Annis - reagiriam se confessasse como fora encantada por um ladrão intrigante que falsificou seu nome em documentos financeiros, roubou as pérolas que sua avó lhe dera - sua única posse de algum valor - e depois roubou as casas dos amigos de sua avó.

Usando Annis como sua cúmplice involuntária.

Annis fechou os olhos com força, envergonhada de como soava estúpida quando pensou em tudo aquilo.

Não se esqueça de mencionar o fato de que ele roubou sua virgindade, sua voz interior sabe-tudo apontou, para ajudar, apenas para aumentar seu

festival de auto aversão.

Ele não me roubou, argumentou inutilmente com sua própria mente. Não sou vítima quando se trata de abandonar meu estado de inocência questionavelmente feliz. Eu *escolhi* me entregar a ele, ou pelo menos escolhi dar-lhe essa parte de mim.

A voz apenas riu, o que foi ainda pior do que uma réplica afiada e inteligente.

— Annis? *Annis?*

Ela olhou para cima e encontrou sua avó franzindo a testa em confusão. — Perdão, vovó, o que foi?

— Eu disse que deveria visitar aquele meu filho enquanto estiver em Londres.

Annis ficou grata por sua avó não ter podido ver sua careta. O único filho vivo de Lady Cecily era Thomas Bowman, um homem tão diferente do seu querido pai falecido como o proverbial giz do queijo.

A expressão idiomática atraiu sua atenção como um espinho que se agarra à roupa: *Tão diferente quanto o giz do queijo. Conhecia* essa. Annis franziu a testa enquanto buscava na memória a origem da expressão e tamborilava os dedos de uma das mãos na musselina azul desbotada que cobria seu joelho. Era do Inglês medieval, disso tinha certeza. Então talvez...

— Annis, querida? Está aí? — Sua avó virava a cabeça de um lado para outro, como se pudesse realmente ver ao redor de sua pequena sala.

— Sinto muito, vovó, estava pensando na viagem — mentiu. — Receio não ter entendido a última coisa que a senhora disse.

— Eu disse que deveria aceitar a oferta do seu tio para franqueá-la nesta temporada — Lady Cecily franziu a testa, aprofundando os sulcos que circundavam sua boca. — Sua tia nem sempre é uma mulher agradável, mas deve estar desesperada para casar uma das suas meninas, então ousou dizer que as arrastará loucamente para todos os lugares nesta temporada.

Mais uma razão para não querer uma sobrinha empobrecida atrás dela. Mas Annis não chamou atenção para esse fato.

— Vou visitá-las, vovó — estremeceu com a ideia de se submeter a uma gélida meia hora com sua tia Agnes e suas filhas solteiras - Susanna e Miriam - e o horrível e mimado herdeiro Percy.

Lady Cecily suspirou. — Sei que não deveria dizer isso, mas eu criei esperanças com o Sr. Leech. É um jovem *tão bom* e senti que gosta dele. Oh, não é que eu queira perdê-la para ele e me entristeceria que fosse para Yorkshire, mas... — a velha senhora deu de ombros sem dizer uma palavra.

Annis teve que piscar rapidamente, embora sua avó não pudesse ver suas lágrimas. Sim, também gostava do gentil e bonito Sr. Leech. Gostava tanto que lhe confiou *tudo* o que elas tinham, e depois o apresentou às amigas mais queridas de sua avó, duas irmãs que viviam uma vida mais humilde. Mulheres que agora tinham ainda menos, graças a Annis.

Como se isso não bastasse, sua avó apresentou Leech à esposa do escudeiro Lancing, que convidou o jovem e encantador pároco para jantar várias vezes durante sua estada em Cockleshams porque quem não gostaria de receber amigos de Lady Cecily, a filha de um *conde*, embora agora fosse alguém que vivesse em circunstâncias bem difíceis.

Annis não conseguia se lembrar daquela noite fatídica na casa do escudeiro sem ter uma terrível dor de cabeça e se sentir mal. Supôs que teve

sorte por ninguém ter conectado a visita do ‘*pároco*’ com a onda de roubos na região.

Era uma *idiota*.

Engoliu de volta suas lágrimas, sua vergonha e sua fúria. De que servia desejar que se comportasse de forma diferente? Chafurdar na pena, é o que isso significaria. E não tinha tempo nem o direito de revoltar-se com o que um dia sentiu pelo Sr. Leech. Precisava consertar as coisas, não choramingar.

E para consertar as coisas, precisaria de dinheiro: £31,500 para ser exata. Só havia uma maneira de uma mulher de nascimento nobre ganhar dinheiro rapidamente: casando-se com um homem de posses.

Era simples assim: devia se casar com um homem rico. E logo.

Isso é o que teria que fazer, se é que haveria alguém que a aceitaria. Era a única maneira de garantir que sua avó não acabasse em um asilo.

Annis estremeceu. Sabia que sua tia - uma mulher tão pragmática e implacável quanto um general do exército - poderia encontrar um marido para ela. Não queria pensar com qual tipo de homem acabaria. Afinal, mendigos não podiam escolher.

Sorriu brevemente para o jargão - de origem em meados do século XVI.

— Decidi que aceitarei a oferta de meu tio — disse Annis antes que perdesse a coragem.

— Oh, esplêndido! — O sorriso de sua avó iluminou a sala. — *Fico* feliz em ouvi-la dizer isso. É uma jovem bela e talentosa, com uma natureza amável e amorosa. Sei que meu filho e sua família podem ser difíceis, mas Agnes irá ajudá-la a encontrar o marido que merece, minha querida.

Annis fez tudo o que pôde para não se jogar aos pés da avó e confessar tudo. Mas isso seria espalhar sua miséria para uma pessoa que não fez nada para merecê-la, mas foi a quem mais machucou.

A porta se abriu e Mary entrou com a bandeja de chá. Annis dobrou a carta, as palavras da avó ressoando em seus ouvidos: *encontrará o homem que merece*.

Estremeceu com o pensamento de que tipo de homem merecia. Ela, uma mulher tão tola que deu o pé-de-meia da pessoa que mais ama no mundo a um vil e ladrão impostor?

Não, Annis não queria nunca conhecer o homem que merecia.

Academia do Amor

LIVRO 1



9786599110665

[Compre Aqui](#)

Descobrir que seu marido era bígamo não devastou Portia Stefani; ela manteve a cabeça erguida quando o forçou a sair de sua vida. Mas perder sua amada escola de música como resultado das dívidas de jogo do bastardo traidor, quase a destruiu. A única maneira de conseguir sobreviver é aceitar uma lucrativa posição de tutora na remota Cornualha. O que Portia não previra era o impacto que seu fascinante novo empregador teria sobre sua vida.

Stacy Harrington aprendeu da maneira mais difícil a manter as pessoas à distância. Tocar piano é a única coisa que torna sua vida solitária agradável hoje em dia, e ele será condenado se permitir que seu albinismo o mantenha longe de tudo o que ama. Trazer uma professora particular de música para sua casa era perturbador, mas a única solução. Infelizmente,

nada poderia tê-lo preparado para a atração avassaladora que sentiria por sua nova e ardente servidora.

Não demorou muito para que uma paixão compartilhada pela música se transformasse em algo infinitamente mais profundo. Mas quando fantasmas do passado - juntamente com alguns segredos obscuros - surgem para ameaçar tudo o que eles construíram, Stacy e Portia conseguirão continuar a fazer belas músicas juntos? Ou o "felizes para sempre" terminará em uma nota dolorosa e discordante?

LIVRO 2



9786588382363

[Compre Aqui](#)

Gareth Lockheart é um dos homens mais ricos da Inglaterra, mas será preciso mais do que dinheiro para que o excêntrico recluso ingresse nos corredores do poder; será preciso ter uma propriedade rural própria e uma esposa aristocrática com ligações impecáveis. Gareth está determinado a encontrar a mulher certa da mesma forma com que faz tudo em sua vida: usando a lógica e a matemática.

Serena Lombard pode ser a viúva do filho de um duque, mas ela sempre esteve à margem da ton. A emigrante francesa não convencional, trabalhou duro para criar um lar seguro para seu filho e lutou para se estabelecer como uma respeitada escultora e jardineira paisagista.

Gareth deveria saber que fazer negócios com uma mulher seria um erro, especialmente uma viúva francesa pouco ortodoxa, opinativa e demasiado atraente que consegue destruir a sua capacidade de concentração sem nem sequer tentar.

Serena adora o projeto que o rico industrialista a contratou para fazer; é uma pena que o próprio homem seja tão distante e ilegível. Para não falar em perturbador, deslumbrante, e totalmente cativante.

A única coisa em que os dois opostos podem concordar é que eles devem evitar se envolver um com o outro - por mais difícil que isso se revele. Mas quando o perigoso passado de Serena a alcança, é a Gareth que pede ajuda e ele não hesita em dá-la. Mas pode um homem que necessita de ordem, como outros homens precisam de ar, entregar-se à emoção mais imprevisível de todas: O amor?

Então, quem é Minerva Spencer?



MINERVA SPENCER foi promotora criminal, professora de história na faculdade, operadora de B&B, trabalhadora portuária, fabricante de sorvetes, leitora para cegos, empregada de motel e caçadora de recompensas.

Ok, a parte de ser uma caçadora de recompensas é uma mentira.

Minerva, no entanto, sabe hipnotizar um caranguejo Dungeness, costurar suas próprias roupas da Era Regencial, tricotar um chapéu de sapo, fazer malabarismos, reconstruir um American Rambler de 1959 e obter o controle da Ásia (e se apegar a ele) no jogo do RISK.

Leia mais sobre o Minerva em: www.MinervaSpencer.com

Siga Minerva: No **BookBub**

No **Goodreads**

Informações *Leabhar Books®*

NOS ACOMPANHE E FIQUE POR DENTRO DAS NOVIDADES



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o [E-mail Leabhar Books®](#)